

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Isadora de Souza Belli

METVO NE PATREM DVM MORIOR OCCIDAM: tradução e estudo da Declamação
Maior 4 atribuída a Quintiliano

Juiz de Fora

2023

ISADORA DE SOUZA BELLI

METVO NE PATREM DVM MORIOR OCCIDAM: tradução e estudo da *Declamação*
Maior 4 atribuída a Quintiliano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Criação Literária.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Charlene Martins Miotti

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Belli, Isadora de Souza.

Metuo ne patrem dum morior occidam : tradução e estudo da Declamação Maior 4 atribuída a Quintiliano / Isadora de Souza Belli. -- 2023.

178 f. : il.

Orientadora: Charlene Martins Miotti
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Retórica. 2. Quintiliano. 3. Declamações Maiores. 4. Literatura fantástica. I. Miotti, Charlene Martins, orient. II. Título.

Isadora de Souza Belli

METVO, NE PATREM, DVM MORIOR, OCCIDAM:

tradução e estudo da Declamação Maior 4 atribuída a Quintiliano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Criação Literária.

Aprovada em 22 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Charlene Martins Miotti - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Jefferson da Silva Pontes - Membro Titular Externo
Docente sem vínculo atual

Prof. Dr. Martin Tobias Dinter - Membro Titular Externo
King's College London

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa - Suplente Interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite - Suplente Externo
University of Kentucky

Juiz de Fora, 24/08/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Charlene Martins Miotti, Professor(a)**, em 22/09/2023, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dr Martin Tobias Dinter, Usuário Externo**, em 22/09/2023, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jefferson da Silva Pontes, Usuário Externo**, em 22/09/2023, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1428524** e o código CRC **4FD851FB**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, aos meus pais, Luciene e Djalma, por sempre terem feito tudo o que podiam para que eu tivesse a melhor formação possível. Por toda a preocupação com meus estudos e todo o encorajamento, compreensão e afeto que possibilitaram a realização desta dissertação. Agradeço aos meus irmãos, Drielle e Gabriel, que me motivam sempre e são os pilares da minha vida. Agradeço aos meus avós, Jomar e Nizomar, por todo o amor e incentivo. Agradeço à Rosi, que esteve ao meu lado sempre. Agradeço ao meu amor, Lais, que acompanhou de perto este trabalho e me apoiou em todos os momentos em que precisei, alegrando-se com cada pequena conquista. Agradeço a toda a minha família e ao Simba (*in memoriam*), meu pequeno companheiro de dias e noites de estudo.

Agradeço aos meus amigos, principalmente Lydsson e Rayssa, que tanto me apoiaram e que estiveram comigo durante essa jornada.

Agradeço à minha dupla, Letícia, que desde o início dividiu comigo todas as etapas deste trabalho e tornou o delicado período da pandemia e da escrita menos solitário.

Agradeço à minha orientadora, Charlene Martins Miotti, cuja trajetória acadêmica sempre admirei, e que acompanhou toda a minha formação na UFJF, me incentivando e me apoiando desde o primeiro momento, com muita dedicação. Seus ensinamentos e empenho foram imprescindíveis para meu crescimento como professora e pesquisadora.

Agradeço aos professores da área de Estudos Clássicos da UFJF, principalmente Fernanda Cunha Sousa, minha primeira professora de latim e coordenadora do projeto de extensão Contos de Mitologia, parte essencial de minha formação; Fábio da Silva Fortes, que me propôs pela primeira vez a escrita de um anteprojeto; Gustavo Henrique Montes Frade, que tão prontamente me auxiliou com comentários e envio de bibliografia.

Agradeço à professora Carolina Alves Magaldi por me auxiliar tanto no início de minha pesquisa, por todo o interesse no tema e pelo direcionamento de meu projeto tradutório.

Agradeço aos professores e demais membros do CirceA, cuja contribuição para o meu trabalho foi enriquecedora. Agradeço também aos professores Leni Ribeiro Leite (University of Kentucky, EUA) e Ronald Forero-Álvarez (Universidad de la Sabana, Colômbia), que fizeram comentários e contribuições tão valiosas para a minha pesquisa.

Agradeço aos professores Martin Tobias Dinter (King's College London) e Jefferson da Silva Pontes (UFJF), que fizeram parte da minha banca de qualificação e ajudaram imensamente no progresso do meu trabalho. Ao Jefferson Pontes, em especial, pela análise minuciosa de texto e tradução, disponibilização de bibliografia e cuja Tese de Doutorado foi

essencial para as minhas análises. Ao Martin Dinter, em especial, pela atenção cuidadosa à minha pesquisa, disponibilização de bibliografia e pelos comentários que me fizeram considerar uma faceta das *Declamações Maiores* que eu ainda não tinha observado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, que permitiu uma nova etapa da minha caminhada acadêmica.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora e à Capes pelo apoio financeiro que tornou a minha formação e esta pesquisa possível.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a tradução da *Declamação Maior 4* (DM 4), atribuída a Quintiliano e intitulada de *Mathematicus*, ou *O astrólogo*. A DM 4 faz parte do compêndio de discursos forenses fictícios chamado de *Declamationes Miores*, sendo uma das declamações da coleção em que figuram elementos que poderiam ser considerados fantásticos sob certo aspecto, tais como a presença de um astrólogo que realiza uma profecia sobre o nascimento de uma criança, o Filho – personagem principal do enredo – e a alegada possessão posterior dessa personagem. Temos o objetivo inicial de analisar as implicações de tais elementos no contexto da época, incluindo o diálogo da DM 4 com a obra *Hercules Furens*, de Sêneca, e sua relação com a crença divinatória romana. Tal caminho, considerando o contexto histórico de produção das DM, a função melodramática que elas adquiriram e sua importância para o ensino de retórica, abordados na introdução, leva-nos à análise posterior do diálogo da DM 4 com a mitologia grega e romana, da relação entre pais e filhos na sociedade romana, das leis romanas que esclarecem conceitos importantes do enredo, e da argumentação filosófica explorada no discurso. Além disso, fazem parte desta pesquisa a introdução sobre a obra e reflexões sobre o processo tradutório.

Palavras-chave: *Declamações Miores*. Literatura fantástica. Quintiliano. Retórica.

ABSTRACT

This research aims at translating the 4th *Major Declamation* (DM 4) ascribed to Quintilian, entitled as *Mathematicus*, or *The astrologer*. The DM 4 is part of the compendium of forensic fictional speeches called *Declamationes Miores*, and is one of the declamations of the collection in which elements that could be considered fantastic under certain aspect appear, such as the presence of the astrologer who makes a prophecy about the birth of a child, Son – the main character of the narrative – and the alleged posterior possession of the aforementioned character. We have the inicial objective of analyzing the implications of these elements in the context of that time, including the dialogue of DM 4 with *Hercules furens*, by Seneca, and its relation with the Roman beliefs about divination. This path, considering the historical context of the DM's composition, the melodramatic function they aquired and their importance for the teaching of rhetoric, leads us to the posterior analysis of the dialogue of the DM 4 with Greek and Roman mythology, of the relation between fathers and sons in Roman society, of Roman laws which enlighten important concepts of the narrative, of the philosophical argumentation explored in the speech. Furthermore, an introduction about the DM's composition and considerations about the translation process are a part of this research.

Keywords: *Major Declamations*. Fantastic literature. Quintilian. Rhetoric.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O FANTÁSTICO, O <i>FUROR</i> E A PROFECIA	21
3	RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS: O MITO E A FAMÍLIA ROMANA	55
4	ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA: A TESE, O EPICURISMO E O SUICÍDIO	75
5	COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO	112
6	TRADUÇÃO DA <i>DECLAMAÇÃO MAIOR 4</i>	123
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	REFERÊNCIAS	160
	ANEXO	165

1 INTRODUÇÃO

A retórica ocupava um espaço central nas antigas sociedades grega e romana. A arte de argumentar percorre a democracia grega e se estende até a construção dos alicerces sociais de seus colonizadores.¹ O cidadão romano também precisava aprender a discursar, seja nas assembleias públicas ou no senado, e sua educação, como demonstra a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, tinha a retórica como um grande foco. Os exercícios preliminares, ou προϋμνάσματα, de tal tipo de educação são apontados por George Kennedy (2003) como tendo o auge de seu uso durante o império romano, período no qual as *Declamações Maiores* (DM), o objeto de nossa tradução, foram produzidas. As declamações de fato se tornaram parte das práticas educacionais romanas a partir do século I AEC, de acordo com Antonio Stramaglia e Biagio Santorelli (2021, p. xi). Elas podem ser de dois tipos, as denominadas *controuersiae*, composições forenses nas quais o aluno precisava defender um lado perante um caso judicial, ou *suasoriae*, composições nas quais o estudante de retórica aconselha figuras mitológicas e históricas.²

Encaixando-se na definição das *controuersiae*, as 19 DM atribuídas a Quintiliano, únicas produções do tipo que chegaram completas até a atualidade, formam um compêndio de exercícios retóricos que faziam parte da formação do orador romano. Por serem considerados o que havia de mais complexo no percurso do aprendizado retórico, seu uso na sala de aula para a elaboração de discursos ocorria somente ao final dessa mesma formação. De acordo com Michael Mendelson (1994, p. 92), tais exercícios uniam teoria e prática, fazendo com que os alunos analisassem uma querela judicial, desenvolvessem sua argumentação de acordo com a audiência e personificassem um personagem em seu discurso, cobrindo, assim, tudo o que era esperado de sua atuação retórica na sociedade romana. Um caso forense, portanto, era apresentado aos alunos por seu mestre de retórica, e eles precisavam construir uma argumentação de defesa ou acusação em relação ao conflito apresentado, confeccionando o próprio discurso e, para encerrar o ciclo, apresentá-lo aos colegas, procurando convencê-los da posição adotada.

¹ De acordo com Antonio Stramaglia e Biagio Santorelli (2021, p. x-xi), os fragmentos declamatórios mais antigos que chegaram até nós datam do período Helenístico, mas pode-se dizer que a declamação já estava prenunciada desde as obras de Górgias e Antifonte.

² Sêneca, o Velho, compilou *suasoriae*, em que o declamador aconselhava, por exemplo, se Alexandre, o Grande, deve explorar o oceano não conhecido, se os espartanos devem continuar na guerra ao serem abandonados pelos companheiros, se Agamêmnon deve sacrificar sua filha Ifigênia etc.

O público das declamações, no entanto, ia além da sala de aula. Antonio Stramaglia e Biagio Santorelli (2021, p. ix-x) afirmam que elas se popularizaram no século I EC entre profissionais de retórica e entusiastas sem formação na área como forma de passatempo adulto, de demonstrar domínio argumentativo e entreter amigos, no âmbito privado ou em performance pública, como também apontam Lewis Sussman (1987, p. ii) e Kennedy (1994, p. 172). Sendo assim, três tipos de autores são possíveis, no caso das DM, uma vez que não sabemos muito sobre sua real autoria:

- (1) mestres de retórica, que atuavam nas escolas declamatórias;
- (2) alunos em formação, como forma de exercício escolar;
- (3) adultos que desejavam exibir sua capacidade de argumentação e entreter sua audiência.

Durante a antiguidade tardia, acreditou-se que Marco Fábio Quintiliano poderia ser o autor das DM, e Sussman (1987, p. vii) afirma que a questão da autoria estava sendo discutida mais detidamente durante os séculos XIX e XX. O autor diz que Quintiliano, na *Institutio Oratoria*, comenta que livros de seus ensinamentos estavam circulando sem que ele tivesse a intenção de publicá-los, mas que seria improvável que fossem as DM. Inserimos aqui a tradução desse trecho comentado por Sussman:

Ainda mais que dois livros de arte retórica sob meu nome já estavam circulando, sem serem publicados por mim nem preparados para este fim. Um deles, a saber, uma discussão que se estendeu por dois dias, em posse dos meninos que anotaram o que era apresentado, o outro, o quanto conseguiram acompanhar, certamente ao longo de muitos dias, através de notas tomadas por bons jovens. (*Inst.* 1.1.7, todas as traduções são nossas, salvo indicação contrária)³

Atualmente, no entanto, a hipótese de autoria coletiva é mais aceita e estudos sobre a variedade do estilo das declamações reforçam a hipótese da diversidade de autores (SUSSMAN, 1987, p. viii-ix). Stramaglia e Santorelli listam os diversos estudos existentes sobre cada declamação e que sustentam a impossibilidade da existência de um único⁴

³ *Atque eo magis quod duo iam sub nomine meo libri ferebantur artis rhetoricae neque editi a me neque in hoc comparati. Namque alterum sermonem per biduum habitum pueri quibus id praestabatur exceperant, alterum pluribus sane diebus, quantum notando consequi potuerant, interceptum boni iuuenes [...]*

⁴ Não sabemos quem são os possíveis autores das DM, mas Stramaglia e Santorelli (2021, p. xxxix-xliii) apresentam um compilador e copista da obra, Domício Dracôncio, provavelmente o responsável pelo texto que originou a tradição manuscrita das DM que chegou até nós. Suas anotações apontam que ele era um professor de retórica escrevendo no fórum de Trajano no século IV EC e que copiou as declamações para seu próprio uso e de seus alunos.

compositor (2021, p. xxxii-xxxiv). Ainda assim, de acordo com o projeto tradutório explicitado no próximo capítulo, os autores históricos e biográficos⁵ de produções textuais são uma fonte importante para indicar o *status* que certo texto ocupa dentro do sistema literário. Partindo da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990), é possível teorizar sobre a influência de Quintiliano na educação retórica romana imperial e, também, sobre a produção das DM. O orador mantinha relações com a elite e o poder imperial, chegando até mesmo a ser um dos selecionados para receber recursos públicos por conta de sua perícia no ensino de retórica, durante o governo de Vespasiano (RUSSELL, 2001).

Michel Foucault (1997 [1969]), ao falar sobre autoria, discorre sobre o *status* que os autores adquirem na literatura, uma das consequências da função-autor. Tal figura, embora não possamos acessar suas intenções e pensamentos quando redige um texto, está presente ali como uma forma de classificação, e escritos podem ser agrupados sob seu nome, tal como aconteceu com as DM, sem que tenham sido efetivamente produzidos pela mão da pessoa física ou sujeito histórico ao qual estão vinculados. O autor, portanto, “permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos – além disso, o nome de autor faz com que os textos se relacionem entre si.” (FOUCAULT 1997 [1969], p. 45). Sendo assim, parece-nos válido pensar que, se mestres e alunos de retórica imperial seguiam de perto os ensinamentos de Quintiliano – sendo sua obra de maior relevância, a *Institutio Oratoria*, um verdadeiro manual sobre o assunto –, as declamações fazem parte de sua escola e foram-lhe atribuídas por conta das marcas de sua influência na tradição. Como afirma Kennedy (1994, p. 182):

O título reflete seu desejo de fazer uma análise sobre a educação e o estudo, da infância até a idade adulta, requeridos para produzir o ‘orador perfeito’, que não será apenas eloquente, mas um líder político e um representante da moral para a sociedade romana⁶

A figura do orador, portanto, não se restringe aos discursos, mas necessita de uma formação completa, no âmbito moral e político, que seja condizente com sua prática retórica, enfim, um *êthos* condizente. As DM possuem, então, um autor histórico e muitos autores biográficos desconhecidos. Até mesmo a data de sua produção não pode ser fixada com

⁵ Entendemos por autor biográfico aquele que, de fato, escreveu certo texto; e por autor histórico aquele a quem algum texto foi atribuído erroneamente pela tradição.

⁶ *The title reflects his desire to give an account of the education and study from childhood to adulthood required to produce a ‘perfect orator,’ who will be not only a eloquent speaker but a political leader and moral spokesman for Roman Society.*

exatidão. Sussman (1987) indica que não são anteriores a Quintiliano nem posteriores ao século IV, o que deixa um espaço de tempo entre os séculos I e IV EC. No entanto, estudos sobre sintaxe, relações intertextuais e contexto histórico localizam as declamações em uma datação mais precisa, exposta deste modo por Stramaglia⁷ e Santorelli (2021, p. xxxviii-xxxix):

Quadro 1 – Datação das *Declamationes Miores*

DECLAMAÇÃO	PERÍODO
3	por volta de 100 EC
6, 9, 13	(início da) época de Adriano
12	(não muito) depois de 127 EC
1, 10, 16, 7	metade do século II EC (por volta de 140-170)
2	segunda metade do século II EC
4, 5, 11, 18, 19	primeira metade do século III EC
17	primeira metade/metade do século III EC
14, 15	metade do século III EC
8	metade/segunda metade do século III EC

Fonte: quadro de nossa autoria elaborado a partir das considerações de Stramaglia e Santorelli (2021).

As DM, como já mencionado acima, servem como treino para o futuro orador e, portanto, é de se esperar que os conflitos apresentados sejam comuns, uma preparação real para a vida em sociedade, o tipo de contenda com a qual o cidadão romano provavelmente estivesse familiarizado. De fato, nas DM podemos encontrar disputas sociais familiares plausíveis, mas, ao mesmo tempo, deparamo-nos com situações fantásticas, casos nefandos ou de extrema crueldade. Declamações com profecias, aparições de fantasmas, canibalismo, poções de ódio etc. disputam lugar com as anteriores. Quintiliano, mesmo fazendo algumas concessões, critica essa faceta que não está somente presente nas DM, mas no gênero como um todo:

E, no entanto, esta disciplina decaiu a tal ponto, por culpa dos professores, que a ignorância e a licenciosidade dos declamadores estão entre as principais causas de corrupção da eloquência. Não obstante, é lícito fazer bom uso do que é, por natureza, bom. Que os temas simulados sejam, pois, tão parecidos à realidade quanto possível, e que a declamação imite aquelas ações para cujo exercício ela foi inventada; pois quanto a magos, pestes, profecias e madrastras

⁷ Stramaglia, em 2013, definiu o final do século II e início do século III como o período provável de produção da DM 4.

mais cruéis que as das tragédias, em vão os procuraremos entre acordos e interdições. (Rafael Falcón, 2015, p. 52)⁸

Essa crítica, feita não somente por Quintiliano, mas por pesquisadores modernos, como apontam Kennedy (1994, p. 170) e Sussman (1987, p. vi), hoje é relativizada. Temas fantásticos nas declamações, por mais que se afastem de uma certa realidade pretendida, ainda assim estão ancorados em seu contexto de escrita e são fontes importantes para análises literárias e, até onde se permite, históricas. O fato de a DM 4, por exemplo, girar em torno da profecia de um astrólogo, não significa que deve ser considerada absurda – ele indica um caminho a ser estudado dentro do que se conhece das crenças romanas e da institucionalização da adivinhação como fonte de saber legítimo sobre o mundo em que viviam.

É nesse sentido que um outro olhar sobre as DM começou a ser levado em consideração e estudiosos passaram a formular outras hipóteses sobre o uso do fantástico e do nefando no gênero, analisando-os como parte de uma escrita que cada vez mais se libertava de uma limitada função jurídica e didática, e se tornava um gênero literário independente. Joy Connolly (2016) concorda com essa hipótese e diz que, ao classificar as DM de tal modo, os supostos excessos que as distanciam do fórum são compreensíveis. As declamações mesclam, portanto, a função de manutenção do *status quo* que teriam, ao introduzirem os alunos à futura atuação em sociedade, e sua função dramática, que aguçava as emoções e a capacidade imaginativa dos alunos, com seus enredos e personagens-tipo que não faziam parte do cotidiano:

As *Declamações Maiores* são produções de ficção imaginativa – especificamente, pequenos melodramas – e assim como melodramas modernos em romances, no cinema e na televisão, são mais bem compreendidos não como lições sobre ordem social ou julgamento moral (apesar de poderem funcionar dessa forma), mas como experimentos sobre o sofrimento e a sua representação. Por causa da combinação distinta de prazer, desgosto, e risada que elas suscitam, as *Declamações Maiores* ajudam a aguçar nossa compreensão da relação entre a literatura e a arte de um lado e normas sociais e julgamento moral do outro. Elas demandam uma nova métrica. (CONNOLLY, 2016, p. 191-2)⁹

⁸ *Eo quidem res ista culpa docentium reccidit ut inter praecipuas quae corrumperent eloquentiam causas licentia atque incitua declamantium fuerit: sed eo quod natura bonum est bene uti licet. Sint ergo et ipsae materiae quae fingentur quam simillimae ueritati, et declamatio, in quantum maxime potest, imitetur eas actiones in quarum exercitationem reperta est. Nam magos et pestilentiam et responsa et saeuiores tragicis nouercas aliaque magis adhuc fabulosa frustra inter sponsiones et interdicta quaeremus. (Inst. 2.10.3-5)*

⁹ *The Major Declamations are works of imaginative fiction—specifically, little melodramas—and like modern melodramas in novel, cinema, and television, they are best understood not as lessons in social order or moral judgment (though they may also function as such) but as experiments in suffering and its representation. Because of the distinctive combination of pleasure, disgust, and laughter they arouse, the Major Declamations help sharpen our understanding of the relationship between literature and art on the one hand and social norms and moral judgment on the other. They demand a new metric.*

Outras hipóteses levantadas sobre o assunto, tais como, se as situações-limite encontradas nas declamações não refletiriam a insegurança da elite, em um período de maior repressão, em relação a situações que poderiam ameaçá-la (BERNSTEIN, 2016); preocupação com o deleite dos alunos e formas de chamar sua atenção (SUSSMAN, 1987 e 1995); enfoque maior na organização do pensamento e construção da argumentação do que em conflitos mais banais e próximos de sua realidade (WINTERBOTTOM, 1982) são apenas algumas das muitas análises sobre a temática. Levando em consideração o contexto de produção das declamações e sua função melodramática, apontados acima, ressaltamos também o que defendem Stramaglia e Santorelli (2021, p. xix-xx): que os enredos que supostamente se afastam da realidade criam obstáculos complexos que, de fato, preparam os alunos para sua atuação no tribunal.

Nossa coleção [...] demonstra que tais casos fictícios levantavam questões éticas, sociais e legais não tão afastadas dos problemas que os jovens enfrentariam fora do salão declamatório: apesar de surgirem de situações irreais, os conflitos de nossas *controuersiae* expunham os estudantes a uma variedade de reflexões muitas vezes profundamente enraizadas na cultura romana e capazes de contribuir com a sua preparação para a vida adulta.¹⁰

Os autores destacam que a recorrência dos conflitos familiares é uma evidência disso. Nesse sentido, as declamações se aproximam dos desafios que seriam enfrentados pelos jovens alunos e desenvolveriam seu senso crítico ao mesmo tempo em que eles também aprendiam a técnica oratória. Além disso, os elementos alegadamente irreais das declamações ofereceriam aos alunos um espaço seguro em que pudessem discutir temas sensíveis (STRAMAGLIA, SANTORELLI, 2021, p. xxv).

Ao olhar para os conflitos representados nas declamações através das lentes da história, não é possível transportar diretamente seus enredos para a vivência romana. O que existiriam seriam pontos de contato e influência, mas um não é a réplica do outro. As declamações são, como aponta Donald Russell (1983, p. 22), um instrumento educacional, feito por seres humanos que estavam inseridos em determinado contexto e que transferiam um vislumbre de seus valores para seus escritos. Antonio Stramaglia (2016), por exemplo, como enfatizado na tradução (DM 4.2.1), demonstra de que jeito a figura do mestre de retórica deixa transparecer sua linha de pensamento através da explicitação de um mecanismo retórico dentro do texto.

¹⁰ *Our collection [...] shows that such fictional cases raised ethical, social, and legal questions not so remote from the issues that the young would face outside the declamation hall: although they sprang from unrealistic situations, the conflicts of our *controuersiae* exposed students to a variety of reflections often deeply rooted in Roman culture and able to contribute to their preparation for adulthood.*

Russell, então, define o conceito de *Sophistopolis*, a cidade imaginária da retórica, onde seus cenários e enredos se reproduzem, ancorados nas sociedades de fato gregas e romanas – mas ainda assim uma cidade própria –, para tornarem possível esse outro mundo com regras e possibilidades distintas, além de crescente independência. O que teríamos, portanto, seriam algumas funções, como a já explicitada acima, de reforçar os valores caros aos cidadãos romanos, uma tarefa reguladora também abordada por Jefferson Pontes e Charlene Miotti (2020).

É a partir desse prisma que analisamos a relação entre a produção das DM e o contexto histórico. Como já abordado anteriormente, a data de escrita das declamações se estende por muitos e variados séculos, mas é possível mencionar fatores importantes para entender melhor algumas implicações políticas e sociais envolvidas na circulação desses textos. Autores como Kennedy (1994) refletem sobre o contexto de produção da prosa retórica imperial, ressaltando um certo nível de tensão que se elevava sob o comando do imperador. Até mesmo durante a República, o autor afirma que, nas *suasoriae*, não se falava sobre qualquer coisa que fosse contemporânea, pois era perigoso. Sobre a produção de declamações e a realização de discursos durante o império, ele diz:

Oportunidades de fazê-lo em assembleias públicas decaíram sob o império. Restrições na liberdade de pensamento e expressão surgiram. Os procedimentos no tribunal se tornaram mais profissionais; o conhecimento da lei se tornou mais importante; juízes ocupados se tornaram menos tolerantes à amplificação retórica irrelevante para os casos. Para muitos adultos instruídos, a declamação, portanto, tornou-se uma válvula de escape para a manifestação criativa e pessoal. A composição literária, na qual assuntos perigosos poderiam ser tocados de forma implícita, sutil, ou em um contexto aparentemente imaginário, era outra válvula, utilizada por muitos em seu tempo livre, e amigos eram então convidados para escutar as recitações de seus escritos.¹¹ (p. 172)

Os exageros das declamações, por assim dizer, parecem ter perdido espaço no âmbito público, mas ganhado apelo no âmbito privado. A situação política e cultural desses escritos era, então, apesar de sua popularidade, de maior repressão e eles assumiam a qualidade literária de mascarar assuntos delicados do ponto de vista social.

¹¹ *Opportunities to do so in public assemblies declined under the empire. Constraints on freedom of thought and expression appeared. Procedures in the law courts became more professionalized; knowledge of the law became more important; busy judges became less tolerant of rhetorical amplification irrelevant to the issues. For many educated adults, declamation thus became an outlet for personal, creative expression. Literary composition, in which dangerous subjects could be touched on implicitly, subtly, or in an apparently imaginary context, was another outlet, indulged by many in their leisure time, and friends were then invited to hear recitations of their writings.*

Em relação ao texto em si, e retomando a questão da autoria, as declamações podiam ser de dois tipos: as chamadas declamações escolares, produzidas por alunos e mestres de retórica, e as declamações para exibição, produzidas por cidadãos adultos¹². Esses dois tipos de declamação possuíam públicos-alvo distintos. As escolares eram performadas para outros alunos, mestres e convidados, com um fim educacional, enquanto as exibicionais eram performadas para outros adultos, com um fim lúdico. Durante certo tempo, as declamações foram negligenciadas por estudiosos modernos¹³, o que, de acordo com Mark Vesley (2003), se deu também por conta de seu propósito educacional, sendo consideradas produções menores. Stramaglia (2016), no entanto, aponta que as DM não são produções retóricas menos complexas, o que se confirma no fato de que foram atribuídas a Quintiliano, durante algum tempo.

Sendo peças argumentativas e que buscavam suscitar o *páthos* (πάθος) nos ouvintes, as DM possuem um estilo grandiloquente, linguagem e sintaxe elaborada, muitas vezes com períodos muito extensos, e frases intercaladas. Na DM 4, por exemplo, praticamente todos os mecanismos explicitados por Sussman (1987) aparecem: períodos paratáticos (DM 4.1.3), anáforas (DM 4.10.2), assim como *sententiae* (DM 4.10.6), aliteraões e assonâncias (DM 4.4.1), perguntas retóricas (DM 4.8.1), apelos (DM 4.2.3), superlativos (DM 4.1.1), antíteses (DM 4.19.3), hipérboles (DM 4.19.3), imperativos (DM 4.23.1), ironia (DM 4.12.4) etc. A linguagem formal é veículo para diversos argumentos e estratégias que constroem a personagem que procura convencer o ouvinte.

As DM possuem traduções em línguas estrangeiras modernas como o italiano, francês, inglês e alemão, realizadas por meio da edição latina estabelecida por Håkanson (1982). Em comparação com outros textos clássicos de maior prestígio, as DM foram compiladas e traduzidas muito recentemente e durante muito tempo os estudiosos não possuíam um material de apoio adequado para o seu estudo. Não existe, em português, a tradução integral das 19 declamações. Algumas possuem tradução, orientadas por Charlene Miotti e Pablo Schwartz Frydman. São elas: 1, 2, 10, 12, 14, 15, 18 e 19.

As declamações também mantêm uma ligação com outros gêneros literários. Sendo os poetas romanos cidadãos que recebiam educação e formação retórica, é possível perceber a influência dos *progymnasmata* em seus escritos, como aponta Stanley Bonner (1949, p. 149-

¹² Respectivamente, *school declamations* e *show declamations* (STRAMAGLIA, 2016, p. 25).

¹³ Dinter, Guérin e Martinho falam em *corners of neglect* (cantos negligenciados), na introdução de *Reading Roman Declamation: the declamations ascribed to Quintilian* (2016, p. 1), ao se referirem à posição as declamações ocupam dentro dos estudos clássicos.

67). Nicola Hömke (2007, p. 108) lista autores cuja produção literária foi influenciada pela prática declamatória, como Ovídio, Lucano, Petrônio, Apuleio, Juvenal e Marcial. Mas, da mesma forma, também é possível perceber de que jeito as declamações dialogam com a bagagem literária de seus autores. Os futuros oradores se dedicavam também à formação literária e eram até mesmo incentivados a consumir literatura que pudesse ajudá-los no desenvolvimento de suas habilidades retóricas. Podemos atestar isso a partir de Quintiliano:

Muitíssimas coisas a leitura dos poetas confere ao orador, diz Teofrasto, e numerosas pessoas concordam com seu ponto de vista, não sem razão. Verdadeiramente dos poetas se busca o sopro, que é vida nas ideias; a sublimidade, que se eleva nas palavras; todos os movimentos que se agitam nos afetos; a caracterização que existe nas personagens; principalmente porque a mente, desgastada no agir diário do fórum, como que se restaura, no seu melhor, por meio desta liberdade de tudo. Exatamente por isto Cícero entende que se deva descansar nesse tipo de leitura. (todas as traduções do livro 10 da *Institutio Oratoria* são de Antonio Rezende, 2009, p. 194-5)¹⁴

Não é incomum encontrar os lugares-comuns da tragédia, por exemplo, presentes nas declamações, ou os personagens-tipo da dramaturgia, de forma geral. Quintiliano também trata do assunto, dizendo que aos declamadores: “[...] é necessário, segundo a natureza das controvérsias, se comportarem como os mais diferentes personagens, ou seja, como pais, filhos, <solteirões>, maridos, soldados, camponeses, ricos, pobres, mal-humorados, suplicantes, amáveis, ríspidos” (2009, p. 208)¹⁵. Beatriz Pinton (2020), Pinton & Miotti (2020) e Pontes (2017) reforçam tais preceitos, ao discorrer amplamente sobre as contribuições distintas que tanto a tragédia como a comédia forneciam para a confecção e encenação de discursos, em relação à encenação, linguagem, incitação do *páthos*, construção do *êthos* etc. A DM 4, por exemplo, objeto de nossa tradução, guarda um paralelo importante com a dramaturgia, a mitologia e os personagens trágicos de Édipo, Orestes e Hércules, além das presenças filosóficas de Lucrécio e Sêneca.

A *Declamação Maior* 4, especificamente, apresenta uma narrativa em que o sobrenatural se manifesta na voz de seu personagem principal. Intitulada como *Mathematicus*, “O astrólogo”, ou “O caso da predição do astrólogo”¹⁶, possui duas leis que a acompanham: (1)

¹⁴ *Plurimum dicit oratori conferre Theophrastus lectionem poetarum multique eius iudicium secuntur; neque inmerito: namque ab his in rebus spiritus et in uerbis sublimitas et in adfectibus motus omnis et in personis decor petitur, praecipueque uelut attrita cotidiano actu forensi ingenia optime rerum talium +libertate+ reparantur; ideoque in hac lectione Cicero requiescendum putat. (Inst. 10.1.27)*

¹⁵ *Ego tamen plus adhuc quiddam conlaturum eum declamatoribus puto, quoniam his necesse est secundum condicionem controuersiarum plures subire personas, patrum filiorum, caelibum maritorum, militum rusticorum, diuitum pauperum, irascentium deprecantium, mitium asperorum. (Inst. 10.1.71)*

¹⁶ *The case of the astrologer's prediction* (SUSSMAN, 1987, p. 39)

um herói de guerra pode escolher a recompensa que desejar e (2) aqueles que não declararem as causas de morte (voluntária) ao senado não serão sepultados. Temos, nesta declamação, a narrativa de um pai que, após sentir que havia algo de errado com a gravidez de sua esposa, procura um astrólogo para entender melhor o que estava acontecendo. O astrólogo, então, revela várias informações que se mostrariam corretas sobre seu único filho. Uma delas, a última e mais perturbadora, era a de que ele se tornaria um herói de guerra e depois mataria o próprio pai. Com a confirmação de todas elas, a ida do filho para guerra e sua volta como um herói, tem início o conflito: o jovem deseja cometer suicídio, por amor ao pai e crença na adivinhação, a fim de evitar que a profecia não se realize em sua completude. Como argumentos para validar seu ato, ele clama poder escolher qualquer coisa como recompensa de seus feitos e ainda expõe seus motivos perante o senado, para que seu corpo possa ser enterrado posteriormente. A fala do filho carrega uma grande carga trágica e termina de forma a não deixar certeza de que sua decisão não afetará seu pai, apesar da defesa de sua linha de raciocínio.

De acordo com Stramaglia (2013), a DM 4 possui três elementos em sua composição muito característicos das declamações, tais como: (1) a figura do herói de guerra e a lei sobre a recompensa por atos heróicos, caso muito comum no gênero; (2) a autodenúncia, ou *προσαγγελία*, perante o senado para garantir o direito ao sepultamento e (3) o parricídio, tabu principalmente romano também recorrente nas declamações. Esperamos que essa introdução sobre a obra se articule com nosso projeto tradutório, configurando um estudo prévio que fez parte da elaboração de nossa tradução, bem como com as reflexões apresentadas nos capítulos subsequentes, que dialogam com as diferentes abordagens de análise das declamações.

Em primeiro lugar, discorreremos sobre os elementos fantásticos encontrados na DM 4, comparando, especificamente, a possessão, ou *furor*, do personagem principal com a possessão de Hércules em *Hercules furens*, de Sêneca. Seguimos então para a discussão do status sobrenatural da adivinhação nas sociedades antigas, a partir do *De divinatione* de Cícero, e de que forma a astrologia, uma prática estrangeira, adquiriu destaque durante o Império romano. Em segundo lugar, analisaremos as personagens principais do enredo, uma vez que o conflito familiar comum é elevado na DM 4, com a presença de um filho e um pai que mantêm uma boa relação, mas estão interligados por uma aparente profecia inescapável, que provoca o descontrole do Filho e o leva a querer cometer o parricídio. A relação entre pais e filhos na sociedade romana é discutida, além da comparação do enredo da DM 4 com o de *Édipo Rei*, de Sófocles, e as implicações da trama para o ensino de jovens romanos. Em terceiro e último lugar, refletiremos sobre o uso da argumentação filosófica nas declamações como um todo e na DM 4 em particular, uma vez que a contraparte do *furor* da personagem principal é o *sapiens*

não somente estoico, mas também epicurista, como tentamos demonstrar a partir da análise do *De rerum natura*. Além disso, discutimos também a *mors uoluntaria* do Filho, que faz diversas considerações sobre a morte do ponto de vista filosófico, o que provoca a análise sobre o suicídio na antiguidade e na sociedade romana. Por fim, o trabalho conta com a explicitação do projeto tradutório e a tradução da DM 4, acompanhada de um glossário.

2 O FANTÁSTICO, O *FUROR* E A PROFECIA

O conflito entre pai e filho que culmina na tentativa de parricídio, o dilema de um herói que deve receber uma recompensa por seus feitos, a apresentação de motivações da morte voluntária perante o senado, profecias sombrias dentro de uma família: nenhum desses elementos é incomum no universo declamatório. Eles se recombinaem e se entrelaçam com o fito de criar situações com apelo persuasivo, estabelecendo uma tradição declamatória e adicionando elementos a um mundo próprio que, de uma maneira ou de outra, forma cidadãos capazes de mobilizar variadas estratégias argumentativas. Algumas declamações possuem conflitos judiciais ordinários, como casos de adultério e acusações de tentativa de envenenamento, outros exploram o extraordinário, como a aparição de fantasmas e o uso de poções que abalam os sentidos. A DM 4, em um primeiro momento, desafia a interpretação do que seria um fenômeno sobrenatural naquele contexto. O Filho é ao mesmo tempo um sábio que argumenta como um filósofo e um soldado desesperado e sanguinário, com a capacidade mental comprometida. Ele crê em profecias e no próprio descontrole. É necessário avaliar, em primeiro lugar, o que é o fantástico que parece adentrar essa declamação, e de que forma o mundo antigo considerava esses dois elementos, a saber: a possessão e a profecia.

Segundo Selma Calasans Rodrigues (1988, p. 10), o fantástico como matéria literária realmente teria florescido no século XVIII, em pleno Iluminismo, mas é a partir do Realismo do século XIX que se faz uma distinção do que seria a literatura fantástica, de modo amplo: tudo o que não for Realismo. Desse modo, é possível dizer que “a mais antiga forma de narrativa é fantástica” (p. 14). A autora, no entanto, aponta que existe uma outra classificação, mais restrita, que considera que o fantástico surgiu entre os séculos XVIII e XIX e Tzvetan Todorov, autor abordado a seguir, concorda com essa postulação (p. 17). Não é o objetivo deste trabalho discutir o que seria a literatura fantástica em contraste com o realismo do ponto de vista moderno, mas há considerações a partir deste ponto de vista que podem ser feitas em relação às declamações que possuem elementos sobrenaturais e, assim, podemos lançar luz à forma como esses elementos seriam interpretados pelos antigos.

Todorov (1992 [1970]) define que o fantástico é aquilo que suscita a dúvida, seja do próprio personagem ou do leitor. Deve haver um momento na leitura em que existe a pergunta: isso está realmente acontecendo ou há alguma explicação racional? A literatura fantástica, portanto, está ancorada nas regras do mundo comum, só que, em certo ponto da leitura, algum incidente estranho e sem justificativa aparente se faz presente no enredo, causando a incerteza do leitor. Se a narrativa já necessita explicitamente, desde o início, da suspensão da descrença,

ela faz parte da fantasia. Se o acontecimento extraordinário na realidade possui uma explicação racional, estamos no terreno do estranho. Se não soubermos responder à questão, estamos na definição de sobrenatural de Todorov. Na DM 4, alguns elementos podem ser considerados desta maneira por leitores modernos. A presença de uma profecia e de um astrólogo, ou adivinho, desafia nossas noções do que seria ou não sobrenatural. No entanto, tais elementos não eram tratados com assombro pela sociedade romana e o Filho até mesmo sente a necessidade de explicar sua crença no astrólogo, racionalizando sua presença na narrativa. Seu maior argumento a favor da veracidade da profecia é o fato de que ele sente que está perdendo o controle de si. É nesse ponto que ocorre o questionamento. Não é possível dizer se forças sobrenaturais estão em ação ou se o Filho está desequilibrado mentalmente.

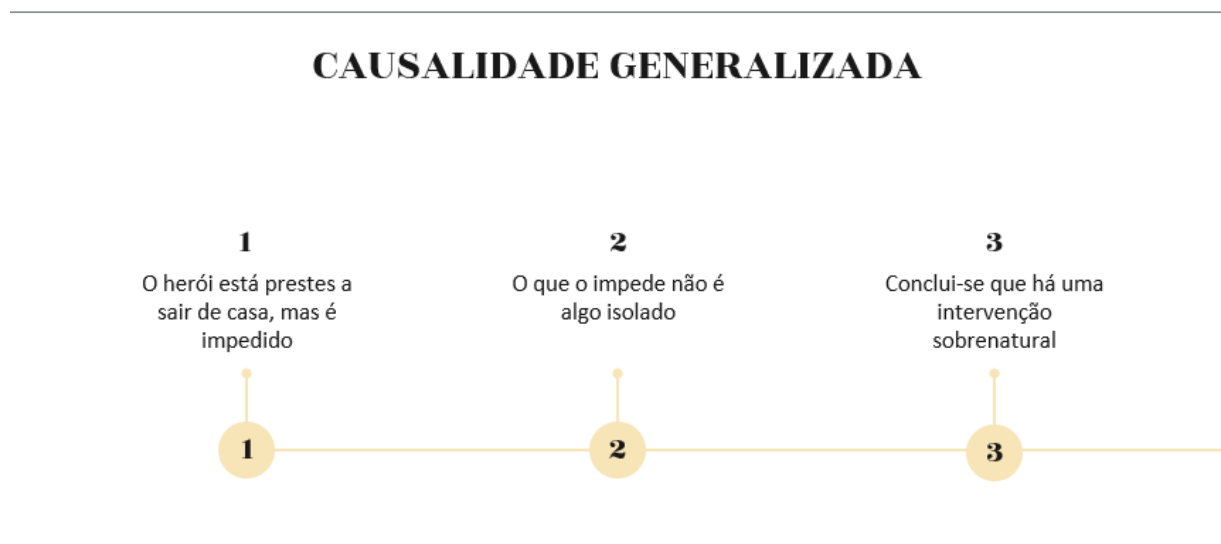
Existem três funções do fantástico destacadas por Todorov: (1) a função pragmática: “o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor – medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar.” (p. 100)¹⁷; (2) a função sintática, “o fantástico serve à narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite à intriga uma organização particularmente fechada” (p. 100-1); (3) e a função semântica, “o fantástico tem uma função à primeira vista tautológica: permite descrever um universo fantástico, e este universo nem por isto tem qualquer realidade fora da linguagem; a descrição e o descrito não são de natureza diferente.” (p. 101). De acordo com o autor, os temas do fantástico são os mesmos da literatura, mas ocorrem em uma intensidade diferente, gerando uma experiência dos limites. Não é apenas o parricídio que é tratado na declamação, portanto, mas a possessão sobrenatural que toma conta do Filho e o faz sentir vontade de matar o pai, mesmo que o ame e não deseje realizar o ato. Além disso, ao tentar propor uma teoria geral do estudo dos temas do fantástico, Todorov cria a categoria dos temas do eu, que tratam a relação do homem com o mundo, entre sua percepção e sua consciência. Dentro dessa categoria de temas, há a presença de elementos extraordinários, tais como a metamorfose ou a existência de seres sobrenaturais e seus poderes. Uma constante da literatura fantástica, os seres sobrenaturais podem fazer coisas que os homens normais não podem: “Aquilo não foi uma luta, não foi uma batalha: eu vencia na guerra através do parricida, meus feitos ultrapassaram a moderação das minhas forças humanas. O que quer que tenha acontecido foi loucura, insanidade.”¹⁸ (DM 4.20.6). É comum, também, nesse tipo de narrativa, a presença do duplo. Uma duplicação do eu que pode se manifestar de forma física ou mental, tal como o filho possui

¹⁷ Todas as traduções de Todorov são de Maria Clara Correa Castello.

¹⁸ [...] *non fuit illud pugna, non acies: in bello parricida uincebam, excesserunt opera mea humanarum uirium mediocritatem: quicquid factum est, rabies, insania fuit.*

duas personas dentro de si. Mas há uma outra função importante dos seres sobrenaturais dentro da narrativa fantástica abordada por Todorov: eles suprem uma *causalidade deficiente*. É como se todo efeito, todo acontecimento do enredo tivesse uma causa aleatória, conhecida ou não pelos personagens. Quando algo não acontece como o esperado, isso poderia ser chamado de azar, mas também pode ser fruto de uma causa isolada, externa à causalidade comum da vida. Quando há essa *causalidade generalizada* na narrativa, em que todos os fatos necessariamente estão conectados e nada é fruto do acaso, há então a comprovação da intervenção de forças sobrenaturais.

Figura 1 – Causalidade



Fonte: figura de nossa autoria elaborado a partir das considerações de Todorov (1992 [1970]).

O Filho utiliza essa linha de argumentação com seu pai: “Tais elementos, acreditas que foram dispostos em todo lugar de forma fortuita?”¹⁹ (DM 4.13.5). Apesar de toda a racionalização do filho, no entanto, ele não sabe explicar o que acontece consigo mesmo, quando está dominado por um instinto assassino: “Não sei que ferocidade prodigiosa me impele contra meu pai como uma lança e me pesa como um corpo que cai.”²⁰ (DM 4.13.1). Por último, Todorov e Rodrigues (1988, p. 44) chamam a atenção para o fato de que o narrador-personagem é muito comum na literatura fantástica, pois reforça a identificação do leitor com o personagem. Sendo o Filho o protagonista da declamação a discursar pela própria causa e não alguém que o defende, estamos em contato direto com o que ele pensa e diz, o que intensifica a dramatização.

¹⁹ [...] *ista credis passim fortuitoque disposita?*

²⁰ *Nescioquae me prodigiosa feritas in patrem uelut telum aliquod casurumque pondus librat, inpingit.*

Já vimos, através de Connolly (2016), que as declamações teriam uma função dramática de representação do sofrimento, o que explicaria por que o gênero por vezes ultrapassa os conflitos cotidianos do mundo romano e aventura-se em temas tipicamente ficcionais. Pasetti (2009-10), por sua vez, especula que “as testemunhas da performance, os colegas e o mestre, previsivelmente se entediavam com a ingrata tarefa de ouvir seus alunos, um após o outro, empenhados em debater sempre os mesmos casos.”²¹ (p. 1). Se os casos se repetiam desta maneira, é razoável supor que mestres de retórica poderiam querer ir além de temas banais, de forma que os alunos se sentissem motivados a realizar algo diferente.²² Já abordamos na introdução as críticas feitas por Quintiliano (e posteriormente estudiosos do tema) sobre a alegada fuga da realidade de certas declamações, o que também leva a supor que não era surpreendente encontrar o elemento considerado fantástico com certa frequência. Nicola Hömke (2007) diz que as declamações podiam adaptar seu estilo, estrutura e temas de acordo com a demanda e que “sem qualquer dúvida, essa mutabilidade era a maior razão de sua contínua popularidade”²³ (p. 104), uma vez que elas, em Roma, começam a ser empregadas já no período republicano, passam por florescimento durante o Império e continuam a ser utilizadas na Idade Média, no Renascimento e até o século XIX. Neil Bernstein (2013, p. 165) declara que “a declamação um dia foi um componente padrão de uma educação americana de elite. Todas carreiras mais cobiçadas para homens de classe alta do século XIX – direito, política e ministério – impunham uma exigência similar: a habilidade de falar de forma persuasiva, improvisada e extensiva diante de grandes audiências.”²⁴ Ainda de acordo com o autor, a declamação teria sido usada para esse propósito em Yale, em 1860.

Fora do ambiente escolar, nas declamações para exibição, havia uma outra dinâmica nas performances, em que se buscava maior apelo emocional, com o objetivo de entreter o público:

[...] a presença de elementos irrealistas como fantasmas ou poções do amor ou, noutros casos, paradoxais e hiperbólicos, pode também ser explicada à luz da dupla finalidade que o gênero declamatório assumiu em Roma na época imperial: exercício escolar, mas também uma *performance* espetacularizada,

²¹ *Testimoni della performance, i compagni e il maestro, prevedibilmente annoiato dall'ingrato compito di ascoltare i suoi studenti, uno dopo l'altro, intenti a dibattere sempre i medesimi casi.*

²² A datação das declamações organizada por Stramaglia e Santorelli (2021) na introdução deste trabalho demonstra que é nas composições mais recentes que os temas fantásticos aparecem, como nas DM 4, 10, 14 e 15. Talvez as críticas de Quintiliano possam ter restringido os temas das declamações mais próximas de sua influência.

²³ *Without any doubt this mutability was a major reason for their enduring popularity.*

²⁴ *Declamation was once a standard component of an elite American education. The most desirable careers for upper-class 19th-century men—law, politics, and the ministry—all imposed a similar requirement: the ability to speak persuasively, extemporaneously, and at length before large audiences.*

realizada por retóricos profissionais e destinada a um público de entusiastas ávidos por entretenimento.²⁵ (PASETTI, 2009-10, p. 1)

Um foco maior no entretenimento e um foco menor da lógica da argumentação aproximou ainda mais a declamação da literatura e do teatro. Pasetti cita a DM 4 como um exemplo desse tipo de *controuersia* com motivos literários explícitos, como os mitos de Édipo e Hércules, mas ressalta que mesmo declamações com temas recorrentes, em que o fantástico não está presente, podem retirar seus temas da ficção literária²⁶ (p. 3), como a DM 17, muito comparada com a declamação do astrólogo, mas desprovida de qualquer apelo digno da reprovação de sua suposta fuga da realidade. Assim, membros da elite declamavam, escolas faziam apresentações e competiam entre si, unindo o público especializado e o geral, de acordo com Hömke (p. 107), o que reforça caráter recreativo que as declamações adquiriram em seu objetivo de deleitar. A autora chama a atenção para o fato de que as declamações para exibição, por não serem voltadas para um público especializado, deixariam de ter o refinamento jurídico necessário ao treinamento forense e ao convencimento do júri e passaram a trazer o foco para a performance do declamador (p. 116). No entanto, a DM 4 mantém o diálogo com a lei, o que será abordado nos capítulos 2 e 3, sem deixar de lado o diálogo com a matéria ficcional.

A relevância das leis e o conflito comum entre pai e filho são importantes para a análise de nossa declamação, porém, Hömke busca outro foco, afirmando que, ao se abordar a declamação somente do ponto de vista do aprendizado de valores da sociedade romana, “o colorido embelezamento literário é suprimido”²⁷ (p. 122) e perde-se o diálogo com a tradição literária. Além disso, a autora chama a atenção para o fato de que as declamações não estavam se afastando da realidade, mas respondendo à literatura do período imperial²⁸:

Se, no período imperial, temos que lidar com aparições dos mortos, magos, piratas e poções de ódio, isso não é sinal da decadência de uma forma original ‘pura’ que estava próxima da realidade, mas de uma reação a uma mudança do meio literário que cada vez mais demonstrava interesse em tais tópicos.²⁹ (p. 123)

²⁵ *la presenza di elementi non realistici come i fantasmi o i filtri d'amore o, in altri casi, paradossali e iperbolici, si spiega anche alla luce della duplice destinazione che il genere declamatorio assunse a Roma in età imperiale: esercizio di scuola, ma anche performance spettacolare, eseguita da retori professionisti e destinata a un pubblico di appassionati desideroso di intrattenimento.*

²⁶ A autora menciona o diálogo com Sêneca, Cícero, Apuleio, Pompeio Trogo, Horácio, Lucrécio, Tácito e Petrónio.

²⁷ *the colorful literary embellishment is suppressed.*

²⁸ Stramaglia e Santorelli também concordam com esse ponto de vista (2021, p. xvi)

²⁹ *If, in the imperial period, we have to deal with visions of the dead, magicians, pirates and hate potions, it is not a sign of the decay of an original ‘pure’ form that was close to reality, but rather a reaction to a changing literary environment that increasingly showed interest in such topics.*

Além disso, de acordo com Stramaglia e Santorelli (2021, p. x): “Com seu universo ficcional de personagens, leis e situações recorrentes, a declamação moldou o contexto cultural comum aos escritores e leitores do mundo greco-romano, que compartilhavam a mesma educação retórica, mais ou menos padronizada.”³⁰ Esses escritores e leitores se inseriam em uma tradição retórica e davam suas contribuições ao modelo, não sendo equivocado supor a frequente inspiração ficcional advinda de sua bagagem literária. Nós defendemos a existência do elemento fantástico sob a forma da possessão do Filho, que dialoga com o que acontece com Hércules em *Hercules Furens* (HF). A presença do astrólogo e da profecia, mais complexa em relação ao seu *status* de acontecimento extraordinário no contexto romano, retomaremos mais adiante. Pasetti (2009) analisa o diálogo da DM 4 com a obra trágica de Sêneca, que potencializa o *páthos* na narrativa. Além do conflito entre pai e filho em relação ao suicídio, representado em Sêneca pela discussão entre Hércules e Anfitrião (em Eurípides quem tenta impedir o ato é seu amigo, Teseu, e não seu pai), o enredo trata a perda de controle do protagonista, que alucina e acaba matando a própria família, pensando que está lutando contra inimigos. Pasetti chama a atenção para o fato de que esse momento da peça assemelha-se a uma declamação encenada no palco, em que a disputa verbal prevalece (p. 287). Jefferson Pontes (2021) demonstra de que forma as falas de Hércules podem reproduzir uma *controversia figurata*, em que a declarada vontade de se matar é apenas um recurso argumentativo que visa alcançar a simpatia do público e não a morte de fato (p. 205-6).

O protagonista da DM 4, ao contrário de Hércules, deseja se matar para que não cometa o parricídio. Ele procura evitar o que o filho de Zeus já havia cometido. Na argumentação do Filho pesa a profecia realizada pelo astrólogo, mas ele também sente que está prestes a matar o pai: “Não somente o astrólogo previu isso para essas mãos, nesta geração e tempo; eu mesmo também creio que estou para cometer um parricídio”³¹ (DM 4.1.2). Ele alega que sua alma é o que o insta ao crime:

Mais relevante para mim do que o oráculo, do que o presságio sombrio da arte sacra, é o fato de que, para mim, minha alma faz a mesma ameaça. Não tenho, infeliz em meus pensamentos, algo que eu não tema, e o crime, o qual rejeita,

³⁰ *With its fictional universe of characters, laws, and recurring situations, declamation shaped a cultural background common to the writers and readers of the Greco-Roman world, who all shared the same—more or less standardized—rhetorical education.*

³¹ *Non solus mathematicus saeculo temporibusque praedixit has manus; et ego me parricidium credo facturum.*

em meu favor, a piedade do meu pai, por causa de sua inocência singular, eu sinto, aturo e reconheço.³² (DM 4.1.2-3)

No texto da DM 4, temos a ocorrência das palavras *animus* e *anima*. Traduzimos *anima* por “alma” e apenas uma única vez por “vida”. A palavra *animus* teve mais variações na tradução, de acordo com o contexto, mas também foi traduzida por “alma”, quando achamos pertinente. No entanto, de acordo com o *Oxford Latin Dictionary* (1968), entendemos que a palavra *animus*, apesar de poder ser traduzida por “alma”, exprime um significado que *anima* não possui, relacionado com a mente, a consciência, o pensamento, a vontade e a intenção. É *animus* que o Filho usa quando relata que não pode evitar matar o pai, quase como se essa vontade estivesse em sua disposição mental, em seu caráter determinado por meio da propriedade vital de sua *anima*. Ele não consegue evitar os pensamentos invasivos que o incentivam a matar o pai, que dominam suas vontades e o tornam um perigo para a própria família: “Além disso, se acreditais, isso que vós pensais ser firmeza, é fraqueza. Recorro ao fim, porque conheço minha alma. A integridade última da vida e da mente está sob o meu poder; em breve não terei nem a morte.”³³ (DM 4.2.2); “Eu, que desejo morrer, para que não cometa o parricídio, não concebo de que forma possa não cometê-lo se continuar vivo.”³⁴ (DM 4.2.3). Como visto acima, o Filho não consegue ter um momento de tranquilidade, a instabilidade de seu *animus* causa o descontrole de seu corpo:

Mas há algo a mais com o qual me assusto, que me faz temer: é a minha alma, que tornou minhas mãos uma ameaça para mim, e desejei que não houvesse sequer um momento em que eu descansasse de forma segura e intrépida. Foi-me imposto a passar a vida entre ansiedade e medo.³⁵ (DM 4.12.2)

Temos então o declínio de sua sanidade: “Eu gostaria de interrogar, por Hércules, neste ponto, todos os filhos, todos os pais: que estado de espírito atribuí a mim, depois desta denúncia?”³⁶ (DM 4.12.6). Nenhum argumento é capaz de deter o Filho, extremamente perturbado:

³² *Plus quam responsum, quam sacrae artis triste praesagium est, quod mihi sic minatur animus meus. Non habeo infelix in cogitationibus, unde non timeam, et facinus, quod sibi pro me pietas patris, quod singularis innocentia (ab)rogat, sentior, patior, agnosco.*

³³ [...] *quin immo, si qua est fides, hoc, quod uos constantiam putatis, infirmitas est. Quod ad suprema confugio, animum meum noui. Nouissima uictae mentis integritas est in mea potestate; breui non habebō nec mortem, [...]*

³⁴ *Qui mori uolo, ne parricidium admittam, non inuenio, quemadmodum illud possim non facere uicturus.*

³⁵ *Plus est, quod expauesco, quod timeo; minatus est mihi manus meas meus animus, nullumque uoluit esse momentum, quo securus intrepidusque requiescerem. Iussus sum uitam per anhelitus metusque consumere.*

³⁶ *Interrogare mehercules hoc (loco) libet uos, omnes liberi, omnes parentes: quem mihi post hanc denuntiationem adsignetis animum?*

‘O pai não pode ser morto.’ Mas o que importa, se essa dificuldade não está segura em minha alma? Ultrapassa toda calamidade não acreditar em sua própria inocência, temer por dia e noite, ter como suspeita sua própria alma, acusar falsamente as mãos, repreender a visão e incitar pensamentos parricidas.³⁷ (DM 4.19.1-2)

Juno, em *HF*, comenta sobre o *uiolentus animus* de Hércules, que se confunde com o seu, em uma promessa de conflito: “Não é assim que cessarão os ódios. Duradouras são as iras que o espírito violento trará, e a dor cruel vai gerar guerras eternas ao sumir com a paz.”³⁸ (*Herc. Fur.* 27-9)³⁹. Após o *furor* de Hércules, o Coro pede que seu *animus* seja libertado do que o aflige: “Libertem-lhe a mente de tantos monstros, / libertem-lhe, deuses: virem-lhe a mente / direto ao melhor. [...]”⁴⁰ (*Herc. Fur.* 1063-5). O próprio Hércules diz que não é possível se recuperar de sua condição e a morte é a única saída: “Ninguém deve ser capaz de curar-se de um espírito manchado. A morte terá que sanar o crime.”⁴¹ (*Herc. Fur.* 1261-2).

O Filho na DM 4 menciona duas vezes o que chama de *furiales faces*, o que é uma referência às Fúrias, entidades infernais vingativas, que correspondem às Erínias ou Eumênides gregas:

Acredito, por Hércules, que naquele dia do nascimento do meu portento, conspirou a violência das divindades iradas, que sobrecarregaram, juntas, por meio de um fogo direcionado, a sede do espírito aberrante. Se é verdade que depois de vetustas gerações e anos incontáveis, novamente são restauradas as almas em outros corpos, talvez em mim tenha renascido alguém proveniente daqueles que, por cujo delito, o sol violado mudou subitamente o mundo, os quais, fugindo pelo mar e pela terra, provocaram as tochas das Fúrias e o terror dos deuses vingativos.⁴² (DM 4.16.4)

Essas entidades perseguem os que cometem crimes, principalmente contra a família, como é possível ver na tragédia de Orestes. O Filho se sente perseguido, portanto. Ele chega a cogitar que sua alma está sendo afligida por um crime de uma vida passada. Um paralelo pode

³⁷ ‘Occidi non potest pater!’; sed quid refert, si difficultas ista non est salua animo meo? Excedit omnem calamitatem innocentiae suae non credere, diebus ac noctibus timere, suspectum habere animum suum, calumniari manus, incausare uisus et parricidalem agere cogitationem.

³⁸ Non sic abibunt odia; uiuaces aget / Violentus iras animus et saeuus dolor / Aeterna bella pace sublata geret.

³⁹ Não separamos a tradução por versos aqui pois a tradutora optou pela tradução em prosa em certos momentos do texto. Todas as traduções de *HF* são de Ana Araújo, 2011.

⁴⁰ Soluite tantis animum monstros, / soluite superi, rectam in melius / flectite mentem. [...]

⁴¹ [...] nemo polluto queat / animo mederi: morte sanandum est scelus.

⁴² Credo mehercules in illum natalem monstri mei diem iratorum numinum conspirasse uiolentiam sedemque prodigiosi spiritus conlato pariter igne pressisse. Si uerum est post uetusta saecula et innumerabiles annos reddi rursus aliis corporibus animas, fortassis in me renatus sit aliquis ex illis, quorum scelere uiolatus dies mundum subito mutauit, quos (per) maria terrasque fugientes furiales faces et ultricum dearum terror agitauit.

ser feito com Hércules, pois Juno, no início da tragédia, clama que as Eumênides vinguem a violação dos domínios infernais por seu enteado, ordenada por ela mesma:

Venham aqui, lá do Tártaro, bem do fundo invocadas, as Eumênides: suas cabeleiras flamejantes espalhem o fogo, as mãos cruéis cravem-lhe os chicotes de víboras. Vá agora, orgulhoso, busque os assentos dos deuses celestes, despreze os de gente. Acredita que já fugiu do Estige selvagem e dos mortos? Aqui eu lhe mostrarei os infernos. Invocarei de volta, de mais longe que o exílio dos criminosos, a deusa Discórdia, que se esconde na bruma alta. Sua fortaleza é uma caverna enorme no morro em frente. E arrastarei para fora do profundo reino de Dite o que tiver sobrado. Virá o Crime, indesejado, e a Impiedade selvagem lambendo o próprio sangue, e o Erro, e, armada sempre contra si mesma, a Possessão. É desta mesma, desta comparsa, que deve servir-se a minha dor. Comecem, servas de Dite: ágeis, chacoalhem o pinho ardente. E que Megera conduza a horrenda tropa de serpentes, e com a mão dada ao luto, agarre a tocha bruta da pira crepitante. Façam isto: vinguem o Estige violado. Batam no peito: que lhe derreta a mente um fogo mais ácido que o que enlouquece nos fornos do Etna. Para que Alcides, privado do juízo, possa ser levado, exaltado por grande Possessão, primeiro é preciso ensandecer a vocês.⁴³ (*Herc. Fur.* 86-109)

Vemos aqui as referências ao fogo, às tochas, às víboras, ao nome de uma entidade vingadora em específico, além de outras dentre as quais ressaltamos a Possessão, ou *furor*. É com ela que a deusa pretende que a mente de Hércules seja corrompida. Todas essas referências fazem parte da DM 4:

Denuncio a ti, pai, e confesso por suprema necessidade: essas mãos já não estão sob meu controle. Não comando a mão direita, não sou suficiente para retê-la. Vem aquele ardor que desconheço, não sinto, os olhos não o observam. E então começo a entender todas as coisas, depois de feitas. O quê? Tu pensas que eu há pouco dispersei os inimigos graças à força dos meus braços? De acordo com o que narraram os prisioneiros, não sei qual visão de uma aparência monstruosa em mim disseram que os tomou de horror. Eu não atirava lanças, não lançava golpes, ardia, miserável, pelas tochas das Fúrias; e esse peito bloquearam não a couraça, não o ferro, mas as laçadas das medonhas serpentes. Aquilo não foi uma luta, não foi uma batalha: eu vencia na guerra através do parricida, meus feitos ultrapassaram a moderação das

⁴³ *Adsint ab imo Tartari fundo excitae / Eumenides: ignem flammeae spargant comae; / Viperea saevae uerbera incutiant manus, / I nunc, superbe, caelitum sedes pete; / Humana temne. Iam Styga et manes ferox / Fugisse credis? hic tibi ostendam inferos. / Reuocabo, in alta conditam caligine / Ultra nocentum exilia, discordem deam, / Quam munit ingens montis oppositi specus. / Educam, et imo Ditis e regno extraham / Quicquid relictum est. Veniet inuisum Scelus, / Suumque lambens sanguinem Impietas ferox, / Errorque, et in se semper armatus Furor. / Hoc, hoc ministro noster utatur dolor. / Incipite, famulae Ditis: ardentem citae / Concutite pinum; et agmen horrendum anguibus / Megaera ducat, atque luctifica manu / Vastam rogo flagrante corripiat trabem. / Hoc agite: poenas petite uitiatas Stygis: / Concutite pectus: acrior mentem excoquat / Quam qui caminis ignis Aetnaeis furit. / Vt possit animo captus Alcides agi, / Magno furore percitus, uobis prius / Insaniendum est. [...]*

minhas forças humanas. O que quer que tenha acontecido foi loucura, insanidade.⁴⁴ (DM 4.20.4-6)

O Filho alega sentir um ardor desconhecido tomar conta de si, que o leva ao descontrole. Ele sofre de lapsos de memória e quando volta a si percebe que agiu sem intenção. Além disso, testemunhas de suas ações relatam algo estranho em sua aparência, algo monstruoso. Não era mais ele no comando, e sim o parricida, a outra faceta de sua persona heroica. Ele chega à conclusão de que está insano. É digno de nota que as entidades vingadoras dos crimes contra a família protejam o Filho na batalha e, ao mesmo tempo, perturbem seu pensamento para que ele possa cumprir seu desejo parricida, assim como que elas fazem com Hércules⁴⁵. Além disso, Juno também diz que dominará as armas de seu enteado durante o *furor*, fazendo com que ele cometa o crime: “Ficarei aqui, e para que saiam certas as flechas lançadas pelo arco, liberarei sua mão. Governarei as armas dele, possuído: a Hércules, em luta, vou finalmente favorecer. Terminado o crime, aí então o pai pode admitir aquelas mãos no céu.”⁴⁶ (*Herc. Fur.* 118-22). O que lembra o medo do Filho de ferir o pai com as próprias armas:

Que desonra sofri há pouco para minha consciência desafortunada! Não trouxe as armas de volta para o meu pai; temi, na verdade, que ele corresse para me encontrar, enquanto eu retornava, e por meio de um abraço imprudente se jogasse em meus beijos e nas mãos até agora cheias com as lanças vencedoras.⁴⁷ (DM 4.5.4)

Posteriormente, em um momento irônico do discurso de Hércules, logo antes de sua alucinação, ele desafia: “Se a terra ainda há de produzir crime, e se está preparando algum monstro, que seja meu!”⁴⁸ (*Herc. Fur.* 937-9). Esse monstro, que pode ser o próprio Hércules, revela sua faceta violenta. Logo depois de matar a família, ele comenta sobre um “monstro ímpio, cruel, violento e feroz”⁴⁹ que o ronda. Ele é considerado um herói, mas ao mesmo tempo

⁴⁴ *Denuntio tibi, pater, et de suprema necessitate confiteor: iam non sunt meae potestatis hae manus; non regere dexteram, non retinere sufficio. Venit ille nescioquis ardor, non sentio, non intuentur oculi. Tunc omnia incipio scire, cum gesta sunt. Quid? Tu me lacertorum uiriumque beneficio strauisse nuper hostes putas? Quantum dicuntur narrasse captiui, nescio quem in me monstruosi uultus horruere conspectum. Non tela iaciebam, non iaculabar ictus; furialibus miser facibus ardebam, et pectus istud non lorica, non ferrum, sed diri serpentium clauserant nexus, non fuit illud pugna, non acies: in bello parricida uincebam, excesserunt opera mea humanarum uirium mediocritatem: quicquid factum est, rabies, insania fuit.*

⁴⁵ Pasetti (2009, p. 290) afirma que, nas tragédias de Sêneca, as Fúrias se ligam ao tema do *furor* e da perda de livre-arbítrio que culmina no crime.

⁴⁶ [...] *Stabo, et ut certo exeant / Emissa neruo tela, librabo manum: / Regam furentis arma: pugnanti Herculi / Tandem fauebo. Scelere perfecto, licet / Admittat illas genitor in caelum manus.*

⁴⁷ *Quem ego paulo ante passus sum miserae conscientiae pudorem! Ad patrem arma non rettuli; timui quin immo, ne mihi, dum reuertor, occurreret, ne in oscula mea plenasque adhuc uictricibus telis manus incauto rueret amplexu.*

⁴⁸ [...] *si quod etiamnum est scelus / latura tellus, properet, et si quod parat / monstrum, meum sit. [...]*

⁴⁹ *monstrum impium saeuumque et immite ac ferum (Herc. Fur. 1280).*

existe uma contradição na construção de sua personagem que o torna alvo de críticas por conta de seu destempero. John Fitch (2009) descreve de que forma o filho de Zeus foi tratado na literatura:

Desde os tempos mais antigos o heroísmo de Hércules é ambivalente. Por um lado, ele é “o melhor dos homens”, dotado de força e coragem invencíveis. Por outro lado, qualquer força que vá além da norma humana é potencialmente perigosa e imprevisível. Seu assassinato de mulher e filhos mostra o quão facilmente sua força pode se voltar na direção contrária. Nessa ocasião ele pelo menos tinha a desculpa da loucura, mas não havia nenhuma desculpa do tipo para o assassinato de seu professor de música, Lino, que apenas o irritou.⁵⁰ (p. 15)

O Filho também é representado de forma ambivalente na DM 4: “Agora, em relação ao meu pai, que me mantém vivo, contra minha vontade, não me admira, porque até agora está espantado pela alegria recente da glória, e todo voltado com os olhos e a alma para meus feitos, sem enxergar o parricida por trás do herói”⁵¹ (DM 4.2.4); “Fui destinado a ser anunciado um herói, e a ser predito um parricida”⁵² (DM 4.3.1). Existe um conflito no interior da personagem, que ele explica ao afirmar que é fácil para um herói violento cometer um delito:

Sou um homem cujo corpo a vontade divina, irada talvez por esta geração, parece ter escolhido como o material mais adequado ao crime, a quem imediatamente, desde o primeiro momento do nascimento, foram-lhe atribuídas igualmente tanto a virtude como o crime, capaz igualmente de tudo o que é incrível e contraditório, apropriado para tudo quanto é dificuldade e excentricidade, miserável pelos delitos e, sem sua morte, culpado, no qual deveis odiar também essas mesmas virtudes. [...] O astrólogo disse que eu seria um herói de guerra e um parricida. Os dois são próximos, ainda que diferentes, são iguais em força, ainda que divirjam em intenção. O que, com efeito, me tornou diferente e notável na guerra senão o fato de que não me contendo no massacre, não me satisfaço com o sangue – exultante sobre a carnificina da pilha de corpos – e caminho, ávido, sobre os cadáveres até então palpitantes? Tais fatos são virtuosos, quando se lida com os inimigos. É a paz que nos revela, e quando se esgota a ocasião justa para agir com violência, é forçoso que o ardor ocioso irrompa para o crime.⁵³ (DM 4.12.7; DM 4.17.4-5)

⁵⁰ *From the earliest times Hercules' heroism is ambivalent. On the one hand he is "the best of men," endowed with invincible strength and courage. On the other hand, any strength that goes so far beyond the human norm is potentially dangerous and unpredictable. His killing of wife and children shows how easily his strength may turn in the wrong direction. On that occasion he at least had the excuse of madness, but there was no such excuse for his murder of his music teacher Linus, who had simply angered him.*

⁵¹ *Nam quod ad patrem pertinet, qui me retinet uiuere nolentem, non miror, quod adhuc recenti gloriae nostrae gaudio stupet, et in opera mea totus oculis animoque conuersus parricidam non uidet per uirum fortem.*

⁵² *Debui uir fortis nuntiari, parricida praedici.*

⁵³ *Homo sum, cuius corpus iratum fortasse saeculo numen uelut aptissimam facinori uidetur elegisse materiam, cui in primis continuo natalibus adsignata est uirtus pariter et facinus, omnium incredibilium diuersorumque pariter capax, omnibus difficultatibus nouitatibusque sufficiens, sceleribus miser et, sine morte sua, nocens, in*

O *furor*⁵⁴, palavra que, apesar de não estar na DM 4, representa o estado alterado da mente que o Filho experiencia em sua *insania*⁵⁵, significa, de acordo com o *Oxford Latin Dictionary*, (1) loucura violenta, delírio, distúrbio mental repentino, possessão por um deus, êxtase profético ou poético, loucura (personificada), entidade vingativa, a Fúria; (2) estado mental frenético, perturbado, cólera hostil, fúria, raiva; (3) desejo apaixonado, anseio furioso; (4) conduta resultante da loucura ou comportamento frenético e violento. Ao longo da declamação, diversos momentos confirmam o estado desequilibrado do Filho: “O que importa para mim um corpo que seus próprios olhos odeiam, com o qual a alma, que se apressa (para deixá-lo), luta dia após dia? Não são meus os membros que eu posso estraçalhar e apunhalar como se fossem de algum inimigo.”⁵⁶ (DM 4.8.7); “Não sei que ferocidade prodigiosa me impele contra meu pai como uma lança e me pesa como um corpo que cai. Espera por mim um crime que é contra a lealdade – e de nada adiantará que eu não queira cometê-lo –, para o qual não há tempo, nem lugar, nem causa previstos.”⁵⁷ (DM 4.13.1); “Declaro, testemunho: eu não cometerei o parricídio, eu não cometi feitos heroicos.”⁵⁸ (DM 4.21.1). O descontrole é tamanho que o protagonista sente medo de qualquer interação com o pai:

Que esforço tu demandas de mim, pai, que violenta tolerância exiges! Tenho horror de teus beijos, de que um abraço muito forte esmague os membros senis. Não ousa aspirar a comer contigo, temendo que os alimentos que estendo se tornem veneno. Temo fazer parte da tua comitiva de viagem, fujo de todo lugar privado, com medo do que possa trazer a fortuna, o acaso. Até quando terei medo da minha alma?⁵⁹ (DM 4.19.3-4)

quo debeatis ipsas quoque odisse uirtutes. [...] Virum fortem dixit et parricidam: uicina sunt haec, etiam ut dissimilia, paria uiribus, etiam ut mente dissimulant. Quid enim me aliud notabilem fecit in bello, quam quod non parco caedibus, cruore non satior, exultans super stratorum corporum strages, palpitantibus adhuc cadaueribus alacer insisto? Virtutis sunt ista, cum hostis contigit; pax est, quae nos deprehendit, et cum iusta grassandi materia consumpta est, in facinus necesse est otiosus ardor erumpat.

⁵⁴ Considerações sobre o *furor* podem ser encontradas em Florence Dupont (1995). Para a autora, o *furor* é uma categoria teatral, exclusivamente romana, caracterizada como a perda de controle da *mens* sobre o *animus*. Pode ser originado a partir de uma *dolor* excessiva, ou ainda da raiva e do medo, que tende a culminar em um *nefas*, um crime sem expiação.

⁵⁵ Cícero diferencia *insania* de *furor* (*Tusc.* 3.9-11), dizendo que os que têm a mente vazia, ou seja, idiotas (*stultos*), são insanos, mas aquele que perde o controle de si está em um estado de *furor*. Esse estado não dependeria da bile negra, mas da influência da ira, medo ou dor (que influenciou Ajax e Orestes, por exemplo).

⁵⁶ *Quid mihi amplius cum corpore, quod oderunt oculi sui, cum quo cotidie properans anima rixatur? Non sunt mea membra, quae possim uelut hostis alicuius lacerare, confodere.*

⁵⁷ *Nescio quae me prodigiosa feritas in patrem uelut telum aliquod casurumque pondus librat, impingit. Facinus me manet, quod contra fidem est, quod profuturum mihi negatur ut nolim, cuius non tempus, non locus, non causa praedicatur.*

⁵⁸ *Praedico, testor: non ego parricidium faciam, non ego fortiter feci.*

⁵⁹ *Quem tu mihi, pater, imperas laborem, quam asperam exigis patientiam! Horreo oscula tua, ne seniles artus nimium grauis amplexus elidat. Non sustineo eosdem expetere conuictus, ne, quos porrexerim cibos, uenena fiant. Timeo eiusdem peregrinationis adire comitatum, omne fugio secretum, ne quid fortuna, ne quid afferat casus. Quousque timebitur animus?*

Em um momento que se assemelha muito ao que acontece com Hércules em *HF*, o Filho sente medo de perder os sentidos e ser tomado por uma visão que o faça cometer o parricídio, sem se dar conta:

Mas, infeliz de mim, quantas coisas existem das quais devo ter medo, mesmo que minha mente não vá tão longe. Como sei se, de repente apartado de meus sentidos, alguma visão de um grande perigo não viria me arrebatar? Talvez eu precipite para a frente, como se seguisse o estímulo da trombeta que chama, como se me despertasse o barulho da pátria em destruição e o clamor de cidadãos capturados. É claro que posso me vigiar, mas como sei o que traz a noite, o acaso, o erro? O astrólogo não disse que eu desejava esse futuro, mas que eu mataria.⁶⁰ (DM 4.19.5-6)

O *furor* de Hércules se dá por meio de uma série de alucinações, em que o herói se vê obrigado a lutar. Logo depois de ter a visão de uma das Fúrias, ele pensa que seus próprios filhos são os filhos do tirano que tomou conta de Tebas, Lico, o qual ele acabou de derrotar, e também confunde sua esposa, Mégara, com Juno:

Mas, olhe: a prole do rei inimigo está escondida, o sêmen nefasto de Lico. Essa mão direita já vai devolver vocês ao pai odioso. O arco ligeiro lance as flechas: é assim que as armas de Hércules devem ser arremessadas. [...] Por que demoro a descobrir o resto da prole e os esconderijos todos? Guerra maior me resta em Micenas, de modo que reviradas pelas minhas mãos as pedras dos Ciclopes caiam. Pra cá, pra lá vá a clava, com a porta derrubada arrebe os portais. Caia a cumeeira destruída. Transparece o palácio inteiro: aqui estou vendo, encoberto, um filho do pai criminoso! [...] Que você, fugitiva!, possa ser enterrada no seio do Trovejante! Essa mão direita vai atacar você onde quer que esteja, e vai levar você! [...] Peguei minha madrasta! Continue, me dê os castigos, e libere Júpiter, pressionado por uma submissão infame. Mas, esse monstinho, que morra diante da mãe! [...] Muito bem. Foi destruída a casa do rei vergonhoso! Isso foi dedicado à senhora, esposa de Júpiter, o maior. Matei a família. Cumpri com a promessa de bom grado. Argos também, digna da senhora, vai lhe dar outras vítimas.⁶¹ (*Herc. Fur.* 987-90; 995-1002; 1010-11; 1018-20; 1035-8)

⁶⁰ *Sed me infelicem, quam multa sunt, quae timere debeam etiam citra animum meum! Vnde scio, an expulsus me repente sensibus meis aliqua magni discriminis imago raptura sit? Prosilibo fortasse, tamquam sequor classici uocantis instinctum, tamquam me ruentis patriae fragor et uociferatio captae ciuitatis exciuerit. Me sane custodire possum, sed unde scio, quid adferat nox, casus, error? Mathematicus hoc non futurum dixit, ut uellem, sed ut occiderem.*

⁶¹ *sed ecce proles regis inimici latet. / Lyci nefandum semen: inuiso patri / haec dextra iam uos reddet, excutiat leuis / neruus sagittas, tela sic mitti decet Herculea. [...] Ceteram prolem eruam / omnisque latebras, quid moror? maius mihi / bellum Mycenis restat, ut Cyclopia / euersa manibus saxa nostris concidant. / huc eat et illuc claua deiecto obice / rumpatque postes; culmen impulsus labet. / perlucet omnis regia: hic uideo abditum / gnatum scelesti patris. [...] Licet tonantis profuga condaris sinu, / petet undecumque temet haec dextra et feret. [...] Teneo nouercam. sequere, da poenas mihi / iugoque pressum libera turpi Iouem; / sed ante matrem paruulum hoc monstrum occidat. [...] Bene habet, pudendi regis excisa est domus. / tibi hunc dicatum, maximi coniunx Iouis, / gregem cecidi; uota persolui libens / te digna, et Argos uictimas alias dabit.*

Anfitrião, que narra as ações de seu filho enquanto ele delira, relata o *igneum uultum* do filho, a expressão abrasadora e violenta com a qual ele mata a própria família, que lembra o aspecto do Filho na guerra. Ao contrário de Hércules, o protagonista da DM 4 equilibra seu descontrole com a racionalidade do discurso filosófico. Fitch (2009, p. 19) especula que Hércules deveria parecer exagerado para o público romano que seguia o epicurismo e o estoicismo, filosofias que pregavam o autocontrole. É o que Sêneca demonstra na tragédia e é também o que parece acontecer na DM 4, pois o Filho doma⁶² seu *furor*, sua violência, e se torna a pacificação de Hércules por meio da filosofia: “É menos indigno que eu morra, se sou inocente, que viver, se sou parricida”⁶³. De acordo com Fitch (p. 19), durante o início do Império, figuras de poder que se identificavam com Hércules passaram a ser vistas como insaciáveis em suas conquistas e aquisição de poder. Se essa visão permaneceu ao longo dos séculos, o Filho poderia ser considerado um anti-Hércules, pelo menos a partir da versão de Sêneca que é analisada por Fitch. Além disso, o autor pontua que, na tragédia senequiana, o filho de Zeus parece não se importar com a família, uma vez que está mais preocupado com seu próximo embate e com a própria imagem (p. 24). O Filho, ao contrário, dispensa suas glórias em batalha e toda a vida que ainda tem para viver pela segurança do pai, em uma demonstração de *pietas*. Enquanto em *HF* vemos o declínio cada vez mais acentuado das virtudes do herói, na DM 4 vemos a exaltação das qualidades do Filho. Hércules não é capaz de vencer o próprio monstro, mas o protagonista da DM 4 tenta e parece prestes a conseguir.

As considerações de Fitch (2009) e Pasetti (2009) deixam claro como os argumentos de Hércules, que deseja se matar após trucidar a família, diferenciam-se dos do Filho. Hércules parece ser dominado pela *libido moriendi*, desprezada pela filosofia estoica, enquanto o protagonista da DM 4 expõe a reflexão sobre a morte filosófica. Antes de seu *furor*, Fitch (p. 40) chama a atenção para o fato de que o Filho de Zeus clama o domínio da morte, mas que essa conquista é vazia, pois ele não consegue escapar de outros poderes infernais invocados contra ele; o Filho, ao contrário, aceita a morte, justificando-a de forma ponderada. No entanto, existe uma aproximação entre os dois: Hércules diz “Se vivo, cometi crimes, se morro, sofri.”⁶⁴ (*Herc. Fur.* 1278). Sua morte é uma forma de garantir sua inocência, ele clama não conseguir permanecer vivo depois do que fez. Da mesma forma, o Filho afirma: “Foi dito que eu haveria

⁶² Florence Dupont (1995) diz que os afetados pelo *furor*, nas tragédias, o fazem para se libertar das referências morais e sociais, se desfazendo da *pietas* e das afeições familiares. O Filho segue o caminho contrário.

⁶³ [...] *minus indignum est, ut moriar, si innocens futurus sum, quam ut uiuam, si parricida.*

⁶⁴ *Si uiuo, feci scelera; si morior, tuli.*

de me tornar um parricida; se posso depois disso viver, não sou inocente, mesmo se não o fizer.”⁶⁵ (DM 4.12.5). Nos dois enredos, o pai coloca-se contra o suicídio do filho, mas acontece que o Filho quer se matar para não assassinar o pai, e Hércules decide não se matar para atender ao pedido desesperado do pai. Anfitrião consegue convencer Hércules, dizendo que se matará caso ele leve o suicídio a cabo.⁶⁶ Mas existe um outro argumento que ele utiliza:

Não peço nada, minha dor está em segurança: só você pode salvar meu filho, tomá-lo, nem você. Escapei do medo maior. Você não pode me fazer mais desgraçado; mais feliz, você pode. Assim, decida, o que quer que decida, desde que saiba que sua causa e fama estarão nas estrelas de um jeito ou de outro, quer viva, quer morra. Essa alma fraca e cansada pela velhice, e não menos cansada pelos males, eu seguro saindo pela boca. Alguém dá a vida ao pai tão tarde? Não suportarei a demora por mais tempo. Envolverei meu peito mortal com o ferro fincado nele. Aqui, aqui jazerá o crime de um Hércules consciente.⁶⁷ (*Herc. Fur.* 1302-13)

Hércules não está mais sob a influência do *furor*. Parte da sua desculpa para os próprios atos se foi, sua morte agora só pode ser uma causada pelo desespero, o que veremos no capítulo 3 que não era bem visto entre os romanos. Isso somado a tomar conscientemente uma decisão que ocasionará a morte de mais um membro de sua família, realizando mais uma vez o que também assombra o pensamento do Filho – “Tenho medo de matar meu pai enquanto morro”⁶⁸ (DM 4.23.4) – é o suficiente para que ele reconsidere. Fitch (2009, p. 29-30) chama atenção para a dimensão psicológica da obra de Sêneca, em que o *furor* de Hércules, ao invés de ser repentino e completamente dependente da vontade divina, é construído ao longo da peça, através das ações, decisões, falas e impulsos que constroem seu caráter. Tudo que atormenta o filho de Zeus e o incentiva a partir para o combate quando ele está são revela-se em sua mente delirante. Seria uma inovação de Sêneca que a loucura de Hércules seja ocasionada por uma causa psicológica (p. 31). Deixando Juno e a profecia em segundo plano, é possível ler os textos por meio de outra lógica. Sendo assim, talvez o Filho estivesse tão perturbado pela profecia que o atormentou a vida inteira que pudesse ter esses lapsos de descontrole. A causa natural da loucura para os antigos, no entanto, era enxergada de outra forma:

⁶⁵ *Parricidium dictus sum facturus; si possum post hoc uiuere, non sum innocens, etiamsi non fecero.*

⁶⁶ Fitch afirma que Anfitrião venceu por meio da chantagem, pois, quando tentou argumentar que Hércules o deixaria sozinho, isso não foi suficiente para desviá-lo de sua intenção. O autor considera, então, que o herói não aprendeu sua lição e que a peça termina em um tom trágico ainda maior, algo típico das obras de Sêneca.

⁶⁷ *Nihil rogamus: noster in tuto est dolor. / natum potes seruare tu solus mihi, / eripere nec tu; maximum euasi metum: / miserum haut potes me facere, felicem potes. / sic statue, quicquid statuis, ut causam tuam / famamque in arto stare et ancipiti scias: / aut uiuis aut occidis, hanc animam leuem / fessamque senio nec minus fessam malis / in ore primo teneo, tam tarde patri / uitam dat aliquis? non feram ulterius moram, / letale ferro pectus impresso induam: / hic, hic iacebit Herculis sani scelus.*

⁶⁸ *Metuo, ne patrem, dum morior, occidam.*

A loucura foi amplamente explicada como um ataque de epilepsia, e de fato ‘*Ἡράκλειος νόσος*, *Herculeus morbus*, se tornou um termo para essa doença. A causa era algumas vezes atribuída a um excesso de bile negra, uma explicação médica padrão da loucura em geral.⁶⁹ (FITCH, 2009, p. 31)

Modernamente, quando fala-se em suicídio, fala-se também em problemas psicológicos. Para os antigos, no entanto, o mesmo não ocorria. A partir do compilado de motivações para o suicídio antigo que organizou, Anton van Hooff (1990) calcula que apenas 2% do total analisado ou 17 casos foram motivados por algo que aproximava-se da questão psicológica, o *furor*. Apenas esse estado de profundo descontrole era considerado como um motivo (pois chamava a atenção):

[...] teoricamente a antiguidade reconhecia a categoria da insanidade patológica (em latim: *insania*), mas na prática os médicos antigos apenas se deparavam com casos de *mania* aguda, que em sua visão era causada ou por fatores fisiológicos – a perturbação do equilíbrio dos fluidos do corpo – ou por um afeto agudo (*pathos*). [...] Em geral, os antigos dificilmente percebiam um desequilíbrio mental inerente. Às vezes eles falam sobre uma depressão, *athumia*, em que alguém pode considerar o suicídio. Mas casos de suicídio cometidos por essa razão não foram registrados.⁷⁰ (HOOFF, 1990, p. 97)

A loucura, de acordo com Hooff, pode ser causada pelos deuses quando ofendidos, ou então é o último ato de uma série de fatores antecedentes (p. 97-9). No drama, o autor ressalta que as motivações para o suicídio são as mesmas do mundo real, mas possuem uma intensidade diferente, o que nos leva para a intensificação causada também pelo fantástico (p. 144). É pertinente, portanto, voltarmos-nos para a literatura e o diálogo que a declamação estabelece com a tragédia. Desse modo, o *furor* do Filho poderia ser considerado sobrenatural, uma vez que ele parece completamente são quando argumenta, o que não acontece com Hércules. Indo por este caminho, enquanto em Hércules as visões fazem parte das angústias de sua mente, que deterioram seu estado mental, como já abordamos acima, na DM 4 existe uma profecia que determina o destino do Filho. Desde o início da declamação sabemos que o enredo se desenrola

⁶⁹ *The madness was widely explained as an attack of epilepsy, and indeed Ἡράκλειος νόσος, Herculeus morbus, became a term for that disease. The cause was sometimes given as an excess of black bile, a standard medical explanation of madness in general.*

⁷⁰ *[...] theoretically antiquity recognized the category of pathological insanity (Latin: insania) but in practice ancient doctors only came across cases of acute mania, which in their view was caused either by physiological factors—a disturbed balance of the fluids of the body—or by an acute affect (pathos). [...] In general, ancient people hardly noticed inherent mental imbalance. Sometimes they speak about a depression, athumia, in which somebody may consider self-killing. But cases of suicide committed for this reason have not been recorded.*

a partir de uma consulta a um astrólogo que prevê uma série de acontecimentos que se tornam realidade:

[...] pois antes desse tempo próximo a nós uma sucessão de verdades previstas se desencadeou – crede, eu trouxe prova dos males que me oprimem: é pelo parricídio que eu posso me matar, é pelo destino que não me é permitido morrer. Não somente o astrólogo previu isso para essas mãos, nesta geração e tempo; eu mesmo também creio que estou para cometer um parricídio.⁷¹ (DM 4.1.1-2)

O Filho, portanto, acredita no astrólogo e no *fatum*, o destino que fará com que ele mate o próprio pai, contra sua vontade: [...] escutai por que não posso duvidar do destino [...]”⁷² (DM 4.1.3). Considerar a figura do astrólogo e a enunciação de uma profecia como um elemento sobrenatural esbarra em uma questão complexa que envolve o sistema de crenças do mundo romano. A adivinhação e diversas práticas que ela abarca eram consideradas naturais para os antigos e parte importante de sua religião. Gustavo Frade (2018) afirma que “as evidências mais antigas da adivinhação [...] estão nos textos mesopotâmicos, com a presença de adivinhos profissionais já em registros do terceiro milênio Antes da Era Comum” (p. 1). Existem, não obstante, diferentes tipos de adivinhação. Frade comenta que é uma prática que mistura “ciência observacional”, “senso comum” e “crença religiosa” (p. 2). Cícero, por meio da fala de seu irmão Quinto⁷³, em *De Diuinatione*, divide-a em duas categorias:

Ora, qual é o povo, qual é a nação que não é movida pela predição dos harúspices ou dos que interpretam prodígios ou raios, dos áugures, dos astrólogos, das sortes (estas são inteiramente artificiais) ou dos sonhos e vaticínios (acredita-se que essas duas são naturais)? Na verdade, julgo ser mais necessário investigar os acontecimentos de tais coisas do que suas causas. Há, de fato, uma força natural que prenuncia o futuro, quer tendo-se observado por um longo tempo a interpretação dos sinais, quer por uma espécie de inspiração e sopro divino.⁷⁴ (*Diu.* 1.6.12; todas as traduções do *De Diuinatione* são de Beatris Gratti)

⁷¹ [...] quae ante hoc tempus circa nos ordo praedictae ueritatis explicuit, attulisse me credatis urgentium malorum probationem: de parricidio uenit, quod occidere me possum, de fato, quod mihi non licet mori. Non solus mathematicus saeculo temporibusque praedixit has manus; et ego me parricidium credo facturum.

⁷² [...] accipite, cur non possim dubitare de fato [...]

⁷³ Salvo indicação contrária, tudo o que está no livro I do *De Diuinatione* é dito pelo personagem Quinto, irmão de Cícero, que discute com ele sobre a validade da adivinhação. Vamos nos referir a Quinto, portanto, quando tratarmos do livro I, cientes, é claro, de quem constrói o discurso que será posteriormente refutado por ele mesmo é Cícero.

⁷⁴ Quae est autem gens aut quae ciuitas quae non aut extispicum aut monstra aut fulgora interpretantium aut augurum aut astrologorum aut sortium (ea enim fere artis sunt) aut somniorum aut uaticinationum (haec enim duo naturalia putantur) praedictione moueatur? Quarum quidem rerum euenta magis arbitror quam causas quaeri oportere. Est enim uis et natura quaedam, quae tum obseruatis longo tempore significationibus, tum aliquo instinctu inflatuque diuino futura praenuntiat.

De um lado temos, portanto, a adivinhação chamada de artificial, baseada na observação e interpretação de sinais. Observar as entranhas de animais sacrificados, o voo dos pássaros, fenômenos naturais, prodígios, a configuração do céu e a sorte exigia uma técnica desenvolvida ao longo dos séculos, que se diferenciava de acordo com o povo e que podia ser exercida por quem aprendesse a interpretar. Por outro lado, a adivinhação natural não necessitava de técnica ou sequer podia ser controlada. O indivíduo tinha que entrar em um estado de inconsciência, seja por inspiração divina direta, no caso daqueles que proferiam oráculos, ou indireta, através dos sonhos⁷⁵. Frade (p. 3) chama a atenção para a função prática da adivinhação, de ajudar na tomada de decisões, principalmente em tempos de crise, uma vez que a comunicação com os deuses poderia ajudar a entender melhor o funcionamento dos acontecimentos. Leslie Kelly (2018), ao longo de seu livro, chega à conclusão de que a profecia tinha um papel de autoridade no controle e na legitimação de determinada comunidade religiosa, estabelecendo uma ponte de comunicação com o divino. Judeus e cristãos, por exemplo, se aproveitaram de profecias gregas para seus propósitos, até mesmo criando seus próprios livros sibilinos (p. 7). Martti Nissinen (2010) dá a seguinte definição, mencionando a incerteza como a motivação da comunicação com o divino:

A adivinhação é um sistema de conhecimento e crença que serve ao propósito de manutenção do universo simbólico em uma sociedade que compartilha a convicção de que as coisas que acontecem na terra não são coincidências, mas realizadas por agentes sobre-humanos, refletindo decisões tomadas no mundo dos deuses ou espíritos [...] A necessidade de adivinhação é provocada pela incerteza, e seu propósito é se tornar proficiente em relação ao conhecimento sobre-humano [...] (p. 341)⁷⁶

Nissinen diz que a adivinhação “tende a ser orientada para o futuro, não necessariamente no senso de prever eventos futuros, mas como método de enfrentar a ansiedade em relação à insegurança da vida e lidar com o risco ocasionado pela ignorância humana.”⁷⁷ (p. 341), no entanto, Michael Flower (2008, p. 109) afirma que ela também podia explicar eventos passados,

⁷⁵ Cícero fala da adivinhação por meio do sono em *Diu.* 1.30.63-4 e 1.50-1.113-7. Ela se daria pois, durante o sono, a alma estaria longe do corpo e assim, afastada das coisas terrenas, aproximar-se-ia do divino, como o que acontece na morte.

⁷⁶ *Divination is a system of knowledge and belief that serves the purpose of maintenance of the symbolic universe in a society sharing the conviction that things happening on earth are not coincidental but managed by superhuman agents, reflecting decisions made in the world of gods or spirits. [...] The need for divination is triggered by uncertainty, and its purpose is to become conversant with superhuman knowledge [...]*

⁷⁷ *Divination tends to be future-oriented, not necessarily in the sense of foretelling future events, but as a method of tackling the anxiety about the insecurity of life and coping with the risk brought about by human ignorance.*

por meio da análise de algum presságio não entendido na época, em uma tentativa humana de tomar novamente o controle após um evento traumático. Kim Beerden (2013, p. 187), ao discutir sobre o tempo da adivinhação, diz que os romanos se preocupavam com um período de tempo limitado, o passado próximo ou o futuro imediato. Deste modo, um prodígio necessitava ser reconhecido em pouco tempo, para que se pudesse expiar um erro de algo que havia acabado de acontecer. Um augúrio, observação dos pássaros ou um haruspício, observação das entranhas de animais, era feito para lidar com questões do presente, sobre qual seria a melhor decisão a ser tomada, ou do futuro próximo. Esses três métodos divinatórios, prodígios, augúrios e haruspícios, eram os mais populares em Roma, que favorecia a adivinhação artificial⁷⁸. Beerden chama a atenção para o fato de que previsões que abarcavam longos períodos de tempo não são comuns e que podem ter sido usadas como recurso retórico ou literário (p. 186). De fato, são comuns na literatura as profecias sobre longos períodos de tempo, como é o caso em, por exemplo, *Édipo Rei*, *Alexandra* e em nossa declamação.

A adivinhação, portanto, tinha esse papel de tranquilizar e de obter algum senso de controle sobre o desconhecido, principalmente diante de eventos que trazem angústia, fazendo parte da crença de um povo em relação ao destino e ao domínio dos deuses sobre os acontecimentos. Isso é exatamente o que acontece com o Pai na DM 4, que mistura dois tipos de adivinhação natural com um artificial:

Com razão, as tristes preocupações e os medos premonitórios levaram o velho desafortunado ao astrólogo e suas respostas. Fui destinado a ser anunciado um herói, e a ser predito um parricida. De fato, seja porque a prodigiosa fecundidade da infeliz esposa, com os agitados chutes, perturbou os abraços conjugais, seja porque, durante as noites inquietas e sonhos medonhos, o velho, abalado pelas imagens mortais, diz-se, reportou ao famosíssimo sacerdote das artes sacras não as esperanças, não as orações fervorosas, mas os suspiros, os medos e o sinistro terror de grande e incerto evento que desconheço. Que outra coisa desejais que seja isto, senadores, senão a primeira inevitabilidade da inspiração do destino? Não pôde não interrogar sobre o parto da esposa, e então não acreditou.⁷⁹ (DM 4.3.1-3)

Temos então o sonho e a astrologia. O terceiro tipo de adivinhação está menos claro no texto. A astrologia, método dedutivo a partir da leitura do céu, não era considerada natural. No

⁷⁸ Para os gregos, era mais comum a adivinhação natural (GRATTI, 2009, p. 13-4 e 21)

⁷⁹ *Merito prorsus, merito miserum senem tristes sollicitudines et praescii metus ad mathematicum et responsa miserunt. Debui uir fortis nuntiari, parricida praedici. Siue enim miserae coniugis prodigiosa fecunditas tumultuosis pulsibus maritales inquietauit amplexus, seu per anxias noctes dirosque somnos feralibus senex imaginibus agitatus dicitur ad notissimum sacrae artis antistitem non spes, non auida uota, sed suspiria, metus et praesagum magni nescio cuius incerti detulisse pallorem. Quid aliud hoc esse uultis, P.C. quam primam fatalis instinctus necessitatem? De partu uxoris non potuit non interrogare, deinde non credidit.*

entanto, o astrólogo narra acontecimentos da vida do Filho, claramente realizando uma profecia. Nissinen (p. 344), ao falar dos profetas, diz que uma de suas peculiaridades em relação a outros adivinhos, chamados de acadêmicos, é a oralidade de sua previsão, que raramente tomava uma forma escrita. Em diversos momentos da DM 4, diz-se que o astrólogo de fato narrou a previsão, como se estivesse inspirado:

Alguma vez, pai, toda a sucessão de eventos da resposta de um astrólogo revelou de forma mais evidente a inevitabilidade de algum destino? ‘Nascerá,’ falou, ‘um homem’; aconteceu. ‘Será criado, apesar do que esteja previsto’; e assim foi. ‘Alcançará a robustez da juventude’; eu cresci. ‘Será famoso pela força’; destaquei-me. ‘As guerras chegarão’; elas vieram. ‘Marchará para a batalha com o teu consentimento’; enviaste-me. ‘Tornar-se-á um herói de guerra’; tornei-me. ‘Será um parricida’; se eu sobreviver.⁸⁰ (DM 4.17.2-3)

Além disso, temos outro trecho que confirma a inspiração do astrólogo: “Mas de quais sinais – deuses e deusas – de quais pistas ele estava impregnado, que sequer pôde dissimular em relação ao parricídio, quando indagava o pai!”⁸¹ (DM 4.15.3). No entanto, Nissinen (p. 346) também afirma que a profecia e o presságio são dois lados da mesma moeda, e que, como portavozes do divino, sem objetivos pessoais, aqueles que realizavam a adivinhação por meio da técnica também deveriam estar inspirados. De qualquer forma, o Pai sentiu que algo estava errado com a gravidez da esposa, a ponto de procurar um astrólogo. Ele sonhou com imagens mortais e comunicou a um especialista sua ansiedade em relação ao desconhecido. Mesmo que o pai negue posteriormente a existência do destino, sua primeira ação em um momento delicado demonstra o contrário. Entretanto, é verdade que nem todos acreditavam na adivinhação.⁸² Cícero, apesar de ter sido áugure, coloca-se contra a possibilidade de previsão de eventos futuros no *De Divinatione*, mesmo apoiando a tradição religiosa e institucional:

Que eu comece pela *haruspicina*, a qual eu julgo que deva ser respeitada por causa da república e da religião oficial – mas estamos a sós, é permitido indagar a verdade sem sermos malvistas, principalmente por mim, que duvido de quase tudo – examinemos, se agrada, primeiro as entranhas. [...] Mas primeiro vejamos os auspícios. É difícil para um áugure refutar o tema. Talvez para um marso, para um romano é fácil. Pois nós não somos esses áugures que dizem o futuro pela observação das aves e dos demais sinais. Contudo,

⁸⁰ *Ecquando umquam, pater, explicuit manifestius ullius fati necessitatem totus ordo responsi? ‘Vir,’ inquit, ‘nascetur;’ euenit. ‘Educabitur, quamuis praedictus sit;’ accidit. ‘Perueniet ad iuuentae robur;’ adoleui. ‘Viribus erit conspicuus;’ eminui. ‘Aderunt bella;’ uenerunt. ‘Ibit in aciem te uolente;’ misisti. ‘Fortiter faciet;’ feci. ‘Erit parricida;’ si uixeró.*

⁸¹ *Sed quibus ille, dii deaque, signis, quibus impletus est notis, qui de parricida dissimulare non potuit, cum quaereret pater!*

⁸² Veremos no capítulo 3 de que forma a filosofia epicurista coloca-se contra a influência dos deuses nos assuntos humanos.

acredito que Rômulo, que fundou a cidade depois de tomar os auspícios, tinha a ideia de que há uma ciência de tomar agouros nos assuntos a serem previstos (pois a antiguidade errava em muitos assuntos), que ou por costume ou por doutrina ou por antiguidade vemos mudada, mas o costume, a religião, a doutrina, a lei augural e a autoridade do colégio são mantidas em consideração do que pensa o vulgo e para grande utilidade da república. [...] Quem nega que haja uma doutrina augural? A adivinhação eu nego. Mas os harúspices são divinos. [...] aprecio a lei dos áugures, embora tenha sido formada no princípio pela crença na adivinhação, depois, por causa da república foi conservada e mantida. [...] De modo algum (pois quero que fique bem claro) a religião é suprimida, ao se suprimir a superstição. De fato, é próprio de um sábio conservar as instituições dos antepassados, mantendo as coisas sagradas e as cerimônias, e a beleza do mundo e a ordem das coisas celestes impele a admitir que há uma natureza excelente e eterna e que ela deve ser contemplada e admirada pelo gênero humano.⁸³ (*Diu.* 2.12.28; 33.70; 35.74-5; 72.148, tradução com breves adaptações)

Ele responde, no segundo trecho, ao argumento de seu irmão Quinto, no livro I, que aponta esse fato. É possível perceber pelas passagens citadas acima a aproximação entre a adivinhação e o Estado⁸⁴. Apesar das críticas contundentes ao longo da obra de Cícero, ela não era uma mera fabricação literária, como Flower deixa claro (2008, p. 109), ou elemento fantástico. O mundo antigo recorria à adivinhação de fato e ela fazia parte do funcionamento estatal romano:

Os especialistas públicos nos tempos da República romana podem ser divididos em três grupos: primeiro, os *augures* que presidiam os auspícios; em segundo, os intérpretes de prodígios que eram consultados pelo senado quando presságios ocorriam: os guardiões dos Livros Sibílicos – os *decemviri sacris faciundis* – e os *haruspices* etruscos), e em terceiro, os leitores de entranhas (*haruspices*). Apesar de haver muita confusão sobre a exata divisão e os papéis dos diferentes *haruspices*, pode-se deduzir que o último grupo de *haruspices* podia ou ser atribuído a um magistrado no exército ou poderia trabalhar de forma privada. [...] Os *nobiles* que se tornaram membros das organizações de *decemviri* ou de *augures* teriam mandato vitalício: eles se tornaram membros de um colégio sacerdotal prestigiado e deveriam ser considerados parte das

⁸³ *Vt ordiar ab haruspicina, quam ego rei publicae causa communisque religionis colendam censeo - sed soli sumus; licet uerum exquirere sine inuidia, mihi praesertim de plerisque dubitanti -, inspiciamus, si placet, exta primum. [...] sed primum auspicia uideamus. Difficilis auguri locus ad contra dicendum. Marso fortasse, sed Romano facillimus. Non enim sumus ii nos augures qui auium reliquorumue signorum obseruatione futura dicamus. Et tamen credo Romulum, qui urbem auspicato condidit, habuisse opinionem esse in prouidentis rebus augurando scientiam (errabat enim multis in rebus antiquitas), quam uel usu iam uel doctrina uel uetustate immutatam uideamus; retinetur autem et ad opinionem uulgi et ad magnas utilitates rei publicae mos, religio, disciplina, ius augurium, collegi auctoritas. [...] Quis negat augurum disciplinam esse? Diuinationem nego. At haruspices diuini. [...] existimoque ius augurum, etsi diuinationis opinione principio constitutum sit, tamen postea rei publicae causa conseruatum ac retentum. [...] Nec uero (id enim diligenter intellegi uolo) superstitione tollenda religio tollitur. Nam et maiorum instituta tueri sacris caerimoniisque retinendis sapientis est, et esse praestantem aliquam aeternamque naturam et eam suspiciendam admirandamque hominum generi pulchritudo mundi ordoque rerum caelestium cogit confiteri.*

⁸⁴ Tal ligação é apontada por Cícero em outros trechos do *De Diuinatione*: 1.1.3; 1.2.3-4; 1.16.28; 1.16.30; 1.41.92; 1.43.95-7.

instituições do Estado. O *collegium* dos *augures* receberia o pedido do senado para observar e explicar os *auspicia* e os *auguria* (interpretando a lei augural) e oferecer explicações para erros na performance de um ritual [...] Em outras palavras, o *collegium* examinava o sucesso potencial de uma empreitada. Era parte da tarefa dos magistrados em exercício, com a assistência de seus *pullarii* ('guardiões das galinhas'), tomar os auspícios antes de qualquer ação oficial, geralmente com o uso de pássaros, mas também observando trovões e raios – que expressavam o favorecimento ou desfavorecimento do sobrenatural.⁸⁵ (BEERDEN, 2013, p. 68-70)

As decisões do senado, e, portanto, do Estado, podiam ser tomadas por meio da adivinhação⁸⁶. Além disso, os especialistas eram membros da elite romana. Beerden destaca que essa aproximação da adivinhação com o poder político e a tomada formal de decisões era uma peculiaridade romana e que tanto os senadores como os especialistas nobres tinham o poder de influenciar a palavra final (p. 132). As noções de interpretação e de influência desafiam a noção de destino determinado. De fato, Gratti, a partir de Raymond Bloch⁸⁷, diz que a elite romana considerava a adivinhação natural perigosa, pois não estava sob o controle do Estado (p. 21). Mas também havia a questão da crença ou descrença no mecanismo de funcionamento do destino. Cícero faz Quinto defender o seguinte silogismo estoico: “[...] Ora, os deuses existem, logo revelam, e, se revelam, nos dão alguns meios para o conhecimento dos sinais (ou revelariam em vão); e, se dão meios, a adivinhação não pode deixar de existir; portanto, a adivinhação existe.”⁸⁸ (*Diu.* 1.38.83). Posteriormente, ele nega o raciocínio, apontando suas falhas:

Negam-no aqueles a quem não agrada que esteja determinado o que acontecerá. Portanto, tu vês que essas coisas que são duvidosas são assumidas como certas e concedidas? Então fazem um rodeio e assim concluem: “portanto os deuses não existem sem que revelem o futuro”; e julgam isso já

⁸⁵ *The public experts in Roman Republican times can be split up into three groups: first, the augures who presided over the auspices; second, the interpreters of prodigies who were consulted by the Senate when signs occurred: the keepers of the Sibylline Books—the decemviri sacris faciundis—and the Etruscan haruspices), and third, the readers of entrails (haruspices). Although there is much confusion about the exact division between, and roles of, the different haruspices, it may be deducted that the latter group of haruspices could either be assigned to a magistrate in the army or they could work privately. [...] The nobiles who became members of the bodies of decemviri or the augures would hold life-long tenure: they had become members of a prestigious priestly college and should be considered part of the institutions of the State. The collegium of augures would be asked by the Senate to observe and explain the auspicia and auguria (interpreting augural law) and to offer explanations of errors in the performance of a ritual [...] In other words, the collegium examined the potential success of an undertaking. It was part of the task of the incumbent magistrates, with the assistance of their pullarii ('chicken-keepers'), to take the auspicia before any official action, mainly by using birds, but also by keeping track of thunder and lightning—expressing the favour or disfavour of the supernatural.*

⁸⁶ Além da política, as decisões podiam afetar o comércio. (BEERDEN, 2013, p. 124)

⁸⁷ BLOCH, Raymond. *La Adivinación en la antigüedad*. Traducción de Victor Manuel Suárez Molino. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

⁸⁸ *sunt autem di; significant ergo; et non, si significant, nullas vias dant nobis ad significationis scientiam (frustra enim significarent), nec, si dant vias, non est diuinatio; est igitur diuinatio.*

terminado. Então acrescentam: “mas os deuses existem”, o que, em si mesmo, não é concedido por todos. “Logo revelam.” Nem mesmo isso se segue, pois os deuses podem não revelar e ainda assim existirem. “E se revelam, não deixam de dar alguns meios para o conhecimento da revelação.” Mas quanto a isso também pode ser que não deem ao homem, mas eles próprios os tenham, pois por que dariam aos etruscos de preferência aos romanos? “E se dão meios, a adivinhação não pode deixar de existir.” Faze que os deuses deem (o que é absurdo); o que importa, se não podemos receber? O fim é: “portanto, a adivinhação existe”. Que seja o final, contudo, não está provado; como aprendemos deles mesmos, a partir de coisas falsas a verdade não pode ser provada. Portanto, cai por terra toda a conclusão.⁸⁹ (*Diu.* 2.51.106)

Antes o filósofo já havia questionado a utilidade da adivinhação, uma vez que não se pode mudar o que está determinado, e se o que está determinado pode ser mudado então a sorte existe e se a sorte existe não há, então, como prevê-la: “Se tudo acontece de acordo com o destino, de que me serve a adivinhação?”⁹⁰ (*Diu.* 2.8.20). O Pai na DM 4 também nega a existência do destino e da adivinhação:

Meu pai percebe a grande brutalidade do delito que foi previsto, e, por isso mesmo, tenta fazer com que não pensem que a astrologia seja uma ciência, ora afirmando que o destino não existe e que tudo flui de forma casual e fortuita, ora que, mesmo se os acontecimentos fossem regidos por uma providência, não podem, porém, ser compreendidos pelo conhecimento humano. Enquanto concilio cada uma dessas hipóteses, ao mesmo tempo confio perante a vossa respeitabilidade que meu pai também percebeu algo em particular, quando sentiu medo. Eu provei que o astrólogo dissera a verdade, meu pai acreditou que ele a teria dito.⁹¹ (DM 4.13.2-3)

O Filho, no entanto, defende a profecia, o astrólogo e o destino. Seus argumentos são variados. Em primeiro lugar, o astrólogo fez diversas previsões, tanto boas quanto ruins e de forma direta, sem qualquer tipo de ambiguidade:

Aceitai a primeira prova de uma ciência corretíssima: um homem, o qual era consultado sobre um parto, não confundiu ou turvou a resposta, nem por várias

⁸⁹ *Negant posse ii quibus non placet esse certum quid futurum sit. Videsne igitur quae dubia sint ea sumi pro certis atque concessis? Deinde contorquent et ita concludunt: “non igitur et sunt di nec significant futura”; id enim iam perfectum arbitrantur. Deinde adsumunt: “Sunt autem di”, quod ipsum non ab omnibus conceditur. “Significant ergo.” Ne id quidem sequitur; possunt enim non significare et tamen esse di. “Nec, si significant, non dant vias aliquas ad scientiam significationis.” At id quoque potest, ut non dent homini, ipsi habeant; cur enim Tuscis potius quam Romanis darent? “Nec, si dant vias, nulla est diuinatio.” Fac dare deos (quod absurdum est); quid refert si accipere non possumus? Extremum est: “est igitur diuinatio.” Sit extremum, effectum tamen non est; ex falsis enim, ut ab ipsis didicimus, uerum effici non potest. Iacet igitur tota conclusio.*

⁹⁰ *Si omnia fato, quid mihi diuinatio prodest?*

⁹¹ *Sentit pater, quanta sit praedicti sceleris inmanitas, et ideo temptat efficere, ut mathematicam artem non putetis, ac modo contendit non esse fatum, et cuncta casu fortuitoque decurrere, modo, etiam ut prouidentia regantur, non posse tamen humana scientia deprehendi. Dum utrumque colligo, interim apud grauitatem uestram depono sensisse aliquid etiam patrem, cum metuit. Ego mathematicum probaui dixisse uerum, ille cre(di)dit esse dicturum.*

ambiguidades espalhou erro desconcertante. Nada foi dito de forma que atraísse e dirigisse a interpretação da audiência àquilo que ele preferisse. Entretanto, nisto está toda a lógica de enganar: não dar ao que consulta aquilo que exige, mas, por meio de obscuridade e grande quantidade de promessas falsas, deixar as pessoas saírem em tal estado de incerteza que o que quer que traga o acaso, pensem ter sido previsto. Mas, naturalmente, pode ser que isto tenha sido um método de fingimento, o fato de que falava de eventos usuais, comuns, nos quais o futuro pai facilmente acreditaria, e de bom grado ouviria? ‘Um herói’, falou, ‘tornar-se-á o teu filho’. Eu pergunto, para quem está mentindo, em que ponto seria melhor parar de falar?⁹² (DM 4.15.1-3)

Nenhuma de suas previsões falhou, todas se mostraram verdadeiras⁹³:

Mas nem mesmo a credibilidade do astrólogo falhou em relação a qualquer momento ou sua ordem: não se enganou com o número de filhos, com o sexo do recém-nascido, em relação à minha juventude e minha robustez. Aquelas circunstâncias também, as quais, por assim dizer, concordavam externamente, confirmaram o oráculo: a guerra, o inimigo, a linha de batalha, até àquela idade, na qual podíamos desempenhar um papel heroico.⁹⁴ (DM 4.4.3-4)

Isso corrobora a existência do destino e torna o pedido do filho ainda mais urgente, pois ainda resta mais uma profecia a se cumprir:

Mas até quando deduzirei pela razão o que já foi provado pelo desfecho? O que o astrólogo disse, sem qualquer ambiguidade, não pode ser dissimulado por qualquer artifício. A parte da resposta que está para acontecer tu já viste através da outra ocorrência, e o que especialmente tortura minha alma: a virtude foi o fiel da balança para o delito. A autoridade da resposta foi revelada quando, em relação às duas previsões, uma se tornou realidade, e não poderias duvidar de sua veracidade sempre que fatos incertos concordam com as experiências. De acordo com a resposta, à qual tudo deu resultado, não pode acontecer que seja falsa somente aquela, a que foi a última.⁹⁵ (DM 4.18.1-3)

⁹² *Accipite primam certissimae scientiae probationem: homo, qui de partu consulebatur, non confudit turbauitque responsum, nec per uarias ambages indeprehensibilem sparsit errorem; nihil ita locutus est, ut illud audientium interpretatio traheret dirigeretque, quo mallet. Atquin in eo tota ratio fallendi est, non dare consulentibus quod deponant, sed caligine magnaue promissorum uanitate suspensos sic dimittere, ut, quicquid casus attulerit, putent esse praedictum. An scilicet haec fuerit ratio fingendi, quod dicebat usitata, communia, quae futurus pater facile crederet, libenter audiret? “Fortiter,” inquit, “faciet filius tuus.” Rogo, ubi magis desinit, qui mentitur?*

⁹³ Quinto concorda com o pensamento de que basta uma previsão se confirmar para que a adivinhação como um todo se prove verdadeira, como se vê em *Diu.* 1.32.71; 1.55.125.

⁹⁴ *Sed nec mathematici fides circa momentum aliquod (ne)que cessauit ordine[m]: non numerus fefellit, non sexus in partu, non iuuenta, non robur. Illa quoque, quae uelut extrinsecus consentiebant, adfuere responso: bellum, hostis, acies ad illam ipsam, qua fortiter facere poteramus, aetatem.*

⁹⁵ *Sed quousque ratione colligam, quod exitu iam probatum est? Quod nullis mathematicus dixit ambagibus, nullis dissimulari artibus potest. Partem responsi futuram in alio opere iam uidisti, et, quod praecipue torquet animum, fides sceleris uirtus fuit. Explicata est auctoritas responsi, cum de duobus praedictis unum factum est, nec possis de ueritate dubitare, quotiens cum incertis experientia consentiunt. In responso, cui cuncta cesserunt, fieri non potest, ut hoc solum falsum sit, quod nouissimum est.*

Além disso, o funcionamento da astrologia é desenvolvido pelo Filho, que narra de que forma tudo está conectado em seu universo e como as constelações influenciam na disposição da alma e da mente de cada um:

Todos – tal como é bastante aceito entre os sacerdotes dessa arte sagrada – recebem da natureza dessas constelações, por meio das quais todas as coisas são geradas no momento de seu nascimento, as propriedades especiais da alma e as futuras formas das mentes e dos corpos. Certa pessoa foi tocada pela errância de uma divindade vagante: ela passará a vida de um lado a outro. Uma estrela plácida marcou a concepção de outra pessoa: será famoso pela moderação e gentileza. Uma constelação ardente se incendiou na hora do nascimento: inflamará igualmente a força física e o comportamento. Outro nasceu sob uma constelação fraca, já em declínio no céu: a juventude se ralenta pela debilitante maior vagareza dos membros, semelhante à velhice. Agora, se o fulgor tiver iluminado a alguém um dos principais deuses, ele se levantará ao comando do povo. [...] É forçoso que os eventos futuros, os quais não nascem de forma precipitada⁹⁶, enviem antecipadamente pistas mais manifestas. Deste modo, o alvoroço do oceano e o murmúrio consciente da mata revela futuras tempestades, deste modo as tochas ardentes no céu e a chama de longas caudas dos corpos celestes precedem os destinos dos povos prestes a perecer.⁹⁷ (DM 4.16.1-3; 5)

O Filho questiona ao pai após descrever o funcionamento do mundo: “Tais elementos, acreditas que foram dispostos em todo lugar de forma fortuita?”⁹⁸ (DM 4.13.5). Ele descreve que cada indivíduo “é marcado com uma propriedade especial da vontade divina, intimamente vinculada a ele, e em toda a brevidade de sua existência, assim moldado e consolidado, recebe o que está por vir como se recebesse a vida.”⁹⁹ (DM 4.14.2). No entanto, apesar de nada disso ser fortuito em seu pensamento, sua escolha de palavras deixa espaço para a ação da sorte, sem que isso prejudique sua crença. Ele fala em propriedades da alma ou da vontade divina, futuras formas das mentes e corpos. O que parece estar descrito aqui é uma propensão, não uma obrigação. Ele possui outros argumentos além desses que dão força ao seu argumento, como demonstrado acima, mas ele também deixa claro que está lutando supostamente contra o próprio destino. Se

⁹⁶ Mesmo argumento de Quinto em *Diu.* 1.56.127-8, que defende a existência de presságios que denunciam o que está por vir e que se repetem, fazendo com que seja possível identificá-los.

⁹⁷ *Omnes, sicuti apud sacrae artis antistites satis constat, animae proprietates et futuras mentium corporumque formas ex illorum siderum qualitate, quibus in ortu suo cuncta gignuntur, accipiunt. Aliquis uagi numinis errore perstrictus est: uitam transiget ille discursibus. Placida conceptum stella signauit: erit modesta lenitate conspicuus. Ardens nascentis horam sidus accendit: uiribus pariter moribusque flagrabit. ... languido iam uergentis in procliuie mundi: hebescentibus tardior membris similis senectae iuuenta pigrescet. Iam si cui principalium deorum fulgor inluxerit, in populi consurget Imperium. [...] Necessse est et maiores notas uentura praemittant, quae non temere nascuntur. Sic futuras tempestates pelagi fragor et consciuum nemorum murmur enuntiat, sic periturorum fata populorum ardentis caelo faces et crinita siderum flamma praecurrit.*

⁹⁸ [...] ista credis passim fortuitoque disposita?

⁹⁹ [...] consociata numinis proprietate signatur et in totam aevi sui breuitatem compositum firmatumque sic accipit futura quasi uitam.

ele luta contra o próprio destino, existe, então, a sorte: “[...] o que está em questão é que nosso perigo não é o mesmo para um e para outro: tu corres o risco de ser morto, eu de matar meu pai contra minha vontade.”¹⁰⁰ (DM 4.5.9). Não há uma determinação completa, portanto: é uma questão de risco. O Filho admite a incerteza e diz que seria justificável matar-se por uma questão menor, o que reforça ainda mais sua motivação: “Se o astrólogo tivesse me avisado sobre danos aos meus membros, ou grave e contínua debilidade do meu corpo, perdoaríeis a quem foge de tantos males, mesmo que incertos.”¹⁰¹ (DM 4.12.1). Ele não quer de forma alguma esperar pelo futuro, uma vez que pode tomar uma ação imediata para impedir o que tanto teme. Nada fazer seria o mesmo que confessar a culpa:

Devo morrer como um criminoso, se o astrólogo disse a verdade, e como um miserável, se ele mentiu. E quanto ao fato de que ele disse que eu seria um parricida? Adiante! Encaminhem-lo ao experimento para que lhe demos crédito! É mais aceitável lidar, por meio da razão, com as incertezas do futuro, que variar de acordo com as diversas persuasões e com os mais loquazes engenhos dos corações humanos. Foi dito que eu haveria de me tornar um parricida; se posso depois disso viver, não sou inocente, mesmo se não o fizer.¹⁰² (DM 4.12.3-5)

Ele até mesmo usa contra o pai sua própria fala de que não é possível que o parricídio se realize: “Para mim há uma razão maior para morrer se o parricídio não pode acontecer, e eu acredito que estou prestes a realizá-lo.”¹⁰³ (DM 4.19.2). Se o parricídio não pode acontecer, é porque ele pode evitá-lo com seu suicídio, então isso apenas corrobora seu argumento. Ele deseja que o pai clame que a astrologia é falsa depois que estiver em completa segurança, com ele já morto: “Então, quando já com os últimos beijos e derradeiro abraço estiveres satisfeito, afastando-te, neste momento é permitido com as mãos levantadas ao céu proclamar: ‘Astrólogo, mentiste!’”¹⁰⁴ (DM 4.22.3). Tal incerteza estava presente nas práticas divinatórias romanas orientadas para o futuro, que tinham mais a ver com obter instruções para a ação com maior probabilidade de sucesso do que ter conhecimento de um futuro determinado:

¹⁰⁰ [...] non idem utriusque nostrum discrimen agitur: tu mori periclitaris, ego patrem inuitus occidere.

¹⁰¹ Si mihi mathematicus denuntiasset damna membrorum, grauem corporis perpetuumque languorem, ignosceres tanta mala uel incerta fugienti.

¹⁰² Mori debeo tamquam nocens, si mathematicus uerum dixit, tamquam miser, si mentitus est. Quid, quod me futurum dixit parricidam? En quem mittamus in experimentum, cui credamus! Placet potius futurorum incerta[m] tractare ratione[m] quam ad diuersas persuasiones et ad loquacissima humanorum pectorum ingenia uariari[s]. Parricidium dictus sum factururus; si possum post hoc uiuere, non sum innocens, etiamsi non fecero.

¹⁰³ Maior mihi ratio moriendi est, si parricidium fieri non potest, et ego me credo facturum.

¹⁰⁴ Deinde cum iam nouissimis oculis supremoque discedens satiatus fueris amplexu, tunc te fas est sublati ad caelum manibus proclamare: 'mathematice, mentitus es!'

Os auspícios eram tomados para garantir que uma ação particular seria o mais bem sucedida possível, mas isso não é o mesmo que dizer que um resultado definitivo foi decidido. A sorte tinha seu papel. [...] Em Roma, tomar os auspícios servia para obter conselho sobre como fazer a coisa certa na hora certa. Em outras palavras, ao tomar os auspícios o indivíduo escolhia o melhor futuro, implicando a existência de opções que permaneciam desconhecidas. [...] As incertezas eram abordadas de outras formas também, principalmente ao se perguntar questões instrutivas: conhecimento do que fazer no presente era obtido e isso parece ter tido um papel relativamente mais importante do que tinha na Grécia.¹⁰⁵ (BEERDEN, 2013, p. 216-7)

Flower (2008, p. 117) afirma que o contexto é determinante para a interpretação na adivinhação. É isso que faz com que um erro não acabe com a crença nesse sistema e dá *status* científico para a investigação da natureza realizada pelo intérprete. Havia muitos motivos para não se alcançar o resultado esperado. Quinto (*Diu.* 1.14.24) diz que qualquer arte está sujeita a erros e nem por isso são refutadas, pois elas dependem da conjectura humana e os humanos erram¹⁰⁶. Desse modo, a falha de um médico, um timoneiro e um comandante não causa o declínio da medicina, da navegação e das estratégias militares. Embora a profecia da DM fosse direta e certa, ela ainda parece submeter-se a essa incerteza da ação humana¹⁰⁷. Em relação à literatura, Flower (p. 119-20) diz que a adivinhação está muito ligada à ideia de punição para aqueles que ignoram um presságio, algo que pode ter surgido da noção que estava na origem da própria adivinhação, de que os deuses punem aqueles que lhes desobedecem. Desse modo, a crença da comunidade alimentaria as histórias míticas envolvendo a adivinhação que, por sua vez, alimentariam o medo humano de desconsiderar algo que fazia parte da crença de sua comunidade. Quinto também estabelece uma relação muito importante entre a adivinhação literária e a experiência real da adivinhação, ao falar dos sonhos: “Essas coisas, ainda que tenham sido inventadas pelo poeta, não faltam na linguagem habitual dos sonhos.”¹⁰⁸ (*Diu.* 1.21.42). Ele pode estar falando de literatura, mas os exemplos que fornece fazem parte também da experiência cotidiana romana. O Filho, diversas vezes ao longo da DM 4, diz que considera a astrologia uma ciência ou que ela é sustentada pela razão:

¹⁰⁵ *The auspices were taken to ensure that a particular action would be as successful as possible, but this is not to say a definitive outcome had been decided. Chance played its part. [...] In Rome, taking the auspices served to obtain advice about how to do the right thing at the right time. In other words, by taking the auspices one chose the best future, implying the existence of options which remained unknown. [...] Uncertainties were addressed in another way, too, mainly by asking instructive questions: knowledge of what to do in the present was obtained and this seems to have played a relatively larger role than it did in Greece.*

¹⁰⁶ Outro momento em que Quinto menciona a falha dos intérpretes está em *Diu.* 1.52.118; 1.54.124.

¹⁰⁷ Quinto também chama a atenção para o aspecto artificial da adivinhação natural: por causa de sua obscuridade ela também necessitava de intérpretes, seja de sonhos, de vaticínios ou de oráculos. (*Diu.* 1.51.116)

¹⁰⁸ *Haec, etiamsi ficta sunt a poeta, non absunt tamen a consuetudine somniorum.*

E então, aos poucos, a mente humana, encorajada a prestar atenção de forma cuidadosa àquilo que nos espanta, lançou seu engenho sagrado aos segredos da natureza, e a partir de assíduas observações e pistas recorrentes, com a razão alcançou as causas, deduzidas do que está oculto.¹⁰⁹ (DM 4.14.3)

A fala acima se assemelha muito com a definição de adivinhação artificial e com o que Quinto diz em relação aos presságios:

E, assim como nas sementes há a essência das coisas que são produzidas por elas, nas causas estão escondidos os acontecimentos futuros, os quais a mente arrebatada ou relaxada pelo sono discerne, ou a razão ou a interpretação presente. Assim como os que conhecem o nascer, o pôr e o movimento do sol, da lua e dos demais astros predizem muito antes qual desses fatos acontecerá e em que momento, os que notaram o andamento das coisas e a sucessão dos acontecimentos através de um longo exame, sempre, ou, se isso for difícil, quase sempre, e se nem mesmo isso não for concedido, ao menos algumas vezes sabem o que acontecerá. E certamente esses e também outros argumentos desse tipo, sobre o porquê de a adivinhação existir são provenientes do destino.¹¹⁰ (*Diu.* 1.56.128)

A ideia é a de que, assim como a observação da natureza leva à previsão de seus fenômenos, também pode levar à previsão dos acontecimentos humanos. Os argumentos expostos pelo Filho, portanto, confirmam o *status* de ciência da adivinhação:

Não concebo o que possa ser mais seguro no engenho de uma verdadeira ciência que dizer o que acontecerá e então acontecer o que se dissera. Se a natureza, a razão, as experiências, e também meu pai, que acreditou que deveria se consultar, provam o fato de que a astrologia é uma ciência, resta que demonstremos que o astrólogo, o qual sobre o passado não podemos provar que mentiu, disse a verdade sobre o futuro.¹¹¹ (DM 4.14.5-6)

Essa enumeração também está presente no *De Diuinatione*, depois da exposição de diversos argumentos a favor da adivinhação a partir de Quinto:

¹⁰⁹ *Paulatim deinde hoc, quod stupemus, animus ausus diligenter adtendere in arcana naturae sacrum misit ingenium, et ex adsidiuis obseruationibus notisque redeuntibus latentium ratione collecta peruenit ad causas.*

¹¹⁰ *Atque ut in seminibus uis inest earum rerum quae ex iis progignuntur sic in causis conditae sunt res futurae quas esse futuras aut concitata mens aut soluta somno cernit aut ratio aut coniectura praesentit. Atque ut ii qui solis et lunae reliquorumque siderum ortus, obitus, motusque cognorunt, quo quidque tempore eorum futurum sit multo ante praedicunt, sic qui cursum rerum euentorumque consequentiam diuturnitate pertractata notauerunt aut semper, aut, si difficile est, plerumque, quodsi ne id quidem conceditur, non numquam certe, quid futurum sit intellegunt. Atque haec quidem et quaedam eiusdem modi argumenta cur sit diuinationis ducuntur a fato.*

¹¹¹ *Non inuenio, quid esse possit certius uerae artis ingenium quam dicere quid futurum sit, fieri deinde quod dixerit. Quod si esse artem mathematicam probant natura, ratio, experimenta, pater quoque, qui creditur consulendum, superest, ut ostendamus uerum dixisse de futuris, quem de praeteritis non possumus probare mentitum.*

Portanto, por que há de se pôr em dúvida que as coisas sobre as quais discorri não sejam de todo verdadeiras, se do meu lado estão a razão, os acontecimentos, os povos, as nações, os Gregos, os bárbaros e até os nossos antepassados, se, por fim, sempre se pensou assim, se os grandes filósofos, os poetas, os homens mais sábios, os que constituíram as repúblicas, os que fundaram as cidades? Acaso esperamos até que as bestas falem? Não estamos contentes com o testemunho unânime dos homens?¹¹² (*Diu.* 1.39.84, com breves adaptações)

Ambos contam com o apoio da razão e da experiência para sustentar a veracidade de suas afirmações, além do argumento de autoridade que, para o Filho, virá do astrólogo e, para Quinto vem de diversos nomes considerados respeitáveis e importantes. Por último, o Filho diz que “agora, se por outro lado alguém pensa que esses eventos são fortuitos, não sendo percebidos como ciência, o que está no futuro talvez possa acontecer por acaso. Não pode ocorrer por acaso o que foi previsto.”¹¹³ (DM 4.17.1). Aqui ele concede também a existência do acaso, mas não admite que seja acaso o que foi previsto. Quinto diz: “Pode ser obra do acaso algo que tenha em si todos os indícios da verdade? [...] Pois certamente as coisas são de tal maneira que jamais o acaso imita a verdade com perfeição.”¹¹⁴ (*Diu.* 1.13.23). Mais uma vez existe a sorte, mas os argumentos apontam para o destino. É possível ver aqui a circulação dos argumentos a favor da adivinhação. Ao final de sua defesa, Quinto ressalta que a adivinhação é proveniente de deus, do destino e da natureza e é a própria razão que prova a existência do destino: “A partir disso entende-se que destino não é isso que se diz supersticiosamente, mas isso que se diz filosoficamente, a causa eterna das coisas, o porquê tais coisas que se passaram aconteceram, as que são iminentes acontecem e as que se seguem acontecerão.”¹¹⁵ (*Diu.* 1.55.125-6). Essa defesa filosófica do destino demonstra de que forma a adivinhação poderia ter uma ampla credibilidade nas sociedades antigas. Cícero discorda dessa posição¹¹⁶, é claro, mas se ele discorda é porque havia pessoas que concordavam, como fica claro a partir do livro I. Leslie Kelly analisa dessa forma o diálogo entre Quinto e Cícero:

¹¹² *Quid est igitur cur dubitandum sit quin sint ea quae disputavi uerissima, si ratio mecum facit, si euenta, si populi, si nationes, si Graeci, si barbari, si maiores etiam nostri, si denique hoc semper ita putatum est, si summi philosophi, si poetae, si sapientissimi uiri, qui res publicas constituerunt, qui urbes condiderunt? An dum bestiae loquantur exspectamus, hominum consentiente auctoritate contenti non sumus?*

¹¹³ *At si nunc ista putet aliquis fortuito, non arte sentiri, possit fortasse casu euenire, quod futurum sit; non potest casu fieri, quod praedictum est.*

¹¹⁴ *Quicumque potest casu esse factum quod omnes habet in se numeros ueritatis? [...] Sic enim se profecto res habet ut numquam perfecte ueritatem casus imitetur.*

¹¹⁵ *Ex quo intellegitur ut fatum sit non id quod superstitione, sed id quod physice dicitur, causa aeterna rerum cur et ea quae praeterierunt facta sint et quae instant fiant et quae sequuntur futura sint.*

¹¹⁶ *Diu.* 1.3.5; 2.28.60; 2.39.83; 2.41.85; 2.70.145.

[...] Cícero parece ter escolhido o diálogo não para persuadir o leitor a aprovar uma visão ou a outra, mas para expô-las de forma completa. Os argumentos apoiando a adivinhação são apresentados assim como os argumentos contrários. As visões adotadas por cada participante em um diálogo não são necessariamente as suas próprias.¹¹⁷ (2018, p. 53)

Restam dois questionamentos: por que a astrologia foi escolhida como a prática divinatória em destaque na DM 4 uma vez que não estava entre as práticas divinatórias romanas tradicionais? Qual sua importância durante o Império romano? O Filho, já no início da declamação, exalta a figura do astrólogo:

Retomarei agora, senadores, aquele cuja habilidade, cuja reputação foi comentada, e que meu pai pensou que haveria de visitar, porque tinha medo? Um homem o qual, e disso eu tenho certeza, merecera, por meio de muitos testes, que as preocupações e medos dos homens buscassem refúgio nele, da mesma forma que nos oráculos dos deuses e no peito preenchido pelo sacro espírito. Diz-se que ele, depois de inspecionada a estruturação de todo o céu, e distribuídas em categorias as constelações, ficou espantado com a visão dos meus destinos públicos e privados, e mais aterrorizado que o próprio cliente, face a tão grande acumulação de acontecimentos tristes e prósperos, por um longo tempo não expressou com palavras o que via.¹¹⁸ (DM 4.3.4)

Ele iguala o astrólogo aos adivinhos inspirados. Cícero destaca que a astrologia era uma prática vinda dos assírios, que habitavam regiões planas e tinham maior facilidade para observar os céus; posteriormente os caldeus teriam criado uma ciência a partir dessas informações, determinando que os movimentos dos astros influenciariam o destino humano (*Diu.* 1.1.2). Suas críticas a esse modo de adivinhação consistem em admitir que, de fato, se pode prever o movimento dos astros, mas essa seria uma ciência que nada tem a ver com a astrologia, pois não se pode estabelecer uma relação natural entre esses movimentos e os acontecimentos da vida de um indivíduo (*Diu.* 2.6.17). Há, portanto, uma relação possível de causas e consequências estabelecidas na natureza, mas não é possível demonstrar essa relação da mesma forma que prega a astrologia (*Diu.* 2.14.33-4). Cícero então fornece uma série de exemplos que a refutam: a configuração do céu no momento do nascimento não pode prever nada, uma vez que irmãos gêmeos não possuem vidas parecidas (*Diu.* 2.43.90); a distância real entre os astros

¹¹⁷ [...] *Cicero seems to have chosen the dialogue form, not in order to persuade the reader to endorse one view or the other, but rather to lay them out in full. The arguments supporting divination are presented as well as arguments against it. The views espoused by each participant in a dialogue are not necessarily his own.*

¹¹⁸ *Referam nunc, P.C., cuius artis, cuius fuisse dicatur auctoritatis, quem putavit adeundum, qui sic timebat? Homo qui, quod certum habeo, plurimis meruerat experimentis, ut ad ilium uelut ad oracula deorum plenumque sacro spiritu pectus hominum sollicitudines metusque confugerent, dicitur inspecta totius ratione caeli, digestis sideribus in numeros ad publici priuatique fati stupuisse conspectum, et tanta prosperorum tristiumque congerie magis ipso consultore perterritus diu non commississe uerbis quod uidebat.*

medida pelos matemáticos demonstra que eles estão muito distantes uns dos outros e da terra para exercer qualquer influência (*Diu.* 2.43.91); não acontecem as mesmas coisas com pessoas nascidas sob o mesmo céu (*Diu.* 2.44.92); o céu muda de acordo com a localidade (*Diu.* 2.44.93); não faz sentido dizer que acontecimentos tão longínquos afetam os nascimentos e acontecimentos próximos, como o clima ou, para ser mais realista, a criação dos pais, não (*Diu.* 2.45.94); pessoas que nascem com algum problema físico podem corrigi-lo e homens que nascem em locais diferentes possuem diferentes disposições da alma e do corpo (*Diu.* 2.46.96); indivíduos que morrem ao mesmo tempo ou que destacam-se de alguma forma não nasceram sob o mesmo céu (*Diu.* 2.47.97); se a astrologia está correta então todos os seres vivos devem obedecer à sua lei, não somente os homens (*Diu.* 2.47.98); muitas previsões da astrologia se mostraram errôneas (*Diu.* 2.47.99).

Em que pesem as críticas de Cícero, parece que a astrologia era uma prática comum durante o Império, como veremos adiante. O filósofo também dá a entender que o uso dos oráculos estava em declínio em seu tempo, por conta de seu descrédito (*Diu.* 1.19.38; 2.57.117), assim como o dos auspícios, que já não eram tão corriqueiros (*Diu.* 2.36.76). Kelly (2018) afirma que os escritos sobre a adivinhação eram frequentes durante o período imperial (p. 52-3). Sendo ela uma prática tão institucionalizada em Roma, havia uma tensão entre o poder estabelecido e o tipo de adivinhação privada realizada na DM 4, por exemplo, em que algum indivíduo comum procurava um adivinho para resolver determinada questão, o que poderia ser evidência contra o argumento do declínio da adivinhação:

Em relação aos profissionais privados, o Estado tinha uma relação complicada com esse grupo. Havia três formas principais com as quais o centro imperial interagia com os profetas que não eram designados pelo Estado romano: (1) o Estado tentava controlar elementos perigosos; (2) profetas e profecias eram usados para legitimar, para dar o selo de aprovação divina a imperadores ou pretendentes a imperador; e (3) imperadores interagiam com profetas e oráculos em seu papel de apoiadores e árbitros da religião tradicional. A adivinhação de qualquer tipo sempre teve o potencial de ser subversiva. Até mesmo adivinhos aprovados pelo Estado apelavam para uma autoridade maior que aquela do imperador. [...] Os imperadores ocasionalmente baniam profissionais privados. Os imperadores não queriam ver seus subordinados em contato direto com o divino e, portanto, queriam controlar o acesso ao divino, mas nunca tinham completo sucesso nisso.¹¹⁹ (KELLY, 2018, p. 57)

¹¹⁹ *As for private practitioners, the state had a complicated relationship with this group.³⁷ There were three main ways that the imperial center interacted with prophets who were not appointed by the Roman state: (1) the state attempted to control dangerous elements; (2) prophets and prophecy were used to legitimize, to set the seal of divine approval, on emperors or imperial pretenders; and (3) emperors interacted with prophets and oracles in their role as supporters and arbiters of traditional religion. Divination of any type always had the potential to be subversive. Even state-sanctioned diviners were appealing to a higher authority than that of the emperor. [...] The emperors occasionally produced bans against private, individual practitioners. Emperors did not want to see their*

A autora prossegue dizendo que as leis contra a adivinhação eram direcionadas a práticas particulares e que “a astrologia era considerada particularmente perigosa, pois abria espaço para a especulação em relação ao destino do imperador”¹²⁰. Por outro lado, os imperadores usavam a adivinhação não oficial para se legitimarem como tal e muitas vezes suas biografias eram acompanhadas de profecias a respeito de seu governo (p. 58-9). Suetônio, por exemplo, em *A Vida dos Doze Césares*, narra as experiências favoráveis de Augusto e Vespasiano com a adivinhação. Em relação a Júlio César, temos o relato das profético envolvendo sua morte:

De fato, prodígios ruidosos anunciaram a César a morte que lhe preparavam. Poucos meses antes, na colônia de Cápua, vários colonos para ali conduzidos, em virtude da lei Júlia, destruíram antigas sepulturas para, em seus lugares, construir casas. Empenhavam-se cada vez mais nessa operação, à medida que encontravam nas suas escavações numerosos pequenos vasos antigos, quando, no monumento em que Cápis, fundador de Cápua, teria sido sepultado, eles descobriram a seguinte inscrição em caracteres de língua grega: ‘Quando os ossos de Cápis forem desenterrados, um descendente de Júlio perecerá pela mão de seus semelhantes, mas logo será vingado por grandes calamidades na Itália.’ Este fato não poderia ser tido como falso ou inventado, pois tinha como testemunha Cornélio Balbo, amigo íntimo de César. Nos últimos dias da sua vida, teve notícia de que as quadrilhas de cavalos que ele consagrara ao passar o Rubicão, deixadas a pastar em liberdade e sem guardadores, recusaram toda alimentação e derramaram lágrimas copiosas. Enquanto César imolava uma vítima, advertiu-o o arúspice Spurina de que se prevenisse de um perigo que lhe correria depois dos idos de março. Nas vésperas destes mesmos idos, pássaros de diferentes espécies, saídos de um bosque vizinho, perseguiram e fizeram debandar dali uma pomba que pousara, com um ramo de loureiro, na cúria de Pompeu. Na noite anterior ao dia do assassinato, durante o sono sentiu que ora voava por sobre as nuvens, ora apertava a mão de Júpiter. Calpúrnia, sua mulher, sonhou, também, que a cumeeira da casa caía e que seu marido estava trespassado por golpes no peito. E, de repente, as portas do seu quarto de dormir abriram-se, por si sós. Estes presságios todos, ligados ao mau estado de saúde, fizeram-no hesitar por muito tempo sobre se devia ficar em casa e adiar a sua tarefa no Senado. Décimo Bruto, porém, o exortava a não faltar ao compromisso com os senadores que já se achavam reunidos e o esperavam. Decidiu, afinal, sair às cinco horas. Quando passava, certa pessoa entregou-lhe um bilhete em que lhe denunciava a conspiração. Ele o misturou, entretanto, com outros papéis que tinha na mão esquerda, pensando, naturalmente, em lê-los sem demora. A seguir, após haver imolado várias vítimas sem obter presságios favoráveis, entrou na Cúria, zombando da religião e de Spurina, chamando-o de mentiroso, pois para ele os idos de março haviam chegado sem nenhum

subjects in direct contact with the divine and therefore wanted to control access to the divine but could never be totally successful.

¹²⁰ *Astrology was considered to be particularly dangerous as it opened up an avenue for speculation as to the fate of the emperor.*

acidente. A isso, responderam-lhe ‘que tinham chegado, mas não tinham passado ainda’¹²¹ (*Jul. Caes.* 81, tradução de Sady Garibaldi)

Os imperadores também financiavam oráculos e intervinham na interpretação e proteção de profecias concernentes ao Império (p. 59-60). No entanto, o hábito de proibir certas práticas era tão frequente entre eles que foi registrada por Ulpiano deste modo:

[...] Além disso, foi proibida a astuta impostura e a obstinada persuasão dos astrólogos. Nem decidiu-se proibir essas coisas hoje pela primeira vez, mas essa proibição é antiga: de fato existe um decreto do senado feito quando Pompônio e Rufo eram cônsules em que é estipulado que aos matemáticos, caldeus, adivinhos e outros, que fizeram um empreendimento similar, sejam vetadas a água e o fogo e todos os seus bens sejam confiscados, e se isso for feito por estrangeiros, que seja punido com a morte. [...] Frequentemente, de fato, foi proibido quase por todos os imperadores se meter de qualquer forma com tolices desse tipo e que aqueles que o fizerem sejam punidos de diversas formas, na medida, é claro, de sua consulta. Pois aqueles que perguntam sobre a saúde do imperador são punidos com a pena capital ou por outro castigo de efeito mais grave [...]¹²² (*Mos. et Rom. legum coll.* 15.2)

David Potter (1994, p. 177) afirma que, mesmo com as proibições, as evidências demonstram que as pessoas as ignoravam e continuavam procurando adivinhos. De fato, a astrologia era muito popular durante o Império, sendo frequentemente utilizada na consulta privada e até mesmo se tornando tão comum quanto o haruspício, como afirma John Scheid

¹²¹ *Sed Caesari futura caedes euidentibus prodigiis denuntiata est. Paucos ante menses, cum in colonia Capua deducti lege Iulia coloni ad extruendas uillas uetustissima sepulcra dis[s]icerent idque eo studiosius facerent, quod aliquantum uasculorum operis antiqui scrutantes reperiebant, tabula aenea in monumento, in quo dicebatur Capys conditor Capuae sepultus, inuenta est conscripta litteris uerbisque Graecis hac sententia: quandoque ossa Capiis detecta essent, fore ut illo prognatus manu consanguineorum necaretur magnisque mox Italiae cladibus uindicaretur. Cuius rei, ne quis fabulosam aut commenticiam putet, auctor est Cornelius Balbus, familiarissimus Caesaris. Proximis diebus equorum greges, quos in traiciendo Rubiconi flumini consecrarat ac uagos et sine custode dimiserat, comperit pertinacissime pabulo abstinere ubertimque flere. Et immolantem haruspex Spurinna monuit, caueret periculum, quod non ultra Martias Idus proferretur. Pridie autem easdem Idus auem regaliolum cum laureo ramulo Pompeianae curiae se inferentem uolucres uarii generis ex proximo nemore persecutae ibidem discerpserunt. Ea uero nocte, cui inluxit dies caedis, et ipse sibi uisus est per quietem interdum supra nubes uolitare, alias cum Ioue dextram iungere; et Calpurnia uxor imaginata est conlabi fastigium domus maritumque in gremio suo confodi; ac subito cubiculi fores sponte patuerunt. Ob haec simul et ob infirmam ualitudinem diu cunctatus an se contineret et quae apud senatum proposuerat agere differret, tandem Decimo Bruto adhortante, ne frequentis ac iam dudum opperientis destitueret, quinta fere hora progressus est libellumque insidiarum indicem ab obuio quodam porrectum libellis ceteris, quos sinistra manu tenebat, quasi mox lecturus commiscuit. Dein pluribus hostiis caesis, cum litare non posset, introiit curiam sprete religione Spurinnamque irridens et ut falsum arguens, quod sine ulla sua noxa Idus Martiae adessent: quanquam is uenisse quidem eas diceret, sed non praeterisse.*

¹²² [...] *Praeterea interdictum est mathematicorum callida impostura et obstinata persuasione. nee hodie primum interdici eis placuit, sed uetus haec prohibitio est: denique extat senatus consultum Pomponio et Rufo cons. factum, quo cauetur, ut mathematicis Chaldaeis ariolis et ceteris, qui simile inceptum fecerunt, aqua et igni interdicatorum omniaque bona eorum publicentur, et si externarum gentium quis id fecerit, ut in eum animaduertatur. [...] saepissime denique interdictum est fere ab omnibus principibus, ne quis omnino huiusmodi ineptis se immisceret, et uarie puniti sunt hii qui id exercuerunt, pro mensura scilicet consultationis. nam qui de principis salute, capite puniti sunt uel qua alia poena grauiore adfecti [...]*

(2003, p. 125). Assim se configuram, portanto, a importância da astrologia durante o Império e a função da adivinhação na sociedade romana. Pode-se dizer que a adivinhação lida com o sobrenatural, uma vez que seu propósito é a comunicação com os deuses, mas seu papel na religião e sua institucionalização demonstram como analisá-las somente desse ponto de vista pode se mostrar insuficiente. De qualquer modo, a DM 4 encaixa-se em uma complexa relação entre a tradição literária e aspectos culturais da vida romana.

3 RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS: O MITO E A FAMÍLIA ROMANA

Em uma atuação contra uma profecia que acaba realizando, Crono engole os próprios filhos, temendo ser destronado pela própria prole. (Hes. *Theog.* 453-62). O conflito familiar tem início com uma predição do próprio Zeus, em uma distorção cronológica, que é então revelada para Crono por meio da Terra e do Céu: “Pois soube da Terra e do céu constelado / que lhe era destino por um filho ser submetido / apesar de poderoso, por desígnios do próprio Zeus.”¹²³ (Hes. *Theog.* 463-5)¹²⁴. Crono, portanto, temendo a própria submissão, tenta extinguir sua linhagem, o que é um motivo para depois ser enganado e derrotado por Zeus: “Rápido o vigor e os brilhantes membros / do príncipe cresciam. E com o girar do ano, / enganado por repetidas instigações da Terra, soltou a prole o grande Crono de curvo pensar, / vencido pelas artes e violência do filho.”¹²⁵ (Hes. *Theog.* 492-6). Lembrando que Crono destronou o pai, Céu, que detestava os próprios filhos e os mantinha dentro da Terra (Hes. *Theog.* 154-82), percebemos que o conflito de gerações, portanto, comparece de maneira proeminente na literatura antiga desde seus primeiros registros.

Em muitas declamações, os conflitos familiares figuram como assuntos centrais que levam à necessidade de resolução jurídica e penal. Madrastas cruéis ou interesseiras (DM 1, 2 e 6), acusações de maus tratos de uma das partes de um casal (DM 8 e 10), incesto (DM 18 e 19) e tentativas de envenenamento de membros da família (DM 2, 17) aparecem recorrentemente no gênero. Dentre as possíveis querelas que surgem dentro do núcleo familiar, algumas das mais comuns envolvem parricídio ou a tensão entre pais e filhos que pode ser levada até às últimas consequências (DM 5, 17, 18 e 19). Tal representação parece ser reflexo de certa percepção socialmente difundida sobre o desequilíbrio de poder atribuído à autoridade paterna frente à submissão filial.

Na DM 4, entretanto, a narrativa parece se distanciar do estranhamento entre pais e filhos. Nela, o personagem do Filho não guarda ressentimento em relação ao pai e tenta salvá-lo com a própria vida – o personagem do Pai não quer que seu filho morra e se opõe ao seu pedido de suicídio, indo contra a própria profecia que marcou a trajetória de seu nascimento. Em diversos momentos da DM 4, é possível constatar como o relacionamento dos dois é

¹²³ πεύθετο γὰρ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος, / οὐνεκά οἱ πέπρωτο ἐφ’ ὑπὸ παιδί δαμῆναι / καὶ κρατερῶ περ ἔοντι, Διὸς μεγάλου διὰ βουλᾶς.

¹²⁴ Todas as traduções da Teogonia são de Jaa Torrano.

¹²⁵ καρπαλίμως δ’ ἄρ’ ἔπειτα μένος καὶ φαίδιμα γυῖα / ἠὔξετο τοῖο ἄνακτος: ἐπιπλομένων δ’ ἐνιαυτῶν / Γαίης ἐννεσίησι πολυφραδέεσσι δολωθεῖς / ὄν γόνον ἄψ ἀνέηκε μέγας Κρόνος ἀγκυλομήτης / νικηθεῖς τέχνησι βίηφί τε παιδὸς ἑοῖο.

caracterizado de forma bem diferente do que encontramos em outras declamações do gênero, afinal, todo o esforço do Filho consiste em impedir que a profecia do parricídio seja consumada. Como exemplo, cabe citar: menção do Filho sobre a piedade do pai e sua inocência em relação ao destino: “Não tenho, infeliz em meus pensamentos, algo que eu não tema, e o crime, o qual rejeita, em meu favor, a piedade do meu pai, por causa de sua inocência singular, eu sinto, aturo e reconheço.”¹²⁶ (DM 4.1.3); menção da própria piedade: “Acreditai, senadores, para que não espereis algo mais da miserável piedade que tenho pelo meu pai.”¹²⁷ (DM 4.2.3); demonstração de orgulho do Pai, que não parece temer a própria morte: “Agora, em relação ao meu pai, que me mantém vivo, contra minha vontade, não me admira, porque até agora está espantado pela alegria recente da glória, e todo voltado com os olhos e a alma para meus feitos, sem enxergar o parricida por trás do herói.”¹²⁸ (DM 4.2.4); pedido ao senado pelo bem-estar de seu pai: “[...] para mim garanti a salvação de meu pai, a minha inocência, a decência face às circunstâncias.”¹²⁹ (DM 4.6.3); visão paterna de que todo filho merece ser salvo: “Não têm tolerância nem com a perda justa de um filho, e entre punições e castigos, ainda assim, somos todos inocentes para eles, todos desafortunados.”¹³⁰ (DM 4.7.5), ao que o Filho argumenta: “Eu, senadores, por respeito, por amor filial, incito essa intolerância comum a todo velho.”¹³¹ (DM 4.7.6); menção da boa relação entre pai e filho: “Tu te enganas, se contra as inevitabilidades previstas acreditas ser suficiente que eu seja um bom filho, e tu sejas um ótimo pai.”¹³² (DM 4.18.5); “Sé é da vontade divina, em nome do que quer que eu tenha feito, em nome dessa mesma afeição em relação a mim, por causa da qual ainda não começaste a me temer, tem misericórdia, não queiras que teu filho, que perece pela piedade, tenha um fim de parricida.”¹³³ (DM 4.22.1); “Esse afeto com o qual desejaras nos manter, transfere aos meus ritos funerais, com as tuas mãos prepara o corpo, constrói as piras, paga as oferendas do funeral.”¹³⁴ (DM 4.22.3). Por fim, o derradeiro medo de não conseguir salvar o pai, apesar de todos os pedidos e

¹²⁶ *Non habeo infelix in cogitationibus, unde non timeam, et facinus, quod sibi pro me pietas patris, quod singularis innocentia (ab)rogat, sentior, patior, agnosco.*

¹²⁷ [...] *fidem uestram, P.C., ne quid amplius de misera pietate speretis.*

¹²⁸ *Nam quod ad patrem pertinet, qui me retinet uiuere nolentem, non miror, quod adhuc recenti gloriae nostrae gaudio stupet, et in opera mea totus oculis animoque conuersus parricidam non uidet per uirum fortem.*

¹²⁹ [...] *mihi praestate salutem patris, innocentiam meam, temporum pudorem.*

¹³⁰ *non habent patientiam nec iustae orbitatis, et inter supplicia [nemo] poenasque omnes tamen illis innocentes, omnes miseri sumus.*

¹³¹ *Ego, is P.C., communem hanc impatientiam senis accendo pietate, reuerentia.*

¹³² *Falleris, si aduersus praedictas necessitates sufficere credis, quod ego bonus filius sum, quod tu optimus pater.*

¹³³ *Per ego, si fas est, quicquid feci, per hanc ipsam mei caritatem, qua me nondum timere coepisti, miserere, filium pietate pereuntem ne uelis exitum facere parricidae.*

¹³⁴ *Hunc quo nos retinere uoluisses, in suprema mea transfer adfectum, tuis manibus compone corpus, exstrue rogos, funeri iusta persolue.*

precauções, sendo essa a última declaração da DM 4: “Tenho medo de matar meu pai enquanto morro.”¹³⁵ (DM 4.23.4).

Muitas vezes durante o discurso, o Filho se dirige diretamente ao pai e refuta seus possíveis argumentos que tentam impedir seu suicídio. É claro, portanto, o tipo de relação entre pai e filho construída nesse discurso pelo(s) declamador(es). Entretanto, é possível ver no sétimo parágrafo, uma menção ao poder pátrio e como ele pode ser contornado pela parte sobre a qual ele incide:

Nem pensais, senadores, que a recompensa foi vetada por causa da contestação de meu pai. Escapamos, através do respeito aos nossos grandes feitos, da obrigação de sermos submissos, e, ou ao mesmo tempo vem a nós a grande liberdade proveniente do favor das virtudes contra o poder desse título (de pai), ou finalmente voltaremos, por livre escolha, à obediência completa. Que a autoridade do que se opõe não vos afete; não encontrarias ninguém que deseja morrer que não tenha alguém que proíba [...] ¹³⁶ (DM 4.7.3-4)

O Pai, supostamente, poderia vetar o pedido do filho no senado, mas este, por sua vez, diz que os grandes feitos realizados e a prova de sua virtude o livram da obrigação de ser submisso, se assim ele desejar. É essa possibilidade que o Filho invoca, clamando ser a vontade do pai irrelevante e, ainda, que todas as pessoas que desejam se matar estão sujeitas ao veto de quem os ama. Tal submissão mencionada do filho em relação ao pai origina-se da figura do *paterfamilias* e sua *patria potestas*, documentada na lei romana desde antes da República. De acordo com um dos ordenamentos legais consuetudinários romanos mais antigos, a *Lei das Doze Tábuas*, o pai teria o direito de vida e morte sobre os filhos. (XII Tab. 4)¹³⁷. O *Digesto* também menciona o pátrio poder¹³⁸, que é descrito desta forma por Ulpiano:

¹³⁵ *Metuo, ne patrem, dum morior, occidam.*

¹³⁶ *Neque est, P.C., quod excludi praemium putetis contradictione patris. Eximus per magnorum operum reuerentiam de necessitate parendi, et aut interim nobis magna uenit contra nominis huius potentiam de uirtutum fauore libertas, aut obsequia peracta demum optione repetemus. Non est, quod uos resistentis moueat auctoritas; neminem inuenias mori uolentem, qui non habeat aliquem uetantem [...]*

¹³⁷ A reconstrução do conteúdo das *Tábuas* é fragmentário e depende, muitas vezes, de especulação. Infere-se que a Tábua IV trata do direito do pai de família sobre a vida, morte e até mesmo venda de sua prole. Tal especulação se motiva, pela citação, entre outros autores, do jurista Papiniano (*Mos. et Rom. legum coll.* 4.8), que afirma que havia uma lei, que datava do período monárquico, com tal determinação. Allan Johnson, Paul Coleman-Norton e Frank Bourne (2003, p. 9) também destacam a discordância entre editores sobre o ordenamento e o conteúdo de cada tábua, pois as fontes são muitas vezes indiretas e imprecisas. No entanto, os autores afirmam que a escrita parecia obscura e breve até mesmo para a época, o que estimulou o surgimento de juriconsultos, que se especializaram na interpretação da lei.

¹³⁸ Apesar desse domínio delimitado pela lei, de acordo com as simulações de padrões de expectativa de vida em populações estáveis desenvolvidas por Ansley Coale e Paul Demeny e aplicadas por Richard Saller (1994) no contexto romano, era muito improvável que a maioria dos homens romanos adultos ainda estivessem submetidos ao controle de seus pais e essa probabilidade diminuiu drasticamente com o passar dos anos. Nas hipóteses mais otimistas, mais de um quarto dos filhos teriam perdido os pais ao atingir quinze anos, quase metade ao atingir vinte e cinco anos, e apenas um quinto ainda teria os pais vivos aos quarenta anos. Nas hipóteses mais pessimistas (e,

Entre os cidadãos romanos alguns são pais de família, outros filhos de família, algumas são mães de família, outras são filhas de família. São pais de família aqueles que têm poder próprio, quer sejam púberes ou impúberes. Do mesmo modo, as mães de família. São filhos e filhas de família os que estão sob poder de outro, pois quem nasce de mim e de minha mulher está sob meu poder; quem nasce também de meu filho e de sua mulher, isto é, meu neto e minha neta, estão igualmente sob o meu poder, como também meu bisneto ou bisneta e assim por diante.”¹³⁹ (Ulp. *Dig.* 1.6.4, p. 66, Tradução de Edilson Alkmim Cunha).

O *paterfamilias* é definido por Cunha (2010, p. 139) como “o supremo titular do chamado pátrio poder”: era alguém que estava no topo da hierarquia familiar e mantinha os descendentes sob seu comando. Tal submissão seria equivalente, de acordo com o autor, a uma forma de escravidão, uma vez que filhos podiam ser vendidos como escravos. Além disso, de acordo com Margaret Imber (2008, p. 161), “os filhos do *pater* não possuíam maiores direitos legais e econômicos que seus escravos.”¹⁴⁰. Para que o filho se libertasse de tal condição, era possível ao pai emancipá-lo. A emancipação do Filho, na declamação, portanto, de acordo com a lei, seria possível apenas sob o desejo do pai, mas ele demanda poder se libertar sozinho por seus feitos dentro do universo da declamação (o que pode ser devido ao seu direito de recompensa).

A relação entre pais e filhos pode ser observada além da poesia de Hesíodo, em especial no mito que parece estar tão interligado com o objeto de nosso estudo: o de Édipo. Nele, a profecia também aparece, e os esforços para impedi-la levam à tragédia anunciada. Tanto Laio, pai de Édipo, como o próprio Édipo tentam evitar o que parece ser o destino. Enquanto o pai busca se livrar do filho assim que este nasce, o filho não quer matar o único pai que conheceu, o adotivo, e vai embora de casa. A falta de maiores explicações na profecia declarada pelo oráculo e até mesmo nas respostas de outros adivinhos, como Tirésias, quando Édipo os questiona em *Édipo Rei*, leva ao fim indesejado e ao sofrimento das personagens envolvidas¹⁴¹.

de acordo com Saller, mais prováveis), um terço dos filhos não teria o pai vivo aos quinze anos, metade ao atingir os vinte anos, seis em dez ao atingir vinte e cinco anos e nove de dez ao atingir quarenta anos. Os números decaem ainda mais se a família não faz parte da elite romana.

¹³⁹ *Nam ciuium Romanorum quidam sunt patresfamiliarum, alii filiifamiliarum, quaedam matresfamiliarum, quaedam filiaefamiliarum. Patresfamiliarum sunt, qui sunt suae potestatis, siue puberes, siue impuberes; simili modo matresfamiliarum. Filiifamiliarum et filiae, quae sunt in aliena potestate. Nam qui ex me et uxora mea nascitur, in mea potestate est; item qui ex filio meo et uxore eius nascitur, id est nepos meus et neptis, aequae in mea sunt potestate; et pronepos et proneptis, et deinceps ceteri.*

¹⁴⁰ *The pater's children possessed no greater legal and economic rights than his slaves.*

¹⁴¹ Flávio Ribeiro de Oliveira (2015, p. 20) argumenta também que um dos problemas centrais dessa tragédia é a crença ou descrenças nos oráculos. Como Sófocles, a partir de sua análise, deixa em aberto se a profecia é verdadeira ou não, surge a incerteza em relação às previsões feitas e a se Édipo é realmente quem ele pensa ser ao final da peça.

Quando Édipo indaga Creonte, seu cunhado, por exemplo, assim se dá o diálogo: “ÉDIPO: que sentença do deus tu nos trazes? / CREONTE: Boa: digo que mesmo nossos fados / se tomarem rota certa, podem todos ter bom êxito / ÉDIPO: Mas qual é o oráculo? Pelo discurso presente, / não fico nem encorajado nem apreensivo.”¹⁴² (Sof. *Oed.* 86-90; p. 33)¹⁴³. Até mesmo quando ele é pressionado a dizer exatamente o que escutou em Delfos, a resposta não é esclarecedora: “Relatarei o que ouvi do deus. / rei Febo ordena abertamente que expulsemos / da terra a podridão nutrida neste solo, / e que não a nutramos a ponto de se tornar incurável.”¹⁴⁴ (Sof. *Oed.* 95-8, p. 35). Não fica claro de que forma é possível resolver a maldição que caiu sobre Tebas, uma vez que Édipo não conhece a própria linhagem e, se a conhecesse, ele não teria cometido os mesmos atos. No entanto, é revelado que o problema se solucionará se o assassinato de Laio, antigo rei de Tebas, for vingado.

Édipo, então, vai atrás de quem cometeu o crime e interroga Tirésias, famoso adivinho, que se recusa a responder diretamente: “TIRÉSIAS: Criticas minha irritação, mas não percebes a tua, / que mora contigo, e me censuras. / ÉDIPO: Quem não se irritaria ouvindo palavras como essas / com as quais agora tu desonras esta cidade? / TIRÉSIAS: Isso virá por si mesmo, ainda que eu o cubra com silêncio.”¹⁴⁵ (Sof. *Oed.* 337-41 p. 67). Tirésias, eventualmente, sugere que Édipo é o assassino de Laio, mas não explica como: “TIRÉSIAS: Na tua opinião somos tais, somos cretinos natos; / mas para os pais de que nasceste éramos sábios. / ÉDIPO: Que pais? Espera! De que mortal nasci? / TIRÉSIAS: Este mesmo dia vai te dar nascimento e ruína. / ÉDIPO: Como é por demais enigmático e obscuro tudo o que dizes!”¹⁴⁶ (Sof. *Oed.* 435-39, p. 80-1). Tirésias acaba revelando o que diz ser a verdade¹⁴⁷, mas Édipo não aceita: está em um estágio avançado da vida, é um herói, um rei por mérito próprio e nunca ficou sabendo do próprio passado. Ele prefere culpar outros a refletir sobre a própria suposta culpa. É então que Jocasta argumenta que os oráculos de nada valem:

¹⁴² Οιδίπους: τίν' ἡμῖν ἤκεις τοῦ θεοῦ φήμην φέρων; / Κρέων: ἐσθλήν: λέγω γὰρ καὶ τὰ δύσφορ', εἰ τύχοι / κατ' ὀρθὸν ἐξεληθόντα, πάντ' ἂν εὐτυχεῖν. / Οιδίπους: ἐστὶν δὲ ποῖον τοῦπος; οὔτε γὰρ θρασὺς / οὔτ' οὖν προδείσας εἰμὶ τῷ γε νῦν λόγῳ.

¹⁴³ Todas as traduções de *Édipo Rei* são de Flávio Ribeiro de Oliveira (2015).

¹⁴⁴ λέγοιμ' ἂν οἷ' ἤκουσα τοῦ θεοῦ πάρα. / ἄνωγεν ἡμᾶς Φοῖβος ἐμφανῶς ἀναξ / μίαισμα χώρας, ὡς τεθραμμένον χθονὶ / ἐν τῆδ', ἐλαύνειν μηδ' ἀνήκεστον τρέφειν.

¹⁴⁵ Τειρεσίας: ὀργὴν ἐμέμψω τὴν ἐμήν, τὴν σὴν δ' ὁμοῦ / ναίουσαν οὐ κατεῖδες, ἀλλ' ἐμὲ ψέγεις. / Οιδίπους: τίς γὰρ τοιαῦτ' ἂν οὐκ ἂν ὀργίζοιτ' ἔπη / κλύων, ἃ νῦν σὺ τήνδ' ἀτιμάζεις πόλιν; / Τειρεσίας: ἤξει γὰρ αὐτά, κἂν ἐγὼ σιγῇ στέγω.

¹⁴⁶ Τειρεσίας: ἡμεῖς τοιοῖδ' ἔφουμεν, ὡς μὲν σοὶ δοκεῖ, / μῶροι, γονεῦσι δ', οἳ σ' ἔφυσαν, ἐμφρονες. / Οιδίπους: ποίοισι; μείνον, τίς δέ μ' ἐκφύει βροτῶν; / Τειρεσίας: ἦδ' ἡμέρα φύσει σε καὶ διαφθερεῖ. / Οιδίπους: ὡς πάντ' ἄγαν αἰνικτὰ κάσαφῆ λέγεις.

¹⁴⁷ Como destacado na nota 137, apesar da tradição do mito de Édipo apontá-lo como um parricida, Sófocles não dá essa confirmação em sua versão (OLIVEIRA, 2015, p. 19).

escuta-me e aprende que não existe nada humano / que participe da arte profética. / Vou te mostrar provas concisas disso: / outrora chegou a Laio um oráculo – / não direi do próprio Febo, mas de seus ministros – / segundo o qual o seu destino era morrer / por obra de um filho que de mim e dele nascesse. / E a ele – diz-se – estrangeiros outrora / mataram, ladrões, numa tripla estrada; / e, do nascimento da criança, três dias não transcorreram / que ele lhe atou as articulações dos pés / e a atirou – pelas mãos de um outro – em monte impérvio. / Assim, Apolo não cumpriu o oráculo: / nem aquele se tornou assassino do pai, / nem Laio sofreu do filho o horror que temia. / E, tais fatos, as vozes mânticas os tinham determinado! / Não te inquietes nada com elas: aquilo cuja necessidade / um deus busca, ele mesmo facilmente fará aparecer.”¹⁴⁸ (Sof. *Oed.* 708-25, p. 122-3).

Édipo, horrorizado, revela a sua própria profecia, o que buscou em segredo ao saber que poderia não ser filho de quem o criou e, novamente, o oráculo não é claro e não dá a resposta em sua completude:

Escondido de minha mãe e de meu pai, viajo a Pito; / Febo me dispensa, sem honrar-me com a resposta que fui buscar, / mas manifesta-se com outras palavras, / miseráveis, horríveis, desgraçadas: / diz que devo me unir a minha mãe e que exporei / aos homens uma prole insuportável de se ver / e que serei o assassino do pai que me gerou / E eu, ao ouvir isso, calculei pelos astros / a posição da terra de Corinto e, para o resto da vida, / comecei a fugir para um lugar onde eu jamais visse / cumprirem-se as infâmias de meu triste oráculo. / Caminhando, chego àquelas plagas / nas quais dizes que esse rei foi morto.¹⁴⁹ (Sof. *Oed.* 787-99, p. 132-3).

Neste momento, o coro clama o declínio do divino se as profecias se provarem falsas, pois, desse modo, elas não poderão mais guiar a ação do homem. Tal predicamento ganha força com a morte de Pólibo, pai adotivo de Édipo, que então parece vencer a profecia, uma vez que não sabe ser da prole de Laio. Os oráculos, portanto, “[...] já não valem nada.” (Sof. *Oed.* 972, p. 155, [...] ἄξι' οὐδενός). O alívio de Édipo pouco dura, pois o mensageiro que traz a notícia da morte de seu pai revela que ele não deve temer a profecia, pois Pólibo não era seu verdadeiro pai. É então que o ciclo da profecia se completa: Édipo se reconhece parricida.

¹⁴⁸ ἐμοῦ 'πάκουσον, καὶ μάθ' οὐνεκ' ἐστὶ σοὶ / βρότειον οὐδὲν μαντικῆς ἔχον τέχνης. / φανῶ δέ σοι σημεῖα τῶνδε σύντομα. / χρησμὸς γὰρ ἦλθε Λαίῳ ποτ', οὐκ ἔρω / Φοῖβου γ' ἅπ' αὐτοῦ, τῶν δ' ὑπηρετῶν ἅπο, / ὡς αὐτὸν ἔξει μοῖρα πρὸς παιδὸς θανεῖν, / ὅστις γένοιτ' ἐμοῦ τε κάκεινον πάρα. / καὶ τὸν μὲν, ὡσπερ γ' ἡ φάτις, ξένοι ποτὲ / λησταὶ φονεύουσ' ἐν τριπλαῖς ἀμαξίτοις: / παιδὸς δὲ βλάστας οὐ διέσχον ἡμέραι / τρεῖς, καὶ νῦν ἄρθρα κείνος ἐνζεύξας ποδοῖν / ἔρριπεν ἄλλων χερσὶν ἄβατον εἰς ὄρος. / κἀνταῦθ' Ἀπόλλων οὔτ' ἐκείνον ἦνυσεν / φονέα γενέσθαι πατρὸς οὔτε Λαίῳ / τὸ δεινὸν οὐφοβεῖτο πρὸς παιδὸς θανεῖν. / τοιαῦτα φῆμαι μαντικαὶ διώρισαν, / ὧν ἐντρέπου σὺ μηδέν: ὧν γὰρ ἂν θεὸς / χρεῖαν ἐρευνᾷ, ῥαδίως αὐτὸς φανεῖ.

¹⁴⁹ λάθρα δὲ μητρὸς καὶ πατρὸς πορεύομαι / Πυθῶδε, καὶ μ' ὁ Φοῖβος ὧν μὲν ἰκόμην / ἄτιμον ἐξέπεμψεν, ἄλλα δ' ἄθλια / καὶ δεινὰ καὶ δύστηνα προύφηεν λέγων, / ὡς μητρὶ μὲν χρεῖη με μιχθῆναι, γένος δ' / ἄτλητον ἀνθρώποισι δηλώσοιμι ὄραν, / φονεὺς δ' ἐσοίμην τοῦ φυτεύσαντος πατρός. / κἀγὼ 'πακούσας ταῦτα τὴν Κορινθίαν, / ἄστροις τὸ λοιπὸν ἐκμετρούμενος, χθόνα / ἐφευγον, ἔνθα μήποτ' ὁμοίμην κακῶν / χρησμῶν ὀνειδίη τῶν ἐμῶν τελοῦμένα. / στείχων δ' ἰκνοῦμαι τούσδε τοὺς χώρους, ἐν οἷς / σὺ τὸν τύραννον τοῦτον ὄλλυσθαι λέγεις.

É exatamente nestes pontos levantados que o mito se distancia da DM 4. Nela, em relação ao astrólogo, o Filho questiona “Quem alguma vez, senadores, respondeu algo com tanta certeza?”¹⁵⁰ (DM 4.4.2). A profecia da declamação não é obscura, pelo contrário, é bastante clara, como é constantemente ressaltado durante o discurso:

Aceitai a primeira prova de uma ciência corretíssima: um homem, o qual era consultado sobre um parto, não confundiu ou turvou a resposta, nem por várias ambiguidades espalhou o erro desconcertante. Nada foi dito de forma que atraísse e dirigisse a interpretação da audiência àquilo que ele proferisse.¹⁵¹ (DM 4.15.1).

O Filho atesta a confiabilidade do astrólogo, que foi direto e não tinha o fito de enganar. Para ele, não faz sentido prever uma tragédia depois de acontecimentos tão prósperos e que deixariam seu pai satisfeito. Todas as suas profecias se provaram corretas pela ordem dos acontecimentos: (1) a criança nasce; (2) é do sexo masculino; (3) é criada apesar da profecia; (4) atinge a idade adulta; (5) é forte; (6) a guerra chega; (7) o filho vai para a guerra com o consentimento do pai; (8) o filho se torna um herói de guerra. Falta apenas a última: (9) o filho mata o pai. As circunstâncias em que a última parte da profecia se dá não são reveladas, o que pode dar espaço para certa dúvida, que o Filho procura sanar com todos os seus argumentos. Todas as formas de matar seu pai foram pensadas e analisadas, até mesmo a morte pelo acaso, que desconsidera a vontade ou o controle. No entanto, as diferenças com o mito de Édipo são mais gritantes, pois a profecia de fato é vista pelo Filho como algo que vai se realizar e, portanto, ela interfere sim com as questões humanas, ao contrário do que afirma Jocasta. A personagem do Pai não age contra as previsões do astrólogo, pelo contrário, desconfia dele e cria seu filho, sem temor ou ódio. Na DM 4, a forma encontrada de se frustrar a profecia é através da *mors uoluntaria*. A morte é encarada como a solução definitiva, pois não há chances de o parricídio ocorrer se seu futuro autor estiver morto. Além disso, o Filho passa a vida inteira vendo as etapas da profecia se cumprirem diante de si, e o que lhe possibilita evitá-la em sua completude é o fato de que a pior das previsões foi feita por último:

Na verdade, agradeço nominalmente ao destino crudelíssimo apenas por isso, o fato de que não colocou o crime máximo na primeira parte da minha vida, de que as virtudes precederam em primeiro lugar, de que fluiu a ordem inicial

¹⁵⁰ *Quis umquam, P.C., fiducia maiore respondit?*

¹⁵¹ *Accipite primam certissimae scientiae probationem: homo, qui de partu consulebatur, non confudit turbauitque responsum, nec per uarias ambages indeprehensibilem sparsit errorem; nihil ita locutus est, ut illud audientium interpretatio traheret dirigeretque, quo mallet.*

das grandes ocorrências. É possível, penso, tomar precaução contra o parricídio, pelo fato de que foi previsto por último.¹⁵² (DM 4.18.7)

Os problemas que Édipo enfrenta, portanto, não são os mesmos da personagem do Filho na DM 4. A relação mito/declamação já foi abordada por Graziana Brescia (2021), em uma discussão sobre as peculiaridades da DM 4 em relação ao mito de Édipo, tanto na escrita de Sófocles como na de Sêneca. Em uma investigação como a realizada acima, a autora afirma que o Filho parece ter lido o mito, pois consegue evitar todos os equívocos que levaram ao parricídio. É a partir de Mary Beard (1993) que Brescia define sua análise intertextual, focando nas declamações como “uma forma romana de fazer mitos”¹⁵³ (p. 33). Os mitemas edipianos da DM 4, também analisados por Pontes & Miotti (2020), portanto, passam por um processo de romanização:

Do *tema* já emergem dois mitemas constitutivos da história de Édipo: a profecia e o parricídio; eles interagirão em filigrana – determinando uma singular combinação – com componentes típicos do universo declamatório: a figura do *uir fortis*; a *lex scholastica* que lhe dá o direito de escolher uma recompensa; a regra que exige que o suicida exponha como autodenúncia (προσαγγελία) às autoridades os motivos de seu ato, para obter a aprovação e evitar a pena do não-sepultamento.¹⁵⁴ (BRESCHIA, 2021, p. 34)

Essa relação em filigrana, que entrelaça elementos do mito e do mundo romano, é o que permite evitar a profecia. Os personagens de Édipo acreditam que as previsões feitas são enganações, ao passo que são, ao mesmo tempo, “instrumento passivo do destino”¹⁵⁵ (2021, p. 35-6), ou seja, não possuem as ferramentas para evitá-lo, pois são eles que incorrem em engano por não saberem de toda a história. O Filho, por outro lado, sabe de sua história, reconhece todos os acertos do astrólogo e, por isso, acredita na astrologia e na realização da mais terrível de todas as previsões. Ele escolhe o próprio fim com a lucidez de um filósofo. Brescia também menciona o esvaziamento de motivos que poderiam levar ao parricídio no mundo romano: como já dito anteriormente, as personagens do pai e do filho mantêm uma boa relação e não há resquício de qualquer crueldade que possa levar a um fim tão extremo. Tal tabu romano é,

¹⁵² *Ago quin immo gratias hoc solo nomine crudelissimis fatiis, quod maximum facinus non in prima aevi mei parte posuerunt, quod praemissae sunt ante uirtutes, magnorumque operum prior ordo defluxit. Potest, puto, cauere parricidium, quod et praedicitur et nouissimum est.*

¹⁵³ *The study is based upon the insights of Mary Beard, who looks at declamation as a form of Roman mythmaking.*

¹⁵⁴ *Emergono già dal thema due dei mitemi costitutivi del racconto su Edipo: il vaticinio e il parricidio; essi interagiranno in filigrana – determinandone una singolare combinazione – con componenti tipiche dell’universo declamatorio: la figura del uir fortis; la lex scholastica che gli attribuisce la facoltà di scegliere una recompensa; la norma che richiede all’aspirante suicida di esporre con un’autodenuncia (προσαγγελία) alle autorità le ragioni del proprio gesto, per ottenerne l’approvazione ed evitare la pena della mancata sepoltura.*

¹⁵⁵ *Strumento passivo del destino [...]*

portanto, evitado, por meio da função reguladora do mito¹⁵⁶: “A metamorfose do herói trágico em *uir fortis* e no *sapiens* senequiano está completa. A comunidade está preservada da contaminação do parricídio.”¹⁵⁷ (BRESCIA, 2021, p. 48).

O conflito entre pais e filhos, abordado até aqui através da lei, do mito e da retórica, poderia, de certa forma, demonstrar que o poder ilimitado dos pais sobre a sua prole e família era motivo de tensão no mundo romano. Mario Lentano (2015), ao analisar o uso das palavras *parricidium* e *parricida* nas declamações, conclui que seu uso não é exclusivo para a definição de um filho que mata o pai e aparece também ligado a outros crimes familiares que não incluem a morte, podendo até mesmo abarcar a traição ou assassinato de patronos. De acordo com o *Oxford Latin Dictionary* (1968, p. 1299), *parricida* é aquele que (1) mata alguém próximo: o pai, a mãe e outras pessoas com quem mantém uma relação próxima; mata outras pessoas (chefes de estado, por exemplo); (3) arruína ou trai seu país; enquanto que *parricidium* tem a adição de (4) matar um amigo, um superior ou similares. A definição estaria mais próxima, portanto, do assassinato de pessoas do núcleo familiar ou íntimo, assim como de quem faz parte do governo e a própria traição da pátria em si. Lentano (2015) afirma, no entanto, que nos temas das declamações, os significados de *parricida* e *parricidium* figuram exclusivamente como a morte do pai pelo filho (o contrário não ocorre, uma vez que aquele possui direito de vida e morte sobre este) e que muitas vezes esse não é o tema central de uma declamação e sim um pretexto¹⁵⁸ para introduzir outro assunto:

[...] é evidente que nas *controuersiae* deste tipo o parricídio é um pretexto narrativo para falar de outras questões: a interpretação de expressões ambíguas como prova de inocência ou culpa, o uso de evidências que não são precisas [...], e o significado de enunciações feitas em um estado de incapacidade mental. [...] Também em questão está [...] o tratamento dado às profecias (na *Declamação Maior* de Pseudo-Quintiliano intitulada, não por acaso, de *Mathematicus*), entre outros.¹⁵⁹ (p. 138)

¹⁵⁶ Abordadas também por Beard (1993) e Pontes & Miotti (2020).

¹⁵⁷ *La metamorfosi dell'eroe tragico in uir fortis e in sapiens senecano si è compiuta. La collettività è preservata dalla contaminazione del parricidio.*

¹⁵⁸ Lentano (2015) calcula vinte e duas declamações em que o parricídio é mencionado no tema, um número não muito grande se comparado ao registro de quase trezentas declamações que temos preservadas (algo em torno de 7%). Isso que poderia indicar que as escolas de retórica não estariam tão preocupadas assim com esse assunto que por vezes é citado como muito recorrente, o que não seria uma verdade completa, pois o número pode ser acrescido das declamações em que o parricídio não é mencionado no tema, mas aparece ao longo da declamação.

¹⁵⁹ [...] it is evident that in *controuersiae* of this kind *parricide* is narrative cover for speaking about other issues: the interpretation of ambiguous expressions as proof of innocence or guilt, the use of unclear evidence [...], and the significance of utterances made in a state of mental impairment. [...] Also at issue is [...] the treatment of prophecies (in Ps. Quintilian's *Maior* entitled, not by chance, *Mathematicus*), and so on.

A referência à DM 4 é clara, e seu tema principal seria não o suposto futuro parricídio, mas a discussão que ele gera sobre a astrologia, por exemplo, entre outros assuntos abordados em nossa dissertação, que vão além da presente análise. No entanto, algumas observações de Lentano (2015) sobre a relação entre pais e filhos nas declamações que envolvem parricídio são valiosas para entender de que forma o enredo da DM 4 se constrói, o que é próprio dela e o que ela pega emprestado da tradição. O autor seleciona três *topoi* mais comuns desse tipo de declamação: (1) a menção à inconcebibilidade do parricídio; (2) a sequência anterior de crimes que prenunciam o parricídio; (3) uma espécie de presságio sentido pelo parricida que o leva a realizar o ato, junto com o que Lentano chama de “voz do sangue”, que toma conta dele quando está prestes a cometê-lo.

Em relação ao item (1), sempre parece figurar nas declamações que envolvem tentativa, suspeita e o parricídio em si, a discussão de ser este um crime inconcebível, quase que irrealizável. Na DM 4, especificamente, tal inconcebibilidade é utilizada como argumento pelo Filho para que os senadores desconsiderem a posição de seu pai perante sua decisão. Ele diz que “quem está para cometer um parricídio, acredita, quem está para perecer, não teme.”¹⁶⁰ (DM 4.1.3) e “[...] não concebo de que forma possa não cometê-lo se continuar vivo.”¹⁶¹ (DM 4.2.3). Em certo momento, ele traz a questão de que o pai perguntou sobre o crime considerado improvável e o astrólogo respondeu sem qualquer reserva: “[...] o astrólogo não pode estar mais errado sobre o futuro parricida que o pai em interrogar sobre isso”¹⁶² (DM 4.15.6). A resposta positiva era tão inacreditável quanto a pergunta, o que indica uma pequena chance de a previsão ser uma mentira. Mas, embora o Filho não duvide do crime que supostamente está prestes a cometer, seu pai não sente medo, pois continua não acreditando que o ato seja possível. “‘Não pode’, falou, ‘acontecer o parricídio.’ Queres que eu me admire, pai, se, ao que está por vir não se dá crédito, tal fato que, mesmo quando acontece, nele mal se acredita?”¹⁶³ (DM 4.18.4). Nesta passagem, o Filho fala sobre a dificuldade do pai em acreditar na profecia do parricídio, o que é razoável, pois em uma situação em que não houvesse previsão alguma e um filho cometesse tal crime, já seria inimaginável, por sua natureza hedionda, repulsiva. O Filho, então, constrói o argumento de que não importa o que seu pai pense, ele nunca acreditaria em tamanho

¹⁶⁰ *parricidium credit qui facturus est, non timet qui periturus est.*

¹⁶¹ [...] *non inuenio, quemadmodum illud possim non facere uicturus.*

¹⁶² [...] *at errare de futuro parricida non magis mathematicus potest quam pater interrogare.*

¹⁶³ *Vis mirer, pater, si non creditur futurum, quod, etiam cum factum est, uix creditur?*

ato de violência vindo dele. O senado deve, portanto, ignorá-lo, e focar nos argumentos do discurso, no futuro parricídio.

O item (2) é a sequência de crimes ou atos cada vez mais violentos que confirmam que o filho é capaz de cometer o parricídio. Lentano (2015) afirma que as palavras *parricida* e *parricidium* são utilizadas também para esse tipo de comportamento instável¹⁶⁴, que serve de alerta. Na DM 4, o Filho não possui qualquer conflito com o pai, como é tão comum nas declamações com essa temática. Ele não quer ser violento, não há qualquer briga ou discordância, a não ser o fato de que ele deseja matar-se para salvar o pai. Entretanto, tal decisão extrema é provocada também pelo descontrole sentido pela personagem, que alega instabilidade mental e incapacidade de controlar as próprias ações. Além disso, sua participação violenta na guerra é o que o filho toma como prenúncio do ato. Seus comportamentos instáveis na batalha, portanto, não são necessariamente contra o pai, mas tomam conta dele e o deixam mais próximo do crime que abomina.

Em primeiro lugar, o Pai pressente que algo está errado com a gravidez da esposa, pois a criança prestes a nascer parece inquieta e chuta a ponto de perturbar o sono do casal. Além disso, ele começa a ter sonhos igualmente perturbadores:

De fato, seja porque a prodigiosa fecundidade da infeliz esposa, com os agitados chutes, perturbou os abraços conjugais, seja porque, durante as noites inquietas e sonhos medonhos, o velho, abalado pelas imagens mortais, diz-se, reportou ao famosíssimo sacerdote das artes sacras não as esperanças, não as orações fervorosas, mas os suspiros, os medos e o sinistro terror de grande e incerto evento que desconheço.¹⁶⁵ (DM 4.3.2)

Este é o primeiro sinal da sequência de eventos que pode culminar em parricídio. A atuação do Filho na guerra, entretanto, parece ser a prova mais importante de seu potencial para cometer o crime. Ele foi considerado um herói por sua força e bravura durante a batalha, mas, em contrapartida, tal ação heroica não deixa de ser violenta, e o desejo de sangue não o abandona após o fim do combate. O Filho descreve:

[...] lutador imprudente, saltei no meio da espessa massa de inimigos, as linhas recuaram; sozinho invadi cada densíssima disputa, ninguém conseguiu resistir; desnudei os membros aos golpes contrários e expus minhas partes

¹⁶⁴ Os exemplos de comportamento instável descritos pelo autor são diversos e vão desde a discordância de ideias, desobediências e acionamento do pai na justiça até a violência física.

¹⁶⁵ *Sive enim miserae coniugis prodigiosa fecunditas tumultuosis pulsibus maritales inquietavit amplexus, seu per anxias noctes dirosque somnos feralibus senex imaginibus agitatus dicitur ad notissimum sacrae artis antistitem non spes, non auida uota, sed suspiria, metus et praesagum magni nescio cuius incerti detulisse pallorem.*

vitais, prontas para o ferro que de todo canto irrompia; as lanças caíram no vazio à minha volta.¹⁶⁶ (DM 4.5.1)

O claro desejo de ter uma morte heroica para não matar o pai se transforma num ímpeto homicida mais adiante. Sendo o mais preparado para a batalha, também o é para o ato mais violento de todos:

[...] a quem imediatamente, desde o primeiro momento do nascimento, foram-lhe atribuídas igualmente tanto a virtude como o crime, capaz igualmente de tudo o que é incrível e contraditório, apropriado para tudo quanto é dificuldade e excentricidade, miserável pelos delitos e, sem sua morte, culpado, no qual deveis odiar também essas mesmas virtudes.¹⁶⁷ (DM 4.12.7)

O herói e o parricida parecem ocupar lados opostos de uma mesma moeda e o Filho explora este argumento mais de uma vez. Em certo momento do discurso, ele discute a hipótese de ser a reencarnação de um criminoso capaz de atos hediondos (DM 4.16.4) e que deve ter havido pistas nos céus sobre seu futuro no momento de seu nascimento. Pistas estas que poderiam prenunciar sua futura vocação parricida, o que se confirma, de acordo com ele, pela sequência de eventos que se seguiu. Não é por acaso que ele matará o pai, isso é evidente por seu comportamento, que confirma seu destino:

É forçoso que os eventos futuros, os quais não nascem de forma precipitada, enviem antecipadamente pistas mais manifestas. Deste modo, o alvoroço do oceano e o murmúrio consciente da mata revela futuras tempestades, deste modo as tochas ardentes no céu e a chama de longas caudas dos corpos celestes precedem os destinos dos povos prestes a perecer.¹⁶⁸ (DM 4.16.5)

Finalmente, em relação à guerra, o Filho diz que sempre esteve predestinado para as armas, para a ferocidade e para o parricídio. Ele questiona se o pai não percebe a proximidade entre o que é necessário para ser um herói e o que é necessário para matá-lo:

O astrólogo disse que eu seria um herói de guerra e um parricida. Os dois são próximos, ainda que diferentes, são iguais em força, ainda que divirjam em intenção. O que, com efeito, me tornou diferente e notável na guerra senão o

¹⁶⁶ [...] *in medios hostium globos perditus pugnator exilui, cessit acies; densissima quaeque certamina solus inuasi, resistere nemo sustinuit; obuiis ictibus membra nudavi et ad incurrens ubique ferrum uitalia parata circumtuli; uacua circa me tela ceciderunt.*

¹⁶⁷ *cui in primis continuo natalibus adsignata est uirtus pariter et facinus, omnium incredibilium diuersorumque pariter capax, omnibus difficultatibus nouitatibusque sufficiens, sceleribus miser et, sine morte sua, nocens, in quo debeat ipsas quoque odisse uirtutes.*

¹⁶⁸ *Necesse est et maiores notas uentura praemittant, quae non temere nascuntur. Sic futuras tempestates pelagi fragor et conscium nemorum murmur enuntiat, sic periturorum fata populorum ardentes caelo faces et crinita siderum flamma praecurrit.*

fato de que não me contenho no massacre, não me satisfaço com o sangue – exultante sobre a carnificina da pilha de corpos – e caminho, ávido, sobre os cadáveres até então palpitantes? Tais fatos são virtuosos, quando se lida com os inimigos. É a paz que nos revela, e quando se esgota a ocasião justa para agir com violência, é forçoso que o ardor ocioso irrompa para o crime! Eis! Agora a paz foi oferecida ao Estado, porém para mim é mais importante estar com a minha espada. Por todos os dias manejo o ferro, volto meu olhar para minha armadura, minhas armas louvo, admiro, converso com elas. Acredita, pai: até mesmo o parricídio é tão fácil como se tornar um herói, quando cada um dos dois provém do destino.¹⁶⁹ (DM 4.17.4-6)

É neste trecho que o Filho explora todo o seu potencial parricida e procura estabelecer um paralelo com as qualidades necessárias para ser um herói corajoso e um criminoso repulsivo. A violência em um período de guerra pode ser justificada, mas continua sendo o que é, e se ela se manifesta no filho mesmo em períodos de paz, é um forte sinal de sua predisposição já anunciada. A situação encontrada nas declamações do tema até mesmo parece se inverter: não são os atos cada vez mais violentos do filho que culminam em parricídio, mas sim o parricida já anunciado dentro de si que o leva a cometer tais atos. Tudo o que acontece durante sua vida nada mais faz do que confirmar seu destino. É o descontrole puro e simples, portanto, que toma conta do filho e não uma reflexão que leva a um ato premeditado ou até mesmo no calor do momento, por algum motivo comum nas declamações, como desejo de liberdade ou herança, e o tratamento perverso do pai cruel:

Tu pensas que eu há pouco dispersei os inimigos graças à força dos meus braços? De acordo com o que narraram os prisioneiros, não sei qual visão de uma aparência monstruosa em mim disseram que os tomou de horror. Eu não atirava lanças, não lançava golpes, ardia, miserável, pelas tochas das Fúrias; e esse peito bloquearam não a couraça, não o ferro, mas as laçadas das medonhas serpentes. Aquilo não foi uma luta, não foi uma batalha: eu vencia na guerra através do parricida, meus feitos ultrapassaram a moderação das minhas forças humanas. O que quer que tenha acontecido foi loucura, insanidade.¹⁷⁰ (DM 4.20.5-6)

¹⁶⁹ *Virum fortem dixit et parricidam: uicina sunt haec, etiam ut dissimilia, paria uiribus, etiam ut mente dissentiant. Quid enim me aliud notabilem fecit in bello, quam quod non parco caedibus, cruore non satior, exultans super stratorum corporum strages, palpitantibus adhuc cadaueribus alacer insisto? Virtutis sunt ista, cum hostis contigit; pax est, quae nos deprehendit, et cum iusta grassandi materia consumpta est, in facinus necesse est otiosus ardor erumpat. Ecce iam rei publicae praebita est quies; mihi tamen plurimum est cum gladio meo: totis diebus tracto ferrum, ad arma respicio, tela mea laudo, admiror, adloquor. Crede, pater: et parricidium tam facile est quam fortiter facere, cum utrumque de fato est.*

¹⁷⁰ *Quid? Tu me lacertorum uiriumque beneficio strauisse nuper hostes putas? Quantum dicuntur narrasse captiui, nescio quem in me monstruosi uultus horruere conspectum. Non tela iaciebam, non iaculabar ictus; furialibus miser facibus ardebam, et pectus istud non lorica, non ferrum, sed diri serpentium clausurant nexus, non fuit illud pugna, non acies: in bello parricida uincebam, excesserunt opera mea humanarum uirium mediocritatem: quicquid factum est, rabies, insania fuit.*

A profecia não o deixa nem mesmo ser ferido. Algo que vai além da racionalidade o protege para que não vença seu destino e ao mesmo tempo o instiga em direção a ele. O filho dissocia, não tem mais controle sobre si mesmo: “Declaro, testemunho: eu não cometerei o parricídio, eu não cometi feitos heroicos.”¹⁷¹ (DM 4.21.1). Por um caminho inusitado, esse *tópos* se confirma na DM 4, e a profecia é a única explicação para o delito.

O item (3) se refere aos presságios que levam ao parricídio e à “voz do sangue” que assola o filho quando está prestes a matar o pai. A DM 4 está repleta de presságios do tipo, intensificados pela existência de uma profecia. O Filho não menciona sangue a não ser quando fala de seus inimigos no campo de batalha e nunca chega a estar prestes a matar o pai, mas denuncia as sensações que tomam conta de si quando os dois estão próximos. Ele diz logo no início da declamação:

Não somente o astrólogo previu isso para essas mãos, nesta geração e tempo; eu mesmo também creio que estou para cometer um parricídio. Mais relevante para mim do que o oráculo, do que o presságio sombrio da arte sacra, é o fato de que, para mim, minha alma faz a mesma ameaça. Não tenho, infeliz em meus pensamentos, algo que eu não tema, e o crime, o qual rejeita, em meu favor, a piedade do meu pai, por causa de sua inocência singular, eu sinto, aturo e reconheço.¹⁷² (DM 4.1.2-3).

Muitas menções, ao longo da declamação, são feitas à ameaça que se tornou a alma ou *animus* do Filho. Neste trecho, especificamente, ele revela que sente que cometerá o crime, ele sente o parricida dentro de si, somente esperando uma oportunidade – e isso faz com que ele tenha medo de estar perto do pai. Brescia (2021) seleciona a estrutura em *tricolon* ao final desse parágrafo como um dos trechos mais significativos e que demonstra o quanto o Filho se distancia de Édipo. Ele tem o conhecimento do que está prestes a realizar, ele sente, atura e reconhece, ao contrário da personagem do mito. No parágrafo seguinte, o Filho diz: “Além disso, se acreditais, isso que vós pensais ser firmeza, é fraqueza. Recorro ao fim, porque conheço minha alma.”¹⁷³ (DM 4.2.2). Se Édipo e demais personagens de sua trama são instrumentos passivos do destino, de acordo com o que é dito neste trecho, o Filho também é. Ele conhece seu destino e pode evitá-lo, mas somente se for bem-sucedido em seu intento, isto é, o suicídio. Ele não tem controle algum sobre suas ações, e chama isso de fraqueza. Mais

¹⁷¹ *Praedico, testor: non ego parricidium faciam, non ego fortiter feci.*

¹⁷² *Non solus mathematicus saeculo temporibusque praedixit has manus; et ego me parricidium credo facturum. Plus quam responsum, quam sacrae artis triste praesagium est, quod mihi sic minatur animus meus. Non habeo infelix in cogitationibus, unde non timeam, et facinus, quod sibi pro me pietas patris, quod singularis innocentia (ab)rogat, sentior, patior, agnosco.*

¹⁷³ [...] *quin immo, si qua est fides, hoc, quod uos constantiam putatis, infirmitas est. Quod ad suprema confugio, animum meum noui.*

adiante, quando ele menciona a guerra, tal consideração é feita: “Não trouxe as armas de volta para o meu pai; temi, na verdade, que ele corresse para me encontrar, enquanto eu retornava, e por meio de um abraço imprudente se jogasse em meus beijos e nas mãos agora cheias com as lanças vencedoras.”¹⁷⁴ (DM 4.5.4). O Filho revela mais um pouco sobre o medo que sente, que o faz evitar até mesmo ficar próximo de seu pai, caso ocorra uma inevitabilidade. Aqui, o receio é de uma morte não intencional. Ele continua, neste mesmo parágrafo: “Eu proclamo, sou testemunha: estamos paralisados na reta final do meu destino. Quando um parricida predestinado está pronto para morrer, ele está prestes a matar o pai.”¹⁷⁵ (DM 4.5.6). Falta, neste momento de sua vida, apenas uma previsão ainda por realizar, a do parricídio, e ele sente que o momento se aproxima.

O Filho, em diversos trechos da declamação, sente que está perdendo o controle de si mesmo, como já foi abordado em nosso trabalho. Ele não consegue viver conhecendo a profecia:

Mas há algo a mais com o qual me assusto, que me faz temer: é a minha alma, que tornou minhas mãos uma ameaça para mim, e desejou que não houvesse sequer um momento em que eu descansasse de forma segura e intrépida. Foi-me imposto a passar a vida entre ansiedade e medo. Que espaço para esperança e consolação existe em meio a tudo isso?¹⁷⁶ (DM 4.12.2-3)

Sem qualquer forma de se controlar, ele sente medo do que pode fazer com o pai: “Não sei que ferocidade prodigiosa me impele contra meu pai como uma lança e me pesa como um corpo que cai. Espera por mim um crime que é contra a lealdade – e de nada adiantará que eu não queira cometê-lo –, para o qual não há tempo, nem lugar, nem causa previstos.”¹⁷⁷ (DM 4.13.1). Esse é o ímpeto violento, impossível de ser domado e que parece ter acompanhado o Filho durante toda a sua vida, conforme se lê no parágrafo 14: “É por isso que qualquer ser que nasce é marcado com uma propriedade especial da vontade divina, intimamente vinculada a ele, e em toda a brevidade de sua existência, assim moldado e consolidado, recebe o que está

¹⁷⁴ *Ad patrem arma non rettuli; timui quin immo, ne mihi, dum reuertor, occurreret, ne in oscula mea plenasque adhuc uictricibus telis manus incauto rueret amplexu.*

¹⁷⁵ *Proclamo, testor: in nouissimo fati stamus abrupto, prope est, ut occidat patrem parricida praedictus, cum est mori paratus.*

¹⁷⁶ *Plus est, quod expauesco, quod timeo; minatus est mihi manus meas meus animus, nullumque uoluit esse momentum, quo securus intrepidusque requiescerem. Iussus sum uitam per anhelitus metusque consumere. Quis inter haec spei, quis consolationis est locus?*

¹⁷⁷ *Nescioquae me prodigiosa feritas in patrem uelut telum aliquod casurumque pondus librat, impingit. Facinus me manet, quod contra fidem est, quod profuturum mihi negatur ut nolim, cuius non tempus, non locus, non causa praedicitur.*

por vir como se recebesse a vida.”¹⁷⁸ (DM 4.14.2). Ele acredita estar marcado desde o nascimento e até mesmo menciona, valendo-se da lógica da metempsicose, que nele renasceu um espírito criminoso:

Se é verdade que, depois de vetustas gerações e anos incontáveis, novamente são restauradas as almas em outros corpos, talvez em mim tenha renascido alguém proveniente daqueles que, por cujo delito, o sol violado mudou subitamente o mundo, os quais, fugindo pelo mar e pela terra, provocaram as tochas das Fúrias e o terror dos deuses vingativos.¹⁷⁹ (DM 4.16.4)

Tudo o que sente é de sua natureza, pois ele estava destinado àquilo: “Eu estava renunciado para uma guerra, estava indicado para as armas, a ferocidade que estava por vir aduzia diante de si as calamidades públicas, e, de todos os males, estava designado para ser um parricida.”¹⁸⁰ (DM 4.17.1). Neste mesmo parágrafo é mencionada a vontade do filho de estar com a própria espada, mesmo quando a guerra acabou. Já ao final da declamação, o Filho menciona o estado de sua alma novamente:

‘O pai não pode ser morto’. Mas o que importa, se essa dificuldade não está segura em minha alma? Ultrapassa toda calamidade não acreditar em sua própria inocência, temer por dia e noite, ter como suspeita sua própria alma, acusar falsamente as mãos, repreender a visão e incitar pensamentos parricidas. Para mim, há uma razão maior para morrer se o parricídio não pode acontecer, e eu acredito que estou prestes a realizá-lo. Que esforço tu demandas de mim, pai, que violenta tolerância exiges! Tenho horror de teus beijos, de que um abraço muito forte esmague os membros senis. Não ousa aspirar a comer contigo, temendo que os alimentos que estendo se tornem veneno. Temo fazer parte da sua comitiva de viagem, fujo de todo lugar privado, com medo do que possa trazer a fortuna, o acaso. Até quando terei medo da minha alma?¹⁸¹ (DM 4.19.1-4)

Seu tormento, causado pelo descontrole, atinge o grau máximo neste parágrafo e no próximo, culminando nesta última declaração:

¹⁷⁸ *Inde est, quod quidquid nascitur, consociata numinis proprietate signatur et in totam aevi sui breuitatem compositum firmatumque sic accipit futura quasi uitam.*

¹⁷⁹ *Si uerum est post uetusta saecula et innumerabiles annos reddi rursus aliis corporibus animas, fortassis in me renatus sit aliquis ex illis, quorum scelere uiolatus dies mundum subito mutauit, quos (per) maria terrasque fugientes furiales faces et ultricum dearum terror agitauit.*

¹⁸⁰ *Praedicebar bello, monstrabar armis, agebat ante se uentura feritas publicas calamitates, et omnium malorum consummatione parricida ponebar.*

¹⁸¹ *‘Occidi non potest pater’; sed quid refert, si difficultas ista non est salua animo meo? Excedit omnem calamitatem innocentiae suae non credere, diebus ac noctibus timere, suspectum habere animum suum, calumniari manus, incausare uisus et parricidalem agere cogitationem. Maior mihi ratio moriendi est, si parricidium fieri non potest, et ego me credo facturum. Quem tu mihi, pater, imperas laborem, quam asperam exigis patientiam! Horreo oscula tua, ne seniles artus nimium grauis amplexus elidat. Non sustineo eosdem expetere conuictus, ne, quos porrexerim cibos, uenena fiant. Timeo eiusdem peregrinationis adire comitatum, omne fugio secretum, ne quid fortuna, ne quid afferat casus. Quousque timebitur animus?*

Denuncio a ti, pai, e confesso por suprema necessidade: essas mãos já não estão sob meu controle. Não comando a mão direita, não sou suficiente para retê-la. Vem aquele ardor que desconheço, não sinto, os olhos não o observam. E então começo a entender todas as coisas, depois de feitas.¹⁸² (DM 4.20.4).

O filho, então, esclarece todos os motivos que o levam a ter certeza de que matará o pai, os quais vão muito além de um presságio, mas que estão fora de seu controle e não possuem sequer uma única causa racional.

Além desses três *topoi* mais comuns nas declamações que envolvem parricídio, Lentano (2015) também menciona os lugares e tempos mais utilizados para este tipo de crime e que figuravam no imaginário romano e até em casos reais do tipo. Geralmente, o parricídio ocorre no quarto do pai ou em algum canto isolado da casa, que nunca é especificado, chamado de *secretum* ou *secreta pars domus*. Ele também pode ocorrer em viagens feitas somente entre pai e filho, ou seja, em lugares distantes e isolados. O tempo mais comum para sua realização é a noite. O autor define tais lugares e tempos como apartados da civilização:

Um crime tão extremo, um ato tão selvagem e impiedoso quanto o parricídio não pode ser contemplado e levado a cabo exceto em espaços e tempos que são isolados e escuros, abandonados, estranhos, longínquos – em uma palavra, marginais. Um crime tão indescritível só pode ter lugar além do ambiente ordenado da cultura, em um mundo habitado por piratas sanguinários e mercadores perversos, e em um tipo de isolamento e escuridão que quase antecipa a *poena cullei*, muitas vezes mencionada nas declamações como a punição que aguarda o parricida. (p. 146)¹⁸³

Na DM 4, o Filho declara que em relação ao crime que cometerá “[...] não há tempo nem lugar [...] ([...] *cuius non tempus, non locus* [...] DM 4.14.1), mas menciona todas as condições mais comuns listadas acima e até mesmo fala de envenenamento, que aparece com frequência também nas declamações, como já dito anteriormente. O filho não ousa comer com o pai, teme fazer parte de sua comitiva de viagem e foge dos lugares privados (que aparecem no texto como *secretum*), com medo do que pode trazer a fortuna. Ele afirma: “É claro que posso me vigiar, mas como sei o que traz a noite, o acaso, o erro? O astrólogo não disse que eu

¹⁸² *Denuntio tibi, pater, et de suprema necessitate confiteor: iam non sunt meae potestatis hae manus; non regere dexteram, non retinere sufficio. Venit ille nescioquis ardor, non sentio, non intuentur oculi. Tunc omnia incipio scire, cum gesta sunt.*

¹⁸³ *So extreme a crime, so savage and impious an act as parricide cannot be contemplated and undertaken except in spaces and at times that are isolated and dark, deserted, foreign, far away – in a word, marginal. A crime so unspeakable can take place only beyond the ordered environment of culture, in a world inhabited by bloodthirsty pirates and devious merchants, and in a sort of isolation and darkness that almost anticipates the poena cullei, often mentioned in declamation as the punishment that awaits the parricide.*

desejava esse futuro, mas que eu mataria.”¹⁸⁴ (DM 4.19.6). É novamente possível perceber as diferenças da narrativa dessa declamação em relação às outras, em que o filho está em um canto isolado planejando matar o pai, ou em que ele o leva para esses lugares com o parricídio em mente. O filho da DM 4 simplesmente não quer ficar sozinho com o pai em qualquer condição que seja, quanto mais em alguma dessas descritas. Ele não quer testar suas chances contra o acaso.

Em relação aos motivos que levam ao parricídio nas declamações, eles geralmente revelam a disfunção familiar romana. O pai muitas vezes é um *pater seuerus*, que utiliza de sua autoridade, conferida pela lei, para ser cruel com seu próprio filho, o que o leva a enxergar seu assassinato como uma maneira de se proteger. Outras vezes, o filho é o vilão da história, e quer matar o pai, pois cobiça o que pertence a ele, como seu dinheiro. Na DM 4, entretanto, o que vemos é um *pater indulgens* e um filho amoroso, que se guia pela *pietas*¹⁸⁵. O que impulsiona o enredo, por sua vez, é a profecia.

Embora Lentano (2015) aponte um número modesto de declamações em que o parricídio faz parte do tema, Lewis Sussman (1995) parte de uma outra perspectiva, dando ênfase no grande número de declamações em que homens jovens fazem parte da narrativa: 44,6% das *Controversiae* de Sêneca, 60,4% das de Calpúrnio Flaco, 33,8% das *Declamationes Minores* e 73,6% das *Declamationes Miores*. Além disso, mesmo que o parricídio não seja o assunto principal, muitas são as declamações em que o conflito envolve, de alguma forma, as relações familiares, principalmente entre pais e filhos. O autor afirma que tal ênfase poderia ter como motivação a aproximação com a realidade dos alunos das escolas de retórica que, em segundo plano, poderiam sentir-se reprimidos e ressentidos pela autoridade paterna, assim como os pais poderiam ter certo receio de seus próprios filhos. De fato, tais situações parecem, pelo menos, fazer parte do imaginário romano e manter alguns pontos de contato com o funcionamento de suas famílias.

Em relação à DM 4, especificamente, Sussman (1995), dá ênfase aos sentimentos ambíguos do filho em relação ao pai e mantém a sugestão de que existe “uma tentativa consciente de reprimir alguma antipatia primitiva inerente oculta nesse relacionamento

¹⁸⁴ *Me sane custodire possum, sed unde scio, quid adferat nox, casus, error? Mathematicus hoc non futurum dixit, ut uellem, sed ut occiderem.*

¹⁸⁵ Richard Saller (1994, p. 105-14) analisa a palavra *pietas*, definida como senso de dever e respeito em relação a uma autoridade (como o pai), mas que, com o tempo, foi adquirindo contornos de afeição não somente do filho em relação ao pai, mas também do pai em relação ao filho. Tal virtude, além disso, é considerada universal, natural e não se refere somente às relações masculinas e aristocráticas e podia ter muito pouco a ver com submissão e obediência, mas sim com devoção e altruísmo.

particular entre pai e filho”¹⁸⁶ (p. 189). Elaine Fantham (2011), ao analisar o grande número de declamações em que o filho é deserdado e fazer um paralelo com casos reais, também afirma que “mesmo filhos dóceis devem ter passado por muitas situações em que ressentiram ou teriam desejado escarnecer a autoridade absoluta de seus pais.”¹⁸⁷ (p. 82). Mark Vesley (2003) também discute o poder que o *paterfamilias* mantinha sobre a propriedade e o dinheiro e concorda com essa ideia, demonstrando como conflitos do tipo eram comuns nos tribunais. Como já dito, diferentemente de outras declamações, em que o pai é retratado como um sujeito cruel e o filho como um injustiçado que busca soluções extremas para enfrentar a repressão paterna, a DM 4 parece seguir outro caminho, e o filho destaca o sentimento de amor em relação ao seu pai, que não quer que ele morra. Mesmo assim, seus impulsos incontroláveis de violência parecem denunciar também certo ressentimento, talvez inconsciente.

Em que se pese a validade dessas hipóteses perante uma sociedade patriarcal, Richard Saller (1994), apesar de admitir certa tensão, afirma que a visão comum sobre a figura do pai na Roma antiga é muitas vezes errônea, estereotipada e exagerada, e que “não há dúvidas de que a *patria potestas* era um princípio central que organizava a lei romana sobre pessoas e propriedade, mas sua centralidade legal não justifica a leitura de que os poderes legais quase absolutos de um pai sobre seus filhos são uma descrição social das relações familiares.”¹⁸⁸ (p. 114-5). O autor também diz que não há muitas evidências que sustentem a ideia de que era comum que os pais recorressem ao direito de matar seus próprios filhos e que a lei não era irrestrita, os maiores exemplos sendo casos em que o filho ameaçou a segurança do Estado e não da família (o que ocorreria também se o pai cometesse tal tipo de crime). A crueldade dos pais em relação aos filhos não era bem-vista e, ao longo do tempo, houve “[...] uma evolução na qual a *patria potestas* foi gradualmente limitada pelos imperadores e assumiu uma característica protetiva ao invés de coercitiva.”¹⁸⁹ (p. 119-20).

De acordo com Margaret Imber (2008), os jovens romanos assimilavam valores por meio das declamações e seus personagens-tipo. Se os conflitos destes textos muitas vezes demonstram as consequências da ganância e da crueldade, nas relações entre pais e filhos, por

¹⁸⁶ [...] *conscious attempt to repress some hidden prima antipathy inherent in this particular father/son relationship.*

¹⁸⁷ *Even docile sons must have had many occasions when they resented and would have wished to flout their father's absolute authority.*

¹⁸⁸ *There is no doubt that patria potestas was a central principle organizing the Roman law of persons and property, but its legal centrality does not warrant reading the nearly absolute legal powers of a father over his children as a sociological description of family relationships.*

¹⁸⁹ [...] *an evolution in which patria potestas was gradually limited by the emperors and assumed a protective (rather than coercive) quality.*

outro lado temos exemplos de filhos devotados e pais benevolentes, assim como guinadas no rumo de narrativas decorrentes do mito, de forma a proteger esses mesmos valores. Podemos observar, então, uma válvula de escape retórica do imaginário romano, com personagens e enredos que se repetem, que ecoam e também são ecos das estruturas familiares, legais e morais de seu tempo. Em relação ao afastamento da DM 4 do realismo mais palpável das outras declamações do tipo e sua aproximação com o que poderia ser considerado fantástico, ficamos com a reflexão de Lentano (2015), de que o realismo das declamações tem mais a ver com as questões antropológicas levantadas pela narrativa do que com os mecanismos narrativos utilizados para que elas surjam.

4 ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA: A TESE, O EPICURISMO E O SUICÍDIO

Jocasta, quando está argumentando com Édipo que a arte da profecia não interfere nas questões humanas, diz “[...] aquilo cuja necessidade / um deus busca, ele mesmo facilmente fará aparecer.”¹⁹⁰ (Sof. *Oed.* 724-5, p. 72). O ponto de vista da personagem, portanto, é de que os adivinhos, pontes de comunicação entre o sobrenatural e o mundo dos mortais, seriam charlatões, pois se um deus deseja comunicar algo, ele mesmo o fará. Os deuses, portanto, interfeririam na vida humana, a profecia não. A questão levantada na peça de Sófocles, a saber, “o mundo é governado por uma Providência?” também ressoa nos campos filosófico e declamatório. A DM 4 tem, como protagonista de seu discurso, o Filho, que argumenta em favor de sua própria morte. Ele não deseja morrer por qualquer motivo que possa ser ligado a um distúrbio interno, mas, de forma altruísta, tenta impedir a profecia que o coloca como autor da morte do próprio pai. No entanto, apesar de não desejar morrer por razões próprias, o Filho articula uma série de argumentos que justificam o seu ato, em um discurso que o alça a um patamar filosófico digno de figuras como Sócrates, Sêneca e Catão e o adequa ao modelo da morte gloriosa pela ótica romana. Jefferson Pontes (2021) trata desse tipo de óbito sobre o qual falaremos mais adiante: “A morte descrita como ato genuíno, glorioso, em benefício da pátria, configura-se, na verdade, como um lugar comum da poesia antiga.”¹⁹¹ (p. 119-20).

Ao discorrer sobre o aspecto filosófico da DM 4, mais especificamente sua ligação com Sêneca e a filosofia estoica, Lucia Pasetti (2009) destaca a forma como o Filho deixa as circunstâncias específicas de sua situação de lado, iniciando uma reflexão geral sobre a morte voluntária. A passagem do particular para o geral, ou da hipótese à tese, é o movimento que, para a autora, transforma o *uir fortis* em *sapiens*. Porém, apesar de conflitos que transcendam o particular não serem incomuns nas declamações, muito se discute sobre o que pertenceria ao campo da filosofia e o que pertenceria ao campo da retórica, duas disciplinas que, desde os diálogos de Platão, são motivo de embate entre seus representantes. No que tange à educação dos romanos, por sua vez, a construção do *uir bonus* de Quintiliano parece uma tentativa de reconciliação entre as duas, em que a faceta do cidadão perito na arte de falar é indissociável de sua virtude. No entanto, a associação entre filosofia e retórica se estabelece também em uma

¹⁹⁰ [...] ὃν γὰρ ἂν θεὸς / χρείαν ἐρευνᾷ, ῥαδίως αὐτὸς φανεῖ.

¹⁹¹ Um dos exemplos do autor é a declamação 19 de Calpúrnio Flaco, em que um filho deserdado se oferece à morte para evitar os efeitos de uma epidemia, de acordo com as recomendações de um oráculo. Ele define seu suicídio como glorioso, a favor da pátria.

camada educativa mais básica, que será abordada adiante. Sobre o uso de ferramentas filosóficas pela retórica, Pasetti (2008) diz:

Responsável pela irritação dos filósofos, de acordo com diversas reconstruções da polêmica, [...] foi o crescente sucesso dos retóricos no campo educacional, com o risco de a retórica predominar sobre a filosofia na formação da classe dominante, primeiro grega, depois romana. A polêmica se estendeu também aos métodos e ferramentas, centrando-se no exercício da *thesis*, que os filósofos reivindicam como sua, negando-a aos retóricos.¹⁹² (p. 113)

A autora afirma que Hermágoras de Temno foi o primeiro orador a introduzir o uso da tese na retórica, em meados do século II AEC, estabelecendo a divisão entre *quaestio infinita*, ou *thesis*, e *quaestio finita*, ou *hypothesis*. A tese lidaria com o que é abstrato – situações em que as circunstâncias particulares, que fazem parte da hipótese, não figuram – da mesma forma que a filosofia se ocupa com questões gerais e a retórica supostamente trata das questões particulares, a exemplo dos conflitos forenses encontrados nas declamações. Winterbottom (2006), a partir de Filóstrato e sua obra *Vida dos Sofistas* (século III AEC), discute a separação entre dois tipos de sofística, em que a primeira, fundada por Górgias, se encarregava de temas filosóficos como a “[...] coragem, a justiça, heróis e deuses e a maneira pela qual o universo recebeu seu formato”¹⁹³ (p. 74), e a segunda se preocupava com casos particulares envolvendo personagens-tipo, como “[...] homens ricos e pobres, heróis de guerra, e tiranos [...]”¹⁹⁴ (p. 74), abarcando também o que viriam a ser as declamações. Os sofistas antigos (século V AEC), portanto, teriam lançado mão dos tópicos abstratos e ditos filosóficos antes da separação proposta por Platão e posterior introdução das teses nas declamações, por Hermágoras.

Tanto Pasetti como Winterbottom falam de Cícero e sua tentativa de reconciliação entre a filosofia e a retórica de seu tempo, já em um momento mais tardio de sua vida. Em sua juventude, no entanto, o orador critica justamente a divisão de Hermágoras:

Certamente Hermágoras nem parece prestar atenção no que diz, nem entender o que promete, ao dividir a matéria do orador em causa¹⁹⁵ e questão¹⁹⁶, dizendo que a causa é o que tem em si uma disputa estabelecida no discurso com a inserção de personagens determinados; da mesma forma que nós também

¹⁹² *Responsabile dell'irritazione dei filosofi, secondo diverse ricostruzioni della polemica, [...] il crescente successo dei retori in campo educativo, con il rischio che la retorica prendesse il sopravvento sulla filosofia nella formazione della classe dirigente prima greca, poi romana. La polemica si estese anche ai metodi e agli strumenti, focalizzandosi sull'esercizio della thesis, che i filosofi rivendicavano come proprio, negandolo ai retori.*

¹⁹³ [...] *courage, justice, heroes and gods, and the manner in which the universe received its shape.*

¹⁹⁴ [...] *poor men and rich men, war heroes and tyrants [...]*

¹⁹⁵ Equivalente à *hypothesis*.

¹⁹⁶ Equivalente à *thesis*.

dizemos que isso é atribuído ao orador (assim, colocamos sob ela aquelas três partes, sobre as quais falamos antes, a judicial, a deliberativa e a epidítica). A questão, por outro lado, ele chama o que tem em si uma disputa estabelecida no discurso sem a inserção de personagens determinados, deste modo: “Existe algum bem além da honestidade?”, “Os sentidos são verdadeiros?”, “Qual é o formato do mundo?”. “Qual é o tamanho do sol?”. Estimamos que todos facilmente entendem que essas questões remotas estão afastadas do ofício do orador. Certamente parece uma enorme insanidade atribuir ao orador, como se fossem pequenas, essas outras questões, nas quais entendemos que o mais elevado engenho dos filósofos com muito esforço consumiu-se.¹⁹⁷ (*Inv.* 1.8)

Três aspectos da visão madura de Cícero sobre o uso das *quaestiones* na retórica são distinguidos por Winterbottom: (1) até mesmo o orador forense não podia evitar falar de temas abstratos; (2) a marca do grande orador é saber se movimentar entre o geral e o particular; (3) preferência do uso de tópicos gerais no ensino. O autor, no entanto, defende ao longo de seu artigo que o que Cícero prega para o orador já era utilizado nas declamações pelo menos desde o período helenístico, na forma dos *progymnasmata*. O jovem aluno, deste modo, seria incentivado a falar de tópicos gerais, em um exercício que aguçava seu pensamento abstrato, tornando-se um dos recursos que estavam à sua disposição quando, mais velho, começasse a confeccionar discursos completos.

Certas questões gerais, portanto, são bem-vindas no campo da retórica, não com o mesmo objetivo de uma escola filosófica que discute tais temas, mas como aperfeiçoamento do futuro orador que muitas vezes não deixava de se inserir na tradição filosófica, por meio de sua educação¹⁹⁸. Como afirma Pasetti (2008):

Assim, se pelo lado filosófico a *thesis* constitui uma ferramenta dialética funcional para propor conteúdos doutrinários, desenvolvendo-se em um verdadeiro gênero de prosa semelhante à diatribe, pelo lado retórico ela é uma ferramenta funcional para a *amplificatio*: um meio de enriquecer o discurso com a introdução de materiais já elaborados pela filosofia¹⁹⁹ (p. 114-5)

¹⁹⁷ *Nam Hermagoras quidem nec quid dicat attendere nec quid polliceatur intellegere uidetur, qui oratoris materiam in causam et in quaestionem diuidat, causam esse dicat rem, quae habeat in se controuersiam in dicendo positam cum personarum certarum interpositione; quam nos quoque oratori dicimus esse adtributam (nam tres eas partes, quas ante diximus, subponimus, iudicalem, deliberatiuam, demonstratiuam). Quaestionem autem eam appellat, quae habeat in se controuersiam in dicendo positam sine certarum personarum interpositione, ad hunc modum: "ecquid sit bonum praeter honestatem?" "Verine sint sensus?" "Quae sit mundi forma?" "Quae sit solis magnitudo?" Quas quaestiones procul ab oratoris officio remotas facile omnes intellegere existimamus; nam quibus in rebus summa ingenia philosophorum plurimo cum labore consumpta intellegimus, eas sicut aliquas parvas res oratori adtribuere magna amentia uidetur.*

¹⁹⁸ Tal afirmação também está presente em Bonner (1949, p. 6).

¹⁹⁹ *Dunque se sul versante filosofico la thesis costituisce uno strumento dialettico funzionale a proporre contenuti dottrinali, sviluppandosi in un vero e proprio genere di prosa affine alla diatriba, sul versante retorico è uno strumento funzionale all' amplificatio: un mezzo per arricchire il discorso con l'immissione di materiali già elaborati dalla filosofia.*

A autora discorre sobre lugares-comuns²⁰⁰ filosóficos que aparecem tanto nas *suasoriae* como nas *controuersiae*. O orador, por sua vez, do ponto de vista das declamações, utiliza esse conhecimento compartilhado para a construção de situações-problema. Winterbottom (2006, p. 79) chama a atenção para o aconselhamento do uso desse mecanismo em Quintiliano (5.7.35), que utiliza a pergunta sobre a Providência descrita acima para estabelecer de que modo o orador pode lidar com ela em seu discurso. Traduzimos também parte do parágrafo 36, por considerarmos a continuação pertinente:

Se a isso alguém deseja adicionar o que chamam de evidências divinas, a partir de respostas e presságios oraculares, saiba que há duas maneiras de tratar delas: uma é o modo geral, no qual há uma disputa eterna que separa os seguidores Estoicos e os Epicuristas em relação a se o mundo é governado por uma providência; a outra é especial, referente a partes da adivinhação, na medida em que elas aparecem na questão. De fato a credibilidade dos oráculos pode ser confirmada ou refutada por um lado, e a dos arúspices, áugures, adivinhos e astrólogos por outro, uma vez que o raciocínio dessas mesmas categorias é diverso.²⁰¹

Em relação à discussão geral, aponta-se que há um conflito entre o ponto de vista dos estoicos e dos epicuristas sobre a interferência sobrenatural em assuntos terrenos, o que será abordado mais adiante. No entanto, também é possível tratar do problema de forma particular, a partir do modo com que o assunto é introduzido e o tipo de previsão, que pode ser confirmada ou refutada a depender do orador. Pasetti (2008) afirma que esse assunto estava em voga na discussão estoica do início do Império. Inevitavelmente, por causa de seu conteúdo, os dois autores que acompanhamos na introdução desse capítulo, Winterbottom e Pasetti, falam da DM 4 como um dos maiores exemplos de integração entre os *tópoi* filosóficos e o discurso declamatório, no qual uma tese é destrinchada em seus detalhes em meio a um caso particular envolvendo uma profecia. Os dois personagens envolvidos, Pai e Filho, discutem o ponto de embate entre estoicos e epicuristas, por exemplo. O Filho, para sustentar sua argumentação, acredita que tudo no universo está destinado a acontecer, em uma relação de causa e consequência cósmica que une tudo o que está vivo, enquanto o Pai afirma que o destino não

²⁰⁰ Winterbottom (2006) faz uma distinção entre a tese e o lugar-comum, afirmando que a primeira lida com um assunto controverso, que abre espaço para a persuasão, enquanto o segundo lida com ideias já estabelecidas pela opinião pública, sendo um forte argumento de acusação. Aqui, tal como Pasetti (2008), falamos de lugar-comum abarcando os dois significados.

²⁰¹ *His adicere si qui uolet ea quae diuina testimonia uocant, ex responsis oraculis ominibus, duplicem sciat esse eorum tractatum: generalem alterum, in quo inter Stoicos et Epicuri sectam secutos pugna perpetua est regaturne prouidentia mundus, specialem alterum circa partis diuinationum, ut quaeque in quaestionem cadet. Aliter enim oraculorum, aliter haruspicum augurum coniectorum mathematicorum fides confirmari aut refelli potest, cum sit rerum ipsarum ratio diuersa.*

existe, e tudo flui aleatoriamente e, mesmo que o universo fosse de fato regido por uma providência, tal fenômeno não seria passível de ser compreendido pelo homem. Discutiremos as reflexões filosóficas da DM 4 a partir desse tópico, destacando os pontos de contato com a filosofia epicurista principalmente de Lucrecio e, também com a filosofia estoica, que já foi muito bem analisada por diversos pesquisadores do tema, quando for pertinente²⁰².

Desde o primeiro momento, o Filho acredita na existência do destino e na profecia do astrólogo: “Mais relevante para mim do que o oráculo, do que o presságio sombrio da arte sacra, é o fato de que, para mim, minha alma faz a mesma ameaça.”²⁰³ (DM 4.1.2); “[...] não posso duvidar do destino [...]”²⁰⁴ (DM 4.1.3). Além da profecia em si, como já analisado anteriormente, ele sente que está prestes a cometer o crime previsto. Tanto seu destino como sua vontade estão orientados para um mesmo fim. O Filho chega até mesmo a dedicar partes de um parágrafo para elogiar a própria figura do astrólogo: “Mas ó homem de prisca respeitabilidade e digno de que os segredos dos oráculos se desnudassem para si!”²⁰⁵ (DM 4.4.1). Porém, seu pai não acredita: “Que outra coisa desejais que seja isto, senadores, senão a primeira inevitabilidade da inspiração do destino? Não pôde não interrogar sobre o parto da esposa, e então não acreditou.”²⁰⁶ (DM 4.3.3). O Filho critica essa faceta do pai mais de uma vez. Ele acreditou o suficiente no destino para procurar um astrólogo, mas a partir do momento em que tomou conhecimento de tudo, mudou de opinião:

Meu pai percebe a grande brutalidade do delito que foi previsto, e, por isso mesmo, tenta fazer com que não pensem que a astrologia seja uma ciência, ora afirmando que o destino não existe e que tudo flui de forma casual e fortuita, ora que, mesmo se os acontecimentos fossem regidos por uma providência, não podem, porém, ser compreendidos pelo conhecimento humano. Enquanto concilio cada uma dessas hipóteses, ao mesmo tempo confio perante a vossa respeitabilidade que meu pai também percebeu algo em particular, quando sentiu medo. Eu provei que o astrólogo dissera a verdade, meu pai acreditou que ele a teria dito.²⁰⁷ (DM 4.13.2-3)

²⁰² Cf. Pasetti (2008; 2009) sobre a ligação da DM 4 com a filosofia estoica; Pasetti (2008) sobre o *tópos* do destino em outras declamações e Pasetti (2008) e Winterbottom (2006) para o uso de teses em outras declamações.

²⁰³ *Plus quam responsum, quam sacrae artis triste praesagium est, quod mihi sic minatur animus meus.*

²⁰⁴ [...] *non possim dubitare de fato [...]*

²⁰⁵ *Sed o uirum grauitatis antiquae dignumque, cui se fatorum arcana nudarent!*

²⁰⁶ *Quid aliud hoc esse uultis, P.C. quam primam fatalis instinctus necessitatem? De partu uxoris non potuit non interrogare, deinde non credidit.*

²⁰⁷ *Sentit pater, quanta sit praedicti sceleris inmanitas, et ideo temptat efficere, ut mathematicam artem non putetis, ac modo contendit non esse fatum, et cuncta casu fortuitoque decurrere, modo, etiam ut prouidentia regantur, non posse tamen humana scientia deprehendi. Dum utrumque colligo, interim apud grauitatem uestram depono sensisse aliquid etiam patrem, cum metuit. Ego mathematicum probaui dixisse uerum, ille cre(di)dit esse dicturum.*

Lucrécio, já no livro I de sua obra, desdenha do que chama de *uates*, ao discutir sobre o medo da morte. O tradutor, Rodrigo Tadeu Gonçalves (2021), comenta que o termo, nesta época, referia-se a arúspices ou profetas e é utilizado pelo autor de forma pejorativa:

E tu mesmo, sempre de nós afastar-te procuras / por teres sido vencido por ditos terríveis dos vates / Naturalmente, pois a ti são capazes de sonhos / inventar, que podem verter da vida as razões e perturbar com temores todas as tuas fortunas. / Claro! Pois se vissem os homens um fim definido / às suas agruras, resistiriam de outra maneira / às religiões e suportariam ameaças dos vates / Mas não há modo, agora, de resistir e nem força, / já que se deve temer as penas eternas na morte / ao ignorar-se qual seja a natureza da alma: / [...] Por tal motivo devemos sobre os assuntos do alto / ter uma boa razão: movimentos do sol e da lua, / quais suas razões e suas causas, quais forças as coisas terrestres / gerenciem; e mais, com sagazes razões nós devemos / a natureza da âni^{ma} e do ânimo ver de que constem / e qual coisa a nós, em vigília apresenta-se à mente / e aterroriza, em doença afetados, sepultos no sono, / de tal forma a crermos que vemos e ouvimos aqueles / findos da morte, dos quais a terra os ossos abarca.²⁰⁸ (1.102-12; 1.127-35, p. 33)

O poeta discute a validade de profecias e análises dos sonhos e apresenta algo central para a filosofia epicurista: a discussão sobre o que acontece com o homem após a morte. A reflexão sobre o medo da morte é recorrente em Lucrécio, principalmente no livro III, e será analisada posteriormente em relação ao intento suicida do Filho na declamação e sua argumentação a favor da morte voluntária. De acordo com Lucrécio, os homens temeriam menos a morte e os oráculos ameaçadores à sua integridade física se soubessem que o que os aguarda não é a pena eterna, mas o nada. Além disso, os movimentos²⁰⁹ dos astros são citados por ele ao longo do *De Rerum Natura*, mas em contexto muito diferente do que acontece na DM 4, em três longos trechos dos parágrafos 13, 14 e 16:

Parece casual para ti, pai, essa diversidade consolidada em um só corpo a partir de partículas divergentes, de forma que o vigor do fogo, localizado no mais alto vórtice sustentasse toda a matéria pesada por meio do ardor de seu cálido

²⁰⁸*Tutemet a nobis iam quouis tempore uatum / terriloquis uictus dictis desciscere quaeres. / quippe etenim quam multa tibi iam fingere possunt / somnia, quae uitae rationes uertere possint / fortunasque tuas omnis turbare timore! / et merito; nam si certam finem esse uiderent / aerumnarum homines, aliqua ratione ualerent / religionibus atque minis obsistere uatum. / nunc ratio nulla est restandi, nulla facultas, / aeternas quoniam poenas in morte timendum. / ignoratur enim quae sit natura animai, / [...] quapropter bene cum superis de rebus habenda / nobis est ratio, solis lunaeque meatus / qua fiant ratione, et qua ui quaeque gerantur / in terris, tunc cum primis ratione sagaci / unde anima atque animi constet natura uidendum, / et quae res nobis uigilantibus obuia mentes / terrificet morbo adfectis somnoque sepultis, / cernere uti uideamur eos audireque coram, / morte obita quorum tellus amplectitur ossa.*

²⁰⁹ No livro V, Lucrécio volta a esse assunto, afirmando que o movimento dos astros não é obra de deus algum (5.76-90, p. 309; 5.1072-93, p. 369-71; 5.1204-17, p. 371) e que eles não se interessam pelas atividades humanas (5.156-99 p. 313-15). No livro VI, ele retoma as mesmas ideias, repetindo alguns versos e falando sobre a natureza dos deuses e de fenômenos naturais (6.43-95, p. 392-3).

sopro? (Parece casual para ti) A umidade profunda, imersa até o âmago (da terra), de onde diariamente são obtidos os alimentos para o calor que se sobrepõe? Parece casual que o peso da terra se posicionasse bem no meio, com sua massa equilibrada, escorado na parte superior por sopro tão grande quanto o vácuo na parte inferior, de forma que a infinita série de gerações se apresse, por constantes renovações dos tempos, de acordo com sua própria lei? E quanto a essa aparência veneranda das fulgentes constelações? E quanto ao fato de que algumas delas brilham, como se estivessem fixas e também em harmonia perpétua, uma vez estabelecidas em seu lugar, e outras se encontram esparsas por todo céu, passando por órbitas vagantes, com errâncias definidas? Tais elementos, acreditas que foram dispostos em todo lugar de forma fortuita?²¹⁰ (DM 4.13.4-5)

Para o protagonista da declamação, a disposição de elementos no universo e seu funcionamento não são casuais, mas determinados. E essa harmonia do macro se reflete no micro, controlando até mesmo o destino dos homens. Pasetti (2008) afirma que a reflexão sobre organização harmônica do universo, principalmente do céu, é um *tópos* filosófico e que a cosmologia descrita pelo declamador se assemelha à dos estoicos. Porém, essa noção atomista da união de partículas²¹¹ que formam os corpos é, sem dúvidas, epicurista²¹². O Filho continua associando a criação de tudo e seu destino à vontade divina:

Deus, sim, deus, o artífice de uma obra de imensa proporção, retirou tais elementos, revelados, daquele rudimentar primeiro nevoeiro, definiu sua aparência e os distribuiu em partes. Depois de ter dado ao universo um formato digno e equilibrado, lá de cima emanou o sopro vital, a partir do qual todas as coisas seriam dotadas de vida ao mesmo tempo. É por isso que qualquer ser que nasce é marcado com uma propriedade especial da vontade divina, intimamente vinculada a ele, e em toda a brevidade de sua existência, assim moldado e consolidado, recebe o que está por vir como se recebesse a vida. [...] Surpreende a ti que o destino do homem possa ser previsto? Eclipses e labores das estrelas são narrados, são anunciados a origem de uma tempestade, a lassidão dos ventos, qual constelação ameaça os imóviles ardores do sol, qual ameaça os severos invernos, o que significam as caudas mais alongadas dos cometas, ou seu brilho com maior ardor que o habitual, ou a chama que se move entre as constelações.²¹³ (DM 4.14.1-2; 4.14.4)

²¹⁰ *Casune tibi, pater, haec diuersitas uidetur in corpus unum dissentientibus solidata primordiis, ut summo uertice locatus igneus uigor cuncta grauii calidi spiritus ardore suspenderet, profundus umor ad ima demersus, unde cotidie superpositi caloris alimenta traherentur, terrenum pondus in medio quanto superne spiritu, tanta penitus inanitate subnixum librata mole consideret, ut saeculorum infinita series per adsiduas temporum uices sua lege festinet? Quid haec fulgentium siderum ueneranda facies? Quod quaedam uelut infixi ac cohaerentia perpetua semelque capta sede conlucent, alia toto sparsa caelo uagos cursus certis emetiuntur erroribus, ista credis passim fortuitoque disposita?*

²¹¹ *Primordium* para Lucrécio seria o equivalente a átomo, porém o poeta nunca utiliza esse termo. Gonçalves (2021) prefere não utilizar átomo em sua tradução, para evitar uma confusão com o sentido moderno da palavra. As partículas divergentes fazem uma alusão à união do corpo e do vazio, explicada por Lucrécio no livro I.

²¹² Lucrécio utiliza os *primordia* para explicar o funcionamento do mundo, enquanto que o Filho utiliza o funcionamento do mundo para explicar de que forma os eventos podem ser previstos.

²¹³ *Deus haec, deus, fabricator operis immensi, ex illa rudi primaque caligine protracta posuit in uultum, digessit in partes. Postquam dederat uniuersitati parem dignamque faciem, spiritum desuper, quo pariter (omnia)*

Contrariamente ao que Lucrécio postula, o Filho cogita a interferência divina em seu destino, mais de uma vez: “Sou um homem cujo corpo a vontade divina, irada talvez por esta geração, parece ter escolhido como o material mais adequado ao crime [...]”²¹⁴ (DM 4.12.7); “Acredito, por Hércules, que naquele dia do nascimento do meu portentoso, conspirou a violência das divindades iradas, que sobrecarregaram, juntas, por meio de um fogo direcionado, a sede do espírito aberrante”²¹⁵ (DM 4.16.4). Em relação ao trecho acima, o Filho estabelece uma relação de causa e consequência entre a previsibilidade de fenômenos naturais e os acontecimentos da vida. Por último, a conclusão de seu raciocínio:

Todos – tal como é bastante aceito entre os sacerdotes dessa arte sagrada – recebem da natureza dessas constelações, por meio das quais todas as coisas são geradas no momento de seu nascimento, as propriedades especiais da alma e as futuras formas das mentes e dos corpos. Certa pessoa foi tocada pela errância de uma divindade vagante: ela passará a vida de um lado a outro. Uma estrela plácida marcou a concepção de outra pessoa: será famoso pela moderação e gentileza. Uma constelação ardente se incendiou na hora do nascimento: inflamará igualmente a força física e o comportamento. Outro nasceu sob uma constelação fraca, já em declínio no céu: a juventude se ralenta pela debilitante maior vagareza dos membros, semelhante à velhice. Agora, se o fulgor tiver iluminado a alguém um dos principais deuses, ele se levantará ao comando do povo. [...] É forçoso que os eventos futuros, os quais não nascem de forma precipitada, enviem antecipadamente pistas mais manifestas. Deste modo, o alvoreço do oceano e o murmúrio consciente da mata revela futuras tempestades, deste modo as tochas ardentes no céu e a chama de longas caudas dos corpos celestes precedem os destinos dos povos prestes a perecer.²¹⁶ (DM 4.16.1-3; 4.16.5)

Está descrita, então, a forma como o astrólogo desvendou o destino do Filho: por meio da leitura das constelações. Da mesma forma que a inquietude da mata é um sinal de

animarentur, inmisit. Inde est, quod quidquid nascitur, consociata numinis proprietate signatur et in totam aevi sui brevitatem compositum firmatumque sic accipit futura quasi uitam. [...] Miraris fatum hominis posse praedici? Defectiones siderum laboresque narrantur, nuntiantur origo tempestatum, lassitudo uentorum, quod sidus immodicos solis ardores, quod seueras minetur hiemes, quid significant sparsi longius crines, quid ardentius solito iubar, quid excussa flamma sideribus.

²¹⁴ *Homo sum, cuius corpus iratum fortasse saeculo numen uelut aptissimam facinori uidetur elegisse materiam [...]*

²¹⁵ *Credo mehercules in illum natalem monstri mei diem iratorum numinum conspirasse uiolentiam sedemque prodigiosi spiritus conlato pariter igne pressisse.*

²¹⁶ *Omnes, sicuti apud sacrae artis antistites satis constat, animae proprietates et futuras mentium corporumque formas ex illorum siderum qualitate, quibus in ortu suo cuncta gignuntur, accipiunt. Aliquis uagi numinis errore perstrictus est: uitam transiget ille discursibus. Placida conceptum stella signauit: erit modesta lenitate conspicuus. Ardens nascentis horam sidus accendit: uiribus pariter moribusque flagrabit. ... languido iam uergentis in procliue mundi: hebescentibus tardior membris similis senectae iuuenta pigrescet. Iam si cui principalium deorum fulgor inluxerit, in populi consurget Imperium. [...] Necessae est et maiores notas uentura praemittant, quae non temere nascuntur. Sic futuras tempestates pelagi fragor et consciuum nemorum murmur enuntiat, sic periturorum fata populorum ardentes caelo faces et crinita siderum flamma praecurrit.*

tempestade, a configuração do céu no momento do nascimento do protagonista é um sinal de seu destino nefasto. Todo esse raciocínio é explicado ao longo do discurso, para convencer o pai de que o astrólogo, de fato, falou a verdade. E os fatos anteriores confirmam toda a sua exposição teórica. Lucrécio, neste ponto, vai na direção contrária:

Tal é o princípio que fundamenta, princípio primeiro: / coisa nenhuma jamais vem do nada por ato divino. / Naturalmente o medo domina todos os homens, / pois muitas coisas vê-se que ocorrem no céu e na terra / cujas causas não podem ver de maneira nenhuma, / pensam assim que acontecem por nume divino potente / Quando tivermos visto nada pode ser criado / vindo do nada, o que buscamos então percebemos / mais perspicazes e de onde se possa tudo criar-se / e de que modo tudo se faça sem o divino. [...] Pois, decerto, nem por desígnio os primórdios das coisas / se colocaram em ordem pela sagaz providência, / nem decidiram quais movimentos perseguiriam, [...] ²¹⁷ (1.149-58, p. 35; 1.1021-3, p. 85)

Gonçalves (2021) comenta em nota que é o objetivo de Lucrécio refutar uma visão teleológica do mundo. Até mesmo sua teoria sobre a movimentação das partículas, considerada imprevisível por conta de um desvio aleatório chamado de *clinamen*, é explicada por meio do livre arbítrio do homem, indo de encontro a qualquer tipo de determinismo (2.216-93, p. 105-9). Curiosamente, em um paradoxo estabelecido pelo próprio protagonista da declamação, apesar de existir uma profecia que determina seu destino, o Filho reivindica o livre arbítrio da morte, dizendo-se capaz de “[...] vencer as inevitabilidades, conquistar o destino [...]”²¹⁸ (DM 4.2.1)²¹⁹. Ele ignora toda a ordem estabelecida anteriormente em sua argumentação: “[...] eu não circulo pelos templos, não presto orações às divindades [...]”²²⁰ (DM 4.5.3); “Os deuses não permitam que o fim decida entre mim e a resposta”²²¹ (DM 4.21.2), da mesma forma que Lucrécio nega que os deuses possam determinar algo (5.1226-40, p. 372-3). Além disso, existe outra questão que une o protagonista e a filosofia lucreciana: o foco em mitigar o medo que os homens têm do desconhecido, seja um fenômeno natural ou a própria morte, como quando o Filho diz que, ao analisar a natureza, os homens abandonaram o medo que tinham

²¹⁷ *Principium cuius hinc nobis exordia sumet, / nullam rem e nihilo gigni diuinitus umquam. / quippe ita formido mortalis continet omnis, / quod multa in terris fieri caeloque tuentur, / quorum operum causas nulla ratione uidere / possunt ac fieri diuino numine rentur. / quas ob res ubi uiderimus nil posse creari / de nihilo, tum quod sequimur iam rectius inde / perspiciemus, et unde queat res quaeque creari / et quo quaeque modo fiant opera sine diuom. [...] nam certe neque consilio primordia rerum / ordine se suo quaeque sagaci mente locarunt / nec quos quaeque <darent motus pepigere profecto> [...]*

²¹⁸ [...] *uincere necessitates expugnare fatum [...]*

²¹⁹ Mesmo padrão em DM 4.21.2: “Seja dito que eu conquistei o que foi determinado, que eu quebrei as correntes da inevitabilidade [...]”; [...] *ego dicar expugnasse constitutionem, fregisse uincula necessitatis [...]*

²²⁰ [...] *non circumeo templa, non reddo uota nominibus [...]*

²²¹ *Dii non sinant, ut inter me resposumque decernat exitus.*

anteriormente: “Acredito que esses fenômenos, pai, foram o terror para os primeiros mortais [...]”²²² (DM 4.14.3). O que fazem pode ser visto, muitas vezes, como uma consolação que parte da filosofia, deixando-se de lado o sobrenatural, o medo e a superstição:

Pois tal como as crianças tremem de medo de tudo / quando nas trevas, nós, à luz, às vezes, tememos / coisas que em nada são temíveis mais do que aquelas / que as crianças, apavoradas, supõem que há no escuro. / É necessário que a esse terror do ânimo e às trevas / não com os raios do sol nem com lúcidas lanças do dia / dispersemos, mas com a forma e a razão da natura.²²³ (2.55-61, p. 95)

É nas considerações sobre o suicídio, portanto, que o Filho encontra sua faceta filosófica. Raffaella Pagliaro (2004) define a Morte como a verdadeira protagonista da declamação DM 4, em torno da qual brigam, por um lado, a consciência do filho, profundamente perturbada pela profecia, e sua crença inabalável no destino previsto pelo astrólogo. A filosofia parece, certamente, um caminho, uma forma de lidar com essa situação que, para o Filho, não tem saída. É um herói de guerra, capaz de atos de extrema violência, descritos por ele mesmo, e de pensamentos assassinos que não o deixam em paz, mas argumenta como um sábio, por vezes estoico, por vezes epicurista, e procura convencer o ouvinte de que não há nada a temer na morte.

Como já dito anteriormente, Pasetti (2009) e Brescia (2021) discorrem sobre a presença dessas duas personas no filho, a do guerreiro e a do sábio, fazendo algumas considerações sobre as motivações da escolha argumentativa desenvolvida ao longo da DM 4. Pasetti discute, especificamente, o diálogo com Sêneca presente na declamação, tanto com sua faceta filosófica como trágica. Assim, é possível visualizar uma relação intertextual com as tragédias do poeta. Para a autora, a partir de Danielle van Mal-Maeder²²⁴, a utilização dos mitos tem o propósito de provocar o *páthos*. Temos, então, por exemplo, alguns mitemas, ou núcleos narrativos míticos, explorados na DM 4, como a profecia e o parricídio, vistos anteriormente na relação intertextual com o mito de Édipo, e sua presença causaria um efeito patético no leitor, suscitando sua compaixão pela situação do Filho. Por outro lado, a utilização da filosofia fortalece sua argumentação e se relaciona mais com o *lógos*, de acordo com Pasetti (2009), que

²²² *Haec credo, pater, terrori primis fuisse mortalibus,*

²²³ *nam uel uti pueri trepidant atque omnia caecis / in tenebris metuunt, sic nos in luce timemus / inter dum, nihilo quae sunt metuenda magis quam / quae pueri in tenebris pauitant finguntque futura. / hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessest / non radii solis neque lucida tela diei / discutiant, sed naturae species ratioque.*

²²⁴ Sênèque le tragique et les Grandes Declamations du Pseudo-Quintilien. Poétique d’une métamorphose. In: M. Zimmerman and R. van der Paardt (eds.). *Metamorphic Reflections*. Leuven-Dudley, Ma.: Peeters, 2004, 189–99.

volta a comentar, nesse artigo, o movimento que ocorre do caso particular para a questão geral, ou tese. Desse modo, a reflexão sobre a morte voluntária, presente no estoicismo, mas, em especial, em Sêneca, se torna um tópico na DM 4, mas não somente. Jefferson Pontes (2021) atesta essa recorrência em outras declamações também, em que a autodenúncia pode aparecer novamente como elemento central.

O suicídio filosófico, amplamente ilustrado nos exemplos de Sócrates e Catão, necessita, além de uma motivação nobre, dada pela situação particular em que o Filho se encontra, de um momento de reflexão sobre seu ato (em vívido contraste com seu alegado desespero, que poderia levar a uma morte apressada e desdenhada pelos filósofos, como se verá mais adiante):

[...] o paradigma da morte nobre é evocado pela própria figura do *uir fortis*, que, como Catão, faz a opção do suicídio pela espada, preocupando-se também com o sucesso de seu *exitus*, como se depreende da *peroratio* final; além disso, devido ao conflito com o pai, ferrenho opositor do suicídio, o personagem ecoa o Hércules de Sêneca, envolvido em uma polêmica semelhante com seu padrasto Anfitrão, em uma cena que não se priva de implicações filosóficas. [...] Mais interessante [...] é o fato de o jovem, para justificar a própria determinação de morrer, recorrer a argumentos de caráter 'geral', válidos independentemente das circunstâncias particulares a que a *causa* está vinculada.²²⁵ (PASETTI, 2008, p. 132)

A visão da morte voluntária no epicurismo é mais restrita e, em uma primeira análise, até contraditória, afirma Timothy Hill (2004). Dentre as evidências fornecidas pelos autores epicuristas, ele distingue quatro correntes sobre o assunto: (1) o epicurista pode deixar a vida a qualquer momento, com serenidade, uma vez em que ela não é mais agradável; (2) apenas os tolos deixam a vida²²⁶; (3) o suicídio é, muitas vezes, causado pela falta de reflexão; (4) a morte voluntária para proteger um amigo é vista como positiva. Hill argumenta que a primeira corrente explica-se pela autonomia do sábio. A decisão de deixar a vida, para o epicurista, seria interna e nenhuma motivação externa seria um bom motivo. Entretanto, a partir de Lucrécio,

²²⁵ *Qui il paradigma della morte nobile è evocato dalla figura stessa del vir fortis, che, come Catone, compie la scelta di suicidarsi con la spada, preoccupandosi anche per la buona riuscita del suo exitus, come si desume dalla peroratio finale; inoltre, per il suo conflitto con il padre, strenuo oppositore del suicidio, il personaggio echeggia l'Ercole senecano, impegnato in una analoga controversia con il patrigno Anfitrone in una scena non priva di implicazioni filosofiche. [...] Più interessante [...] è il fatto che il giovane, per giustificare la propria determinazione a morire, ricorra ad argomentazioni di carattere 'generale', valevoli a prescindere dalle circostanze particolari a cui è vincolata la causa.*

²²⁶ A motivação nobre da morte voluntária exigida pelos filósofos requer uma justificativa ainda mais fundamentada, na filosofia epicurista.

enxergamos esse pensamento como uma negação do medo da morte. O sábio epicurista não deve temer sua partida, devendo tratá-la com serenidade e aceitação.

Como já é possível perceber acima, desde os livros I e II, Lucrécio já introduz sua filosofia a respeito da morte. Seu objetivo é tranquilizar o homem a respeito do que considera estar pouco claro, iluminando os mistérios da natureza. Tal fenômeno é visto como natural, uma geração deve substituir a outra: “[...] Assim, a soma das coisas / sempre renova-se, e, por sua vez, os mortais assim vivem. / Crescem algumas gentes e outras então diminuem, / e, num breve espaço, as gerações de viventes / mudam-se e, como se fossem atletas, entregam as tochas.”²²⁷ (2.75-9, p. 97). No livro III, em que se aprofunda no assunto, Lucrécio promete, com seus versos, “[...] afastar para bem longe esse medo do fundo Aqueronte, / que perturba tão profundamente a vida dos homens, / tudo cobrindo com a escuridão da morte, e não deixa / que nenhum prazer mantenha-se líquido e puro.”²²⁸ (3.37-40, p. 165).

O medo da morte, para o poeta, é um dos principais motivos que levam o homem, justamente, à morte, a partir do que chamaremos aqui de paradoxo do *timor mortis*. Instados por ele, os homens procuram explicações religiosas para os males que os afligem, o que é rechaçado por Lucrécio: “deve-se abordar a razão do céu e da terra, / devem cantar-se tempestades, relâmpagos claros, / o que fazem de fato e quais serão suas causas / para que não, trepidante de medo, o céu esquadrinhes”²²⁹ (6.83-6, p. 393). No entanto, levando em consideração o desdém de Lucrécio pela alternativa exposta acima, o homem pode buscar uma válvula de escape ainda mais insensata e, tentando evitar a morte, é levado a ela. Hill (2004) explica de que forma funciona esse mecanismo: o indivíduo começa a ter comportamentos díspares por conta desse medo arraigado da morte, de forma que pode nem mesmo perceber ser ele o causador de suas ações. Ele busca levar uma vida agradável, o que, do ponto de vista do epicurismo, é desejável. No entanto, sua percepção pode relacionar a pobreza com a morte e, assim, o indivíduo faz de tudo para que não atinja uma situação sequer próxima da miserável. Como consequência, seus desejos perdem os limites e ele busca glórias cada vez mais elevadas. Sua motivação original (escapar da morte) é esquecida e cada frustração no meio desse caminho desequilibra suas emoções. Infeliz e inseguro, o indivíduo procura se matar, pois:

²²⁷ [...] sic rerum summa nouatur / semper, et inter se mortales mutua uiuunt. / augescunt aliae gentes, aliae minuuntur, / inque breui spatio mutantur saecla animantum / et quasi cursores uitai lampada tradunt.

²²⁸ [...] metus ille foras praeceps Acheruntis agendus, / funditus humanam qui uitam turbat ab imo / omnia suffundens mortis nigrore neque ullam / esse uoluptatem liquidam puramque relinquit.

²²⁹ [...] est ratio caelisque tenenda, / sunt tempestates et fulmina clara canenda, / quid faciant et qua de causa cumque ferantur; / ne trepides caeli diuisis partibus amens, [...]

A aceitação de sua própria limitação natural pode se provar desanimadora para aqueles tomados por ideias e ambições elevadas. Rejeitar as verdades da filosofia epicurista para poder acolher uma ilusão atraente [...] tem o potencial de deixar o indivíduo tanto desesperado quanto ridículo [...]. (HILL, 2004, p. 80)²³⁰

Aqui é possível ver a noção de que a morte sem reflexão é desprezada pela filosofia. O paradoxo do *timor mortis* é encontrado em Lucrécio, que assim fala sobre o problema:

Mais ainda: convém observar, quando em dúbios perigos, / o homem e conhecer como é em situações adversas. / Pois veras vozes então, finalmente, vêm do imo peito / e sua persona é arrancada, restando apenas o homem. / E, por fim, a avareza e o desejo cego por honras / que conduzem os míseros homens pra além das fronteiras / do direito, e às vezes, parceiros ou sócios em crimes, / noite e dia esforçando-se em labor incessante / para alcançar o poder sobre tudo; tais chagas da vida / são fomentadas, não pouco, pelo medo da morte. / Pois o torpe desprezo e a acerba necessidade / bem afastados parecem da vida doce e estável, / como se já se encontrassem perante os umbrais inferiores; / donde os homens, tomados de falsos terrores, querendo / longe e mais longe encontrar-se, fugindo, empilham riquezas, / mesmo a custo do sangue civil, duplicando suas posses, / ávidos, acumulando matança sobre matança; e, cruéis, alegram-se em triste velório de irmãos, e / temem, até odeiam as mesas de seus consanguíneos. / Por razão semelhante, amiúde por mesmos temores, / se maceram de inveja por conta de alguém poderoso, / outro ser bem-visto, ou receber claras honras, / e reclamam de estarem envolvidos em trevas e lodo. / Morrem pelo desejo de renome ou de estátuas; e com frequência por medo da morte um ódio da vida / e de ver a luz, tão intenso, apodera-se deles / que a si próprios infligem a morte com peito em angústia, / esquecidos que o medo da morte é a fonte das dores; / ele persuade a poluir o pudor ou romper a amizade / todos os vínculos e até mesmo acabar com a piedade.²³¹ (3.55-84, p. 166-7)²³²

Nesse sentido, o Filho se confirma como um verdadeiro sábio epicurista. Em diversos momentos de sua declamação ele menciona sua glória na guerra: “[...] até agora está espantado

²³⁰ Acceptance of one’s own natural limitations may prove dispiriting for those possessed of lofty ideals or ambitions. To reject the truths of Epicurean philosophy in order to embrace an appealing illusion [...] has the potential to render the individual both desperate and ridiculous [...]

²³¹ *quo magis in dubiis hominem spectare periculis / conuenit aduersisque in rebus noscere qui sit; / nam uerae uoces tum demum pectore ab imo / eliciuntur <et> eripitur persona manet res. / denique auarities et honorum caeca cupido, / quae miseros homines cogunt transcendere fines / iuris et inter dum socios scelerum atque ministros / noctes atque dies niti praestante labore / ad summas emergere opes, haec uulnera uitae / non minimam partem mortis formidine aluntur. / turpis enim ferre contemptus et acris egestas / semota ab dulci uita stabiliue uidetur / et quasi iam leti portas cunctarier ante; / unde homines dum se falso terrore coacti / effugisse uolunt longe longeque remosse, / sanguine ciuili rem conflant diuitiasque / conduplicant auidi, caedem caede accumulantes, / crudeles gaudent in tristi funere fratris / et consanguineum mensas odere timentque. / consimili ratione ab eodem saepe timore / macerat inuidia ante oculos illum esse potentem, / illum aspectari, claro qui incedit honore, / ipsi se in tenebris uolui caenoque queruntur. / intereunt partim statuarum et nominis ergo. / et saepe usque adeo, mortis formidine, uitae / percipit humanos odium lucisque uidendae, / ut sibi consciscant maerenti pectore letum / obliti fontem curarum hunc esse timorem: / hunc uexare pudorem, hunc uincula amicitiae / rumpere et in summa pietate euertere suadet.*

²³² Outro trecho que versa sobre o paradoxo está no livro III, 1053-94.

pela alegria recente da glória, e todo voltado com os olhos e a alma para meus feitos [...]”²³³ (DM 4.2.4); “[...] apoiou minhas virtudes, para que eu vivesse, e apoia meus méritos e feitos, para que eu não morra.”²³⁴ (DM 4.2.5); “Quanta vibração recebi então, entre outras exclamações, do exército que me escoltava, que frêmito da população espectadora! ‘Que grande jovem afortunado!’”²³⁵ (DM 4.5.5); “[...] alcancei a boa vontade do povo, fui a alegria da cidade.”²³⁶ (DM 4.7.1); “O quanto me lisonjeou o fato de que saciei a alegria da cidade, carregado da batalha nos ombros dos cidadãos!”²³⁷ (DM 4.8.5). O protagonista poderia aproveitar seu momento heroico e ignorar completamente a própria situação, uma vez que ele até mesmo diz “Quantas vezes – por Hércules! – encarei essas feridas e armas encharcadas com o sangue inimigo, elevando minha mente acima das inevitabilidades, colocando-a acima do destino.”²³⁸ (DM 4.8.6). No entanto, mesmo reconhecendo que isso o afeta, como podemos perceber no trecho: “É possível que vós não acrediteis que isso me afeta, pelo fato de que sou jovem, porque ingressei recentemente nos prazeres da vida, nas alegrias do mundo?”²³⁹ (DM 4.8.5), ele recusa esse impulso: “Levei, de fato, e disso são testemunhas os deuses, levei sim para a linha de batalha não a vanglória da força, não o desejo de reconhecimento, mas entreguei algo de mim pela pátria [...]”²⁴⁰ (DM 4.4.6); “Afastai-vos, congratulações, sumi, bajuladores [...]”²⁴¹ (DM 4.5.3); “Sumi, congratulações, silenciai, adulações [...]”²⁴² (DM 4.8.4). Ele não quer o “poder sobre tudo”, o “renome” e as “estátuas” que Lucrécio também despreza:

Mas fiquéis seguros quanto à avidez por sumo poder. Aquele ilimitado, aquele imódico, que as leis quiseram que fosse lícito a nós: dentro de si mesmo consome aquele que morre. Os títulos, as estátuas, as honrarias guardai para os vencedores; para mim garanti a salvação de meu pai, a minha inocência, a decência face às circunstâncias.²⁴³ (DM 4.6.3)

²³³ [...] *adhuc recenti gloriae nostrae gaudio stupet, et in opera mea totus oculis animoque conuersus [...]*

²³⁴ [...] *uirtutibus praestiterit, ut uiuerem, praestat meritis actisque, ne moriar.*

²³⁵ *Quam tunc inter ceteras exclamations deducuntis exercitus uocem, quod circumstantis populi murmur excepi! 'Magnum felicemque iuuenem' [...]*

²³⁶ [...] *populi fauorem, gaudia ciuitatis intraui.*

²³⁷ *Quantopere mihi blanditur, quod publicis ex acie reportatus umeris laetitiam ciuitatis impleui!*

²³⁸ *Quotiens mehercule haec uulnera et rorantia hostili cruore arma conspexi, animum supra necessitates erigo, supra fatum pono.*

²³⁹ *An uos me mouere non creditis, quod iuuenis sum, quod modo uitae uoluptates, modo gaudia lucis ingressus sum?*

²⁴⁰ *Tuli enim, deos testor, in aciem, tuli non uirium iactationem, non gloriae cupiditatem, sed ut patriae praestaret aliquid uilitas mei [...]*

²⁴¹ *Recedite, gratulationes, abite, laudantes [...]*

²⁴² *Abite, gratulationes, silete, blanditiae [...]*

²⁴³ *Sed securi estote de auiditate summae potestatis. Illud infinitum, illud immodicum, quod nobis uoluerunt licere leges, intra se consumit ille, qui morit(ur). Titulos, imagines, honores seruate uicturis; mihi praestate salutem patris, innocentiam meam, temporum pudorem.*

Seu motivo para morrer voluntariamente é outro, e é um motivo defendido pelo próprio Lucrécio. Uma das correntes de opiniões epicuristas sobre o suicídio apontadas por Hill (2004) afirma que o suicídio para proteger um amigo é visto como algo positivo, sendo esse um dos raros momentos em que é possível ver um epicurista defender tal ato. Hill afirma que ele sempre preferirá a morte ao invés da traição, pois, para ele, a morte não é um mal, apesar de não ser incentivada por essa filosofia. O que se percebe, no entanto, ao analisar as reflexões de Lucrécio²⁴⁴ é que, além de amigos, ele coloca em um mesmo patamar a pátria e a família. Para ele, portanto, tal motivação para morrer é perfeitamente aceitável: “Não poucas vezes os homens traíram os pais e a pátria / para evitar os palácios do profundo Aqueronte.” (3.85-6, p. 167). Tal adição, de acordo com Hill, é latina, pois o caráter escasso e fragmentário dos textos gregos não permite a afirmação de que ela possui origem helenística. Além disso, os textos que chegaram até nós mencionam somente a palavra *philos*. Morrer pelos amigos, pela pátria e pela família se torna, então, mais uma forma de evitar o parricídio, dessa vez amparada pela filosofia epicurista e seus desdobramentos latinos. Hill afirma, ainda, que a filosofia epicurista era a mais popular entre os aristocratas da República tardia e, durante o período imperial, ela e o estoicismo passaram a ser vistos como complementares, ao invés de adversários, inclusive nas reflexões relacionadas ao suicídio.

Lucrécio e o protagonista da DM 4 não concordam em relação à natureza da alma. Enquanto o primeiro defende que as almas não sobrevivem fora do corpo (3.624-41, p. 197) e nem existem antes deste (3.670-8, p. 199-201), o segundo cogita a metempsicose, que em si possa ter renascido a alma de um criminoso. Porém, se o Filho possui outras preocupações sobre o destino de sua alma após a morte além do pedido de sepultamento, ele não descreve. O Filho não pensa que as coisas foram criadas ao acaso, mas, assim como o poeta epicurista, assume como natural a renovação das gerações. Nessa discussão, Lucrécio tem um motivo maior para não temer a morte: ela não é nada para ele, pois que tudo se desintegra e volta aos primórdios. O sepultamento, portanto, tem pouca importância: “Nada, portanto, é a morte para nós, nem a nós diz respeito, / uma vez que é mortal o ânimo por natureza.”²⁴⁵ (3.830-1, p. 209).

Sêneca, representante da filosofia estoica, também discursa contra o medo da morte em suas cartas destinadas a Lucílio:

²⁴⁴ Hill (2004, p. 84) destaca que Cícero também inclui, por meio de Torquato, o epicurista no diálogo *De Finibus*, os pais e a pátria na lista do que o homem não deve trair por medo da morte.

²⁴⁵ *Nil igitur mors est ad nos neque pertinet hilum, / quandoquidem natura animi mortalis habetur.*

Observa quem tu quiseres, jovem, velho, homem de meia idade: em todos encontrará por igual o medo perante a morte e a ignorância perante a vida. Ninguém dá por acabado o que quer que seja, todos adiam os seus interesses para o futuro. Nada me quadra tanto nesta máxima como a acusação de infantilismo feita aos velhos. Epicuro diz que todos estamos ao abandonar a vida no mesmo ponto em que estávamos ao nascer. E nisto o defeito é nosso, não da natureza. Esta teria direito a queixar-se de nós: “*Que é isto? Eu gerei-vos sem ambições, sem medos, sem superstições, sem maldade, sem qualquer outro vício do mesmo jaez. Saí, portanto, tal como entrastes!*” Um homem que esteja tão seguro no momento de morrer como estava ao nascer, esse homem alcançou a sabedoria! Mas o que se passa é que, quando o perigo se aproxima, trememos de medo, o nosso ânimo perturba-se, altera-se-nos a cor do rosto, tombam-nos dos olhos lágrimas perfeitamente inúteis. Que vergonha, deixar-mo-nos tomar pela angústia ao atingirmos o limiar da segurança eterna! A razão é que, vazios por completo dos verdadeiros bens, lamentamos então o desperdício da vida! Nenhuma parte dela permanece nas nossas mãos: a vida passou por nós, escoou-se! Ninguém se preocupa em viver bem, mas sim em durar muito, quando afinal viver bem está ao alcance de todos, ao passo que durar muito não está ao de ninguém.²⁴⁶ (*Ep.* 3.22.14-7)

É possível perceber no trecho, além da menção a Epicuro, tópicos que se repetirão na DM 4, como a reflexão sobre o medo da morte, o adiamento do que é importante, a prosopopeia da natureza e o desperdício da vida:

Para um homem que, de uma vez por todas, renunciou às coisas humanas, a vida não é restaurada, apenas o tempo [...] De que serve – ó miserável mortalidade! – conservar a vida por tantos anos, e até, caso a natureza permita, por um período ilimitado de tempo, no tristíssimo cercamento do nosso corpo? Se tu examinasses cuidadosamente todas as nossas alegrias, prazeres ou qualquer fenómeno desse universo que, ou excitam pela sua aparência, ou nos seduzem pelo uso, toda a vida humana se resume a apenas um dia. São mentes absolutamente insignificantes e abjetas aquelas que não se saciam com esses mesmos e sempre recorrentes fenómenos. [...] Por mais que as estações se prolonguem e que as vidas sejam somadas, uma hora ou outra, porém, aquele que morre contra a vontade não pode ter outra morte que não seja por meio de um fim miserável. Surpreende-te o fato de que eu mesmo precipite meus ritos funerais? Mas não é isso, de fato, o que fazem os dias, um após o outro? Cada hora, com suas tácitas e enganosas cadências, aproxima-nos do nosso destino, e – com esse pensamento mais que repugnante de estender nossa permanência – morremos antecipadamente através dos pequenos momentos da vida que se apressa. Que façamos, em vez disso, do fim uma cura, da inevitabilidade uma

²⁴⁶ *Quemcumque uis occupa, adulescentem, senem, medium: inuenies aequae timidum mortis, aequae inscium uitae. Nemo quicquam habet facti; in futurum enim nostra distulimus. Nihil me magis in ista uoce delectat quam quod exprobratur senibus infantia. 'Nemo' inquit 'aliter quam quomodo natus est exit e uita.' Falsum est: peiores morimur quam nascimur. Nostrum istud, non naturae uitium est. Illa nobiscum queri debet et dicere, 'quid hoc est? sine cupiditatibus uos genui, sine timoribus, sine superstitione, sine perfidia ceterisque pestibus: quales intrastis exite'. Percepit sapientiam, si quis tam securus moritur quam nascitur; nunc uero trepidamus cum periculum accessit, non animus nobis, non color constat, lacrimae nihil profuturae cadunt. Quid est turpius quam in ipso limine securitatis esse sollicitum? Causa autem haec est, quod inanes omnium bonorum sumus, uitae <iactura> laboramus. Non enim apud nos pars eius ulla subsedit: transmissa est et effluxit. Nemo quam bene uiuat sed quam diu curat, cum omnibus possit contingere ut bene uiuant, ut diu nulli.*

consolação. Que morramos de forma voluntária, deliberada, com plena segurança, agradecidos. Somente quem prefere morrer viveu o quanto desejou. [...] Quando o homem já não pode acrescentar ao trabalho nem à felicidade, é loucura arrojarse com a fortuna e arrastar uma vida que perece. Eu penso que nenhum velho permanece vivo de forma mais repugnante que aqueles que foram os mais fortes. Quereis que vergonhosos cabelos brancos contaminem o corpo em desintegração, que membros esvaziados de sangue mal avancem ao andar, que aquelas louvadas mãos não sejam nem mesmo suficientes para o serviço da vida cotidiana?²⁴⁷ (DM 4.8.8; DM 4.9.4-5; DM 4.10.4-6; DM 4.11.3-4)

Pasetti (2009) elenca quatro tópicos presentes na tradição estoica, especialmente em Sêneca, dos quais o declamador se utiliza: (1) Crítica às pessoas incapazes de deixar a vida e, em particular, pessoas velhas (tal crítica também está presente em Lucrécio); (2) Conceito qualitativo de tempo; (3) Tema da *mors opportuna*, privilégio do homem sábio que escolhe a hora da própria morte; (4) Ideia de que cada dia nos aproxima mais da morte. A prosopopeia da natureza vista em Sêneca é encontrada, em primeiro lugar, em Lucrécio:

Se, de repente, a natureza das coisas lançasse / sua voz e ela mesma a qualquer um de nós censurasse: “Ó mortal, por que sofres tanto com a morte e indulges / tanto em lamentos e lutos, por que tanta lágrima e grito? / Pois, se a vida que levaste te foi agradável / se as alegrias não te escaparam tal como num vaso / cheio de furos e pereceram não aproveitadas, / como um conviva feliz, satisfeito, por que não te vais da / vida e, tranquilo, abraças a calma segura, idiota? / Mas, se as coisas de que desfrutaste te desperdiçaram, / se é uma ofensa à vida, pra que querer mais um pouco, / já que tudo acaba mal e se vai, e perece, / não é melhor pões fim aos labores, às penas, à vida? Pois o que mais eu possa inventar, maquinar, que te agrada / não existe: tudo é agora tal como foi sempre. / Se teu corpo ainda não pesa dos anos, se os membros / inda não minguem exaustos, as coisas estão como dantes, / mesmo se vivesses mais tempo que todas as vidas, / tudo daria no mesmo, até mesmo se nunca morresses.” / Que responder, senão que o processo é justo, e a causa / da natureza é exposta com veras e fortes palavras? / Se, por acaso, alguém já muito mais velho deplora / e, miserável, lamenta a morte mais do que devia, / não terá mais direito de censurar com voz acre? / “Leva daqui as lágrimas, frouxo, e deixa de queixas, / tendo fruído de todos prazeres da vida, definhas, / mas como sempre desejas o ausente, e o presente desprezas, / imperfeita

²⁴⁷ *Homini, qui semel renuntiavit rebus humanis, non redditur uita, sed tempus [...] quid iuuat, o misera mortalitas, animam per tot annos, etiam, si natura patiat, per infinita temporum spatia tristissimo corporis retinere complexu? Si cuncta gaudia nostra, si uoluptates et quaecumque ex hac uniuersitate mundi uel sollicitant aspectu, uel blandiuntur usu, diligenter excutias, tota uita hominis unus est dies. Humiles prorsus abiectaeque mentes, quas non implent haec eadem semperque redeuntia. [...] Quantuilibet prorogentur tempora, iungantur aetates, quandoque tamen non potest non exitu perire miseri, qui moritur inuitus. Miraris, quod suprema mea ipse praecipitem? Numquid enim non hoc agunt singuli dies? Omnis nos hora per tacitos fallentesque cursus adplicat fato, et in hac turpissima perpetuitatis cogitatione districti per exigua festinantis aevi momenta praemorimur. Faciamus potius de fine remedium, de necessitate solacium; exeamus sponte, consilio, pleni securitatis, gratias agentes. Solus uixit, quoad uoluit, qui mori mauult. [...] Cum iam nec operibus nec felicitati possit accedere, cum fortuna ruere dementia est et aetatem trahere pereuntem; nullos ego senes degere turpius puto, quam qui fortissimi fuerunt. Vultis expectem, ut putres artus foedet pudenda canities, ut sanguine membra uacuata uix nitantur ad gressus, ut hae laudatae manus nec ad cotidianae uitae ministeria sufficiant?*

gastou-se para ti, e ingrata, tua vida; / sem que queiras, a morte se põe ao teu lado e te afaga / antes que saias da vida feliz, satisfeito com as coisas. / Vai, abandona todas as coisas alheias à idade / tua, e cede, com ânimo calmo, o lugar aos que ficam.”²⁴⁸ (3.931-62, p. 215)

Finalmente, é assim que ela aparece na DM 4:

Imagina como se a própria natureza a ti proclamasse: ‘Tu foste recebido nessa belíssima comunidade do mundo e de seus bens e, nascido por meio de renovações sucessivas na ordem da mortalidade, viste o que havia de bom; permite que venham as futuras gerações, dá espaço aos que estão por vir.’²⁴⁹ (DM 4.10.3)

Fica claro o diálogo estabelecido entre Lucrécio e Sêneca, que ecoa na DM 4. A censura do medo e da lamentação perante a morte, a repetição dos eventos da vida, o incentivo da tranquilidade nos momentos finais, a crítica dura à relutância de pessoas velhas em deixar a vida, todos esses elementos estão presentes. Entre Lucrécio e a DM 4 ainda é possível perceber o pedido para que a pessoa prestes a morrer ceda seu lugar aos que têm direito a ficar. Essa constante renovação, em que os primórdios se desintegram e se reintegram em nova vida é reformulada na DM 4, mas a ideia permanece. Finalmente, o Filho não é velho, está no auge de sua juventude, mas, como visto acima, ele considera que não tem mais nada a acrescentar estando vivo. Seu envelhecimento é causado pela virtude:

Deste modo, o fato de que realizei atos heroicos não é suficiente para apressar minha vida em direção ao fim? Absolutamente fracas e terrenas são as vossas mentes se enumerais os anos; eu – quer seja o cansaço ou a satisfação, os quais são o ápice da felicidade – envelheci por meio da virtude. O que até agora faço em meio a acontecimentos acidentais e frágeis? Como homem recebido com congratulações públicas, diminuo-me com a insignificância do presente

²⁴⁸ *Denique si uocem rerum natura repente / mittat et hoc alicui nostrum sic increpet ipsa / 'quid tibi tanto operest, mortalis, quod nimis aegris / luctibus indulges? quid mortem congemis ac fles? / nam si grata fuit tibi uita ante acta priorque / et non omnia pertusum congesta quasi in uas / commoda perfluxere atque ingrata interiere, / cur non ut plenus uitae conuiuia recedis / aequo animoque capis securam, stulte, quietem? / sin ea quae fructus cumque es periere profusa / uitaque in offensost, cur amplius addere quaeris, / rursus quod pereat male et ingratum occidat omne, / non potius uitae finem facis atque laboris? / nam tibi praeterea quod machiner inueniamque, / quod placeat, nihil est; eadem sunt omnia semper. / si tibi non annis corpus iam marcet et artus / confecti languent, eadem tamen omnia restant, / omnia si perges uiuendo uincere saecla, / atque etiam potius, si numquam sis moriturus;' / quid respondemus, nisi iustam intendere litem / naturam et ueram uerbis exponere causam? / grandior hic uero si iam seniorque queratur / atque obitum lamentetur miser amplius aequo, / non merito inclamet magis et uoce increpet acri? / 'aufer abhinc lacrimas, baratre, et compesce querellas. / omnia perfunctus uitai praemia marces. / sed quia semper aues quod abest, praesentia temnis, / imperfecta tibi elapsast ingrataque uita / et nec opinanti mors ad caput adstitit ante / quam satur ac plenus possis discedere rerum. / nunc aliena tua tamen aetate omnia mitte / aequo animoque aedum ꝑmagnisꝑ concede: necessis?'*

²⁴⁹ *Finge tibi uelut ipsam proclamare naturam: 'Receptus es in hoc pulcherrimum mundi rerumque consortium et per succedentium uices in ordinem mortalitatis natus bona nostra uidisti; admitte posteros, cede uenientibus.'*

momento. Aqueles cujos primórdios o sucesso confirmaram, com o passar do tempo é forçoso que se tornem menos importantes.²⁵⁰ (DM 4.11.1-3)

Ele, como na complementação entre as filosofias estoicas e epicuristas ressaltada por Hill (2004), entende que não há nada mais que possa fazer em vida que o convença a ficar. O protagonista se engrandeceu por meio da guerra e fez tudo o que podia para lutar contra o próprio destino. A partir desse momento, que foi o ápice de sua vida, resta apenas o declínio. O Filho deseja partir enquanto jovem:

Devo sair desta geração rapidamente, enquanto meu corpo é ativo, enquanto meu espírito é vigoroso, enquanto as pessoas querem me manter vivo, enquanto sou desejado, e quero que isso seja devido às minhas mãos, à minha coragem. Ajudai-me, deuses e homens, igualmente: descobri como morrer um herói.²⁵¹ (DM 4.11.6)

A morte heroica é uma das mais estimadas nas antigas sociedades greco-romanas e o Filho também realiza o feito de conciliá-la com a morte filosófica. Já foi explicitado anteriormente de que forma o epicurismo permite a morte voluntária, mas Lucrecio a defende também em outras situações. Em um trecho em que comenta que até mesmo pessoas ilustres morrem, de modo que não há motivo para o homem comum tratá-la como algo indesejável, aparecem os nomes de Demócrito e Epicuro:

Ora: depois que a Demócrito a velha maturidade / advertiu que já feneciam sua mente e memória, / tranquilamente ele mesmo ofertou para a morte a cabeça. / Mesmo Epicuro morreu no apagar das luzes da vida, / ele que a todos os homens superou em engenho, / ofuscando a todos tal como o sol às estrelas. / Tu, realmente, indignado, duvidas da vinda da morte?²⁵² (3.1039-45, p. 221)

Dois nomes de grande renome para a filosofia epicurista, um deles inclusive considerado o fundador dessa corrente de pensamento, optaram pela morte voluntária em idade avançada e são enaltecidos por Lucrecio. É necessário entender, portanto, além da filosofia, de que forma o suicídio era enxergado pelos antigos. Para tal, vamos nos ater às considerações de Anton van Hooff (1990) sobre o suicídio na antiguidade. De acordo com o autor, a posição romana em

²⁵⁰ *Ita non sufficit ad maturandos exitus quod fortiter feci? Infirmas prorsus terrenaque mentis est, ut numeretis annos; ego, quae felicissima uel lassitudo uel satietas est, uirtute consenui. Quid adhuc inter accidentia fragilesque casus ago? Homo receptus in publicas gratulationes praesentiae humilitate decresco: minores fiant necesse est diuturnitate, quorum initia confirmare successus.*

²⁵¹ *Festinato exire de saeculo debeo, dum alacre corpus, dum spiritus uiget, dum teneor, dum desideror, et hoc uolo deberi manibus meis, animo meo. Fauete, dii pariter atque homines: mortem uir fortis inueni.*

²⁵² *denique Democritum post quam matura uetustas / admonuit memores motus languescere mentis, / sponte sua leto caput obuius optulit ipse. / ipse Epicurus obit decurso lumine uitae, / qui genus humanum ingenio superauit et omnis / restinxit stellas exortus ut aetherius sol. / tu uero dubitabis et indignabere obire?*

relação ao suicídio era ambígua. É possível identificar, em um extremo, sua glorificação, e no outro, o desprezo pelo ato. Tudo dependia da opinião dos romanos em relação ao motivo e ao método empregados na ação. Miriam Griffin (1986) faz uma análise que demonstra tal afirmação. Ao tentar entender se a popularidade do estoicismo no início do Império era responsável pelo suposto alto número de suicídios no período, a autora deduz que a filosofia não pode ser considerada a causa única e isolada do fenômeno. Ela deve ser levada em consideração juntamente com o impacto de um suicídio muito famoso da época, o de Catão²⁵³, que pode ter ocasionado uma mudança na visão corrente sobre a morte voluntária. Hooff, no entanto, declara a impossibilidade de entender algo tão complexo como a motivação de um suicídio, mesmo para alguém que porventura sobrevive, e defende que o único modo de estabelecer uma análise nesse sentido, ainda mais em uma sociedade tão afastada no tempo e no espaço, é apenas através da opinião de comentaristas sobre o ato. Por esse motivo, o autor também analisa exemplos literários, que continuam sendo produções de seu tempo, mesmo que não mantenham compromisso com uma realidade histórico-factual²⁵⁴. A DM 4, portanto, pode ser útil para uma análise do tipo. Nela, estamos o tempo todo lendo as palavras do Filho, em um exercício persuasivo utilizado nas escolas de retórica que reproduz, em certa medida, os valores de seu tempo.

São 960 casos de suicídio coletados pelo autor, tanto literários como históricos, e ele afirma: “De novo e de novo se torna evidente que os algarismos contidos na coleção de suicídios antigos refletem em primeiro lugar o ponto de vista. Eles não expressam a realidade ou a tendência”²⁵⁵ (p. 11). Obviamente, períodos com mais relatos, como o fim da República e início do Império, possuem mais dados, o que não significa que esses dados estejam comunicando, por exemplo, um aumento real no número de suicídios de certo período, apenas a atenção dada a esse tópico pelos escritores da época.²⁵⁶

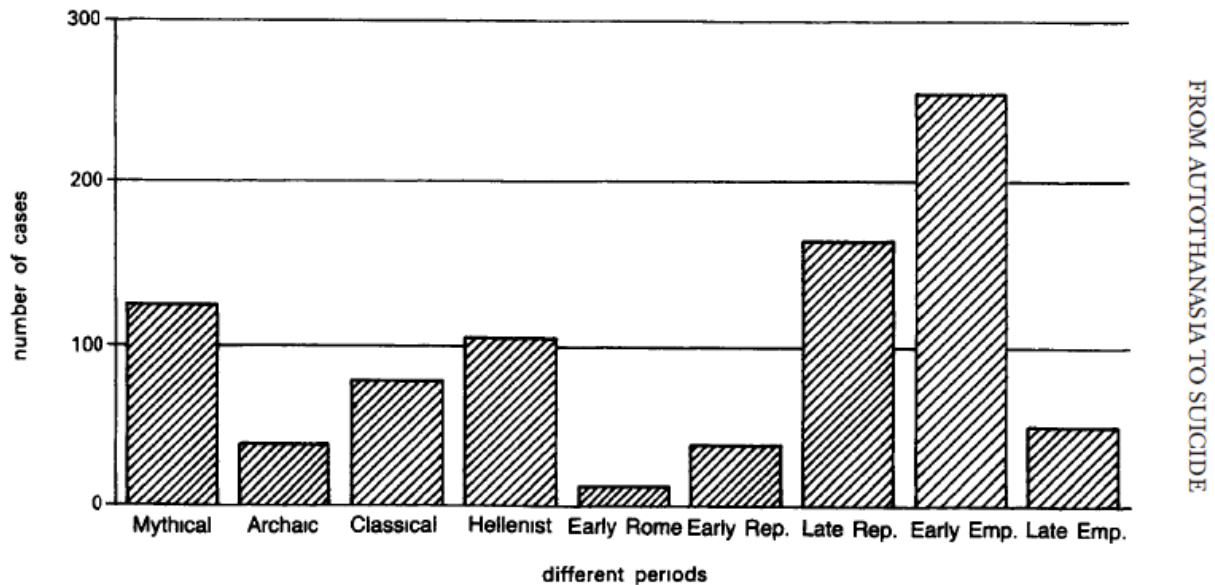
Figura 2 – Distribuição de casos datáveis sobre os períodos da antiguidade

²⁵³ Para uma análise sobre a relação entre as declamações, o estoicismo e os relatos de suicídio durante o início do Império, cf. Jefferson Pontes (2021, capítulo 5).

²⁵⁴ O autor chama os mitos, por exemplo, de materiais muito flexíveis (*Myth is a very pliable medium*, p. 13), indicando que eles se modificam de acordo com a época. Podemos citar a romanização do mito de Édipo, analisada neste trabalho, como uma demonstração disso.

²⁵⁵ *Again and again it becomes evident that the figures contained in the collection of ancient suicides primarily reflect the way of looking. They do not express reality or trends.*

²⁵⁶ Hooff também menciona que é necessário levar em consideração o recorte de classe dos relatos. Suicídios de membros de classes consideradas inferiores não são comentados com frequência e apenas aparecem quando o escritor necessita demonstrar algum ponto de vista ou relacioná-los com a classe aristocrata.



Fonte: Anton van Hooff (1990, p. 12)

Em relação ao suicídio de homens jovens, Hooff relata que “uma notória maior frequência de suicídios entre homens no começo da vida adulta seria um forte argumento para a existência da juventude como um domínio especial”²⁵⁷ (p. 26) e, em relação à sua motivação há uma “[...] disposição para se sacrificar pelo bem da comunidade – a motivação da *deutio* – ou vergonha por ter sido humilhado”²⁵⁸ (p. 28). É possível entender que, de acordo com as fontes que o autor possui sobre o suicídio na antiguidade grega e romana, o número de jovens que realizam o ato é alto e há casos registrados de suicídio pelo bem de outrem (8% do total de casos em que a motivação é especificada, estando em quarto lugar). Os métodos mais comuns de morte são queda (31%), enforcamento (30%) e armas (26%), sendo as motivações mais comuns vergonha (31%), luto (29%) e desespero (15%).

Em relação aos métodos de suicídio na antiguidade, Hooff também deixa claro que há um juízo de valor empregado que os classifica como respeitáveis ou desprezíveis. Em geral, essa avaliação está ligada ao nível de liberdade e reflexão do suicida. Certos métodos são associados a escolhas conscientes e, dependendo de sua motivação, eram até mesmo glorificados, enquanto outros estão associados ao desespero e não são apreciados pela sociedade: “A seleção do método correto tinha um impacto maior na avaliação do suicídio ao que tem em nosso mundo; especialmente nos momentos finais era de vital importância não

²⁵⁷ *A markedly higher frequency of self-killing among males at the threshold of adulthood would be a strong argument for the existence of youth as a special domain.*

²⁵⁸ *[...] willingness to sacrifice oneself for the well-being of the community—the motive of *deutio*—or shame over being humiliated.*

perder o respeito.”²⁵⁹ (p. 41). É possível dizer aqui que a decisão do protagonista da DM 4 nunca foi tomada de forma apressada, pois ele reflete sobre sua própria condição detidamente. De acordo com os padrões da sociedade grega e romana, seu suicídio tem potencial para ser respeitado: “Naturalmente deve-se temer, de fato, que a frivolidade humana precipite a isso, de forma incauta e impensada, mas é plausível que qualquer coisa que possa ser dita para um homem a favor da vida, a própria vida já não lhe tenha dito?”²⁶⁰ (DM 4.8.3)

O primeiro método descrito pelo autor é a *inedia*, ou inanição. Era considerado um método exibicionista, pois levava muito tempo e permitia que a vítima estivesse em contato constante com pessoas próximas, que podiam até mesmo dissuadi-la do ato. Podia ter muitas motivações, como a filosófica analisada acima, a dor física ou o luto. Era um método respeitado pela determinação que requeria e provocava simpatia. O segundo é considerado o método romano por excelência: o uso de armas. Além disso, é o mais utilizado no geral, principalmente por homens²⁶¹ (eles possuíam fácil acesso a uma espada) e tão comum que mantém uma distribuição equilibrada entre todas as motivações:

O mundo romano é considerado como a cultura do apunhalamento e do corte. Os casos transmitidos pelas fontes justificam essa imagem: espada, adaga, faca, navalha e bisturi são de longe os métodos mais comuns de suicídio, com 248 casos dos quais Roma sozinha contabiliza 153. [...] Em relação às armas, é óbvio que elas eram o método de soldados e aristocratas, homens que faziam e frequentemente escreviam a história.²⁶² (p. 47)

A referência à história é muito significativa, pois Hooff ressalta que muitas mortes por arma foram registradas justamente em períodos de guerras civis, entre tropas que perderam batalhas ou estavam prestes a perder e entre aristocratas que se encontravam em uma situação não favorável com a ascensão do Império²⁶³. Sem dúvida, o imaginário romano foi fomentado

²⁵⁹ *The selection of the right means had a greater impact on the evaluation of self-killing than it does in our world; especially in the last moments it was of vital importance not to lose face.*

²⁶⁰ *Scilicet enim uerendum est, ne ad hoc inconsulte, ne temere leuitas humana prosiliat, et credibile est, ut quicquid apud hominem pro uita dici potest, ipsa sibi uita non dixerit?*

²⁶¹ Métodos mais utilizados nos 626 casos em que são especificados: armas (40%); enforcamento (18%); queda (16%); envenenamento (10%); *inedia* (8%); fogo (6%); provocação (4%).

Métodos mais utilizados por homens nos 439 casos em que são especificados: armas (46%); enforcamento (13%); queda (13%); veneno (9%); provocação (5%); fogo (4%).

Métodos mais utilizados por mulheres nos 158 casos em que são especificados: enforcamento (34%); armas (25%); queda (22%); veneno (8%); *inedia* (7%); fogo (4%).

²⁶² *The Roman world is regarded as the culture of stabbing and cutting. The cases handed down by the sources justify this image: sword, dagger, knife, razor and scalpel are by far the most common means of suicide, with 248 instances out of which Rome alone accounts for 153. [...] As to weapons it is obvious that they were the means of soldiers and aristocrats, men who made and often wrote history.*

²⁶³ Hooff afirma que uma terminologia muito variada para o ato de tirar a vida com uma lâmina é registrada no período.

por tais acontecimentos assim como nosso imaginário do período também foi. Tal morte era considerada nobre e sua realização se tornou praticamente um ritual em que amigos podiam ser convidados para refletir sobre a morte junto com a vítima. Além disso, Hooff menciona que o suicídio foi o método encontrado para se opor ao imperador, uma vez que a resistência armada se mostrou impossível e que grandes atos exibicionistas eram esperados dos aristocratas que tomavam essa decisão, a exemplo de Catão:

No suicídio de Catão valores filosóficos, políticos e militares estavam de mãos dadas. Posteriormente, houve uma progressiva diferenciação. Os militares que lideravam os exércitos durante o Império sabiam o que eventualmente requeria sua ética profissional: sua autodestruição é um ato de fidelidade ao código militar.²⁶⁴ (p. 53)

Exemplos de morte voluntária por armas podem até mesmo envolver oficiais que, por motivos muito diferentes dos do campo de batalha, como uma doença incurável, por exemplo, resolveram tirar a própria vida. Na DM 4, o Filho, além de procurar a morte em batalha, durante a guerra, mantém uma relação muito próxima com a suas armas, especialmente sua espada, dando até mesmo a entender que a usaria para matar o próprio pai:

Não trouxe as armas de volta para o meu pai; temi, na verdade, que ele corresse para me encontrar, enquanto eu retornava, e por meio de um abraço imprudente se jogasse em meus beijos e nas mãos até agora cheias com as lanças vencedoras [...] Quantas vezes – por Hércules! – encarei essas feridas e armas encharcadas com o sangue inimigo [...] Eu estava renunciado para uma guerra, estava indicado para as armas, a ferocidade que estava por vir aduzia diante de si as calamidades públicas, e, de todos os males, estava designado para ser um parricida. [...] Agora a paz foi oferecida ao Estado, porém para mim é mais importante estar com a minha espada. Por todos os dias, manejo o ferro, volto meu olhar para minha armadura, minhas armas louvo, admiro, converso com elas. Acredita, pai: até mesmo o parricídio é tão fácil como se tornar um herói, quando cada um dos dois provém do destino.²⁶⁵ (DM 4.5.4; DM 4.8.6; DM 4.17.1; DM 4.17.6)

Por fim, é com a espada que ele revela que planeja se matar, como é adequado a um herói de guerra:

²⁶⁴ *In Cato's suicide philosophical, political and military values went hand in hand. Afterwards, there was a progressive differentiation. The specialists who lead the armies during the Empire know on occasion what their professional ethics require: their self-destruction is an act of living up to the military code.*

²⁶⁵ *Ad patrem arma non rettuli; timui quin immo, ne mihi, dum reuertor, occurreret, ne in oscula mea plenasque adhuc uictricibus telis manus incauto rueret amplexu. [...] Quotiens mehercule haec uulnera et rorantia hostili cruore arma conspexi [...] Praedicebar bello, monstrabar armis, agebat ante se uentura feritas publicas calamitates, et omnium malorum consummatione parricida ponebar. [...] Ecce iam rei publicae praebita est quies; mihi tamen plurimum est cum gladio meo: totis diebus tracto ferrum, ad arma respicio, tela mea laudo, admiror, adloquor. Crede, pater: et parricidium tam facile est quam fortiter facere, cum utrumque de fato est.*

Como herói de guerra, confio a vós o meu fim. Se imediatamente eu não me impingir uma ferida letal, se um golpe com sangue não despachar completamente a alma que se apressa, ajudai minha mão direita, afundai a lança e, acima de tudo, detende meu pai. Não sei quão longe a dor da alma que foge há de dispersar minha mão, onde cai a espada extraída das vísceras, em quem se precipita a queda do corpo em colapso.²⁶⁶ (DM 4.23.2-3)

A seriedade de sua intenção é exposta por sua escolha. A morte mais nobre para um guerreiro ocorre pela espada, a exemplo de Ájax. O filho demonstra toda a virtude de um *uir fortis*. O terceiro método é a morte por provocação. Consideramos que o filho também tentou esse método. Embora Hooff mencione que requer certo esforço interpretativo para considerar um soldado um suicida no sentido comum, o protagonista da DM 4 revela que procurou sua morte na guerra expondo o próprio corpo desnecessariamente:

[...] lutador imprudente, saltei no meio da espessa massa de inimigos, as linhas recuaram; sozinho invadi cada densíssima disputa, ninguém conseguiu resistir; desnudei os membros aos golpes contrários e expus minhas partes vitais, prontas para o ferro que de todo canto irrompia; as lanças caíram no vazio à minha volta. Desafortunado de mim, por conta do resultado de minha frustrada intenção! Fiz-me um herói, enquanto era digno de ser morto.²⁶⁷ (DM 4.5.1-2)

Hooff cita alguns exemplos de mortes por provocação para proteger outrem, afirmando que tal tipo de suicídio é mais realizado entre homens. Em certos casos, até mesmo a presença de um oráculo está envolvida:

Entre os casos de trazer para si a morte de forma a proteger outrem, existe uma categoria típica, de pessoas que se ‘oferecem’ por causa de um oráculo. Atenas possui tal caso de *deuotio* entre seus reis míticos. Um oráculo disse que os peloponésios ganhariam a guerra se o rei ateniense ficasse vivo. Por causa disso, Kodros procurou sua morte ao se jogar no meio da batalha. Em outra versão, ele foi até o inimigo, disfarçado de pedinte. Ao se comportar de forma insolente, ele provocou seu assassinato.²⁶⁸ (p. 55)

²⁶⁶ *Vir fortis commendo uobis exitum meum. Si non continuo letale uulnus inpressero, si non cum sanguine totam animam properans ictus egresserit, adiuuate dexteram, deprimate telum et ante omnia detinete patrem. Nescio quam longe manum sparsurus sit fugientis animae dolor, quo cadat extractus mucro uisceribus, in quem se collabentis corporis ruina praecipitet.*

²⁶⁷ [...] *in medios hostium globos perditus pugnator exilui, cessit acies; densissima quaeque certamina solus inuasi, resistere nemo sustinuit; obuiis ictibus membra nudauit et ad incurrens ubique ferrum uitalia parata circumtulit; uacua circa me tela ceciderunt. Miserum me deceptae cogitationis euentu! Fortiter feci, dum mereor is occidi.*

²⁶⁸ *Among the cases of bringing death on oneself in order to safeguard others, there is a typical category, of people who ‘dedicate’ themselves because of an oracle. Athens has such a case of deuotio among its mythical kings. An oracle had said that the Peloponnesians would win the war if the Athenian king stayed alive. Thereupon Kodros*

Exemplos romanos da mesma situação também são citados. É importante que tal tipo de suicídio esteja registrado, uma vez que pode indicar uma tradição que perpassa a mentalidade antiga, de maneira a ser utilizada no enredo de uma declamação destinada ao ensino de retórica, séculos depois. Tais estímulos míticos, porém, são reservados aos aristocratas, pois soldados comuns o faziam pelo código militar, protegendo seus superiores. Por causa disso, Hooff considera que relatos de suicídios entre oficiais por conta da morte de um imperador, por exemplo, não devem ser desconsiderados, pois poderiam provocar um estado de insegurança, de anomia social.

Certos tipos de métodos são apenas respeitados quando não há outra saída e o indivíduo necessita salvaguardar sua honra. Quando estão prestes a serem capturados por um inimigo, por exemplo, por vezes soldados escolhem saltar de um precipício. Tal ato pode ser motivo de zombaria entre inimigos, no entanto, é visto com aprovação por seus compatriotas. Para contrastar com os métodos de morte que Hooff apresenta como nobres, respeitados e procurados após certa reflexão existem outros que são encarados como a expressão do desespero pelos antigos e, por conta disso, são desdenhados. O enforcamento, por sua vez, era considerado um tipo de morte não-masculina. Tal aversão é demonstrada até mesmo na lei:

A lei romana reflete a visão de que o enforcamento é vulgar. Várias observações ocasionais demonstram essa situação. O mero fato de que é mencionado como uma categoria separada já é uma indicação de que o método era comum. Mas a jurisprudência ao mesmo tempo confirma o status inferior desse método.²⁶⁹ (p. 69)

Mais de uma passagem do *Digesto* é utilizada por Hooff para sustentar sua argumentação e uma delas, de Ulpiano, reproduzimos aqui: “Como diz Neratio, não é comum, no entanto, serem motivo de luto inimigos ou condenados de traição, nem aqueles que se enforcaram, nem aqueles que colocaram as mãos sobre si mesmos não por aversão à vida, mas por culpa.”²⁷⁰ (*Dig.* 3.2.11.3). Ou seja, merecem o mesmo nível de desprezo os que se enforcam, inimigos e criminosos. Tal método também era associado à culpa depois de cometer um crime. A motivação mais associada com o enforcamento é o luto, que, por sua vez, possui grande

sought his death by plunging into the thick of the fight. In another reading he went to the enemy, disguised as a beggar. By behaving insolently he provoked his killing.

²⁶⁹ *Roman law reflects the view that hanging is vulgar; several remarks in passing demonstrate this situation. The mere fact that suspendium is mentioned as a separate category is already an indication that it was a common method. But jurisprudence at the same time confirms the low status of this exit.*

²⁷⁰ *Non solent autem lugeri, ut neratius ait, hostes uel perduellionis damnati nec suspendiosi nec qui manus sibi intulerunt non taedio uitae, sed mala conscientia.*

expressividade entre as mulheres. Ele também é o único método utilizado em piadas sobre suicídio, como em *Inst.* 6.3.88: “Do mesmo tipo é o que é dito por sugestão, tal qual aquele homem, que Cícero cita, diz ao que reclama que a sua esposa teria se enforcado na figueira: ‘Peço que vendas para mim o broto daquela árvore para que eu plante’; entende-se, é claro, o que não é dito.”²⁷¹

A morte por queda, citada acima, tem o mesmo estigma: “As motivações conectadas com esse método de morrer são geralmente da mais baixa ordem: desespero, luto, fúria e vergonha, especialmente da humilhação sexual.”²⁷² (p. 74). Se tais tipos de suicídio são considerados tão inferiores pelos antigos, é possível dizer que o Filho procura um suicídio de ordem elevada. O método da morte deve estar de acordo com a vida levada pelo indivíduo e é possível ver na declamação a preocupação do protagonista com a própria dignidade: “Seja dito que eu conquistei o que foi determinado, que eu quebrei as correntes da inevitabilidade, que seja louvada minha piedade, minha integridade”²⁷³ (DM 4.21.2). Permanecer vivo é uma desonra para ele, pois levanta dúvidas sobre sua intenção:

[...] ninguém, por essa razão, não acredite que eu desejo morrer, porque recorri preferivelmente às motivações e às palavras, porque preferi pedir a vós o que quer que dessas mãos pude alcançar. [...] se eu não morro por causa das punições, me coloco em perigo, uma vez que pareço ter declarado as causas para morrer de forma que meu pai as contestasse, e, se conheço bem as interpretações malignas, dir-se-á que eu não busquei o fim, mas uma desculpa. Desembaraçai, por favor, a aflição da desonra miserável! Nunca parecerá ter desejado morrer o parricida, se continuar vivo.²⁷⁴ (DM 4.6.7; DM 4.21.4-5)

No entanto, foi necessário que ele se mantivesse vivo, ao menos por um tempo. Ele não queria que sua morte fosse considerada como desesperada. Ele queria o sepultamento e a tranquilidade da morte filosófica. Como mencionado anteriormente, uma morte apressada apenas levantaria suspeitas sobre sua culpa:

Mereci, confesso, interpretações malignas: para que pudesse morrer como herói, da guerra regressado, as armas depus, alcancei a boa vontade do povo, fui a alegria da cidade. Mas se isso é um grande sinal de respeito pelo seu próprio enterro – a pior das fraquezas inerentes aos corações humanos, de forma que quem não teme a morte, por causa disso a temesse – ou se foi

²⁷¹ *Ei confine est quod dicitur per suspicionem, quale illud apud Ciceronem querenti quod uxor sua ex fico se suspendisset: "rogo des mihi surculum ex illa arbore ut inseram"; intellegitur enim quod non dicitur.*

²⁷² *The motives connected with this way out are generally of the lowest order: despair, grief, fury and shame, especially from sexual humiliation.*

²⁷³ [...] *ego dicar expugnasse constitutionem, fregisse uincula necessitatis, mea pietas, mea laudetur integritas.*

²⁷⁴ [...] *ne quis ideo mori me uelle non credat, quia potius ad causas ac uerba confugi, quia a uobis malui petere, quicquid ab his potui manibus accipere.*

conveniente ao que perece, por amor à inocência, a grande serenidade dos que devem perecer, perdoai, por favor, a hesitação, a paciência, a demora: se tivesse me matado imediatamente, morreria como se fosse um parricida.²⁷⁵
(DM 4.7.1-2)

A avaliação dos métodos para a morte voluntária, portanto, é importante para a interpretação das palavras e intenções do Filho. Hooff afirma que “A preocupação com a *dignitas* na vida e na morte é, é claro, mais forte na elite que adere aos valores de virilidade: apenas o metal condiz com a representação da *uirtus*.”²⁷⁶ (p. 77). A motivação²⁷⁷, portanto, está muito ligada ao método e ao ponto de vista sobre o ato. Na análise dos motivos para a morte voluntária, a lei pode ajudar. O suicídio e sua tentativa não eram punidos, de acordo com a lei romana, a menos que a vítima fosse um soldado ou estivesse cometendo o ato para escapar de um julgamento e uma possível condenação. Isso é mencionado pelo Filho na própria declamação:

Por outro lado, o fato de que a lei ordenou que o que está para morrer declarasse as causas – e quis abandoná-lo insepulto, se assim se apressasse a deixar a vida sem que o anunciasse anteriormente, sem que confessasse – engana qualquer um que, por esse motivo, pensa que isto foi feito para que sejamos mantidos em vida. A lei, na verdade, não teme a impulsividade do suicida, nem de bom grado perscruta o segredo da dor alheia. Ela estava ciente daqueles que, de outro modo, não ousariam revelar as causas da morte, esses que estão conscientes de um delito, cujo medo de um sofrimento maior compeliu aos ritos funerais. Portanto, para que não se resguardassem das punições por meio de um óbito apressado, são reconduzidos novamente ao castigo por meio da injúria do corpo insepulto de um criminoso. A lei, plácida e branda, quis que as causas da morte fossem declaradas, não avaliadas.²⁷⁸
(DM 4.9.1-3)

²⁷⁵ *Merui, fateor, malignas interpretationes: uir fortis, ut morerer, a bello reuersus arma posui, populi fauorem, gaudia ciuitatis intraui. Sed siue hoc est sepulturae suae magna reuerentia, pessimeque additae pectoribus humanis infirmitatis, ut esset, quod timeret, qui non timet mortem, seu decuit innocentiae amore pereuntem tranquillitas magna pereundi, ignoscite, quaeso, cunctationi, patientiae, morae: si me continuo occidissem, tamquam parricida moriebar.*

²⁷⁶ *That preoccupation with dignitas in living and dying is of course strongest in the elite which adheres to the values of manliness: only metal befits the representative of virtue.*

²⁷⁷ Hooff faz diversas considerações sobre a análise da motivação. É um método de análise extremamente restrito, mas o único que possuímos. Não há como conhecer intimamente a vida de um romano, apenas as percepções estilizadas do ponto de vista dos escritores em relação ao ato de outrem. Trata-se de uma perspectiva.

²⁷⁸ *Nam quod lex iussit, ut moriturus redderet causas, quod insepultum uoluit abici, si sic properasset erumpere, ut non nuntiaret hoc prius, non fateretur, fallitur, quisquis ideo factum putat, ut teneremur in uita. Illa uero non timet pereundi temeritatem, nec secretum doloris alieni libenter inquirat. Sciebat illos non [aliter] ausuros proferre causas, quos sceleris conscientia, quos maioris cruciatus metus in suprema compelleret. Igitur ne supplicia properato lucrarentur obitu, rursus in poenam nocentis insepulti corporis reuocauit iniuria. Lex placida, mitis causas mortis reddi uoluit, non aestimari.*

No *Digesto*, há uma lei que determina que o testamento de alguém que cometeu um crime permanece válido até que o imperador peça sua execução, mesmo que ele morra antes disso. A exceção, no entanto, é a morte voluntária:

[...] exceto se tiver infligido morte a si mesmo, pois os testamentos daqueles que preferiram morrer ao invés de serem condenados por causa da consciência do crime os ordenamentos tornam inválidos, embora morram como cidadãos; mas se alguém [opta por morrer] por aversão à vida, ou incapacidade de suportar uma condição de saúde desfavorável ou por exibição, como alguns filósofos, em tal situação estão que seus testamentos são válidos.²⁷⁹ (*Dig.* 28.3.6.7)

A morte por exibição será tratada mais adiante, mas se refere ao que nós chamamos aqui anteriormente de morte filosófica. A tradução de *iactatio* por exibição foi sugerida por Pontes (2021) e nós preferimos mantê-la neste trabalho. Hooff, no entanto, prefere traduzir por *ostentation*, ou ostentação, por causa da postura dos cínicos de não restringirem o suicídio da mesma forma que as outras escolas filosóficas e, acreditamos, por conta das críticas que alguns escritores romanos, como Marcial e Petrônio, faziam ao ato, ridicularizando sua teatralidade. O que percebemos, no entanto, é que o Estado tinha uma preocupação com o testamento e, portanto, com os bens daqueles que se matavam perante a ameaça de uma condenação, pois isso poderia ser uma indicação de culpa. Desse modo, Hooff chama a atenção para o fato de que o Estado enriquecia com o confisco dos bens daqueles que não expunham seus motivos para a morte, o que podemos atestar no *Digesto*:

Os bens daquele que infligiu a morte a si mesmo não são coletados para o tesouro antes que tenha sido estabelecido previamente por causa de qual crime colocou as mãos em si mesmo. Os bens daquele que infligiu a morte a si e colocou as mãos sobre si mesmo por causa de alguma infâmia cometida são reivindicados pelo tesouro. Mas se ele foi cometido por aversão à vida ou vergonha de uma dívida com alguém, ou incapacidade de suportar uma condição de saúde desfavorável, [os bens] não serão perturbados, mas deixados para seus herdeiros.²⁸⁰ (*Dig.* 49.14.45.2)

²⁷⁹ [...] nisi mortem sibi consciuit. nam eorum, qui mori magis quam damnari maluerint ob conscientiam criminis, testamenta irrita constitutiones faciunt, licet in ciuitate decedant: quod si quis taedio uitae uel uoletudinis aduersae impatientia uel iactationis, ut quidam philosophi, in ea causa sunt, ut testamenta eorum ualeant.

²⁸⁰ Eius bona, qui sibi mortem consciuit, non ante ad fiscum coguntur, quam prius constiterit, cuius criminis gratia manus sibi intulerit. eius bona, qui sibi ob aliquod admissum flagitium mortem consciuit et manus intulit, fisco uindicantur: quod si id taedio uitae aut pudore aeris alieni uel uoletudinis alicuius impatientia admisit, non inquietabuntur, sed suae successioni relinquuntur.

Em relação à lei militar, o próprio imperador Adriano determina as exceções de punição para a tentativa de suicídio de um soldado, sendo elas: “[...] incapacidade de suportar a dor, aversão à vida, doença, loucura ou vergonha [...]”.²⁸¹ (*Dig.* 49.16.6.7) Hooff considera que os juriconsultos se esforçam para fazer uma lista de motivos, por mais raros que sejam. Na lista elaborada pelos juriconsultos, o suicídio por decreto do imperador e por *deuotio* não aparecem²⁸². A motivação à qual o filho mais se adequa é a da *deuotio*, mas ele utiliza outras como argumento. As mais atribuídas pelos antigos nos 923 casos em que são especificadas são: *pudor* (32%); *desperata salus* (22%); *dolor* (13%); *necessitas* (6%); *deuotio* (6%); *fides* (5%); *impatientia* (5%); *iactatio* (3%); *taedium uitae* (2%); *exsecratio* (2%); *furor* (2%); *conscientia* (1%).²⁸³

Hooff primeiramente analisa motivações mais gerais e depois as mais específicas, que demandam maior controle. A morte por desespero, ou *desperata salus*, não é muito específica e pode abarcar outras motivações. É como o caso do Filho na guerra, que se jogou no meio da batalha em um ato desesperado, mas com o intuito de proteger o pai. A morte por *necessitas* é aquela ordenada por um imperador. Hooff menciona que conforme o Império seguia seu curso, cada vez mais esse tipo de ordem danificava a reputação do imperador e, no Império tardio, já “[...] não havia motivo para coagir a aristocracia imperial desta maneira”²⁸⁴ (p. 96), o que pode ser um motivo restrito para o menor número de suicídios registrados durante o período.

As descrições da morte por loucura, ou *furor*, são relatadas de forma bem diferente do que acontece com o Filho na DM 4. Na realidade, o *furor* do protagonista dá lugar à reflexão²⁸⁵, para construir a ideia do *sapiens* que se guia pela *pietas*, ao passo que sua instabilidade psíquica e o sobrenatural são deixados de lado. O desequilíbrio mental não parecia ser uma questão para os antigos romanos do ponto de vista dos relatos sobre o suicídio desse tipo, que são poucos. Alguns argumentam que tal estado mental é provocado pelos deuses por conta de uma ofensa, enquanto, em outros casos, é apenas uma reação a um outro motivo (como acontece com o

²⁸¹ [...] *impatientia doloris aut taedium uitae aut morbo aut furore aut pudore* [...]. O luto, ou *luctus*, também aparece como motivo em outra lei (*Dig.* 48.19.38.12).

²⁸² Hooff menciona que nenhum imperador gostaria de ver a lei especificando o suicídio por ordem sua e não faz sentido esperar que alguém se mate por *deuotio* estando em um julgamento.

²⁸³ Motivações masculinas nos 652 casos em que são especificadas: *pudor* (33%); *desperata salus* (22%); *dolor* (10%); *necessitas* (7%); *deuotio* (6%); *impatientia* (6%); *fides* (4%); *iactatio* (3%); *taedium uitae* (3%); *exsecratio* (2%); *furor* (2%); *conscientia* (1%).

Motivações femininas nos 226 casos em que são especificadas: *pudor* (35%); *dolor* (27%); *desperata salus* (12%); *fides* (8%); *necessitas* (5%); *deuotio* (4%); *exsecratio* (2%); *conscientia* (2%); *furor* (1%); *impatientia* (1%); *iactatio* (1%); *taedium uitae* (1%).

²⁸⁴ [...] *there was no need to coerce the senatorial aristocracy in this way.*

²⁸⁵ Tal ideia pode ser corroborada pela análise de Hooff sobre a modernização da morte de Ájax e Hércules ao longo do tempo (p. 99).

desespero). A morte por luto, ou *dolor*, tem uma grande expressividade entre mulheres. Um comentário interessante feito por Hooff (p. 104) é o de que ambos os pais podem se matar quando um filho morre, mas o mesmo não acontece quando uma filha morre.

A morte por vergonha, ou *pudor*, é a marca do mundo antigo: “A sociedade antiga era orientada pelo ideal heróico e como um todo pode ser considerada como uma ‘sociedade da vergonha’”²⁸⁶ (p. 108). 296 casos ou um terço do total de casos em que a motivação aparece são justificados por *pudor*. Tal motivação também está presente no suicídio de Catão e é mencionada pelo protagonista da declamação três vezes, em que traduzimos a palavra por decência e desonra. O Filho considera uma vergonha não conseguir estar perto de seu pai, não considerarem que seu pedido é verdadeiro e quer manter a própria honra perante a sua situação em que se encontra: “Que desonra sofri há pouco para minha consciência desafortunada! Não trouxe as armas de volta para o meu pai [...]”²⁸⁷ (DM 4.5.4); “Os títulos, as estátuas, as honrarias guardai para os vencedores; para mim garanti a salvação de meu pai, a minha inocência, a decência face às circunstâncias.”²⁸⁸ (DM 4.6.3); “Desembaraçai, por favor, a aflição da desonra miserável! Nunca parecerá ter desejado morrer o parricida, se continuar vivo.”²⁸⁹ (DM 4.21.5). A morte por essa motivação acontece muito na guerra e, em especial, no período de guerra civil que levou à queda da República romana:

Um tipo específico de suicídio antigo sempre recebeu muita atenção. As qualidades estilísticas de Tácito [...] fizeram do suicídio entre nobres o foco de reflexões sobre o suicídio na antiguidade. O círculo de Tácito estava profundamente chocado com a visão da ordem senatorial sendo esmagada pela autocracia imperial. O que restou do orgulho aristocrático foi demonstrado em face do fim inevitável. Diversos fatores contribuíram para a dramatização: a tradição dos últimos republicanos foi revivida. Assim, o ato derradeiro podia ser estilizado como um protesto contra a tirania. A filosofia estoica adicionou uma aura ao protagonista. Um conjunto completo de efeitos foi desenvolvido em meio a uma elite que estava completamente ciente do que era esperado pelos colegas aristocratas e pelo público em geral. Era melhor morrer de forma heroica na véspera de uma audiência a esperar pela degradação que a acompanhava.²⁹⁰ (HOOFF, p. 111-2)

²⁸⁶ *Ancient society was oriented to the heroic ideal and as a whole can be regarded as a ‘shame-society’.*

²⁸⁷ *Quem ego paulo ante passus sum miserae conscientiae pudorem! Ad patrem arma non rettuli [...]*

²⁸⁸ *Titulos, imagines, honores seruate uicturis; mihi praestate salutem patris, innocentiam meam, temporum pudorem.*

²⁸⁹ *Explicate per fidem miseri pudoris aestum! Numquam uidebitur mori uoluisse parricida, si uixerit.*

²⁹⁰ *One specific type of ancient self-killing has always enjoyed much attention. The stylistic qualities of Tacitus—and of Robert Graves—made suicide among the nobility the focus of reflections on self-murder in antiquity. Tacitus’ circle was deeply shocked to see the senatorial order being smashed by the imperial autocracy. What was left of aristocratic pride was shown in the face of the inevitable end. Several factors contributed to dramatizing: the tradition of the last of the republicans was revived. Thus the ultimate deed could be stylized as a protest against tyranny. Stoic philosophy added an aura to the protagonist. A complete set of effects was developed amongst an elite that was fully aware of what was expected by fellow-aristocrats and by the general public. It was better to die heroically on the eve of a hearing than to wait for the degradation that went with it.*

Em uma sociedade tão preocupada com a opinião externa, a motivação da culpa, ou *conscientia*, mal aparece.²⁹¹ Como já observado, o Filho se preocupa que seu ato seja visto como uma confissão e se esforça para demonstrar suas verdadeiras motivações. A culpa que sente é por um ato ainda não cometido, sua “consciência desafortunada” é um problema no que se refere a estar sozinho com o pai. Em relação à motivação conhecida como *taedium uitae*, é um dos argumentos utilizados pelo filho quando expressa que os fenômenos recorrentes da existência não são o suficiente para que arrisque a vida de seu pai e viva com medo. Essa motivação é considerada refletida e premeditada e pode ser ocasionada pelo sofrimento físico ou mental. Hooff (p. 122) comenta que é uma morte de quem viveu muito tempo, o que se relaciona bem com o argumento do Filho de que o próprio envelheceu pela virtude.

A morte por *impatientia*, ou incapacidade de suportar a dor física, também requer reflexão e é muito comum entre homens velhos e filósofos, sendo defendida pelo estoicismo. Hooff menciona que, uma vez que a medicina antiga não era muito avançada, esse tipo de morte voluntária não causava espanto e a reprovação por ela teve início com o cristianismo. O Filho até mesmo afirma que se esse fosse o motivo de seu pedido, ninguém discutiria com ele: “Se o astrólogo tivesse me avisado sobre danos aos meus membros, ou grave e contínua debilidade do meu corpo, perdoaríeis a quem foge de tantos males, mesmo que incertos.”²⁹² (DM 4.12.1). De acordo com Hooff: “Parece que na virada do primeiro século era um comportamento aceitável fazer um balanço da vida e decidir pela morte. Talvez a aristocracia romana do terror imperial tenha pavimentado o caminho para uma abertura mais geral em relação ao suicídio na época seguinte.”²⁹³ (1990 p. 124). Essa citação serve para a análise de nossa declamação no sentido de que pode fornecer um maior entendimento na escolha do enredo, carregado de interpretações sobre o suicídio que aparecem até mesmo antes das guerras civis que culminaram no Império.

Em relação à morte por *deuotio* já vimos que relatos de suicídio ocasionados por oráculos são documentados. No caso do Filho, o astrólogo nada pediu-lhe, nem a profecia

²⁹¹ Além do *pudor* romano, temos na sociedade grega a timé, ou τιμή. Flávio Ribeiro de Oliveira, na introdução da sua tradução da *Medeia* de Eurípides (2006, p. 13-5), reflete que a questão central da revolta da personagem principal não é o ciúme, mas desconsideração de Jasão por sua honra, uma vez que fez tanto por ele. Os gregos também davam grande importância para o reconhecimento do valor externo e a narrativa euripídiana demonstra isso.

²⁹² *Si mihi mathematicus denuntiasset damna membrorum, grauem corporis perpetuumque languorem, ignosceres tanta mala uel incerta fugienti.*

²⁹³ *It seems that at the turn of the first century it was accepted behavior to draw up the balance-sheet of life and to decide for death. Maybe the Roman aristocracy of the imperial terror paved the way for a more general openness towards suicide in the next epoch.*

realizada. Ele só recebeu uma previsão de que mataria o pai. A escolha e reflexão subsequentes são completamente dele, que optou por não arriscar ferir a própria família e, por consequência, a pátria. Hooff comenta que “a *deutio* é um dever do homem. O método reflete a *uirtus*: provocação (41%) é o método predominante que acompanha essa motivação”²⁹⁴ (p. 127). A motivação conhecida como *iactatio* podia ser alvo de desaprovação e zombaria, de acordo com Hooff, no entanto:

Procurar pela reação pública em geral é a marca do comportamento antigo no suicídio. Relativamente raros são os casos nos quais alguém se retira para o seu sótão ou para as montanhas para cometer o ato. O indivíduo prefere se matar na frente de uma audiência ou pelo menos na companhia de alguns bons amigos.²⁹⁵ (p. 129)

Tal fenômeno permite a demonstração de um ponto de vista filosófico, até mesmo dentro de Sofistópolis. Se por um lado era motivo para escárnio, por outro causava admiração. O autor encerra sua exploração das motivações e dos métodos e, mais adiante, reafirma a importância dos relatos para a interpretação do suicídio na antiguidade:

Em primeiro lugar, a língua conta uma história: os termos com os quais os gregos e romanos falavam sobre o suicídio são reveladores de seus comportamentos. A cultura altamente desenvolvida da palavra é uma segunda fonte importante: como os oradores antigos exploravam o tema? Eles são cruciais como porta-vozes, porque em seus discursos eles se aproveitam das opiniões que presumem em seu público. (p. 135)

Hooff não utiliza as *Declamationes Miores* em seu trabalho, mas, baseados em seu próprio comentário acima, entendemos as declamações como um material que pode ser utilizado, com certa reserva, para a análise e interpretação dos pontos de contato que estabelecem com o mundo descrito pelos antigos. Se, como ele afirma, a tragédia e a comédia, apesar de construírem também um mundo autônomo, são fontes importantes pois revelam os valores esperados do público da época, as declamações também o fazem. E não somente isso: o estudo realizado pelo autor é esclarecedor sobre diversas passagens da DM 4 que possam parecer confusas ou exageradas para o leitor moderno. Uma vez que Hooff afirma, por exemplo, que o *taedium uitae* e a *iactatio* não figuram na literatura trágica e que são característicos do

²⁹⁴ *Deutio is a man's duty. The means reflect the uirtus: provocation (41 per cent) is the predominant method which goes with this motive.*

²⁹⁵ *Looking to public reaction in general is the mark of ancient behaviour in suicide. Relatively rare are the cases where somebody withdraws to his attic or to the mountains to commit the deed. One prefers to kill oneself in front of an audience or at least in the company of some good friends.*

início do Império, a DM 4 tem um papel importante na reflexão sobre essas motivações raras e filosóficas, haja vista a discussão sobre o uso da *thesis* no início deste capítulo.

Recapitulando, é a partir do parágrafo 8 que o protagonista expõe sua vontade de fato, em um entrelaçamento entre causa e questão: “eu desejo morrer” (DM 4.8.1; *mori uolo*). O Filho afirma que, tendo motivações ou não, o ato de morrer é um direito seu. No entanto, ele menciona que essa não é uma decisão impensada e que ele parte de uma motivação das mais nobres. Ele também escolhe um dos métodos mais respeitados pela sociedade romana. Não há como enquadrá-lo em qualquer tipo de reação desfavorável, baseados nas percepções já analisadas sobre o suicídio. Sendo um soldado, ele reporta as motivações de sua morte e também garante seu sepultamento: “Esse afeto com o qual desejaras nos manter, transfere aos meus ritos funerais, com as tuas mãos prepara o corpo, constrói as piras, paga as oferendas do funeral.”²⁹⁶ (DM 4.22.3). Hooff menciona a importância dos ritos funerários, ou *iusta*, para os antigos, pois tais ritos determinavam como seria a vida após a morte. Ele cita a existência de associações que realizavam enterros de quem não possuía recursos que se recusavam, por exemplo, a enterrar pessoas que tivessem se matado por enforcamento ou até mesmo qualquer tipo de suicida. Portanto, apesar das leis da DM 4 serem típicas do universo declamatório, regulações sobre o enterro de suicidas existiam²⁹⁷.

Em relação ao suicídio nas declamações, temos um quadro elaborado por Pontes (2021) a partir das motivações fornecidas:

Quadro 2 – *Causa moriendi* dos casos de suicídio

²⁹⁶ *Hunc quo nos retinere uoluisses, in suprema mea transfer adfectum, tuis manibus compone corpus, exstrue rogos, funeri iusta persolue.*

²⁹⁷ Hooff também cita exemplos de pessoas importantes que reportaram sua decisão de morte voluntária ao Estado, seja para desviar qualquer suspeita de homicídio ou pelo senso de responsabilidade com a comunidade.

<i>Causa moriendi</i>			
	Sêneca	Pseudo-Quintiliano	Calpúrnio Flaco
<i>Desperata Salus</i>	Con. 5.1 e 8.1	Decl. Min. 377	
<i>Deuotio e Fides</i>	Con. 2.2 e 6.4		
<i>Exsecratio</i>	Con. 10.3	Decl. Min. 326 e 329	
<i>Mala conscientia</i>		Decl. Min. 247, 276 e 299	
<i>Pudor</i>		Decl. Min. 270	
<i>Sine ratione</i>	Con. 8.4	Decl. Min. 292	Calp. Decl. 16
<i>Pro cognatione</i>			Calp. 26
<i>Mors uoluntaria</i>		Decl. Min. 335 e 337 Decl. Mai. 4 e 17	Calp. Decl. 20, 38 e 53

Fonte: Jefferson Pontes (2021, p. 202)

O autor considera que a DM 4 está na categoria filosófica de *mors uoluntaria*, em que a futura vítima apresenta ao senado as motivações da morte, e cria uma nova categoria, *pro cognatione*, para aqueles que se matam em prol da família. Acima, nós encaixamos a situação do Filho na *deuotio*, de acordo com as considerações de Hooff. O autor também discorre sobre as motivações²⁹⁸ expostas em sua tabela:

Uma prática muito comum no âmbito declamatório, ocupando pouco mais de oito por cento do total de controvérsias remanescentes, o suicídio é cometido por mulheres que, após terem sido estupradas, se matam (*Decl. Min. 270*) ou por estupradores que tiram suas próprias vidas após violentarem suas vítimas (*Decl. Min. 247*), bem como por pais que se oferecem à morte em prol dos filhos (*Calp. Decl. 26*) e filhos que desejam se matar após terem sido deserdados ou rejeitados pelos pais (*Con. 10.3*). As circunstâncias que antecedem à prática da morte autoinfligida são diversificadas e, na maioria das vezes, envolvem a família (o pai, a mãe ou a madrasta, e os filhos) e um personagem alheio a esse núcleo (o estuprador, um exército inimigo) ou uma condenação judicial. Os casos de estupros geralmente terminam com a morte de uma das partes envolvidas. (p. 202)

É possível perceber que nas declamações que possuem o suicídio como tema, a autodenúncia aparece de forma recorrente, assim como apontado por Stramaglia (2013). A *Declamação Menor 335* até mesmo traz um conflito entre pais e filhos, em que o pai deseja se matar por ter matado a esposa por adultério, mas o filho se opõe, uma inversão do que acontece

²⁹⁸ Não abordada por nós ao longo do texto, a motivação conhecida como *exsecratio* abarca o suicídio realizado como punição a outrem após um pedido de vingança contra a pessoa que fez algum mal à vítima.

na DM 4, apesar das diferenças no enredo. Nas duas declamações, a morte é vista como um *remedium* (335.1; DM 4.2.6), um remédio²⁹⁹ (p. 383) ou uma cura e os protagonistas expressam mais de uma vez o seu desejo de morrer ao longo do texto com as expressões *mori uolo* e *mori uelle*. Há também a preocupação com a *conscientia* do que pede pela própria morte:

A vossa investigação, todavia, é necessária, não somente porque essa liberdade não convém aos inocentes, mas porque muitos são aqueles que expressam, desse modo, sua consciência; e, por causa disso, o dano à sepultura é adicionado para que não pensem ter escapado das penas. Por causa disso, eu levei essa vida, por tão longo tempo, odiosa até que meu filho se curasse, para que não parecesse que eu queria morrer por outra consciência.³⁰⁰ (335.2, p. 383-4, com adaptações)

Enquanto o filho, na DM 4, discursa que é melhor morrer jovem a envelhecer e não conseguir mais realizar tarefas básicas, o pai da 335 usa o mesmo argumento, mas dizendo que sua vontade é por já ser velho: “Sou um velho, quero morrer; a vida tem seus limites, enquanto os membros aguentam, enquanto há forças para o serviço. Quão pequena a parte de viver eu tenho?”³⁰¹ (355.3, p. 384). A declamação 38 dos *Excerpta Declamationum* de Calpúrnio Flaco, em que o filho contesta a morte do pai, que deseja se matar para que ele não morra, também traz a ideia da morte como um remédio. O pai afirma que o senado utiliza a morte como saída tanto para o louco, como para o sábio: “A morte é dada por vós quer como um remédio para a loucura, quer como um conforto para um sábio.”³⁰² (p. 322-3)

A declamação 53 de Calpúrnio Flaco traz o discurso de um pai que se opõe ao suicídio do filho adotivo. Seu argumento para que o filho não morra se aproxima do que diz o Filho da DM 4, no parágrafo 7, quando afirma que nenhum pai permitiria a morte de um filho: “Quisera eu, senadores, que não fosse permitido aos nossos filhos abandonar a vida a não ser pelo nosso consentimento! É muitíssimo injusto se eu perder qualquer um dos meus valorosos filhos, aquele que outrora a vida me deu e esse que agora a amizade substituiu.”³⁰³ (p. 339). É possível perceber, portanto, similaridades de tema e terminologias na tradição declamatória em que o suicídio ocupa lugar central.

²⁹⁹ Todas as traduções de declamações além da DM 4 são de Jefferson Pontes (2021).

³⁰⁰ *Necessaria tamen uestra cognitio est, [ut] non quia istud liberum esse innocentibus non oportet, sed quia multi sunt qui sic conscientiam emittunt; et ideo adiectum est damnum sepulturae ne se putent | poenas effugisse. Ideo ego hanc uitam olim inuisam tamdiu tuli donec filius meus sanaretur, ne uiderer aliqua conscientia mori uelle.*

³⁰¹ *Mori uolo senex; habet suos uita terminos, dum membra sufficiunt, dum in officio uires sunt. Quotamquamque partem habeo uiuentis?*

³⁰² *Mors a uobis dabitur siue dementi remedium siue sapienti solacium.*

³⁰³ *Vtinam, P. C., liberis nostris exire de uita nisi nobis arbitris non liceret! Perquam indignum est, si utrumque pignus amittam, et quod dedit aliquando natura et quod nunc substituit amicitia.*

Pontes chama a atenção para o fato de que a espetacularização da morte foi muito relatada no início do Império, como sabemos, sendo a única forma que a aristocracia possuía de alcançar novamente o protagonismo. Nesse sentido, a filosofia estoica se torna popular para aqueles que necessitavam de uma base nobre e erudita. Miriam Griffin (1986) também afirma que, no período entre o fim da República e o início do império, o suicídio era um tópico recorrente, seja em escritores da época, como Sêneca, Lucano, Tácito, Plínio e até mesmo Marcial ou em casos históricos de suicídio que envolvem, por exemplo, alguns dos autores citados. A autora recusa que se trate de uma epidemia, como sugere Yolande Gris³⁰⁴, da mesma forma que, como vimos, Hooff usa a cautela ao tratar de seus dados, mas ela considera que o fenômeno seja, talvez, uma moda. Ao analisar algumas mortes voluntárias, como a de Ático, Sêneca e Corélio Rufo, ela destaca a sua teatralidade, expressa na longa duração do ato e na presença de uma audiência, e a calma da vítima, expressa na sua racionalização e na preocupação pelos outros, além das implicações filosóficas do ato, expressas nas motivações expostas.

O problema, para Griffin, é que as escolas filosóficas populares em Roma no período não pregavam o suicídio irrestritamente³⁰⁵, e muitos tipos de suicídio eram tolerados antes do momento em que ele se tornou uma “moda”, como o suicídio após perder uma batalha. No entanto, a oportunidade para o martírio ocasionada pela crise política e mudança na hierarquia de poder encontrou adeptos que estavam dispostos a morrer por uma causa maior e eles tinham um exemplo a seguir:

[...] foi o modo pelo qual Catão, o jovem, escolheu encenar o seu fim e o modo pelo qual outros celebraram o ato depois que explica por que opositores políticos dos imperadores, que foram ordenados a se matar ou até mesmo foram de fato executados, passaram a ser considerados, e provavelmente se consideravam, como seguidores do grande Catão Estoico na morte.³⁰⁶ (1986, p. 195)

Griffin afirma que a identificação de Catão com Sócrates contribuiu para a ideia do mártir e sua ação, além da mera aceitação ou tolerância, conquistou o respeito político, indo muito além da reflexão filosófica. A literatura se aproveitou de todos esses elementos e talvez

³⁰⁴ GRISÉ, Yolande. *Le suicide dans la Rome antique*. Montreal, Paris: Belles Lettres, 1982.

³⁰⁵ A autora chama a atenção para o alerta dos epicuristas contra o *odium uitae* e dos estoicos contra a *libido moriendi*, ambos os tipos de pensamento que poderiam levar ao suicídio considerado desprezível e antifilosófico.

³⁰⁶ [...] *it was the way in which the younger Cato chose to stage his end and the way in which others celebrated it thereafter that explain why political opponents of the Emperors, who were ordered to kill themselves or even were actually executed, came to be thought of, and probably thought of themselves, as following the great Stoic Cato in death.*

até mesmo as declamações escolares possam ter feito isso, seguindo a tradição dos relatos sobre a morte ilustre. Assim, o Filho quer se matar, não para ser um mártir político, mas para salvar alguém de sua família, um dos pilares da sociedade romana.

Temos, portanto, o caso particular que abre o caminho para a questão filosófica geral, sustentada, entre outras escolas, pelo epicurismo romano que, por sua vez, se insere em um contexto muito mais amplo de reações ambíguas a depender do método e da motivação da morte voluntária. Ao longo dos séculos é possível encontrar muitos exemplos que afirmam e mudam as concepções sobre o suicídio, mas é inegável que a discussão é reveladora quando aplicada à análise do que ocorre na DM 4, na qual o descontrole e o sobrenatural dão lugar à reflexão e ao domínio sobre a própria vontade.

5 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Para traduzir a Declamação Maior IV para o português, as edições de Lennart Håkanson (1982) e Antonio Stramaglia (2021) foram utilizadas, assim como as traduções de Raffaella Pagliaro (2004), Stramaglia (2013), Winterbottom (2021) e Lewis A. Sussman (1987) serviram como material de apoio às decisões tomadas ao longo do processo. Um projeto tradutório de cunho funcionalista foi estabelecido a partir de Christiane Nord (2016). Também nos fizemos valer de algumas considerações de Even-Zohar (1990) e Paulo Henriques Britto (2012) sobre, respectivamente, teoria dos polissistemas e tradução literária. O dicionário latino de Oxford (1968) serviu como a principal base para o estabelecimento de escolhas lexicais.

Em um primeiro momento, com a tradução e análise dos parágrafos, mostrou-se necessária a criação de um glossário, que será explicitado, em parte, no fim deste capítulo e em sua integridade, no anexo A, para que nos auxiliasse a manter constância em escolhas lexicais sempre que possível, funcionando como um registro de possibilidades para a tradução. Como é de se esperar, muitas vezes o contexto nos forçou a buscar outros termos dentro do vocabulário construído, assim como para atingir uma fluência mais adequada no português. Estruturas de frases e tempos verbais também foram adaptados de acordo com a necessidade, e fizemos o possível para preservar o sentido e também a sonoridade da prosa, mantendo, por exemplo, aliterações e assonâncias particularmente expressivas. O texto em latim acompanha a tradução, além de notas elucidativas nos pontos em que as julgamos relevantes.

Para abordar melhor a organização da DM 4, recorreremos à estrutura inicial de uma declamação, explicitada por Sussman (1987, p. iii), Stramaglia e Santorelli (2021, p. xxvi-xxxii), que consiste em: (1) título; (2) leis aplicadas à situação (se houver); (3) descrição da situação, ou tema, seguida da estrutura geral e comum nos discursos retóricos, com (4) uma introdução (ou proêmio); (5) a narração dos fatos; (6) a refutação dos argumentos contrários; (7) uso de um argumento formal complexo e (8) uma conclusão emotiva e exagerada. A DM 4, em específico, possui 23 parágrafos e a seguinte distribuição, traduzida a partir de Deirdre Stone (1996):

Quadro 3 – Estruturação e resumo da DM 4:

Divisão	Resumo da declamação	Håkanson (página e parágrafo)

Proêmio	Não duvidem de que estou prestes a matar meu pai a não ser que eu me mate.	p. 61 parágrafo 1
	Não escutem meu pai.	p. 62 parágrafo 2
<i>Narratio</i>	História da procura pelo astrólogo e da previsão feita por ele.	p. 63 parágrafo 3
	A previsão do astrólogo até aqui se mostrou verdadeira.	p. 64 parágrafo 4
<i>Argumentatio</i>	Não deixem que a parte final da previsão se torne verdadeira	p. 65 parágrafo 5
	Não peço qualquer outro prêmio (além do prêmio do herói, que me é devido)	p. 66 parágrafo 6
	Pais desejam que as suas crianças fiquem vivas.	p. 67 parágrafo 7
	Não é melhor que eu morra e preserve minha virtude?	p. 68 parágrafo 8
	A lei diz que o suicida deve expor suas causas.	p. 70 parágrafo 9
	Qual seria o valor da vida?	p. 71 parágrafo 10

Continua

Divisão	Resumo da declamação	Håkanson (página e parágrafo)
<i>Argumentatio</i>	É melhor morrer no auge da fortuna e do poder que decair. Estando o astrólogo certo ou errado, a morte é a melhor saída.	p. 72 parágrafo 11
	Se eu sobreviver, não seria inocente. Melhor nunca ter nascido.	p. 73 parágrafo 12
	Meu pai argumenta contra a astrologia, mas eu demonstrei que ela é verdadeira.	p. 74 parágrafo 13
	As estrelas são feitas por deus como sinais.	p. 75 parágrafo 14
	As estrelas não mentem.	p. 77 parágrafo 15
	Eu acho que o astrólogo leu as estrelas corretamente. A profecia se mostrou correta até agora.	p. 78 parágrafo 16
	Você quer que um assassinato aconteça antes de acreditar?	p. 79 parágrafo 17
	O pai é irracional ao duvidar da profecia.	p. 80 parágrafo 18
	Eu acredito nela e preciso cometer suicídio para preveni-la.	p. 81 parágrafo 19

Continua

Divisão	Resumo da declamação	Håkanson (página e parágrafo)
	Meu pai não está prestando atenção ao meu estado deplorável se eu viver para me tornar um parricida.	p. 82 parágrafo 20
	Os deuses não me deixam escolha.	p. 83 parágrafo 21
	A pessoa que morre (eu), se permanecesse viva optaria pelo parricídio.	p. 83 parágrafo 22
<i>Conclusio</i>	Agora você pode dizer << você mentiu, astrólogo>>. Meu único medo é que minha morte mate meu pai.	p. 84 parágrafo 23

Fonte: traduzido a partir de Stone (1996, p. 211)

Stramaglia (2013) divide a estrutura deste modo:

Proêmio: 1.1-2.6

Narração: 3.1-5.9

Argumentação: 6.1-20.3

Epílogo: 20.4-23.4

Nord (2016) preconiza a análise do texto de uma forma abrangente, para iniciar qualquer tipo de tradução, o que foi seguido a partir da criação de um projeto tradutório que fosse acompanhado de uma introdução sobre a obra, contexto do texto fonte (TF), a análise propriamente dita do TF, estabelecimento de um histórico de traduções, definição dos instrumentos de tradução e observação de decisões tradutórias sob o principal fio condutor estabelecido por nós: o *skopos* (σκοπός) do texto alvo (TA), método explicitado mais adiante.

A partir de Britto (2012), entendemos que a língua está atrelada à cultura, inevitavelmente, e, portanto, traduzir um TF para um TA é transportar algo de uma cultura para outra diferente daquela, de forma a cumprir certo objetivo e, nesse processo, adaptações e decisões precisam ser feitas. Algumas palavras latinas, por exemplo, não vão encontrar

correspondentes exatos em português ou definem um conceito não familiar em nossa língua³⁰⁷, e necessitam de análise para que possam ser traduzidas, mesmo com o uso do dicionário e a criação de um glossário. Um texto, então, “só pode ser compreendido, e, logo traduzido, quando visto como um fenômeno *cultural*, dentro de um contexto rico e complexo, que vai muito além dos aspectos estritamente linguísticos” (p. 20). O autor também discorre sobre a correspondência entre textos: um tradutor deve ser capaz de reproduzir um texto em uma língua de tal forma que o leitor possa dizer que leu aquele mesmo texto. Vamos ainda ampliar tal ideia com as considerações de Nord (2016). No entanto, sendo a tradução aqui apresentada oriunda de contexto acadêmico, concordamos que essa é a meta que procuramos atingir: traduzir de forma a preservar o maior número de elementos do TF, além de acrescentar notas e comentários explicativos que se façam necessários.

Britto (2012) ainda faz considerações sobre o que pode ser considerado um texto literário, as quais adotamos. O texto literário seria “aquele que, ainda que possa ter outras funções, tem um valor intrínseco para aqueles que o utilizam: ou seja, ele é valorizado como objeto estético.” (p. 47). Já abordamos o *status* literário das declamações acima, além de sua produção como um objeto de entretenimento. Além disso, a área de Estudos Clássicos reconhece como parte do corpus literário da Antiguidade todos os registros materiais supérstites, incluindo obras de gêneros que, hoje, não seriam assim considerados, como o historiográfico ou a prosa técnica de manuais. Buscamos, desse modo, preservar a sonoridade, a estrutura e as figuras de linguagem da DM 4, de forma que nossa tradução reproduzisse recursos estilísticos de sua elaboração.

Por exemplo, no trecho “[...] *pelagi fragor...nemorum murmur* [...]” (DM 4.16.5), há uma repetição de sons consonantais, mais evidente na segunda parte, que coincide com a descrição da natureza e o barulho que ela evoca. A oclusiva velar sonora corresponde ao barulho do mar e as nasais correspondem ao barulho da floresta. Para replicar esse efeito na tradução, utilizamos: “[...] alvoroço do oceano...murmúrio...da mata [...]”. A fricativa surda entra como substituta na primeira parte, e a nasal bilabial permanece na segunda. Tal escolha sonora influenciou na composição do léxico e justificou uma variação no glossário, pois *fragor* teve duas ocorrências e duas traduções diferentes no texto, *alvoroço* e *barulho*, a primeira escolha não sendo adequada para substituir a outra. Esse efeito estético provocado no leitor é definido por Britto (2012) como efeito de literariedade: “o tradutor de uma obra literária não pode se contentar em transportar para o idioma a teia de significados do original: há que levar em conta

³⁰⁷ Termos como, por exemplo, *uir fortis, animus, fides, pietas* etc.

também a sintaxe, o vocabulário, o grau de formalidade, as conotações e muitas outras coisas” (p. 49).

Britto (2012), assim como Nord (2016), concorda que cada tradução necessita de uma avaliação para que possa ser definido o que existe de essencial no texto que deve e pode ser reproduzido, mas o primeiro discute também sobre domesticação e estrangeirização, considerando-os dois extremos que o tradutor deve evitar e entendendo as necessidades do TA a partir de três critérios: (1) quem é o autor? (2) qual o público alvo? (3) qual o meio de divulgação? Essas três perguntas seriam cruciais para localizar o texto em um espectro que se distanciaria mais ou menos de uma posição intermediária. Em relação à DM 4, já foram abordados os aspectos sobre sua autoria, desconhecida, mas de alguma forma ligada a um dos mais importantes rétores romanos; seu público alvo, pesquisadores e interessados na área dos estudos clássicos; e seu meio de divulgação, o qual permite a inserção de notas e comentários para elucidar partes do texto e complementar os pensamentos suscitados pela leitura. Esperamos que nossa tradução figure como a reprodução de um texto retórico, sem afastar-se muito de seu original, mas de forma que soe natural e fluente em português.

A teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990) nos conduziu à análise da literatura como um sistema dinâmico e heterogêneo, em que alguns nomes, como Quintiliano, aparecem como influentes na produção retórica de seu período, da mesma forma que as declamações muitas vezes aparecem nas periferias do sistema, marginalizadas e, por vezes, movimentando-se em direção ao centro, a depender de seu estudo e construção de sua relevância atualmente. O fato é que tanto as DM como a obra de Quintiliano estão correlacionadas e se beneficiam de um estudo conjunto. Deste modo, entende-se que “No sistema literário, textos, ao invés de exercerem um papel nos processos de canonização, são o resultado desses processos. É apenas em sua função como representantes de modelos que os textos constituem um fator ativo nas relações sistêmicas.”³⁰⁸ (1990, p. 37). Ou seja, a escrita das declamações no período imperial é resultado de processos anteriores que a originou, da mesma forma que Quintiliano também é, não sendo o cânone algo imutável e inerente, mas construído a partir de outros polissistemas no qual a literatura se encaixa, no caso, o da cultura, por exemplo. É perfeitamente possível, então, que as declamações possam desafiar alguns dos preceitos de Quintiliano, ampliando o debate sobre a retórica. Portanto, faz-se necessária a discussão dessa relação.

³⁰⁸ *In the literary system, texts, rather than playing a role in the processes of canonization, are the outcome of these processes. It is only in their function as representatives of models that texts constitute an active factor in systemic relations.*

Finalmente, em relação ao projeto tradutório elaborado a partir de Nord (2016), fazemos algumas considerações. Sendo a partir dele a base para a nossa tomada de decisões, a autora estabelece que deve ser “bastante voltado para os aspectos da cultura, da comunicação e da tradução, independente da língua.” (p. 17)³⁰⁹. De forma geral, temos um TF, seus receptores, o tradutor (TRD), o TA e os receptores desse texto. Todo TF tem um produtor (P) e um iniciador da tradução (INI) e essas categorias não precisam estar separadas: o iniciador e o TRD podem ser a mesma pessoa, por exemplo. Os textos escritos possuem algumas peculiaridades, pois os componentes da ação tradutória explicitados acima estão separados pelo tempo e espaço e podem existir fora de sua situação original de escrita, como por exemplo em uma tradução para novos receptores. Nord, assim como Britto (2012), preocupa-se com o fator cultural: “Estando os signos comunicativos vinculados à cultura, tanto o texto fonte como o texto alvo são determinados pela situação comunicativa na qual estão inseridos para transmitir uma mensagem” (p. 26). Existem, então, aspectos de produção e recepção da cultura fonte (CF) e da cultura alvo (CA) que são importantes na elaboração de uma tradução.

O INI é essencial nesse processo, pois ele determina o *skopos* do TA, conceito que a autora aproveitou de Veermer e de sua *Skopostheorie*. O *skopos* é o propósito da tradução. Sua importância é assim definida por Nord:

O ponto principal sobre a abordagem funcional é o seguinte: não é o texto fonte como tal, ou seu efeito sobre o receptor do TF, ou a função que lhe foi atribuída pelo autor, que determinam o processo de tradução, tal como postulado pela teoria da equivalência, mas sim a função pretendida ou o *skopos* do texto alvo [...] (p. 29)

O foco da tradução então, não estaria mais no TF, mas nas exigências e finalidade do TA, e o tradutor seria o meio para satisfazer tais requisitos, com sua análise, conhecimento da CF e da CA, e elaboração de seu projeto tradutório. Nord também explicita seu conceito de textualidade, definindo-a a partir de sua intenção comunicativa, social – que atinge novas camadas se o texto é literário –, e, por conseguinte, o texto como a realização concreta dessa textualidade. Assim que esse texto atinge o receptor, a situação comunicativa se completa, e temos a função do texto. O tradutor é o responsável por analisar o TF de modo abrangente e estabelecer de que forma poderá atingir o propósito do TA e, desse modo, tomar decisões tradutórias.

Nord também aborda noções de gênero, e como certos textos assumem funções convencionais quando fazem parte de um mesmo gênero, sendo sua compreensão importante

³⁰⁹ As traduções e adaptações desse texto foram realizadas por múltiplos tradutores, incluindo a autora, e organizadas por Meta Elisabeth Zipser.

para a tradução, pois também dizem respeito à cultura em que o TF foi produzido, no entanto, essa compreensão não é suficiente para abranger qualquer tipo de decisão tradutória, então a autora delimita em que, realmente, a análise textual para a tradução deve se basear.

Por meio de um modelo global de análise de textos que considera tanto os fatores intratextuais como os fatores extratextuais, o tradutor pode identificar a “função-em-cultura” de um texto fonte. Isso é então comparado à função-em-cultura (prospectiva) do texto alvo exigida pelo iniciador, identificando-se e isolando-se os elementos do TF que devam ser conservados ou adaptados na tradução. (p. 50)

A partir disso, Nord faz considerações sobre noções de equivalência e fidelidade na tradução, da mesma forma que Britto (2012) sobre estrangeirização e domesticação, sendo convergente a visão de ambos sobre o assunto, pois nenhum deles enxerga esses extremos como possibilidades interessantes dentro da tradução, interferindo diretamente na fluência da leitura e no *skopos* do TA. A *Skopostheorie* preconiza o que é chamado de adequação na relação entre o TF e o propósito do TA, afinal, o receptor nunca é o mesmo na situação da tradução – eles estão “vinculados a comunidades linguístico-culturais distintas” (p. 55). Traduzir um texto de uma língua para outra possui muitas implicações, portanto, além do léxico. Pierre Menard, protagonista da pequena obra de ficção de Jorge Borges, *Pierre Menard, autor de Quixote*, em certo momento imagina que *Quixote* nunca tenha existido, por meio de uma memória fragmentada da obra, “que pode muito bem equivaler à imprecisão da imagem anterior de um livro não escrito” (2007 [1944], p. 40-1)³¹⁰. Isso é a descrição de um imaginário, que existe mesmo que nunca tenhamos lido certos textos. O personagem se depara, então, com a impossibilidade de escrever a obra do jeito que queria:

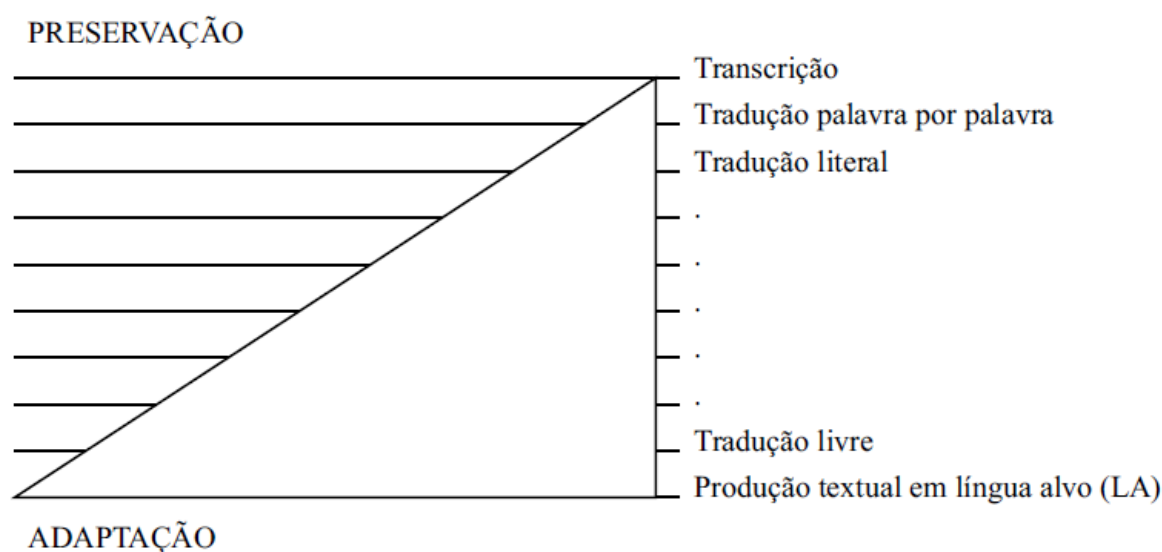
Compor o *Quixote* em princípios do século XVII era uma empreitada razoável, necessária, quem sabe fatal; em princípios do século XX, é quase impossível; trezentos anos não transcorreram em vão, carregados como foram de complexíssimos fatos, entre eles, apenas para mencionar um: o próprio *Quixote* (p. 41)

A interpretação e a recepção mudam de acordo com o tempo. Mesmo quando se trata de uma tradução, elas também não permanecem as mesmas ao longo com o passar dos anos. Borges deixa isso claro ao cotejar um trecho do *Quixote* de Cervantes e o de Menard. Idênticos, mas que significam coisas diferentes em épocas diferentes. Desse jeito, de acordo com Nord, o

³¹⁰ As traduções desse texto são de Davi Arrigucci Jr.

tradutor precisa compensar possíveis deficiências, por meio da utilização de sua bagagem e de suas fontes de informação sobre o TF e das ferramentas que possui, produzindo um texto funcional (comunicativo) e de acordo com a função pretendida, o qual pode possuir diferentes graus de lealdade (não fidelidade) em relação ao TF, conforme essa capacidade de adaptação. A autora fornece um gráfico para ilustrar esse processo, que reproduzimos abaixo:

Figura 3 – Reprodução e adaptação na tradução



Fonte: Christiane Nord (2016, p. 64)

Por fim, a autora apresenta três modelos de tradução: (1) o modelo de duas fases, de análise e síntese (*code-switching*); (2) o modelo de três fases, de análise, transferência (para a LA de forma inicial, sem reestruturação) e síntese; e o (3) modelo circular, este último sendo o recomendado e construído por Nord a partir de sua base teórica comentada acima, de forma resumida, e que adotamos para nossa tradução. Os primeiros modelos partem da noção de que o TF possui uma função inerente, que apenas necessita ser analisada e transferida. Segundo a autora,

[...] a tradução não é um processo linear e progressivo que vai de um ponto de partida F (= TF) a um ponto de chegada A (= TA), mas, sim, basicamente, um processo circular e recursivo, que inclui um número indeterminado de retroalimentações e em que é possível, e até mesmo aconselhável, voltar a fases anteriores da análise. (p. 65)

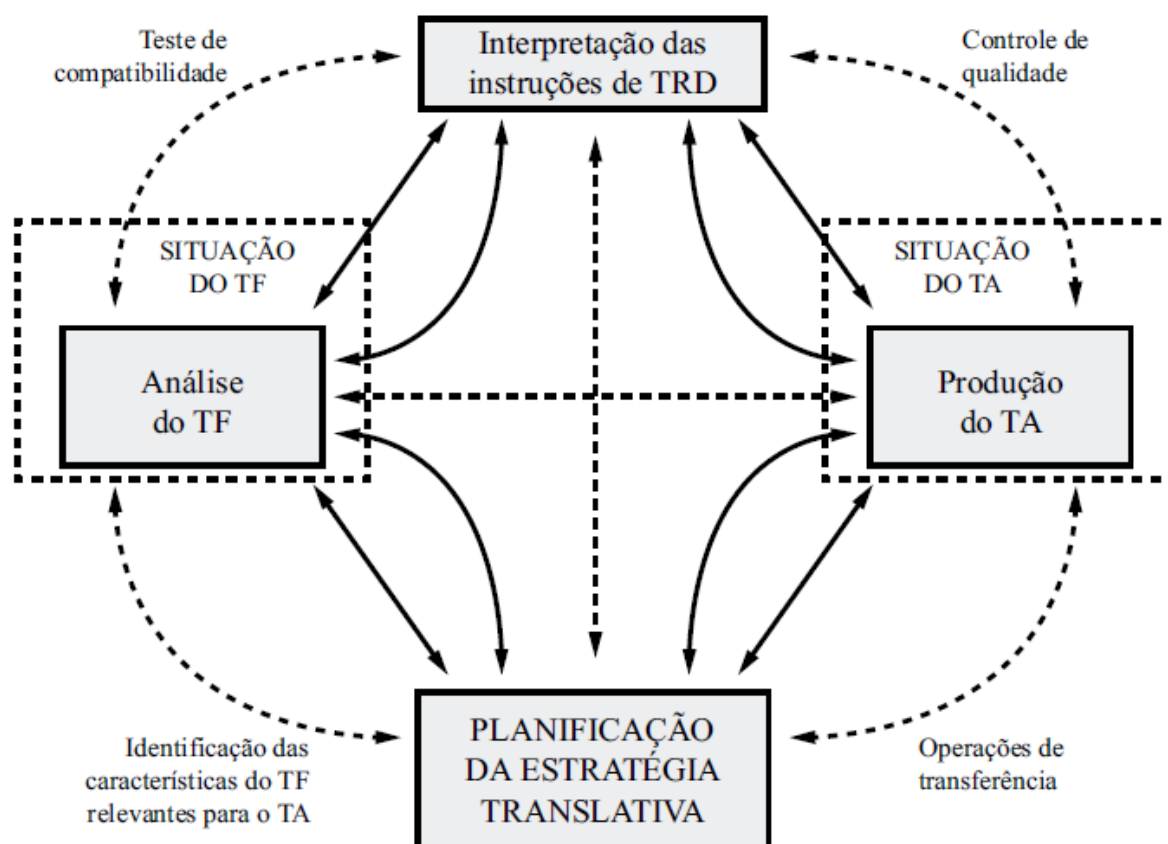
Considerando que o tradutor é um receptor e que um TF pode ter mais de uma função a depender quem o recebe, a *Skopostheorie* parece mais adequada a esse ponto de vista. O

modelo circular, a partir disso, se configura em algumas etapas: (1) análise do *skopos* do TF, para que se possa concretizar o *skopos* do TA; (2) análise do texto-fonte, primeiramente de forma geral e depois de forma detalhada, observando o *skopos* do TA; (3) estruturação do TA. No entanto, a tradução não acaba na terceira etapa, cada uma delas permite uma reanálise do texto, o que achamos adequado para a pesquisa acadêmica, que se realiza à base de cada nova descoberta. Nord afirma:

O caminho circular do processo de tradução contém uma série de pequenos movimentos circulares que se mantêm recorrentes entre a situação do TF e o TF, entre a situação do TA e o TA, entre os passos da análise e entre a análise do TF e a síntese do TA. Isso significa que a cada passo adiante o tradutor “olha para trás”, para os fatores já analisados, e cada conhecimento adquirido no transcurso do projeto de análise e compreensão pode ser confirmado ou corrigido com base em “descobertas” posteriores. (p. 71-2)

Reproduzimos abaixo o esquema de Nord para a tradução circular:

Figura 4 – O processo de tradução



Fonte: Christiane Nord (2016, p. 72)

Por fim, a elaboração do glossário utilizou alguns critérios para construção do léxico na tradução para o português: (1) inadequação da tradução inicial da palavra no contexto em que ela se repete (fluência), (2) evitar repetições de palavras, quando elas estão muito próximas, (3) situações específicas em que o significado está no mesmo campo semântico. Para ilustrar o uso dos critérios, colocamos exemplos abaixo:

Quadro 4 – Exemplos dos critérios de tradução

Palavra em latim	Traduções em português	Critério
<i>causa, -ae</i>	causa motivo	1
<i>ratio, -onis</i>	estruturação lógica método raciocínio razão	
<i>aeuus, -i</i>	existência tempo de vida vida	2
<i>constantia, -ae</i>	constância firmeza	
<i>ars, -tis</i>	arte ciência habilidade	3
<i>sidus, -eris</i>	constelação corpo celeste estrela	

6 TRADUÇÃO DA *DECLAMAÇÃO MAIOR 4*

IV. Mathematicus

1. Vir fortis³¹¹ optet praemium quod uolet.³¹²

2. Qui causas (uoluntariae) mortis in senatu non reddiderit, insepultus abiciatur.³¹³

Quidam de partu uxoris mathematicum consuluit. Is respondit uirum fortem futurum, qui nasceretur, deinde parricidam. Cum adoleuisset qui erat natus, bello patriae fortiter fecit. Reddit causas uoluntariae mortis. Pater contradicit.

[1] Positus, P.C., in ea condicione tristissimae sortis, ut nec morte dignus sim, nisi me parricidam putetis, nec praemio, nisi innocentem, adeoque ludibriis miserrimae

IV. O astrólogo

Lei 1: um herói de guerra pode escolher a recompensa que desejar.

Lei 2: aqueles que não declararem as causas de morte (voluntária) ao senado não serão sepultados.

Um certo homem consultou um astrólogo para saber sobre o parto de sua esposa. Este respondeu que o filho que nascesse se tornaria um herói de guerra e depois um parricida. Quando aquele que nasceu se tornou um homem, lutou bravamente em guerra pela pátria. Ele declara as causas de sua morte voluntária. O pai o contesta.

[1] Colocado, senadores, nesta situação de tristíssima sorte, tal que nem sou digno de morrer, a não ser que me imagineis um parricida, nem sou digno de recompensa, a não ser que me imagineis inocente, de tal forma implicado nesse escárnio de desafortunada contradição ao ponto de pedir

³¹¹ *Vir fortis*, como já é consagrado nas declamações, de acordo com o que aponta Raffaella Pagliaro (2004), será traduzido aqui como “herói de guerra”.

³¹² Bonner (1949, p. 88-9) afirma que leis que envolvem heróis e recompensas são muito comuns nas declamações, possuindo diferentes versões, no entanto afirma que não há evidência de que esse tipo de lei realmente existiu. Stramaglia e Santorelli (2021, p. xxiii) afirmam que, na maioria das vezes, as leis apresentadas nas declamações derivam da tradição retórica ou até mesmo legal grega.

³¹³ Bonner (1949) discute algumas possibilidades para a proibição do sepultamento em casos de homicídio, na Grécia e em Roma, bem como a ideia de que o suicídio poderia ser considerado um tipo de homicídio. Parte da lei pode ter um contexto real. Essa discussão também é desenvolvida por Pontes (2021) e no capítulo 3 da presente dissertação.

diuersitatis [necessitatis] inplicitus, ut impetrandum a uobis habeam odii mei fauorem, quaeso praeter omnia, quae ante hoc tempus circa nos ordo praedictae ueritatis explicuit, attulisse me credatis urgentium malorum probationem: de parricidio uenit, quod occidere me possum, de fato, quod mihi non licet mori. Non solus mathematicus saeculo temporibusque praedixit has manus; et ego me parricidium credo facturum. Plus quam responsum, quam sacrae artis triste praesagium est, quod mihi sic minatur animus meus.³¹⁴ Non habeo infelix in cogitationibus, unde non timeam, et facinus, quod sibi pro me pietas patris, quod singularis innocentia (ab)rogat, sentior, patior, agnosco. Ne quis me tamen laborare putet miserae persuasionis errore, accipite, cur non possim dubitare de fato: parricidium credit qui facturus est, non timet qui periturus est.

a vós que tendeis boa vontade em relação à minha condição odiosa, eu imploro, além de tudo, pois antes desse tempo próximo a nós uma sucessão de verdades previstas se desencadeou – crede, eu trouxe prova dos males que me oprimem: é pelo parricídio que eu posso me matar, é pelo destino que não me é permitido morrer. (2)³¹⁵ Não somente o astrólogo previu isso para essas mãos, nesta geração e tempo; eu mesmo também creio que estou para cometer um parricídio³¹⁶. Mais relevante para mim do que o oráculo, do que o presságio sombrio da arte sacra, é o fato de que, para mim, minha alma faz a mesma ameaça. (3) Não tenho, infeliz em meus pensamentos, algo que eu não tema, e o crime, o qual rejeita, em meu favor, a piedade do meu pai, por causa de sua inocência singular, eu sinto, aturo e reconheço. Para que ninguém pense ainda que eu estou perturbado pelo erro de uma desafortunada persuasão³¹⁷, escutai por que não posso duvidar do destino: quem está para cometer um parricídio, acredita, quem está para perecer, não teme.

³¹⁴ Aliteração que se assemelha a uma lamentação, que também tentamos reproduzir.

³¹⁵ A divisão interna dos parágrafos estabelecida aqui é a mesma de Winterbottom (2021).

³¹⁶ Esta é a primeira manifestação que temos no texto da falta de controle da personagem do filho sobre si mesmo. Em última instância, o argumento de que o parricídio é inevitável tem a ver com a insanidade.

³¹⁷ A crença no parricídio não é somente uma opinião, mas um fato.

[2] Ante omnia igitur a grauitate publica peto, ne pro tota innocentia me contenti sitis hoc, quod uolo mori; nec, quia uideor contendere cum mathematico, uincere necessitates expugnare fatum, ideo mihi bene credi putetis et uitam. Aliud est facinus non esse facturum, aliud mori uelle, ne facias, quin immo, si qua est fides, hoc, quod uos constantiam putatis, infirmitas est. Quod ad suprema confugio, animum meum noui. Nouissima uictae mentis integritas est in mea potestate; breui non habebō nec mortem, fidem uestram, P.C., ne quid amplius de misera pietate speretis. Qui mori uolo, ne parricidium admittam, non inuenio, quemadmodum illud possim non facere uicturus. Nam quod ad patrem pertinet, qui me retinet uiuere nolentem, non miror, quod adhuc recenti gloriae nostrae gaudio stupet, et in opera mea totus oculis animoque conuersus parricidam non uidet per uirum fortem. Hic est animus, quo me quamuis

[2] Perante a todos eu peço, portanto, em nome da respeitabilidade pública, que não fiqueis contentes, em defesa da minha completa inocência, pelo fato de que desejo morrer³¹⁸; e nem porque pareço contestar o astrólogo, vencer as inevitabilidades, conquistar o destino, acreditais que, por esse motivo, posso ser confiado à vida, de forma justa. Uma coisa é o crime não ter acontecido, outra é desejar morrer para que eu não o faça acontecer. (2) Além disso, se acreditais, isso que vós pensais ser firmeza, é fraqueza. Recorro ao fim, porque conheço minha alma. A integridade última da vida e da mente está sob o meu poder; em breve não terei nem a morte. (3) Acreditei, senadores, para que não espereis algo mais da miserável piedade que tenho pelo meu pai. Eu, que desejo morrer, para que não cometa o parricídio, não concebo de que forma possa não cometê-lo se continuar vivo. (4) Agora, em relação ao meu pai, que me mantém vivo, contra minha vontade, não me admira, porque até agora está espantado pela alegria recente da glória, e todo voltado com os olhos e a alma para meus feitos, sem enxergar o parricida por trás do herói³¹⁹. (5) Esse é o pensamento, com o qual, apesar de previsto e denunciado, protegeu a mim, e, quando incertas e ainda duvidosas, apoiou minhas virtudes, para que

³¹⁸ Stramaglia (2016) e Brescia (2021) afirmam que utilizar o argumento do suicídio era um mecanismo muito comum para provar a própria inocência e que muitas vezes quem o fazia não queria de fato se matar, mas provocar a comoção dos ouvintes. Aqui, no entanto, a personagem afirma que não é o caso, ele de fato deseja se matar.

³¹⁹ O filho não considera seus feitos como heroicos e sim mais uma manifestação de seu impulso parricida.

denuntiatum praedictumque seruauit, et, cum incertis adhuc dubiisque uirtutibus praestiterit, ut uiuerem, praestat meritis actisque, ne moriar. Nunc ille, quod pietate, quod uideor istius perire reuerentia, uocat parricidium suum, et in orbitate, quam facere sibi uidetur, non remedium meum, sed suum spectat adfectum. Filium, qui uult mori, ne parricida sit, aliter sibi uidetur remunerare non posse, quam ut ipse moriatur.

[3] Merito prorsus, merito miserum senem tristes sollicitudines et praescii metus ad mathematicum et responsa miserunt. Debui uir fortis nuntiari, parricida praedici. Siue enim miserae coniugis prodigiosa fecunditas tumultuosis pulsibus maritales inquietauit amplexus, seu per anxias noctes dirosque somnos feralibus senex imaginibus agitatus dicitur ad notissimum sacrae artis antistitem non spes, non auida uota, sed suspiria, metus et praesagum magni nescio cuius incerti detulisse pallorem. Quid aliud hoc esse

eu vivesse, e apoia meus méritos e feitos, para que eu não morra. (6) Agora ele, por causa da minha piedade, porque pareço perecer por respeito a ele, clama seu próprio parricídio, e na perda do filho, cuja morte faz parecer culpa dele, não considera isso uma cura para mim, mas para sua aflição³²⁰. Ele parece não ser capaz de recompensar de outra forma o filho que deseja morrer para não ser um parricida, senão morrendo ele mesmo.

[3] Com razão, as tristes preocupações e os medos premonitórios levaram o velho desafortunado ao astrólogo e suas respostas. Fui destinado a ser anunciado um herói, e a ser predito um parricida. (2) De fato, seja porque a prodigiosa fecundidade da infeliz esposa, com os agitados chutes, perturbou os abraços conjugais, seja porque, durante as noites inquietas e sonhos medonhos, o velho, abalado pelas imagens mortais, diz-se, reportou ao famosíssimo sacerdote das artes sacras não as esperanças, não as orações fervorosas, mas os suspiros, os medos e o sinistro terror de grande e incerto evento que desconheço³²¹. (3) Que outra coisa desejais que seja isto, senadores, senão a primeira

³²⁰ O pai prefere morrer a ser o culpado pela morte do filho.

³²¹ O pai sentiu a necessidade de ir ao astrólogo, pois pressentia algo errado na gravidez da esposa. O filho utiliza mais de uma vez esse argumento para demonstrar que o pai considera a previsão verídica.

uultis, P.C. quam primam fatalis instinctus necessitatem? De partu uxoris non potuit non interrogare, deinde non credit. Referam nunc, P.C., cuius artis, cuius fuisse dicatur auctoritatis, quem putavit adeundum, qui sic timebat? Homo qui, quod certum habeo, plurimis meruerat experimentis, ut ad ilium uelut ad oracula deorum plenumque sacro spiritu pectus hominum sollicitudines metusque confugerent, dicitur inspecta totius ratione caeli, digestis sideribus in numeros ad publici priuatique fati stupuisse conspectum, et tanta prosperorum tristiumque congerie magis ipso consultore perterritus diu non commississe uerbis quod uidebat.

[4] Sed o uirum grauitatis antiquae dignumque, cui se fatorum arcana nudarent! Cum partus, de quo quaerebatur, multa praestaret, propiora prospera, laetos incipientes annos, non fuit contentus meliora praedicere, et, quae certissima est uera proferentium fides, quicquid deprehenderat, protulit in medium et proclamauit futurum

inevitabilidade da inspiração do destino? Não pôde não interrogar sobre o parto da esposa, e então não acreditou. (4) Retomarei agora, senadores, aquele cuja habilidade, cuja reputação foi comentada, e que meu pai pensou que haveria de visitar, porque tinha medo? Um homem³²² o qual, e disso eu tenho certeza, merecera, por meio de muitos testes, que as preocupações e medos dos homens buscassem refúgio nele, da mesma forma que nos oráculos dos deuses e no peito preenchido pelo sacro espírito. Diz-se que ele, depois de inspecionada a estruturação de todo o céu, e distribuídas em categorias as constelações, ficou espantado com a visão dos meus destinos públicos e privados, e mais aterrorizado que o próprio cliente, face a tão grande acumulação de acontecimentos tristes e prósperos, por um longo tempo não expressou com palavras o que via.

[4] Mas ó homem de prisca respeitabilidade, e digno de que os segredos dos oráculos se desnudassem para si! Embora o filho, sobre o qual foi indagado, em muitos acontecimentos resplandecesse, prósperos os mais próximos, felizes os anos iniciais, ele não se contentou em prever o melhor, e, com a resoluta confiança de quem profere verdades, tudo o que descobrira trouxe à luz e proclamou que me tornaria herói, e logo depois parricida. (2) Quem alguma vez, senadores, respondeu

³²² O astrólogo.

uirum fortem, deinde parricidam. Quis umquam, P.C., fiducia maiore respondit? Cum summum facinus denuntiaret, ante se dixit probaturum. Fecerat profecto, P.C., interrogando mathematicum pater rem non educaturi, si quid tristius conperisset, nisi hoc primum de fato fuisset, ut uiuerem. Sed nec mathematici fides circa momentum aliquod (ne)que cessauit ordine[m]: non numerus fefellit, non sexus in partu, non iuuenta, non robur. Illa quoque, quae uelut extrinsecus consentiebant, adfuere responso: bellum, hostis, acies ad illam ipsam, qua fortiter facere poteramus, aetatem. Pater uero periculi sui denuntiatione non territus arma mihi (pro tristis necessitas!), arma ipse circumdedit et suis ad pugnam manibus aptauit, tamquam mathematico iam credidisset. Quis miretur, quod responsum [non] contempserit, dum sperabat, ut fortiter facerem? Mori me non uult, et iam non superest nisi parricidium. O mors laudanda

algo com tanta certeza?³²³ Quando denunciou o pior dos crimes, disse que o provaria com as predições anteriores. (3) Certamente, senadores, ao interrogar o astrólogo, meu pai não teria realizado o fato de me criar se tivesse verificado o evento mais triste, se o principal em relação à profecia não fosse o fato de que eu vivesse³²⁴. Mas nem mesmo a credibilidade do astrólogo falhou em relação a qualquer momento ou sua ordem: não se enganou com o número de filhos, com o sexo do recém-nascido, em relação à minha juventude e minha robustez. (4) Aquelas circunstâncias também, as quais, por assim dizer, concordavam externamente, confirmaram o oráculo: a guerra, o inimigo, a linha de batalha, até àquela idade, na qual podíamos desempenhar um papel heroico. Meu pai seguramente não ficou assustado com a denúncia do seu perigo: ele mesmo me equipou com armadura (triste inevitabilidade!), e com suas mãos me preparou para a luta, como se já tivesse acreditado no astrólogo. (5) Quem se surpreenderia se ele não desse importância ao oráculo, enquanto ansiava que eu me tornasse um herói? Meu pai não deseja que eu morra, mas já não me resta nada além do parricídio. (6) Ó morte que há de ser louvada pelos

³²³ Brescia (2021), ao comentar a relação intertextual entre o mito de Édipo e a declamação 4, aponta que o autor do último parece ter lido o primeiro, não deixando espaço para dúvidas ao tratar do oráculo, que tem o costume de ser ambíguo e obscuro na literatura. A riqueza de detalhes das previsões a seguir demonstra a diferença entre os dois casos.

³²⁴ Até mesmo a atitude do pai de não desprezar o filho confirma a profecia.

fortibus, expetenda miseris, non recusanda
felicibus, quantum te quaesiuimus in bello!
Tuli enim, deos testor, in aciem, tuli non
uirium iactationem, non gloriae cupiditatem,
sed ut patriae praestaret aliquid uilitas mei, ut
hunc mihi deploratum spiritum, hoc
destinatum damnatumque corpus publicarum
utilitatum usus absumeret.

[5] Ibi primum miser didici, quam multa
nescientes, quam multa faceremus inuiti: in
medios hostium globos perditus pugnator
exilui, cessit acies; densissima quaeque
certamina solus inuasi, resistere nemo
sustinuit; obuiis ictibus membra nudaui et ad
incurrans ubique ferrum uitalia parata
circumtuli; uacua circa me tela ceciderunt.
Miserum me deceptae cogitationis euentu!
Fortiter feci, dum mereor is occidi. Recedite,
gratulationes, abite, laudantes; non circumeo
templa, non reddo uota numinibus: ad
parricidium ueni. Quem ego paulo ante
passus sum miserae conscientiae pudorem!

fortes, aspirada pelos desafortunados,
acolhida pelos afortunados: quanto te
procuramos na guerra³²⁵! Levei, de fato, e
disso são testemunhas os deuses, levei sim
para a linha de batalha não a vanglória da
força, não o desejo de reconhecimento, mas
entreguei algo de mim pela pátria, para que
esse espírito, para mim deplorável, esse
corpo predestinado e condenado, fosse de
utilidade para o interesse público.

[5] Lá³²⁶, miserável, aprendi pela primeira
vez o quanto fazíamos sem saber, contra
nossa vontade: lutador imprudente, saltei no
meio da espessa massa de inimigos, as linhas
recuaram; sozinho invadi cada densíssima
disputa, ninguém conseguiu resistir;
desnudei os membros aos golpes contrários e
expus minhas partes vitais, prontas para o
ferro que de todo canto irrompia; as lanças
caíram no vazio à minha volta. (2)
Desafortunado de mim, por conta do
resultado de minha frustrada intenção! Fiz-
me um herói, enquanto era digno de ser
morto. (3) Afastai-vos, congratulações, sumi,
bajuladores; eu não circulo pelos templos,
não presto orações às divindades: vim para o
parricídio. (4) Que desonra sofri há pouco
para minha consciência desafortunada! Não
trouxe as armas de volta para o meu pai; temi,

³²⁵ Morte heroica.

³²⁶ No campo de batalha.

Ad patrem arma non rettuli; timui quin immo, ne mihi, dum reuertor, occurreret, ne in oscula mea plenasque adhuc uictricibus telis manus incauto rueret amplexu. Quam tunc inter ceteras exclamations deducuntis exercitus uocem, quod circumstantis populi murmur excepi! ‘Magnum felicemque iuuenem’; si subito moreretur! Adiuuate, dii pariter atque homines, dum perire concupisco, dum uolo; miseremini, ne hunc ardorem fugientis animae dilatione laxetis. Proclamo, testor: in nouissimo fati stamus abrupto, prope est, ut occidat patrem parricida praedictus, cum est mori paratus. Quid me, pater, adhuc detines, quid moraris abeuntem? Melius quidem fuerat hunc spiritum aut in ipsa maternorum uiscerum sede comprimere aut, ut primum contactu suo caelum terrasque polluerit, festinata morte dimittere. Sane tamen caritas patriae priuates uicerit metus, et in honorem uirtutum scelera nutrita sint; quicquid est, propter quod educari me tanti fuit, explicitum peractumque

na verdade, que ele corresse para me encontrar, enquanto eu retornava, e por meio de um abraço imprudente se jogasse em meus beijos e nas mãos até agora cheias com as lanças vencedoras. (5) Quanta vibração recebi então, entre outras exclamações, do exército que me escoltava, que frêmito da população espectadora! ‘Que grande jovem afortunado!’; se apenas morresse imediatamente! (6) Ajudai-me, tanto deuses como homens, enquanto desejo ardentemente perecer, enquanto estou disposto; tendes pena de mim, não alivieis esse ardor da alma que foge por meio do adiamento. Eu proclamo, sou testemunha: estamos paralisados na reta final do meu destino³²⁷. Quando um parricida predestinado está pronto para morrer, ele está prestes a matar o pai. (7) Por que, pai, ainda me deténs, por que atrasas o que quer partir? Melhor certamente teria sido acabar com essa vida ou no próprio útero materno ou, assim que tivesse poluído primeiro o céu e a terra com o seu contato, tudo resolver por meio de uma rápida morte. (8) Mesmo que a afeição pela pátria³²⁸ tenha vencido os medos privados, e, em honra das virtudes, delitos tenham sido alimentados; qualquer que seja o motivo pelo qual foi tão importante que eu fosse criado, está explícito e acabado. Resta uma parte do destino: o único e último crime. (9) É inútil que me

³²⁷ Falta somente a última previsão: o parricídio.

³²⁸ O orgulho pelos feitos do filho ultrapassa o medo do parricídio.

est. Restat una pars fati: ultimum solumque facinus. Frustra me consolaris aequanimitate patientiae tuae; non idem utriusque nostrum discrimen agitur: tu mori periclitaris, ego patrem inuitus occidere.

[6] Hoc primum itaque excuso uobis, P.C., quod praemium peto. Satis sit hactenus uiri fortis nomen agnoscere, hucusque auctoritatem sacrae legis attingere, ut illam in aduocationem [sacrae] mortis adducam. Relaturum me putatis illa optionum uerba sollemnia, non capere magnorum pretia meritorum solas aequitates; tanta remunerandum benignitate quod fortiter fecit aliquis, quanta sollicitaretis, ut faceret? Nemini umquam minus soluendo ciuitas fuit: praestiti, post quod mori continuo deberem. Sed securi estote de auiditate summae potestatis. Illud infinitum, illud immodicum, quod nobis uoluerunt licere leges, intra se consumit ille, qui morit(ur). Titulos, imagines, honores seruate uicturis; mihi

consoles por meio da tranquilidade da tua paciência; o que está em questão é que nosso perigo não é o mesmo para um e para outro: tu corres o risco de ser morto, eu de matar meu pai contra minha vontade.

[6] Em primeiro lugar, portanto, peço perdão, senadores, porque solicito uma recompensa. Que seja suficiente a essa altura reconhecer o título de herói de guerra, e, nesse âmbito, alcançar a autoridade da lei sagrada³²⁹, para que eu a arrole como amparo legal para uma morte sagrada. (2) Pensais que hei de recordar aquelas palavras cerimoniais da escolha do herói, que as recompensas pelos grandes méritos não apreendem as justiças individuais; que aquele que fez atos heroicos deve ser remunerado com tão grande benevolência quanto aquela com que vós solicitáveis que os fizesse? A ninguém a cidade já teve menos a retribuir³³⁰: mantive a palavra, devo ser morto imediatamente depois. (3) Mas fiquéis seguros quanto à avidez por sumo poder. Aquele ilimitado, aquele imódico, que as leis quiseram que fosse lícito a nós: dentro de si mesmo o consome aquele que morre. Os títulos, as estátuas, as honrarias guardai para os vencedores; para mim garanti a salvação de

³²⁹ Lei 1.

³³⁰ O filho não se interessa por qualquer recompensa que não seja a sua própria morte.

praestate salutem patris, innocentiam meam, temporum pudorem. Quaeso, ne mihi ideo praemium negetis, quia fortassis et hoc debeatis odisse, quod fortiter feci; extra invidiam est optio, cum id exigam, quod inpetrare potuissem etiam antequam fortiter facerem. Nam quod obiter optionis reddo rationem, quaeso, ne quis ideo me parum aut praemio fidere credat aut causis, quia utriusque iuris miscui preces; ignoscite ardori perire cupientis, quod pariter inploro quae singula sufficere potuissent. Fidem quin immo uestram, si qua adhuc lex est, quae adiuuare possit mori uolentem, commodate, conferte. [Est quod in] utriusque iuris auctoritati est, quod in mea morte tribuatis: praestate causis ut moriar, praemio ut sepeliar. Sentio, P.C., hoc primum ab adfectibus publicis petendum, ne quis ideo mori me uelle non credat, quia potius ad causas ac uerba confugi, quia a uobis malui petere, quicquid ab his potui manibus accipere.

meu pai, a minha inocência, a decência face às circunstâncias. (4) Por favor, não negueis, portanto, a mim a recompensa, porque deveis talvez odiar até o fato de que fiz atos heroicos; o meu direito está além do rancor, uma vez que isso que eu requisito teria conseguido obter mesmo antes de ser um herói. (5) Portanto, porque a propósito declaro a razão para a minha escolha, por favor, que ninguém, por isso, creia que eu tenho pouca convicção quanto à recompensa ou às suas motivações, porque misturei preces relativas a ambas às cláusulas do direito³³¹; perdoai o ardor de quem deseja perecer, porque apelo na mesma medida às que poderiam ser suficientes sozinhas. De qualquer forma, eu vos peço: se já existe alguma lei, a qual possa ser útil aos que desejam morrer, colocai-a à disposição, aplicai-a. (6) É da autoridade de ambas as cláusulas do direito o que concedeis em minha morte, garanti pelas motivações, que eu morra, pela recompensa, que eu seja enterrado³³². (7) Eu percebo, senadores, que, em primeiro lugar, o seguinte deve ser solicitado pelas disposições públicas: ninguém, por essa razão, não acredite que eu desejo morrer, porque recorri preferivelmente às motivações e às palavras, porque preferi pedir a vós o que quer que dessas mãos pude alcançar.

³³¹ Direito à recompensa e ao suicídio legal.

³³² Ele declarou os motivos da própria morte, portanto, poderia legalmente cometer o ato e ser enterrado.

[7] Merui, fateor, malignas interpretationes: uir fortis, ut morerer, a bello reuersus arma posui, populi fauorem, gaudia ciuitatis intraui. Sed siue hoc est sepulturae suae magna reuerentia, pessimeque additae pectoribus humanis infirmitatis, ut esset, quod timeret, qui non timet mortem, seu decuit innocentiae amore pereuntem tranquillitas magna pereundi, ignoscite, quaeso, cunctationi, patientiae, morae: si me continuo occidissem, tamquam parricida moriebar. Neque est, P.C., quod excludi praemium putetis contradictione patris. Eximus per magnorum operum reuerentiam de necessitate parendi, et aut interim nobis magna uenit contra nominis huius potentiam de uirtutum fauore libertas, aut obsequia peracta demum optione repetemus. Non est, quod uos resistentis moueat auctoritas; neminem inuenias mori uolentem, qui non habeat aliquem uentem: ille, cui praesto non sunt pignera caritatis, lacrimis tamen

[7] Mereci, confesso, interpretações malignas: para que pudesse morrer como herói, da guerra regressado, as armas depus, alcancei a boa vontade do povo, fui a alegria da cidade. (2) Mas se isso é um grande sinal de respeito pelo seu próprio enterro – a pior das fraquezas inerentes aos corações humanos, de forma que quem não teme a morte, por causa disso a temesse – ou se foi conveniente ao que perece, por amor à inocência, a grande serenidade dos que devem perecer, perdoai, por favor, a hesitação, a paciência, a demora: se tivesse me matado imediatamente, morreria como se fosse um parricida³³³. (3) Nem pensais, senadores, que a recompensa foi vetada por causa da contestação de meu pai. Escapamos, através do respeito aos nossos grandes feitos, da obrigação de sermos submissos, e, ou ao mesmo tempo vem a nós a grande liberdade proveniente do favor das virtudes contra o poder desse título (de pai), ou finalmente voltaremos, por livre escolha, à obediência completa. (4) Que a autoridade do que se opõe não vos afete; não encontrarias ninguém que deseja morrer que não tenha alguém que proíba: aquela pessoa, para a qual não estão disponíveis as garantias da afeição, é, no entanto, sempre retida pelas lágrimas e consolações dos que ouvem e pela exortação

³³³ O Filho não quis morrer imediatamente, para garantir o próprio sepultamento e também para realizar a reflexão necessária para que o ato não fosse considerado precipitado, cumprindo os requisitos de uma morte respeitada do ponto de vista filosófico.

audientium et consolationibus et promptissima semper exhortatione retinetur. Parentibus uero circa liberos unus adfectus est: fauere uitae, timere mortem, non habent patientiam nec iustae orbitatis, et inter supplicia [nemo] poenasque omnes tamen illis innocentes, omnes miseri sumus. Ego, is P.C., communem hanc impatientiam senis accendo pietate, reuerentia. Fieri non potest, ut se mori debere persuadeat patri filius, propter quem se uidetur occidere.

[8] Hactenus leges, hactenus merita uirtutum; ueniamus ad necessitates, mori uolo: ita [ut] non reddidi causas? Ita non ex hac destinatione sentitis, quicquid dici potest, quicquid dici non potest? Viderit, quid nos hucusque protulerit; hinc incipit ratio, quod uolo. Fingite unum ex populo turbaque petere ius supremorum; non debet hoc uetari, quotiens habet causas, non potest, quotiens non habet. Scilicet enim uerendum est, ne ad hoc inconsulte, ne temere leuitas humana prosiliat, et credibile est, ut quicquid apud

mais ardente. (5) Verdadeiramente, para os pais, em relação aos filhos, existe um só sentimento: favorecer a vida, temer a morte. Não têm tolerância nem com a perda justa de um filho, e entre punições e castigos, ainda assim, somos todos inocentes para eles, todos desafortunados. (6) Eu, senadores, por respeito, por amor filial, incito essa intolerância comum a todo velho. Não pode acontecer que o filho convença ao pai de que deve morrer, quando parece se matar por sua causa.

[8] Mencionei até agora as leis, até agora os méritos da minha virtude; vamos às inevitabilidades: eu desejo morrer. Já não declarei as causas? Não percebeis, portanto, de acordo com essa decisão, o que pode ser dito e o que não pode? (2) Não importa o que nos levou até aqui; a partir deste ponto começa o raciocínio: o fato de que eu desejo morrer. Imaginai que uma pessoa do povo ou da multidão solicite o direito dos ritos funerários. Isso não lhe deve ser vetado todas as vezes que tenha motivos, e não pode ser negado, todas as vezes que não os tenha³³⁴. (3) Naturalmente deve-se temer, de fato, que a frivolidade humana precipite a isso, de forma incauta e impensada, mas é plausível

³³⁴ Para o filho, desejar morrer é uma justificativa suficiente para ser enterrado.

hominem pro uita dici potest, ipsa sibi uita non dixerit? Abite, gratulationes, silete, blanditiae; quotiens iam putatis noluisse me mori? Primum hoc maximumque pro incolumitate hominis natura commenta est, ut periremus inuiti, et contra tot aduersos casus patientiae nobis aequanimitate succurreret. Inde est, quod inter luctus et desperationes foeda uiuacitate duramus. An uos me mouere non creditis, quod iuuenis sum, quod modo uitae uoluptates, modo gaudia lucis ingressus sum? Quantopere mihi blanditur, quod publicis ex acie reportatus umeris laetitiam ciuitatis impleui! Quotiens mehercule haec uulnera et rorantia hostili cruore arma conspexi, animum supra necessitates erigo, supra fatum pono. Sed omnia mihi iam discussa, consumpta sunt, et honeste pereundi ratione uicta cesserunt. Quid mihi amplius cum corpore, quod oderunt oculi sui, cum quo cotidie properans anima rixatur? Non sunt mea membra, quae possim uelut hostis alicuius lacerare, confodere. Homini, qui semel renuntiauit rebus humanis, non

que qualquer coisa que possa ser dita para um homem a favor da vida, a própria vida já não lhe tenha dito? (4) Sumi, congratulações, silenciais, adulações; quantas vezes pensais que eu já me recusei a morrer? A natureza inventou, em prol da segurança do homem, o principal e mais importante dispositivo: que perecêssemos relutantes, e face a tantas calamidades adversas fôssemos socorridos pela paciência e tranquilidade de espírito. É por isso que entre o luto e o desespero perseveramos com uma vivacidade abjeta. (5) É possível que vós não acrediteis que isso me afeta, pelo fato de que sou jovem, porque ingressei recentemente nos prazeres da vida, nas alegrias do mundo? O quanto me lisonjeou o fato de que saciei a alegria da cidade, carregado da batalha nos ombros dos cidadãos! (6) Quantas vezes – por Hércules! – encarei essas feridas e armas encharcadas com o sangue inimigo, elevando minha mente acima das inevitabilidades, colocando-a acima do destino. (7) Mas todas as coisas agora me foram despedaçadas, destruídas, e se dissiparam honrosamente, vencidas pelo raciocínio de perecer. O que importa para mim um corpo que seus próprios olhos odeiam, com o qual a alma, que se apressa (para deixá-lo), luta dia após dia? Não são meus os membros que eu posso estraçalhar e apunhalar como se fossem de algum inimigo³³⁵. (8) Para um homem que, de uma

³³⁵ Mais uma referência à dissociação e falta de controle, que pode estabelecer uma ligação com *Hércules furioso*.

redditur uita, sed tempus, et ipsa cupiditas ratioque pereundi hoc ipso quo uetamur, ad crescit. Felicior mehercules, qui moritur, antequam debeat, antequam uelit; paene sero renuntiat uitae quisquis sic ad exitum peruenit, ut hoc illum facere nemo miretur. Ei tantum debet mors negari, de quo non sufficit hoc poenae genus, ut ipse se potius occidat.

[9] Nam quod lex iussit, ut moriturus redderet causas, quod insepultum uoluit abici, si sic properasset erumpere, ut non nuntiaret hoc prius, non fateretur, fallitur, quisquis ideo factum putat, ut teneremur in uita. Illa uero non timet pereundi temeritatem, nec secretum doloris alieni libenter inquirat. Sciebat illos non [aliter] ausuros proferre causas, quos sceleris conscientia, quos maioris cruciatus metus in suprema compelleret. Igitur ne supplicia properato lucrarentur obitu, rursus in poenam nocentis insepulti corporis reuocauit iniuria. Lex

vez por todas, renunciou às coisas humanas, a vida não é restaurada, apenas o tempo, e o próprio desejo e razão de perecer aumenta, pelo próprio motivo de ser proibido. (9) Mais feliz – por Hércules! – aquele que morre antes do que deve, antes de desejar; renuncia à vida quase tarde demais quem quer que chega ao fim de uma maneira tal que tomar essa atitude a ninguém surpreende. A morte deve apenas ser negada àquele para quem esse tipo de castigo não é suficiente: ou seja, que, preferivelmente, ele próprio se mate.

[9] Por outro lado, o fato de que a lei ordenou que o que está para morrer declarasse as causas – e quis abandoná-lo insepulto, se assim se apressasse a deixar a vida sem que o anunciasse anteriormente, sem que confessasse – engana qualquer um que, por esse motivo, pensa que isto foi feito para que sejamos mantidos em vida. (2) A lei, na verdade, não teme a impulsividade do suicida, nem de bom grado perscruta o segredo da dor alheia. Ela estava ciente daqueles que, de outro modo, não ousariam revelar as causas da morte, esses que estão conscientes de um delito, cujo medo de um sofrimento maior compeliu aos ritos funerários³³⁶. (3) Portanto, para que não se resguardassem das punições por meio de um óbito apressado, são reconduzidos

³³⁶ O motivo da existência da lei era fazer com que os que não podem revelar seus motivos perante ao senado, por terem cometido um crime, não pudessem se matar e, se o fizessem, tivessem então a punição de não serem enterrados.

placida, mitis causas mortis reddi uoluit, non aestimari. Possum igitur, P.C., publica quadam uoce generis humani respondere quaerentibus causas mortis interrogatus, at ego difficiliter redderem uitae: quid iuuat, o misera mortalitas, animam per tot annos, etiam, si natura patiatur, per infinita temporum spatia tristissimo corporis retinere complexu? Si cuncta gaudia nostra, si uoluptates et quaecumque ex hac uniuersitate mundi uel sollicitant aspectu, uel blandiuntur usu, diligenter excutias, tota uita hominis unus est dies. Humiles prorsus abiectaeque mentes, quas non implent haec eadem semperque redeuntia. At qui honestis operatus artibus sciat, quis finis bonorum, quae uera felicitas, numquam sibi uidebitur praematura morte periturus, et lucis causas ad animum mentemque referendum neminem cotidie uita non satiat.

[10] Relaturum nunc me putatis, quanto plura

novamente ao castigo por meio da injúria do corpo insepulto de um criminoso. A lei, plácida e branda, quis que as causas da morte fossem declaradas, não avaliadas. (4) Portanto, senadores, posso responder, interrogado por alguém, com uma expressão comum do gênero humano, quanto às causas da minha morte, mas, ao mesmo tempo, com mais dificuldade eu declararia as razões para viver. De que serve – ó miserável mortalidade! – conservar a vida por tantos anos, e até, caso a natureza permita, por um período ilimitado de tempo, no tristíssimo cercamento do nosso corpo? (5) Se tu examinasses cuidadosamente todas as nossas alegrias, prazeres ou qualquer fenômeno desse universo que, ou excitam pela sua aparência, ou nos seduzem pelo uso, toda a vida humana se resume a apenas um dia³³⁷. São mentes absolutamente insignificantes e abjetas aquelas que não se saciam com esses mesmos e sempre recorrentes fenômenos. (6) Por outro lado, aquele dedicado às respeitadas artes, que conheça o sumo bem e a verdadeira felicidade, nunca parecerá, para ele mesmo, que está para perecer de forma prematura, e a vida não satisfaz ninguém que dia após dia reporta as causas da existência à alma e à mente.

[10] Pensais que hei de reportar quão

³³⁷ Brescia (2021) e Pasetti (2009) definem o filho como um sábio senequiano, revelando um pensamento estoico em sua argumentação a favor da morte.

sint in hac aevi breuitate fugienda, comparaturum gaudiis, prosperis metus, calamitates? Illa, illa aestimemus, propter quae fatigamus uotis deos, propter quae breuem querimur aetatem. Nempe sunt uanitas, cupido, luxuria, libido. Non pudet propter haec ferre debilitates, luctus, spatia morborum, et, cum liceat euadere, malle pati? Finge tibi uelut ipsam proclamare naturam: 'Receptus es in hoc pulcherrimum mundi rerumque consortium et per succedentium uices in ordinem mortalitatis natus bona nostra uidisti; admitte posteros, cede uenientibus.' Nescis te, quanto diutius uixeris, tanto magis impatientem perire? Quantumlibet prorogentur tempora, iungantur aetates, quandoque tamen non potest non exitu perire miseri, qui moritur inuitus. Miraris, quod suprema mea ipse praecipitem? Numquid enim non hoc agunt singuli dies? Omnis nos hora per tacitos fallentesque cursus adplicat fato, et in hac turpissima perpetuitatis cogitatione districti

numerosas são as coisas das quais devemos fugir em nosso breve tempo de vida, que hei de comparar medos e calamidades com alegrias e prosperidades? (2) Avaliemos estas então, estas bem conhecidas, por causa das quais importunamos os deuses com nossas orações, por causa das quais reclamamos que a vida é breve: certamente são elas a futilidade, o desejo, a luxúria e o prazer. Não nos envergonha de, por causa delas, suportar as debilidades, o luto, períodos de doenças e, enquanto nos seja lícito evitar tudo isso, preferir sofrer? (3) Imagina como se a própria natureza a ti proclamasse: 'Tu foste recebido nessa belíssima comunidade do mundo e de seus bens e, nascido por meio de renovações sucessivas na ordem da mortalidade, viste o que havia de bom; permite que venham as futuras gerações, dá espaço aos que estão por vir.'³³⁸ (4) Não sabes que quanto mais tiveres vivido, tanto mais impaciente perecerás? Por mais que as estações se prolonguem e que as vidas sejam somadas, uma hora ou outra, porém, aquele que morre contra a vontade não pode ter outra morte que não seja por meio de um fim miserável. (5) Surpreende-te o fato de que eu mesmo precipite meus ritos funerais? Mas não é isso, de fato, o que fazem os dias, um após o outro? Cada hora, com suas tácitas e enganosas cadências, nos aproxima-nos do nosso destino, e – com esse

³³⁸ Neste trecho, especificamente, é possível estabelecer um paralelo com Lucrécio (*Lucr.* 3.931-76) que, com a mesma estrutura e uso da personificação da natureza, discorre sobre o desejo de prolongar a vida. No parágrafo inteiro encontramos esse lugar-comum.

per exigua festinantis aevi momenta praemorimur. Faciamus potius de fine remedium, de necessitate solacium; exeamus sponte, consilio, pleni securitatis, gratias agentes. Solus uixit, quoad uoluit, qui mori mauult.

[11] Indulgete, quaeso, saeuae tristesque causae, indulgete, uirtutes, ut mori tamquam magno animo uelim. Ita non sufficit ad maturandos exitus quod fortiter feci? Infirmas prorsus terrenaque mentis est, ut numeretis annos; ego, quae felicissima uel lassitudo uel satietas est, uirtute consenui. Quid adhuc inter accidentia fragilesque casus ago? Homo receptus in publicas gratulationes praesentiae humilitate decresco: minores fiant necesse est diuturnitate, quorum initia confirmare successus. Cum iam nec operibus nec felicitati possit accedere, cum fortuna ruere dementia est et aetatem trahere pereuntem; nullos ego senes degere turpius puto, quam qui fortissimi fuerunt. Vultis expectem, ut putres artus foedet pudenda canities, ut sanguine membra uacuata uix

pensamento mais que repugnante de estender nossa permanência – morremos antecipadamente através dos pequenos momentos da vida que se apressa. (6) Que façamos, em vez disso, do fim uma cura, da inevitabilidade uma consolação. Que morramos de forma voluntária, deliberada, com plena segurança, agradecidos. Somente quem prefere morrer viveu o quanto desejou.

[11] Permite, por favor, selvagens e tristes causas para morrer, permite, virtudes, que eu morra assim como eu quero, com grande coragem. Deste modo, o fato de que realizei atos heroicos não é suficiente para apressar minha vida em direção ao fim? (2) Absolutamente fracas e terrenas são as vossas mentes se enumerais os anos; eu – quer seja o cansaço ou a satisfação, os quais são o ápice da felicidade – envelheci por meio da virtude. O que até agora faço em meio a acontecimentos acidentais e frágeis? (3) Como homem recebido com congratulações públicas, diminuo-me com a insignificância do presente momento. Aqueles cujos primórdios o sucesso confirmaram, com o passar do tempo é forçoso que se tornem menos importantes. Quando o homem já não pode acrescentar ao trabalho nem à felicidade, é loucura arrojarse com a fortuna e arrastar uma vida que perece. (4) Eu penso que nenhum velho permanece vivo de forma mais repugnante que aqueles que foram os

nitantur ad gressus, ut hae laudatae manus
nec ad cotidianaе uitae ministeria sufficiant?
Quam miserum, quam deforme est
meminisse quod fueris, referre cicatricum
tuarum redundationes et frigidam
praeteritorum memoriam, cum iam fidem
membra non habeant, supra sua facta rideri!
Festinato exire de saeculo debeo, dum alacre
corpus, dum spiritus uiget, dum teneor, dum
desideror, et hoc uolo deberi manibus meis,
animo meo. Fauete, dii pariter atque
homines: mortem uir fortis inueni. Est haec
communis mihi cum multis fortasse causa,
sed ueniamus ad is meam.

[12] Si mihi mathematicus denuntiasset
damna membrorum, grauem corporis
perpetuumque languorem, ignosceres tanta
mala uel incerta fugienti. Plus est, quod
expauesco, quod timeo; minatus est mihi
manus meas meus animus, nullumque uoluit
esse momentum, quo securus intrepidusque

mais fortes. Quereis que vergonhosos cabelos
brancos contaminem o corpo em
desintegração, que membros esvaziados de
sangue mal avancem ao andar, que aquelas
louvadas mãos não sejam nem mesmo
suficientes para o serviço da vida cotidiana?
(5) Quão miserável e inapropriado é
relembrar o que já foste, recordar o grande
número das tuas cicatrizes e a fria memória
do passado. Quando os membros já não têm
crédito, seus feitos passados são motivo de
riso. (6) Devo sair desta geração
rapidamente, enquanto meu corpo é ativo,
enquanto meu espírito é vigoroso, enquanto
as pessoas querem me manter vivo, enquanto
sou desejado, e quero que isso seja devido às
minhas mãos, à minha coragem. Ajudai-me,
deuses e homens, igualmente: descobri como
morrer um herói³³⁹. (7) Essa causa é comum
para mim e talvez simultaneamente para
muitos outros, mas vamos àquela que é
somente minha.

[12] Se o astrólogo tivesse me avisado sobre
danos aos meus membros, ou grave e
contínua debilidade do meu corpo,
perdoaríeis a quem foge de tantos males,
mesmo que incertos. (2) Mas há algo a mais
com o qual me assusto, que me faz temer: é a
minha alma, que tornou minhas mãos uma
ameaça para mim, e desejou que não
houvesse sequer um momento em que eu

³³⁹ O filho atingiu o ponto máximo de sua vida, e morre como herói mais uma vez ao salvar o próprio pai.

requiescerem. Iussus sum uitam per anhelitus metusque consumere. Quis inter haec spei, quis consolationis est locus? Mori debeo tamquam nocens, si mathematicus uerum dixit, tamquam miser, si mentitus est. Quid, quod me futurum dixit parricidam? En quem mittamus in experimentum, cui credamus! Placet potius futurorum incerta[m] tractare ratione[m] quam ad diuersas persuasiones et ad loquacissima humanorum pectorum ingenia uariari[s]. Parricidium dictus sum facturus; si possum post hoc uiuere, non sum innocens, etiamsi non fecero. Interrogare mehercules hoc (loco) libet uos, omnes liberi, omnes parentes: quem mihi post hanc denuntiationem adsignetis animum? Homo sum, cuius corpus iratum fortasse saeculo numen uelut aptissimam facinori uidetur elegisse materiam, cui in primis continuo natalibus adsignata est uirtus pariter et facinus, omnium incredibilium diuersorumque pariter capax, omnibus difficultatibus nouitatibusque sufficiens,

descansasse de forma segura e intrépida. Foi-me imposto a passar a vida entre ansiedade e medo. (3) Que espaço para esperança e consolação existe em meio a tudo isso? Devo morrer como um criminoso, se o astrólogo disse a verdade, e como um miserável, se ele mentiu. (4) E quanto ao fato de que ele disse que eu seria um parricida? Adiante! Encaminhemo-lo ao experimento para que lhe demos crédito!³⁴⁰ (5) É mais aceitável lidar, por meio da razão, com as incertezas do futuro, que variar de acordo com as diversas persuasões e com os mais loquazes engenhos dos corações humanos. Foi dito que eu haveria de me tornar um parricida; se posso depois disso viver, não sou inocente, mesmo se não o fizer. (6) Eu gostaria de interrogar, por Hércules, neste ponto, todos os filhos, todos os pais: que estado de espírito³⁴¹ atribuíste a mim, depois desta denúncia? (7) Sou um homem cujo corpo a vontade divina, irada talvez por esta geração, parece ter escolhido como o material mais adequado ao crime, a quem imediatamente, desde o primeiro momento do nascimento, foram-lhe atribuídas igualmente tanto a virtude como o crime, capaz igualmente de tudo o que é incrível e contraditório, apropriado para tudo quanto é dificuldade e excentricidade, miserável pelos delitos e, sem sua morte, culpado, no qual deveis odiar também essas

³⁴⁰ Testar o oráculo é um experimento sem volta, apenas acreditarão nele quando de fato matar seu pai.

³⁴¹ Preferimos traduzir por “estado de espírito” para enfatizar a perda de controle do filho sobre si mesmo, assim como sua perturbação mental.

sceleribus miser et, sine morte sua, nocens,
in quo debeatis ipsas quoque odisse uirtutes.

[13] Nescio quae me prodigiosa feritas in
patrem uelut telum aliquod casurumque
pondus librat, inpingit. Facinus me manet,
quod contra fidem est, quod profuturum mihi
negatur ut nolim, cuius non tempus, non
locus, non causa praedicitur. An mori
debeam, uos aestimabitis; non debui nasci.
Sentit pater, quanta sit praedicti sceleris
inmanitas, et ideo temptat efficere, ut
mathematicam artem non putetis, ac modo
contendit non esse fatum, et cuncta casu
fortuitoque decurrere, modo, etiam ut
prouidentia regantur, non posse tamen
humana scientia deprehendi. Dum utrumque
colligo, interim apud grauitatem uestram
depono sensisse aliquid etiam patrem, cum
metuit. Ego mathematicum probaui dixisse
uerum, ille cre(di)dit esse dicturum. Casum
tibi, pater, haec diuersitas uidetur in corpus
unum dissentientibus solidata primordiis, ut
summo uertice locatus igneus uigor cuncta

mesmas virtudes.

[13] Não sei que ferocidade prodigiosa me
impele contra meu pai como uma lança e me
pesa como um corpo que cai. Espera por mim
um crime que é contra a lealdade – e de nada
adiantará que eu não queira cometê-lo –, para
o qual não há tempo, nem lugar, nem causa
previstos. Se eu devo morrer, vós avaliareis;
eu não deveria ter nascido. (2) Meu pai
percebe a grande brutalidade do delito que foi
previsto, e, por isso mesmo, tenta fazer com
que não penseis que a astrologia seja uma
ciência, ora afirmando que o destino não
existe e que tudo flui de forma casual e
fortuita, ora que, mesmo se os
acontecimentos fossem regidos por uma
providência, não podem, porém, ser
compreendidos pelo conhecimento humano.
(3) Enquanto concilio cada uma dessas
hipóteses, ao mesmo tempo confio perante a
vossa respeitabilidade que meu pai também
percebeu algo em particular, quando sentiu
medo. Eu provei que o astrólogo dissera a
verdade, meu pai acreditou que ele a teria
dito. (4) Parece casual para ti, pai, essa
diversidade consolidada em um só corpo a
partir de partículas³⁴² divergentes, de forma
que o vigor do fogo, localizado no mais alto
vórtice, sustentasse toda a matéria pesada por

³⁴² Discussão desenvolvida ao longo do livro I, do *De rerum natura*.

grauia calidi spiritus ardore suspenderet, profundus umor ad ima demersus, unde cotidie superpositi caloris alimenta traherentur, terrenum pondus in medio quanto superne spiritu, tanta penitus inanitate subnixum librata mole consideret, ut saeculorum infinita series per adsiduas temporum uices sua lege festinet? Quid haec fulgentium siderum ueneranda facies? Quod quaedam uelut infixae ac cohaerentia perpetua semelque capta sede conlucent, alia toto sparsa caelo uagos cursus certis emetiuntur erroribus, ista credis passim fortuitoque disposita?

[14] Rogo, quid melius ratio fecisset? Deus haec, deus, fabricator operis immensi, ex illa rudi primaque caligine protracta posuit in uultum, digessit in partes. Postquam dederat uniuersitati parem dignamque faciem, spiritum desuper, quo pariter (omnia) animarentur, inmisit. Inde est, quod quidquid

meio do ardor de seu cálido sopro? (Parece casual para ti) A umidade profunda, imersa até o âmago (da terra), de onde diariamente são obtidos os alimentos para o calor que se sobrepõe? Parece casual que o peso da terra se posicionasse bem no meio, com sua massa equilibrada, escorado na parte superior por sopro tão grande quanto o vácuo na parte inferior, de forma que a infinita série de gerações se apresse, por constantes renovações dos tempos, de acordo com sua própria lei? (5) E quanto a essa aparência veneranda das fulgentes constelações? E quanto ao fato de que algumas delas brilham, como se estivessem fixas e também em harmonia perpétua, uma vez estabelecidas em seu lugar, e outras se encontram esparsas por todo céu, passando por órbitas vagantes, com errâncias definidas? Tais elementos, acreditas que foram dispostos em todo lugar de forma fortuita?

[14] Eu pergunto, o que a razão poderia ter feito de melhor? Deus, sim, deus³⁴³, o artífice de uma obra de imensa proporção, retirou tais elementos, revelados, daquele rudimentar primeiro nevoeiro, definiu sua aparência e os distribuiu em partes. Depois de ter dado ao universo um formato digno e equilibrado, lá de cima emanou o sopro vital, a partir do qual todas as coisas seriam dotadas de vida ao

³⁴³ Uso de deus no singular, como medida de todas as coisas, assim como faz Sêneca, na carta 41 destinada a Lucílio.

nascitur, consociata numinis proprietate signatur et in totam aevi sui breuitatem conpositum firmatumque sic accipit futura quasi uitam. Haec credo, pater, terrori primis fuisse mortalibus, mox admirationem consumpta nouitate meruisse. Paulatim deinde hoc, quod stupemus, animus ausus diligenter adtendere in arcana naturae sacrum misit ingenium, et ex adsiduis obseruationibus notisque redeuntibus latentium ratione collecta peruenit ad causas. Miraris fatum hominis posse praedici? Defectiones siderum laboresque narrantur, nuntiantur origo tempestatum, lassitudo uentorum, quod sidus immodicos solis ardores, quod seueras minetur hiemes, quid significant sparsi longius crines, quid ardentius solito iubar, quid excussa flamma sideribus. Non inuenio, quid esse possit certius uerae artis ingenium quam dicere quid futurum sit, fieri deinde quod dixerit. Quod si esse artem mathematicam probant natura, ratio, experimenta, pater quoque, qui creditur consulendum, superest, ut ostendamus uerum

mesmo tempo. (2) É por isso que qualquer ser que nasce é marcado com uma propriedade especial da vontade divina, intimamente vinculada a ele, e em toda a brevidade de sua existência, assim moldado e consolidado, recebe o que está por vir como se recebesse a vida. (3) Acredito que esses fenômenos, pai, foram o terror para os primeiros mortais, e depois de esgotada a novidade, conquistaram a admiração. E então, aos poucos, a mente humana, encorajada a prestar atenção de forma cuidadosa àquilo que nos espanta, lançou seu engenho sagrado aos segredos da natureza, e a partir de assíduas observações e pistas recorrentes, com a razão alcançou as causas, deduzidas do que está oculto. (4) Surpreende a ti que o destino do homem possa ser previsto? Eclipses e labores das estrelas são narrados, são anunciados a origem de uma tempestade, a lassidão dos ventos, qual constelação ameaça os imódicos ardores do sol, qual ameaça os severos invernos, o que significam as caudas mais alongadas dos cometas, ou seu brilho com maior ardor que o habitual, ou a chama que se move entre as constelações³⁴⁴. (5) Não concebo o que possa ser mais seguro no engenho de uma verdadeira ciência que dizer o que acontecerá e então acontecer o que se dissera. (6) Se a natureza, a razão, as experiências, e também meu pai, que acreditou que deveria se consultar, provam o

³⁴⁴ Estrela cadente.

dixisse de futuris, quem de praeteritis non possumus probare mentitum.

[15] Accipite primam certissimae scientiae probationem: homo, qui de partu consulebatur, non confudit turbavitque responsum, nec per varias ambages indeprehensibilem sparsit errorem; nihil ita locutus est, ut illud audientium interpretatio traheret dirigeretque, quo mallet. Atquin in eo tota ratio fallendi est, non dare consulentibus quod deposcant, sed caligine magna que promissorum uanitate suspensos sic dimittere, ut, quicquid casus attulerit, putent esse praedictum. An scilicet haec fuerit ratio fingendi, quod dicebat usitata, communia, quae futurus pater facile crederet, libenter audiret? ‘Fortiter,’ inquit, ‘faciet filius tuus.’ Rogo, ubi magis desinit, qui mentitur? Sed quibus ille, dii deaque, signis, quibus impletus est notis, qui de parricida dissimulare non potuit, cum quaereret pater! Artem tantum mirari me, pater, putas? Ego

fato de que a astrologia é uma ciência, resta que demonstremos que o astrólogo, o qual sobre o passado não podemos provar que mentiu, disse a verdade sobre o futuro.

[15] Aceitai a primeira prova de uma ciência corretíssima: um homem, o qual era consultado sobre um parto, não confundiu ou turvou a resposta, nem por várias ambiguidades espalhou erro desconcertante³⁴⁵. Nada foi dito de forma que atraísse e dirigisse a interpretação da audiência àquilo que ele preferisse. (2) Entretanto, nisto está toda a lógica de enganar: não dar ao que consulta aquilo que exige, mas, por meio de obscuridade e grande quantidade de promessas falsas, deixar as pessoas saírem em tal estado de incerteza que o que quer que traga o acaso, pensem ter sido previsto. Mas, naturalmente, pode ser que isto tenha sido um método de fingimento, o fato de que falava de eventos usuais, comuns, nos quais o futuro pai facilmente acreditaria, e de bom grado ouviria? (3) ‘Um herói’, falou, ‘tornar-se-á o teu filho’. Eu pergunto, para quem está mentindo, em que ponto seria melhor parar de falar? Mas de quais sinais – deuses e deusas – de quais pistas ele estava impregnado, que sequer pôde dissimular em relação ao parricídio, quando indagava o pai! (4) Pensas, pai, que tal arte me surpreende tanto? Eu me surpreendo com a coragem, me

³⁴⁵ Tal erro leva Laio a abandonar Édipo e leva o último a, supostamente, matar o pai sem saber.

miror animum, stupeo constantiam. ‘Erit,’ inquit, ‘uir fortis — et parricida.’ Rogo, quae ratio fallendi est ea (a)dicere, propter quae nec prioribus debeat credi? In parricidio quod prospiciebat mathematicus, haec sola ratio fuit mendacii, ne praediceretur. Fero tamen, ut quis in aliis consultationibus decipi possit; at errare de futuro parricida non magis mathematicus potest quam pater interrogare.

[16] Omnes, sicuti apud sacrae artis antistites satis constat, animae proprietates et futuras mentium corporumque formas ex illorum siderum qualitate, quibus in ortu suo cuncta gignuntur, accipiunt. Aliquis uagi numinis errore perstrictus est: uitam transiget ille discursibus. Placida conceptum stella signauit: erit modesta lenitate conspicuus. Ardens nascentis horam sidus accendit: uiribus pariter moribusque flagrabit. ... languido iam uergentis in procliue mundi:

espanto com a firmeza. (5) ‘Será’, falou, ‘um herói de guerra – e um parricida.’ Eu pergunto, que método de fingimento é esse, acrescentar informações, por causa das quais nem ao que foi dito antes se deva dar crédito³⁴⁶? Em relação ao parricídio que prognosticava o astrólogo, tal seria o único método de mentira: não ter previsto. (6) Admito, porém, que em outras questões é possível ser enganado, mas, por outro lado, o astrólogo não pode estar mais errado sobre o futuro parricida que o pai em interrogar sobre isso³⁴⁷.

[16] Todos – tal como é bastante aceito entre os sacerdotes dessa arte sagrada – recebem da natureza dessas constelações, por meio das quais todas as coisas são geradas no momento de seu nascimento, as propriedades especiais da alma e as futuras formas das mentes e dos corpos. (2) Certa pessoa foi tocada pela errância de uma divindade vagante: ela passará a vida de um lado a outro. Uma estrela plácida marcou a concepção de outra pessoa: será famoso pela moderação e gentileza. Uma constelação ardente se incendiou na hora do nascimento: inflamará igualmente a força física e o comportamento. (3) Outro nasceu sob uma constelação fraca, já em declínio no céu: a juventude se ralenta

³⁴⁶ É improvável que o astrólogo tenha mentido, uma vez fez a pior das previsões logo depois de uma fase de feitos e conquistas.

³⁴⁷ Se é improvável que um pai pergunte a um astrólogo esse tipo de coisa, é mais improvável ainda que o astrólogo confirme um parricídio. Novamente, as chances de o astrólogo estar mentindo são mínimas.

hebescentibus tardior membris similis
 senectae iuuenta pigrescet. Iam si cui
 principalium deorum fulgor inluxerit, in
 populi consurget Imperium. Credo
 mehercules in illum natalem monstri mei
 diem iratorum numinum conspirasse
 uiolentiam sedemque prodigiosi spiritus
 conlato pariter igne pressisse. Si uerum est
 post uetusta saecula et innumerabiles annos
 reddi rursus aliis corporibus animas, fortassis
 in me renatus sit aliquis ex illis, quorum
 scelere uiolatus dies mundum subito mutauit,
 quos (per) maria terrasque fugientes furiales
 faces et ultricum dearum terror agitauit.
 Necesse est et maiores notas uentura
 praemittant, quae non temere nascuntur. Sic
 futuras tempestates pelagi fragor et conscium
 nemorum murmur enuntiat, sic periturorum
 fata populorum ardentes caelo faces et crinita
 siderum flamma praecurrit.

[17] Praedicebar bello, monstrabar armis,
 agebat ante se uentura feritas publicas

pela debilitante maior vagareza dos
 membros, semelhante à velhice. Agora, se o
 fulgor tiver iluminado a alguém um dos
 principais deuses, ele se levantará ao
 comando do povo. (4) Acredito, por
 Hércules, que naquele dia do nascimento do
 meu portento, conspirou a violência das
 divindades iradas, que sobrecarregaram,
 juntas, por meio de um fogo direcionado, a
 sede do espírito aberrante. Se é verdade que
 depois de vetustas gerações e anos
 incontáveis, novamente são restauradas as
 almas em outros corpos, talvez em mim tenha
 renascido alguém proveniente daqueles que,
 por cujo delito, o sol violado mudou
 subitamente o mundo, os quais, fugindo pelo
 mar e pela terra, provocaram as tochas das
 Fúrias e o terror dos deuses vingativos³⁴⁸. (5)
 É forçoso que os eventos futuros, os quais
 não nascem de forma precipitada, enviem
 antecipadamente pistas mais manifestas.
 Deste modo, o alvoroço do oceano e o
 murmúrio consciente da mata revela futuras
 tempestades, deste modo as tochas ardentes
 no céu e a chama de longas caudas dos corpos
 celestes precedem os destinos dos povos
 prestes a perecer.

[17] Eu estava prenunciado para uma guerra,
 estava indicado para as armas, a ferocidade
 que estava por vir aduzia diante de si as

³⁴⁸ O filho acredita que, através da metempsicose, talvez tenha renascido em seu corpo uma alma criminosa. Mais adiante ele relata que se sente perseguido pelas Fúrias, tal como Orestes.

calamitates, et omnium malorum consummatione parricida ponebar. At si nunc ista putet aliquis fortuito, non arte sentiri, possit fortasse casu euenire, quod futurum sit; non potest casu fieri, quod praedictum est. Ecquando umquam, pater, explicuit manifestius ullius fati necessitatem totus ordo responsi? ‘Vir,’ inquit, ‘nascetur;’ euenit. ‘Educabitur, quamuis praedictus sit;’ accidit. ‘Perueniet ad iuuentae robur;’ adoleui. ‘Viribus erit conspicuus;’ eminui. ‘Aderunt bella;’ uenerunt. ‘Ibit in aciem te uolente;’ misisti. ‘Fortiter faciet;’ feci. ‘Erit parricida;’ si uixerem. Si, pater, tamen secretae profundaeque artis ratio reddenda est, nonne habere tibi grande consortium praedicti uidetur ipsa diuersitas? Virum fortem dixit et parricidam: uicina sunt haec, etiam ut dissimilia, paria uiribus, etiam ut mente dissentiant. Quid enim me aliud notabilem fecit in bello, quam quod non parco caedibus, cruore non satior, exultans super stratorum corporum strages, palpitantibus adhuc cadaueribus alacer insisto? Virtutis sunt ista, cum hostis contigit; pax est, quae nos

calamidades públicas, e, de todos os males, estava designado para ser um parricida. Agora, se por outro lado alguém pensa que esses eventos são fortuitos, não sendo percebidos como ciência, o que está no futuro talvez possa acontecer por acaso. Não pode ocorrer por acaso o que foi previsto. (2) Alguma vez, pai, toda a sucessão de eventos da resposta de um astrólogo revelou de forma mais evidente a inevitabilidade de algum destino? (3) ‘Nascerá,’ falou, ‘um homem’; aconteceu. ‘Será criado, apesar do que esteja previsto’; e assim foi. ‘Alcançará a robustez da juventude’; eu cresci. ‘Será famoso pela força’; destaquei-me. ‘As guerras chegarão’; elas vieram. ‘Marchará para a batalha com o teu consentimento’; enviaste-me. ‘Tornar-se-á um herói de guerra’; tornei-me. ‘Será um parricida’; se eu sobreviver. (4) Se, pai, porém, a lógica da ciência secreta e profunda deve ser declarada, não te parece que a própria diversidade da previsão tem grande conexão? O astrólogo disse que eu seria um herói de guerra e um parricida. Os dois são próximos, ainda que diferentes, são iguais em força, ainda que diverjam em intenção. (5) O que, com efeito, me tornou diferente e notável na guerra senão o fato de que não me contendo no massacre, não me satisfaço com o sangue – exultante sobre a carnificina da pilha de corpos – e caminho, ávido, sobre os cadáveres até então palpitanes? Tais fatos são virtuosos, quando se lida com os

deprehendit, et cum iusta grassandi materia consumpta est, in facinus necesse est otiosus ardor erumpat. Ecce iam rei publicae praebita est quies; mihi tamen plurimum est cum gladio meo: totis diebus tracto ferrum, ad arma respicio, tela mea laudo, admiror, adloquor. Crede, pater: et parricidium tam facile est quam fortiter facere, cum utrumque de fato est.

[18] Sed quousque ratione colligam, quod exitu iam probatum est? Quod nullis mathematicus dixit ambagibus, nullis dissimulari artibus potest. Partem responsi futuram in alio opere iam uidisti, et, quod praecipue torquet animum, fides sceleris uirtus fuit. Explicata est auctoritas responsi, cum de duobus praedictis unum factum est, nec possis de ueritate dubitare, quotiens cum incertis experimenta consentiunt. In responso, cui cuncta cesserunt, fieri non potest, ut hoc solum falsum sit, quod nouissimum est. ‘Non potest,’ inquit, ‘fieri

inimigos. É a paz que nos revela, e quando se esgota a ocasião justa para agir com violência, é forçoso que o ardor ocioso irrompa para o crime. (6) Eis! Agora a paz foi oferecida ao Estado, porém para mim é mais importante estar com a minha espada. Por todos os dias, manejo o ferro, volto meu olhar para minha armadura, minhas armas louvo, admiro, converso com elas. Acredita, pai: até mesmo o parricídio é tão fácil como se tornar um herói, quando cada um dos dois provém do destino.

[18] Mas até quando deduzirei pela razão o que já foi provado pelo desfecho? O que o astrólogo disse, sem qualquer ambiguidade, não pode ser dissimulado por qualquer artifício. (2) A parte da resposta que está para acontecer tu já viste através da outra ocorrência³⁴⁹, e o que especialmente tortura minha alma: a virtude foi o fiel da balança para o delito³⁵⁰. A autoridade da resposta foi revelada quando, em relação às duas previsões, uma se tornou realidade, e não poderias duvidar de sua veracidade sempre que fatos incertos concordam com as experiências. (3) De acordo com a resposta, à qual tudo deu resultado, não pode acontecer que seja falsa somente aquela, a que foi a última. (4) ‘Não pode’, falou, ‘acontecer o parricídio.’ Queres que eu me admire, pai, se,

³⁴⁹ As previsões já confirmadas, como o fato de que se tornaria um herói, confirmam a única que falta: o parricídio.

³⁵⁰ Os feitos do filho tornaram o parricídio possível.

parricidium.’ Vis mirer, pater, si non creditur futurum, quod, etiam cum factum est, uix creditur? Falleris, si aduersus praedictas necessitates sufficere credis, quod ego bonus filius sum, quod tu optimus pater. Tu non mereris scire, credo, ego utique nolle me scire; quid est ergo fatum, nisi quod fit et non habet causas? ‘Quemadmodum ergo,’ inquit, ‘istud uitari potest, si fieri necesse est?’ Scilicet hac sola ratione, ut mors inter facinus hominemque ponatur. Vincitur, pater, fatum, si resistas, uincit, si contempseris. Ago quin immo gratias hoc solo nomine crudelissimis fati, quod maximum facinus non in prima aevi mei parte posuerunt, quod praemissae sunt ante uirtutes, magnorumque operum prior ordo defluxit. Potest, puto, caueri parricidium, quod et praedicitur et nouissimum est.

[19] Fingamus, pater, mathematicum de hac sola uitae meae parte mentitum; quid tanti

ao que está por vir não se dá crédito, tal fato que, mesmo quando acontece, nele mal se acredita?³⁵¹ (5) Tu te enganas, se contra as inevitabilidades previstas acreditas ser suficiente que eu seja um bom filho, e tu sejas um ótimo pai. Tu não és digno de entender, acredito, eu certamente não quero me entender. O que, então, é o destino, senão o que acontece e não tem uma causa? (6) ‘De que maneira então,’ falou, ‘isto pode ser evitado, se é forçoso que aconteça?’ É claro, apenas com esse raciocínio: que a morte se coloque entre o crime e o homem. O destino é vencido, pai, se resistes a ele; ele vence, se o desdenhares³⁵². (7) Na verdade, agradeço nominalmente ao destino cruelíssimo apenas por isso, o fato de que não colocou o crime máximo na primeira parte da minha vida, de que as virtudes precederam em primeiro lugar, de que fluiu a ordem inicial das grandes ocorrências. É possível, penso, tomar precaução contra o parricídio, pelo fato de que foi previsto por último.

[19] Finjamos, pai, que o astrólogo mentiu sobre essa única parte da minha vida. O que tanto me custa para que acredite nessas hipóteses e viva? ‘O pai não pode ser morto.’

³⁵¹ É difícil acreditar em uma previsão que, mesmo quando acontece, é inconcebível.

³⁵² Via de regra, narrativas literárias como a *Teogonia* (Hesíodo), *Édipo Rei* (Sófocles), *As crônicas de gelo e fogo* (MARTIN, 2010) e *Harry Potter* (ROWLING, 2000), fazem acontecer exatamente o oposto: tentar escapar de uma profecia desagradável é o que acaba ocasionando-a.

est, ut credam ista et uiuam? ‘Occidi non potest pater’; sed quid refert, si difficultas ista non est salua animo meo? Excedit omnem calamitatem innocentiae suae non credere, diebus ac noctibus timere, suspectum habere animum suum, calumniari manus, incausare uisus et parricidalem agere cogitationem. Maior mihi ratio moriendi est, si parricidium fieri non potest, et ego me credo facturum. Quem tu mihi, pater, imperas laborem, quam asperam exigis patientiam! Horreo oscula tua, ne seniles artus nimium grauis amplexus elidat. Non sustineo eosdem expetere conuictus, ne, quos porrexerim cibos, uenena fiant. Timeo eiusdem peregrinationis adire comitatum, omne fugio secretum, ne quid fortuna, ne quid afferat casus. Quousque timebitur animus? Mors mihi praestare potest, ne parricidium faciam, mors, ut uidear nec fuisse facturus. Sed me infelicem, quam multa sunt, quae timere debeam etiam citra animum meum! Vnde scio, an expulsus me repente sensibus meis aliqua magni

Mas o que importa, se essa dificuldade não está segura em minha alma? (2) Ultrapassa toda calamidade não acreditar em sua própria inocência, temer por dia e noite, ter como suspeita sua própria alma, acusar falsamente as mãos, repreender a visão e incitar pensamentos parricidas. Para mim há uma razão maior para morrer se o parricídio não pode acontecer, e eu acredito que estou prestes a realizá-lo. (3) Que esforço tu demandas de mim, pai, que violenta tolerância exiges! Tenho horror de teus beijos, de que um abraço muito forte esmague os membros senis. Não ousou aspirar a comer contigo, temendo que os alimentos que estendo se tornem veneno. Temo fazer parte da tua comitiva de viagem³⁵³, fujo de todo lugar privado, com medo do que possa trazer a fortuna, o acaso. (4) Até quando terei medo da minha alma? A morte pode garantir para mim que eu não cometa o parricídio, sim, a morte pode garantir que eu pareça nem ter estado prestes a cometê-lo. (5) Mas, infeliz de mim, quantas coisas existem das quais devo ter medo, mesmo que minha mente não vá tão longe. Como sei se, de repente apartado de meus sentidos, alguma visão de um grande perigo não viria me arrebatando?³⁵⁴ Talvez eu precipite para a frente, como se seguisse o estímulo da trombeta que chama, como se me despertasse

³⁵³ Possível referência a Édipo e à morte de Laio.

³⁵⁴ Mesmo tema de *Hércules furioso* (Sêneca).

discriminis imago raptura sit? Prosilibo fortasse, tamquam sequor classici uocantis instinctum, tamquam me ruentis patriae fragor et uociferatio captae ciuitatis exciuerit. Me sane custodire possum, sed unde scio, quid adferat nox, casus, error? Mathematicus hoc non futurum dixit, ut uellem, sed ut occiderem.

[20] Tu quoque, pater, quanto grauiores passurus es ex ipsa dissimulatione cruciatus! Felicius illud prorsus est, palam odisse quem timeas. Cum bene in osculis meis amplexibusque requiescas, subeat necesse est tacitas cogitationes praedicti periculi metus, et, licet componatur ad fortem superbamque constantiam, naturalis tamen hominis infirmitas potest tam percussorem timere quam mortem. Explica nos, pater, tam misero tristisque complexu et longissimas sollicitudines breui recide patientia; minus indignum est, ut moriar, si innocens futurus sum, quam ut uiuam, si parricida. Denuntio tibi, pater, et de suprema necessitate confiteor: iam non sunt meae potestatis hae

o barulho da pátria em destruição e o clamor de cidadãos capturados. (6) É claro que posso me vigiar, mas como sei o que traz a noite, o acaso, o erro? O astrólogo não disse que eu desejava esse futuro, mas que eu mataria.

[20] Tu também, pai, quantos agravos mais haverás de sofrer pela tua própria dissimulação do tormento! Sem dúvida é mais feliz aquele que abertamente odeia quem se teme. (2) Quando bem descansas em meus beijos e abraços, é forçoso que o medo infiltre tácitos pensamentos do perigo que foi previsto e, apesar de forjar uma constância firme e orgulhosa, ainda assim a fraqueza natural do homem pode temer tanto o assassino como a morte. (3) Desembaraçamos, pai, deste emaranhado tão miserável e triste e corta as longuíssimas preocupações com breve sofrimento. É menos indigno que eu morra, se sou inocente, que viver, se sou parricida. (4) Denuncio a ti, pai, e confesso por suprema necessidade: essas mãos já não estão sob meu controle. Não comando a mão direita, não sou suficiente para retê-la. Vem aquele ardor que desconheço, não sinto, os olhos não o observam. E então começo a

manus; non regere dexteram, non retinere sufficio. Venit ille nescioquis ardor, non sentio, non intuentur oculi. Tunc omnia incipio scire, cum gesta sunt. Quid? Tu me lacertorum uiriumque beneficio strauisse nuper hostes putas? Quantum dicuntur narrasse captiui, nescio quem in me monstruosi uultus horruere conspectum. Non tela iaciebam, non iaculabar ictus; furialibus miser facibus ardebam, et pectus istud non lorica, non ferrum, sed diri serpentium clauserant nexus, non fuit illud pugna, non acies: in bello parricida uincebam, excesserunt opera mea humanarum uirium mediocritatem: quicquid factum est, rabies, insania fuit.

[21] Praedico, testor: non ego parricidium faciam, non ego fortiter feci. Quod si ulla ratione casuue effici potest, ut praedicta non fiant, fidem uestram, P.C., ut mihi potius innocentia quam fato debeatur: ego dicar expugnasse constitutionem, fregisse uincula necessitatis, mea pietas, mea laudetur

entender todas as coisas, depois de feitas³⁵⁵.

(5) O quê? Tu pensas que eu há pouco dispersei os inimigos graças à força dos meus braços? De acordo com o que narraram os prisioneiros, não sei qual visão de uma aparência monstruosa em mim disseram que os tomou de horror. (6) Eu não atirava lanças, não lançava golpes, ardia, miserável, pelas tochas das Fúrias; e esse peito bloquearam não a couraça, não o ferro, mas as laçadas das medonhas serpentes. Aquilo não foi uma luta, não foi uma batalha: eu vencia na guerra através do parricida, meus feitos ultrapassaram a moderação das minhas forças humanas. O que quer que tenha acontecido foi loucura, insanidade.

[21] Declaro, testemunho: eu não cometeria o parricídio, eu não cometi feitos heroicos.

(2) Se por causa de alguma razão casual aconteça que o que foi previsto não se torne realidade, vos apelo, senadores, é preferível que a inocência seja devida a mim que ao destino. Seja dito que eu conquistei o que foi determinado, que eu quebrei as correntes da inevitabilidade, que seja louvada minha

³⁵⁵ Aqui o filho deixa explícita a sua possessão ou desequilíbrio mental.

integritas. Dii non sinant, ut inter me
 responsumque decernat exitus;
 mathematicum uincere malo quam
 reprehendere. Quid nunc agam, P.C.,
 quemadmodum me uir fortis ad preces,
 quemadmodum parricida componam? Dicam
 ‘miseremini’, dicam ‘succurrite’? Sic rogari
 contra mortem solet. Nouo mihi inauditoque
 opus est ambitu: malorum nisi morior,
 periclitor, ideo uideor causas reddidisse, ut
 contradiceret pater, et, si bene noui malignas
 interpretationes, non exitum captasse dicar
 sed excusationem. Explicate per fidem miseri
 pudoris aestum! Numquam uidebitur mori
 uoluisse parricida, si uixerit.

[22] Ad tua nunc genua porrigo, optime pater,
 has, si uis, tantum fortes manus. Per ego, si
 fas est, quicquid feci, per hanc ipsam mei
 caritatem, qua me nondum timere coepisti,
 miserere, filium pietate pereuntem ne uelis
 exitum facere parricidae. Praesta mihi
 patientiam, qua me modo bello credidisti.
 Finge nos in ipso prosperi Martis cecidisse

pedade, minha integridade. Os deuses não
 permitam que o fim decida entre mim e a
 resposta³⁵⁶. Prefiro vencer o astrólogo a
 refutá-lo. (3) O que faço agora, senadores, de
 que maneira eu, um herói de guerra, e de que
 modo eu, um parricida, me preparo para
 pedir? Direi ‘tende misericórdia’, direi
 ‘socorrei-me’? É costume rogar dessa forma
 contra a morte. (4) É preciso uma nova e
 inaudita solicitação: se eu não morro por
 causa das punições, me coloco em perigo,
 uma vez que pareço ter declarado as causas
 para morrer de forma que meu pai as
 contestasse, e, se conheço bem as
 interpretações malignas, dir-se-á que eu não
 busquei o fim, mas uma desculpa. (5)
 Desembaraçai, por favor, a aflição da desonra
 miserável! Nunca parecerá ter desejado
 morrer o parricida, se continuar vivo.

[22] Aos teus joelhos agora estendo, se
 quiseres, ótimo pai, essas mãos até agora
 heroicas. Se é da vontade divina, em nome do
 que quer que eu tenha feito, em nome dessa
 mesma afeição em relação a mim, por causa
 da qual ainda não começaste a me temer, tem
 misericórdia, não queiras que teu filho, que
 perece pela piedade, tenha um fim de
 parricida. (2) Oferece a mim a tolerância com
 a qual me confiaste à guerra recentemente.
 Finge que caímos em um verdadeiro combate

³⁵⁶ O assassinato do pai.

complexu confectumque magnis uulneribus
 cadauer adferri. Relinquo tibi pro me omnes
 (liberos, omnes) parentes. Hunc quo nos
 retinere uoluisses, in suprema mea transfer
 adfectum, tuis manibus compone corpus,
 exstrue rogos, funeri iusta persolue. Deinde
 cum iam nouissimis osculis supremoque
 discedens satiatus fueris amplexu, tunc te fas
 est sublatis ad caelum manibus proclamare:
 ‘mathematice, mentitus es!’

[23] Reddidimus causas, peregimus preces.
 Reliqua uos, manus, uos adiuuate, ciues. Non
 ut liceat mihi mori; licet istud, etiam ut
 negetis. Vir fortis commendo uobis exitum
 meum. Si non continuo letale uulnus
 inpressero, si non cum sanguine totam
 animam properans ictus egresserit, adiuuate
 dexteram, deprimite telum et ante omnia
 detinete patrem. Nescio quam longe manum
 sparsurus sit fugientis animae dolor, quo
 cadat extractus mucro uisceribus, in quem se
 collabentis corporis ruina praecipitet. Vultis
 scire, quantum debeam timere uicturus?

singular de um Marte propício e que seja
 trazido meu cadáver mutilado por grandes
 feridas. Deixo para ti em meu lugar todos os
 filhos, todos os pais. (3) Esse afeto com o
 qual desejaras nos manter, transfere aos meus
 ritos funerais, com as tuas mãos prepara o
 corpo, constrói as piras, paga as oferendas do
 funeral. Então, quando já com os últimos
 beijos e derradeiro abraço estiveres satisfeito,
 afastando-te, neste momento é permitido com
 as mãos levantadas ao céu proclamar:
 ‘Astrólogo, mentiste!’

[23] As motivações declaramos, os pedidos
 terminamos. Em relação ao resto, ajudai,
 minhas mãos, ajudai, cidadãos. (2) Não para
 que me seja lícito morrer: isso é lícito mesmo
 que negais. Como herói de guerra, confio a
 vós o meu fim. (3) Se imediatamente eu não
 me impingir uma ferida letal, se um golpe
 com sangue não despachar completamente a
 alma que se apressa, ajudai minha mão
 direita, afundai a lança e, acima de tudo,
 detende meu pai. Não sei quanto longe a dor da
 alma que foge há de dispersar minha mão,
 onde cai a espada extraída das vísceras, em
 quem se precipita a queda do corpo em
 colapso. (4) Desejais saber o quanto eu devo
 temer se hei de viver? Tenho medo de matar
 meu pai enquanto morro.³⁵⁷

³⁵⁷ A própria morte do filho pode ocasionar a morte do pai.

Metuo, ne patrem, dum morior, occidam.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto a multiplicidade de abordagens sobre as declamações, que não se anulam, mas sobrepõem-se umas às outras, optamos também por uma análise que abrange mais de um aspecto que ajuda a compreender o funcionamento da DM 4 e seu diálogo com a literatura, com a educação e com a cultura da sociedade romana, uma vez que o aluno e o orador profissional estavam inseridos em determinado contexto. Desde o início do projeto, nos chamou atenção a inserção da DM 4 na literatura fantástica e o diálogo com o mito, que consideramos essenciais para a análise dessa declamação, no entanto, sendo a DM 4 tão complexa e multifacetada, não foi possível analisar apenas um aspecto, pois ele logo nos conduzia a outro e todos pareciam estar interligados, apesar de configurarem análises independentes. Os elementos fantásticos, em especial a falta de controle do personagem principal que pode ser classificada como uma possessão, em uma análise mais profunda, culminam, na realidade, no controle, na valorização da *pietas* e na serenidade filosófica, sem deixar de lado a importância dos elementos ficcionais, mas deixando evidentes a aplicabilidade educacional os aspectos socioculturais que fazem parte dessa declamação, configurando-se, para nós, as três frentes mais importantes de análise das DMs. Nossa pesquisa, portanto, se beneficia da análise de uma mesma questão sob diferentes pontos de vista.

A partir de Todorov (1992 [1970]), foi possível classificar a DM 4 como uma experiência limite de leitura, em que a relação entre pai e filho levanta questões sobre as fronteiras temáticas do gênero declamatório e reflete as tendências da época, não podendo ser enquadrada somente como perpetuadora de normas morais e sociais e reprodutora fiel da realidade, sob pena de ignorar sua indissociável faceta ficcional e criatividade para a discussão de conflitos éticos. Especialmente na DM 4, a situação limite de leitura provocada pelo estabelecimento de fronteiras entre vida e morte, natural e sobrenatural, o bem e o mal etc. demonstra de que forma ela dialogava com o pensamento filosófico e com a bagagem literária de seus escritores e leitores. Hömke (2007) destaca que as declamações foram composições que mudaram muito ao longo do tempo, conseguindo, deste modo, estender sua popularidade. Elas serviram a mais de um propósito e rearranjaram situações recorrentes, adicionando novos elementos em uma mesma estrutura de forma a criar conflitos únicos que por um lado ensinavam e por outro deleitavam.

A presença da astrologia e da profecia nos levaram às considerações sobre as crenças divinatórias romanas, sua peculiar institucionalização e conseqüente importância para a tomada de decisões do Estado. Em um primeiro momento, é possível considerar que a adivinhação lide

com o sobrenatural, mas ela fazia parte do cotidiano, da religião e da identidade das sociedades antigas. Sendo as práticas divinatórias uma das formas de lidar com a ansiedade trazida pela incerteza, é possível ver, através da DM 4, a circulação dos argumentos sobre a crença da sociedade romana nelas. No âmbito privado, as revelações divinatórias eram consideradas potencialmente perigosas, uma vez que poderiam colocar em risco a estabilidade dos imperadores. Porém, elas também os legitimavam e eram protegidas por estes. A astrologia, em particular, era considerada especialmente perigosa, mas era popular durante o período imperial, em que as declamações foram escritas.

Não seria possível falar do aspecto fantástico e ficcional da DM 4 sem falar da intertextualidade com o mito, primeiramente o de *Hércules furioso* e, posteriormente, o de *Édipo rei*. A possessão e a ambivalência na construção da personagem do Filho se entrelaçam com a tragédia de Hércules, consertando os erros do herói e definindo o protagonista da DM 4 como um possível anti-Hércules, que coloca sua *pietas* acima de seu impulso parricida. Qualidade esta que o insere no mesmo conflito que Édipo, mas de modo a tornar possível evitar seu crime. A tensão entre pais e filhos, abordada em muitas declamações, mas aparentemente ausente na DM 4, revela-se na letra da lei e era comum nos tribunais. A figura autoritária do *pater familias* e sua presença sufocante, no entanto, perde força ao se entender que tipos de comportamentos não eram incentivados pela sociedade romana. A moderação na relação entre pais e filhos desafia a figura do pai cruel e do filho reprimido, que tanto se faz presente no imaginário romano e na tradição declamatória. A DM 4 se confirma como um meio criativo de tratar de um conflito comum.

Finalmente, em relação à questão da existência de uma Providência que governa o mundo e que torna possíveis os eventos que se desenrolam na DM 4, percebemos que, ao mesmo tempo em que o fantástico permeia tal tema, também há a discussão filosófica que fazia parte da tradição declamatória. O uso de ferramentas filosóficas para o desenvolvimento do pensamento abstrato e da argumentação se faz presente por meio da *thesis* e a separação entre filosofia e retórica se estreita. A argumentação sobre a interferência divina nos assuntos humanos é discutida a partir da influência do epicurismo, principalmente o romano, através de Lucrécio. Mas o maior desenvolvimento filosófico da DM 4 é a reflexão sobre a aceitação da morte. Nesse sentido, uma análise sobre o suicídio em Roma e na tradição declamatória ajuda a compreender a transformação do *uir fortis* em *sapiens* e a defesa da morte heroica se mescla com a racionalização da morte filosófica. O método mais nobre para a cultura romana é escolhido e as motivações mais elevadas são usadas como argumento.

Jonathan Mannering, em sua análise das declamações de Calpúrnio Flaco, propõe o que seria uma segunda fase da composição de declamações, a 2.0. Calpúrnio, de acordo com essa concepção, teria produzido exercícios avançados de declamação, que pressupunham o conhecimento do leitor e, por isso, poderiam se dedicar à experimentação e inovação. O autor demonstraria, portanto, de que forma “a estagnação criativa podia ser evitada através da constante fabricação de novas percepções no e sobre o limitado grupo de personagens sortidos do mundo declamatório.”³⁵⁸ Tais inovações desafiam os limites da lei e dos valores romanos, reanimando conflitos consagrados pela tradição declamatória e estimulando o uso de diferentes estratégias retóricas de argumentação de maneiras inusitadas. Apesar de a proposta das Declamações Maiores ser diferente, lembramos da natureza de sua autoria coletiva e de sua posterior compilação, que faz com que existam diferentes modos de se declamar dentro da coleção que se construíram ao longo dos séculos. Talvez a DM 4 possa se inserir em uma tentativa de inovação, visto que trabalha uma questão recorrente por meio de diferentes estratégias.

Com todas essas considerações em mente, espera-se que tenhamos contribuído para os estudos sobre as DMs no Brasil e da DM 4 em particular, através da pesquisa e de sua tradução inédita.

³⁵⁸ [...] *creative stagnation can be obviated by constantly turning out new insights from and about the declamatory world's limited troupe of stock characters.*

REFERÊNCIAS

- BEARD, Mary. Looking (harder) for Roman myth: dumézil, declamation and the problems of definition. *In*: GRAF, Fritz (Ed.). **Mythos in mythenloser Gesellschaft: das paradigma roms**. Stuttgart; Leipzig: Teubner, 1993. p. 44-64.
- BEERDEN, Kim. **World full of signs: ancient Greek divination in context**. Leiden: Brill, 2013.
- BERNSTEIN, Neil W. Omnibus patemus insidiis: elite vulnerability in major declamations. *In*: DINTER, Martin; GUÉRIN, Charles; MARTINHO Marcos, (Eds.). **Reading Roman declamation: the declamations ascribed to Quintilian**. Berlin; New York: de Gruyter, 2016. p. 253-65.
- BERNSTEIN, Neil W. Postscript: declamation, controversiality, and contemporary pedagogy. *In*: BERNSTEIN, Neil W. **Ethics, identity, and community in later Roman declamation**. New York: Oxford University, 2013. p. 165-70.
- BONNER, Stanley F. **Roman declamation in the late Republic and early Empire**. Liverpool: University of Liverpool, 1949.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução de Davi Arriguci Jr, 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1944]. p. 34-45.
- BRITTO, Paulo H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CÍCERO. De diuinatione. Tradução de Beatris Ribeiro Gratti. **Sobre a adivinhação, de Marco Túlio Cícero**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de estudos da linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.
- CÍCERO. Tusculanae disputationes. Tradução de Bruno Fregni Basseto. **Discussões Tusculanas**. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- CONNOLLY, Joy. Imaginative fiction beyond social and moral norms. *In*: DINTER, Martin; GUÉRIN, Charles; MARTINHO Marcos, (Eds.). **Reading Roman declamation: the declamations ascribed to Quintilian**. Berlin; New York: de Gruyter, 2016. p. 191-208.
- CORPUS IURIS CIVILIS. Tradução de Edilson Alkmim Cunha. **Digesto: livro 1**. Brasília: TRF 1, ESMAF, 2010.
- DUPONT, Florence. **Les monstres de Sénèque: por une dramaturgie de la tragédie romaine**. Paris: Belin, 1995.
- EURÍPIDES. Medeia. Tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira. **Medeia**. São Paulo: Odysseus, 2006.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies: polysystem theory. **Poetics today**, Tel-Aviv, v. 11, n. 1, p. 27-44, 1990.

- FITCH, John G. **Seneca's Hercules furens** – a critical text with introduction and commentary. Ithaca and London: Cornell University, 1987.
- FANTHAM, Elaine. Disowning and dysfunction in the declamatory family. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, Pisa, n. 53, p. 65-82, 2004.
- FLOWER, Michael Attyah. Divination as a system of knowledge and belief. *In*: FLOWER, Michael Attyah. **The seer in ancient Greece**. California: University of California, 2008. p. 104-31.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução de António Fernando Caiscais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, p. 29-57, 1997 [1969].
- FRADE, Gustavo Henrique Montes. Adivinhação e profecia na Grécia Antiga. **Phaos: Revista De Estudos Clássicos**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2018.
- GRIFFIN, Miriam Tamara. Philosophy, Cato and Roman suicide: I. **Greece & Rome**, Nova Iorque, v. 33, n. 1, p. 64-77, abr., 1986a.
- GRIFFIN, Miriam Tamara. Philosophy, Cato and Roman suicide: II. **Greece & Rome**, Nova Iorque, v. 33, n. 2, p. 192-202, out., 1986b.
- HÅKANSON, Lennart. **Declamationes XIX maiores Quintiliano falso ascriptae**. Stutgardiae in aedibus: B. G. Teubneri, 1982.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- HILL, Timothy David. Lucretius and Epicureanism. *In*: HILL, Timothy. **Ambitiosa mors**: suicide and self in Roman thought and literature. New York and London: Routledge, 2004. p. 73-85.
- HÖMKE, Nicola. Not to win, but to please: Roman declamation beyond education. **Papers on rhetoric VIII**: Declamation. Proceedings of the seminars held at the scuola superiore di studi umanistici. Roma: Herder, p. 103-127, 2007.
- HOOFF, Anton Jacobus Leonardus van. **From autothanasia to suicide**: self killing in classical antiquity. Londres: Routledge, 1990.
- IMBER, Margaret. *Life without father*: declamation and the construction of paternity in the Roman empire. *In*: BELL, Sinclair; HANSEN, Inge Lyse (Eds.). **Role models in the Roman world**: identity and assimilation. Ann Arbor: University of Michigan, 2008. p. 161-170.
- JOHNSON, Allan Chester; COLEMAN-NORTON, Paul Robinson; BOURNE, Frank Card. **Ancient Roman statutes**: a translation with introduction, commentary, glossary and index. New Jersey: Lawbook Exchange, 2003.
- KELLY, Leslie. **Prophets, prophecy, and oracles in the Roman empire**: jewish, christian and greco-roman cultures. London and New York: Routledge, 2018.

KENNEDY, George A. **A new history of classic rhetoric**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

KENNEDY, George A. **Progymnasmata**: Greek textbooks of prose composition and rhetoric. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.

LENTANO, Mario. Parricidii sit actio: killing the father in Roman declamation. *In*: AMATO, Eugenio; CITTI Francesco; HUELSENBECK Bart (Orgs.). **Law and ethics in Greek and Roman declamation**. Berlin, München, Boston: de Gruyter, 2015. p. 133-154.

LUCRÉCIO. De rerum natura. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. **Sobre a natureza das coisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MANNERING, Jonathan E. Declamation 2.0 – Reading Calpurnius ‘whole’. *In*: DINTER, Martin; GUÉRIN, Charles; MARTINHO, Marcos (Eds). **Reading Roman declamation: Calpurnius Flaccus**, Berlin, Boston: de Gruyter, 2017. p. 9-44.

MARTIN, George R. R. **As crônicas de gelo e fogo**: guerra dos tronos. Tradução de Jorge Candeias. LeYa, 2010.

MENDELSON, Michael. Declamation, context and controversiality. **Rhetoric review**, vol. 13, n. 1, p. 92-107, 1994.

NISSINEN, Martti. Prophecy and omen divination: two sides of the same coin. *In*: ANNUS, Amar (Ed.). **Divination and interpretation of signs in the ancient world**. Chicago: University of Chicago, 2010. p. 341-7.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. São Paulo: Rafael Copetti, 2016.

OXFORD, **Oxford Latin dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PAGLIARO, Raffaella L. **Declamationes XIX maiores**: com proposta di traduzione in CD-Rom. Napoli: Guida, 2004.

PASETTI, Lucia. Filosofia e retorica di scuola nelle “Declamazioni Maggiori” pseudoquintilianee. *In*: GASTI, F. ROMANO, E. **Retorica ed educazione delle élites nell’antica Roma**: atti della VI Giornata ghisleriana di Filologia classica. Pavia, Collegio Ghislieri, 2008. p. 113-147.

PASETTI, Lucia. Gli antichi e la fiction: realtà e immaginazione nella Declamazione Maggiore 17. **Griseldaonline**, n. 9, 2009-2010. Disponível em: <http://www.griseldaonline.it/percorsi/verita-eimmaginazione/pasetti.htm>.

PASETTI, Lucia. Mori me non uult: Seneca and Pseudo-Quintilian’s IVth Major Declamation. **Rhetorica**, California, v. 27, n. 3, p. 274-93, 2009.

PINTON, Beatriz Rezende Lara; MIOTTI, Charlene Martins. Aatoria, cânone retórico e polifonia nas Declamações maiores de Pseudo-Quintiliano. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 77-99, 2020.

PINTON, Beatriz Rezende Lara. **Remedium amoris mulier inuenit**: o papel da meretrix e a magia nas Declamationes maiores atribuídas a Quintiliano. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2020.

PONTES, Jefferson da Silva; MIOTTI, Charlene Martins. Mitemas edipianos nas Declamationes Maior 4 e Minor 306 de Pseudo-Quintiliano. **Acta Scientiarum**, language and culture, v. 42, p. 1-11, 2020.

PONTES, Jefferson da Silva. **O exercício do horror**: modelos de teatralidade trágica nos Excerpta Declamationum de Calpúrnio Flaco e nas Declamationes Minores de Pseudo-Quintiliano. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2021.

PONTES, Jefferson da Silva. **Talis actor, qualis orator**: encenando o discurso oratório. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2017.

POTTER, David. Prophecy and personal power in the Roman empire. *In*: POTTER, David. **Prophets and emperors**: human and divine authority from Augustus to Theodosius. Cambridge: Harvard University, 1994. p. 146-82.

PSEUDO-QUINTILIANO. Declamationes Maiores. Tradução e notas de Michael Winterbottom, edição e introdução de Antonio Stramaglia, introdução e notas de Biagio Santorelli. **The Major Declamations**, volume I. Cambridge; London: Harvard University, 2021.

QUINTILIANO. Institutio Oratoria. Tradução de Antonio Martinez de Rezende. **Rompendo o silêncio**: a construção do discurso oratório em Quintiliano. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

QUINTILIANO. Institutio Oratoria. Tradução de Donald A. Russell. **Quintilian**: the orator's education, books 1-2. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

QUINTILIANO. Institutio Oratoria. Tradução de Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón. **Educação do Orador**: Tradução e Estudos do Livro II da Institutio Oratoria. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução de Lia Carneiro da Cunha Alverga Wyler. Rocco, 2000.

RUSSELL, Donald A. **Greek declamation**. Cambridge, UK: Cambridge University, 1983.

SALLER, Richard P. Pietas and patria potestas: obligation and power in the Roman household. *In*: SALLER, Richard P. **Patriarchy, property, and death in the Roman family**. Cambridge: Cambridge University, 1994. p. 102-32.

SCHEID, John. **An introduction to Roman religion**. Edinburgh: Edinburgh University, 2003.

SÊNECA. *Hercules furens*. Tradução de Ana Ribeiro Grossi Araújo. **Hércules possuído**: produto poético de uma leitura crítica ou uma tradução possível do *Hercules furens* de Sêneca. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

SÓFOCLES. Tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira. **Rei Édipo**. São Paulo: Odysseus, 2015.

STONE, Deirdre M. Bernardus Silvestris, “Mathematicus”: edition and translation. **Archives d’histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age**, Paris, vol. 63, p. 209-83, 1996.

STRAMAGLIA, Antonio. **L’astrologo (Declamazioni Maggiori 4)**. Cassino: Università di Cassino, 2013.

STRAMAGLIA, Antonio. The hidden teacher: metarhetoric in Ps-Quintilian major declamations. In: DINTER, Martin; GUÉRIN, Charles; MARTINHO, Marcos (Eds.). **Reading Roman declamation**: the declamations ascribed to Quintilian. Berlin; New York: de Gruyter, 2016, p. 25-48.

SUSSMAN, Lewis A. Sons and fathers in the major declamations ascribed to Quintilian. **A Journal of the history of rhetoric**, California, v. 13, n. 2, p. 179-92, 1995.

SUSSMAN, Lewis A. et al. **The Major Declamations ascribed to Quintilian**: a translation. Frankfurt am Main; Bern; New York: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1970].

VESLEY, Mark E. Father-son relations in roman declamation. **Ancient history bulletin**, Saint Paul, v. 17, p. 159-80, 2003.

WINTERBOTTOM, Michael. Declamation and philosophy. **Classica**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 74-82, 2006.

WINTERBOTTOM, Michael. ‘Schoolroom and courtroom’. VICKERS, Brian (ed.). **Rhetoric Revalued**: papers from the international society for the history of rhetoric, Binghamton, NY, p. 59-70, 1982.

ANEXO A – Glossário

Glossário em latim	Tradução em português
<i>accendo, -dere, -di, -sum</i>	incendiar incitar
<i>accipio, -ipere, -epi, -eptum</i>	aceitar alcançar escutar receber
<i>acies, -ei</i>	batalha linha de batalha linha inimiga
<i>adflectus, -us</i>	afeto aflição disposição sentimento
<i>adsiduus, -a, -um</i>	assíduo(a) constante
<i>adiuuo, -iuuare, -iuui, -iutum</i>	ajudar ser útil
<i>aetas, -atis</i>	idade vida
<i>aeuus, -i</i>	existência tempo de vida vida
<i>ago, agere, egi, actum</i>	aduzir

	fazer incitar
<i>anima, -ae</i>	alma vida
<i>animus, -i</i>	alma coragem estado de espírito mente pensamento
<i>armum, -i</i>	arma armadura
<i>ars, -tis</i>	arte ciência habilidade
<i>auctoritas, -atis</i>	autoridade reputação
<i>audeo, -dere, -sus</i>	ousar ser encorajado a
<i>blandior, -iri, -itus</i>	lisonjear seduzir
<i>caligo, -inis</i>	nevoeiro obscuridade
<i>capio, -ere, cepi, -tum</i>	capturar estabelecer
<i>casus, -us</i>	acaso acontecimento

	calamidade
<i>causa, -ae</i>	causa motivação
<i>certus, -a, -um</i>	correto(a) definido(a) seguro(a)
<i>cesso, -are, -aui, -atum</i>	dissipar falhar recuar
<i>cogitatio, -onis</i>	intenção pensamento
<i>colligo, -igere, -egi, -ectum</i>	conciliar deduzir
<i>complexus, -us</i>	combate singular emaranhado
<i>compono, -onere, -osui, -ositum</i>	forjar preparar
<i>consortium, -i</i>	comunidade conexão
<i>constantia, -ae</i>	constância firmeza
<i>consumo, -ere, -psi, -ptum</i>	consumir destruir esgotar passar
<i>contemno, -nere, -psi, -ptum</i>	desdenhar

	não dar atenção
<i>credo, -ere, -idi, -itum</i>	acreditar confiar
<i>cruciatu, -us</i>	sofrimento tormento
<i>cursu, -us</i>	cadência órbita
<i>debeo, -ere, -ui, -itum</i>	dever ser destinado a
<i>denuntio, -are, -aui, -atum</i>	avisar denunciar
<i>deprehendo, -dere, -di, -sum</i>	compreender descobrir revelar
<i>dico, -cere, -xi, -ctum</i>	comentar dizer falar
<i>dies, -ei</i>	dia sol
<i>dimitto, -ittere, -isi, -issum</i>	abdicar de sair
<i>diuersitas, -atis</i>	contradição diversidade
<i>efficio, -icere, -eci, -ectum</i>	acontecer fazer

<i>erumpo, -umpere, -upi, -uptum</i>	deixar a vida irromper
<i>exitus, -us</i>	desfecho fim
<i>experimentum, -i</i>	experiência teste
<i>explico, -are, -aui, -atum</i>	desembaraçar desencadear revelar
<i>facies, -iei</i>	aparência formato
<i>fallo, -lere, fefelli, -sum</i>	enganar fingir
<i>faz</i>	permitido vontade divina
<i>fatum, -i</i>	destino oráculo
<i>fauor, -oris</i>	boa vontade favor
<i>felix, -icis</i>	afortunado feliz
<i>fero, -rre, tuli, latum</i>	suportar admitir
<i>fides, ei</i>	confiança credibilidade fiel

	lealdade
<i>finco, -ngere, nxi, -ctum</i>	fingir imaginar
<i>fio, fieri</i>	acontecer tornar-se
<i>fortis, -is, -e</i>	firme forte
<i>fragor, -oris</i>	alvoroço barulho
<i>gloria, -ae</i>	glória reconhecimento
<i>gravis, -is, -e</i>	forte grave pesado(a)
<i>impleo, -ere, -eui, -etum</i>	impregnar saciar
<i>infinitus, -a, -um</i>	ilimitado(a) infinito(a)
<i>instinctus, -us</i>	estímulo inspiração
<i>inuenio, -enire, -eni, -entum</i>	conceber descobrir encontrar
<i>labor, -oris</i>	esforço labor perturbação

<i>lassitudo, -inis</i>	cansaço lassidão
<i>laudo, -are, -aui, -atum</i>	bajular louvar
<i>libro, -are, -aui, -atum</i>	equilibrar pesar
<i>locus, -i</i>	espaço lugar
<i>malum, -i</i>	desastre mal punição
<i>materia, -ae</i>	material ocasião
<i>mens, -tis</i>	intenção mente
<i>mereo, -ere, -ui, -itum</i>	conquistar merecer ser digno
<i>miror, -ari, -atus</i>	admirar surpreender-se
<i>miser, -era, -erum</i>	desafortunado(a) infeliz miserável
<i>mitto, -ere, -misi, -missum</i>	encaminhar enviar lançar

<i>mundus, -i</i>	céu mundo
<i>murmur, -uris</i>	frêmito murmúrio
<i>necessitas, -atis</i>	inevitabilidade necessidade obrigação
<i>nescio, -ire, -iui, -itum</i>	desconhecer não saber
<i>nocens, -ntis</i>	criminoso culpado
<i>nolo, -lle, -lui</i>	contrariar a vontade não querer recusar
<i>nouitas, -atis</i>	excentricidade novidade
<i>numen, -inis</i>	divindade vontade divina
<i>optio, -onis</i>	direito escolha
<i>opus, -eris</i>	feito obra ocorrência trabalho
<i>ordo, -inis</i>	ordem sucessão

<i>partus, -us</i>	filho parto recém-nascido
<i>patientia, -ae</i>	paciência sofrimento tolerância
<i>patior, -ti, -ssus</i>	aturar permitir sofrer
<i>pectus, -oris</i>	coração peito
<i>peruenio, -enire, -eni, -entum</i>	alcançar chegar
<i>peto, -ere, -iui, -itum</i>	pedir solicitar
<i>pietas, -atis</i>	amor filial piedade
<i>plenus, -a, -um</i>	cheio(a) pleno(a) preenchido(a)
<i>pondus, -eris</i>	corpo peso
<i>pono, ponere, posui, positum</i>	colocar definir depor designar

<i>populus, -i</i>	população povo
<i>possum, posse, potui</i>	controle poder ser capaz
<i>praemitto, -ittere, -isi, -issum</i>	enviar antecipadamente preceder
<i>praesto, -are, -iti, -atum</i>	apoiar entregar garantir manter a palavra oferecer resplandecer
<i>prex, -ecis</i>	pedido prece
<i>primus, -a, -um</i>	essencial primeira vez primeiro(a) primeiro lugar
<i>prodigiosus, -a, -um</i>	aberrante prodigioso(a)
<i>profero, -ferre, -tulli, -latum</i>	levar revelar trazer à luz
<i>publicus, -a, -um</i>	comum público(a)
<i>pudor, -oris</i>	decência

	desonra
<i>puto, -are, -aui, -atum</i>	imaginar pensar
<i>ratio, -onis</i>	estruturação lógica método raciocínio razão
<i>reddo, -ere, -idi, -itum</i>	declarar prestar restaurar
<i>refero, -rre, rettuli, relatum</i>	recordar reportar retomar
<i>rego, -gere, -xi, -ctum</i>	comandar reger
<i>remuneror, -ari, -atus</i>	recompensar remunerar
<i>resisto, -istere, -titi</i>	resistir se opor
<i>responsum, -i</i>	oráculo resposta
<i>retineo, -ere, -ui, retentum</i>	conservar manter reter
<i>reuertor, -tere, -ti, -sus</i>	regressar

	retornar
<i>rogo, -are, -aui, -atum</i>	perguntar rogar
<i>ruo, -ere, -i</i>	arrojar destruir jogar-se
<i>scientia, -ae</i>	ciência conhecimento
<i>scio, -ire, -ii, -itum</i>	conhecer entender estar ciente saber
<i>secretum, -i</i>	lugar privado segredo
<i>sedes, -is</i>	lugar sede
<i>sentio, -tire, -si, -sum</i>	perceber sentir
<i>seruo, -are, -aui, -atum</i>	guardar proteger
<i>sidus, -eris</i>	constelação corpo celeste estrela
<i>spargo, -gere, -si, -sum</i>	dispersar espalhar
<i>spero, -are, -aui, -atum</i>	ansiar

	esperar
<i>spiritus, -us</i>	espírito sopro vida
<i>sufficio, -icere, -eci, -ectum</i>	ser apropriado ser suficiente
<i>sustineo, -ere, -ui</i>	conseguir ousar
<i>telum, -i</i>	arma lança
<i>tempus, -oris</i>	circunstância estação tempo
<i>tracto, -are, -aui, -atum</i>	lidar manejar
<i>traho, -here, -xi, -ctum</i>	arrastar atrair obter
<i>uagus, -a, -um</i>	errante vagante
<i>uanitas, -atis</i>	falsidade futilidade
<i>ueto, -are, -ui, -itum</i>	proibir vetar
<i>uiscer, -eris</i>	útero víscera

<i>uolo, uelle, uolui</i>	desejar estar disposto querer
---------------------------	-------------------------------------